

UM ROMANCE PARA TODOS
OS QUE ACREDITAM NO DESTINO.



A nossa vida está escrita nas estrelas?

A Fórmula do Amor

ÁLEX ROVIRA · FRANCESC MIRALLES

ASA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: La Última Respuesta
Título: A Fórmula do Amor
Autor: Àlex Rovira e Francesc Miralles
Traduzido do catalão por Tânia Sarmento
ISBN: 9789892317243
Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2009, Àlex Rovira e Francesc Miralles
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leva.com
www.leva.pt

*Para os meus pais, Gabriel e Carmen,
e para os meus filhos, Laia, Pol e Mariona,
uma vez mais
A.R.*

*Para a minha mãe
F. M.*

PRIMEIRA PARTE

TERRA

A Terra é o elemento do corpo e da estabilidade.
Simboliza o nosso lugar no mundo,
a matéria que nos dá o alimento e o lar.
Alberga a prosperidade em potência se a trabalharmos.

A Terra é a mais densa das formas de energia
de todos os elementos.

Ela convoca a perseverança, o esforço, a tenacidade,
a objetividade, a fiabilidade, a solidez, a paciência, a cautela,
a sobriedade, os princípios da sementeira e da colheita
que produzem a riqueza.

É o nosso lar e destino: nascemos da Terra
e para ela voltamos.

Somos pó de estrelas encarnado na Terra.

Somos pois Terra viva, fragmentos de um Universo
que toma consciência de si, na Terra.

CINQUENTA MINUTOS DE FAMA

Todos somos ignorantes. O que acontece é que nem todos ignoramos as mesmas coisas.

ALBERT EINSTEIN

Tinha praticamente adormecido na banheira quando tocou o telefone. Passara o dia inteiro às voltas com um guião sobre a possibilidade de viajar no tempo. Assim que acabei de escrever um rascunho temporário, decidi tomar um banho quente para relaxar.

Apesar de ainda faltarem duas horas para a entrega, ao ver no ecrã do telemóvel o nome da Yvette, a produtora do programa, receei que se avizinhassem problemas.

Trabalhava há dois anos como guionista para *La Red*, um dos programas com menos audiências da estação. Era o trabalho ideal para um eremita de cidade como eu; as únicas chamadas que recebia por parte da rádio eram para me mudarem o tema à última da hora. No caso das viagens no tempo, quase que o teria agradecido, mas do outro lado da linha esperava-me algo muito diferente.

– O que fazes esta noite? – perguntou-me ela.

Precisei de alguns segundos para conseguir responder alguma coisa razoável. A coordenadora de *La Red* era uma das mulheres mais atraentes que conhecia, mas nunca me passou pela cabeça poder vir a ter alguma hipótese com ela. Era uma mulher dura que jamais abandonava o plano profissional.

Presumindo que queria sair para jantar comigo, respondi finalmente:

– Na verdade, nada. Passei o dia inteiro a tentar descobrir como é que se faz para viajar no tempo, mas apenas encontrei o relato de H. G. Wells, filmes insuportáveis e teorias ainda piores do que os filmes.

– Por agora põe de lado as viagens no tempo, pois quero propor-te algo muito mais interessante.

«Vamos jantar fora», pensei. Já me estava a ver num restaurante, à luz das velas, com a deslumbrante Yvette. Senti a minha cara a arder ao perguntar:

– O que pode ser mais interessante do que viajar no tempo?

– Os quinze minutos de fama a que todos temos direito, segundo dizem. Apesar de tu teres tido mais sorte: calharam-te cinquenta minutos de fama. Três vezes mais do que ao resto dos mortais.

– De que diabo estás a falar?

– Vais estrear-te como tertuliano, Javier. Um convidado que tínhamos para esta noite sofreu um acidente e não encontro ninguém para o substituir.

Perdi o ânimo. Não era apenas o plano romântico criado pela minha imaginação pueril que se esfumava. Tratava-se de sair do anonimato, quando a minha timidez me impedia de manter

o aprumo numa simples reunião de vizinhos. Além disso, como os guiões eram preparados com semanas de antecedência, nem sequer me lembrava de qual era o tema do programa para essa noite.

– Faltam apenas duas horas para a emissão – defendi-me.

– Eu sei, mas tu és um especialista em quase tudo, ou estou enganada?

– Nem pensar. Sou um mestre do «corte e costura», mas intervir em direto para cinquenta mil ouvintes é totalmente diferente.

– Quarenta mil – corrigiu Yvette. – No último estudo sobre os média, descemos mais um degrau em direção ao Inferno.

– De qualquer maneira, são suficientes para se rirem da minha pobre oratória. Não tens outra alternativa?

– Negativo. Vá lá, não te faças de difícil. Vai ser bastante fácil: o Hernán conduzirá o grosso da entrevista. Tu apenas tens de fazer dois ou três comentários inteligentes ao longo do programa.

– Vou encher chouriços, claro – acrescentei, enquanto me tentava lembrar de que guião tinha escrito uma semana antes.

Pelos vistos, o banho quente tinha-me derretido a memória.

– *Einstein Relativamente Simples*, lembras-te? – disse ela, impaciente. – O programa gira em torno do livro, aproveitando o facto de termos o autor no estúdio.

– É uma estopada – disse, lembrando-me do que se tratava. – Duvido que alguém perceba melhor a relatividade ao ler o livro. Acho que o autor não percebeu nada do que disse Einstein. Eu também não, para dizer a verdade.

Sem ligar nenhuma ao que eu tinha acabado de dizer, Yvette concluiu:

– Ótimo, então és o nosso homem para esta noite. Não te atrases, está bem?

E a seguir desligou.

Fiquei durante muito tempo estupefacto na banheira, enquanto a água ia arrefecendo. Quando peguei novamente no telemóvel que estava no chão, apercebi-me de que para chegar à rádio a tempo tinha menos de uma hora para me pôr a caminho.

Saí da banheira deixando uma grande poça de água na casa de banho. Era a única divisão com proporções decentes no meu apartamento, que se completava com um quarto para gnomos e uma cozinha onde se tinha de entrar de lado.

Visto que em vez de jantar com Yvette ia fazer de interlocutor a um chato, vesti a primeira coisa que encontrei no roupeiro. A seguir imprimi o guião que eu mesmo escrevera na semana passada. Era basicamente uma introdução para Hernán, o apresentador do programa, e uma série de perguntas para o convidado: Juanjo Bonín.

Faltava-me encontrar o bendito *Einstein Relativamente Simples*, onde tinha colado alguns *post-its* com comentários. Mas estava a fazer-se tarde e aquele tijolo parecia ter-se evaporado.

Quando já me tinha dado por vencido, apareceu em cima do móvel do *hall* da entrada mesmo quando estava a abrir a porta para sair. Lembrei-me então de que o tinha ali deixado para o devolver à emissora. Guardei-o na minha mochila, juntamente com o guião, e desci os

degraus três a três. Tinha apenas dez minutos para chegar de moto à rádio antes de se ouvir a música do genérico de *La Red*, que tinha o condão de me dar cabo dos nervos.

Dei gás à minha velha *Vespa* e comecei a ultrapassar carros na noite de Barcelona, desconhecendo que os meus cinquenta minutos de fama iam ser um passe VIP para me meter na boca do lobo.

UMA CARTA MISTERIOSA

Deus não só não joga dados. Às vezes também os atira para onde não podem ser vistos.

STEPHEN HAWKING

O convidado era tão aborrecido que conseguiu superar todas as minhas expectativas. Respondeu o mínimo e indispensável a cada pergunta que Hernán lhe fazia, para assim poder despejar o seu currículo. Bonnín consumiu dez preciosos minutos radiofônicos para falar sobre uma pós-graduação na Universidade de Stanford onde tinha participado como professor convidado.

Do outro lado do vidro, Yvette afastou o técnico de som para me mostrar uma tesoura simbólica que fez com o dedo indicador e médio. Aquilo significava: «Acaba com isso de uma vez».

Até àquele momento, a minha participação tinha-se limitado ao cumprimento inicial e a uma fugaz apresentação bibliográfica. Passada mais de metade do programa, cabia-me fazer de mau da fita. Levantei levemente a mão, sinal que Hernán aproveitou para interromper o autor de *Einstein Relativamente Simples*.

– Acho que o Javier quer dizer alguma coisa sobre isso.

Não fazia ideia do que era «isso». Há já algum tempo que não prestava atenção ao que ele estava a dizer e foi apenas o gesto de Yvette que me fez regressar à tertúlia que se tinha transformado num monólogo do convidado. Para tentar não fazer má figura, recorri a um clássico da divulgação da teoria da relatividade:

– Gostaria que o professor explicasse aos nossos ouvintes a inclusão por parte de Einstein do tempo como quarta dimensão. Sem isso, é impossível conseguirmos compreender a sua teoria.

Depois de me lançar um olhar de reprovação – era sem dúvida mais estimulante para ele falar de si próprio –, deu uma explicação que já devia ter repetido centenas de vezes antes aos seus alunos:

– Para Einstein o espaço não tinha três dimensões, mas sim quatro. Para além da altura, profundidade e largura, acrescentou a dimensão do tempo. Até então, quando se falava de espaço fazia-se como se tivesse parado num determinado momento. Isso impedia-nos de compreender muitos fenómenos. Há um exemplo clássico: se ocorresse uma explosão numa galáxia a dois milhões de anos-luz, até daqui a dois milhões de anos não saberíamos de nada, uma vez que a partícula considerada mais rápida é o fóton e precisaria de todo esse tempo para chegar à Terra. Por isso, só podemos compreender o que se está a passar no Universo, tanto aquilo que vemos como aquilo que não vemos, se acrescentarmos a quarta dimensão: o tempo.

– Por falar em tempo – interveio Hernán. – Restam-nos poucos minutos para o fim do programa. O último capítulo do seu livro tem um título sugestivo: «O que Einstein não disse». Desculpe que lhe faça uma pergunta tão óbvia, mas o que foi que ele não disse?

Enquanto o entrevistado se punha a divagar, aproveitei para abrir o livro no último capítulo, que tinha assinalado com um *post-it*. Infelizmente, o professor estava sentado ao meu lado no estúdio e pôde ler o que eu tinha escrito sobre o papel amarelo: «Devaneio mental».

Vi horrorizado como me observava, primeiro com incredulidade e a seguir com uma ira contida. Soube que essa anotação pessoal me podia custar o posto de guionista, apesar de nesse momento não estar ali enquanto tal.

De momento, aquela indiscrição da minha parte alterou o rumo do seu discurso:

– Seria ousado resumir em poucos minutos o que Einstein deixou por dizer, mas tenho a certeza de que o jornalista que nos acompanha tem a sua própria opinião sobre o assunto.

Tinha-me apanhado. Agora via-me obrigado a improvisar para não fazer uma figura triste perante toda a audiência. Não fazia a mais pequena ideia do que Einstein poderia ter deixado por revelar – já me dava bastante trabalho compreender o que tinha formulado –, mas optei por seguir em frente com uma especulação improvisada:

– Bom, quando olhamos em perspetiva para as investigações de Einstein, dá a impressão de que falta alguma coisa. Em 1905 começou a apresentar a teoria da relatividade e em 1921 ganhou o prémio Nobel, apesar de não ter sido pela teoria que o tornaria famoso.

– Logicamente – interrompeu-me o professor com autoridade –, porque nem sequer o comité de avaliação compreendia a relatividade. Tinham medo de dar o prémio a uma teoria que podia acabar por se revelar errónea. Mas como não havia dúvidas de que Einstein era um génio, deram-lhe o Nobel por um estudo mais técnico: a explicação do efeito fotoelétrico.

– O que quero dizer é que entre 1905 e 1921, sendo relativamente jovem, fez descobertas muito transcendentais. Em comparação, não deixa de causar alguma estranheza que não tenha apresentado grandes novidades nos trinta e quatro anos seguintes da sua vida.

Para improvisar aquele argumento tinha-me baseado na cronologia do livro, cujo autor parecia fora de si:

– Isso significa, caro senhor, que as estatísticas Bose-Einstein e a Teoria do Campo Unificado lhe parecem coisa pouca.

– Como o próprio nome indica – defendi-me –, as estatísticas que mencionou foram publicadas juntamente com o jovem físico indiano que as tinha calculado. E a Teoria do Campo Unificado foi apenas um sonho. Einstein nunca conseguiu unificar numa única teoria todos os fenómenos físicos conhecidos.

Ao ver o olhar severo de Hernán, soube que me tinha excedido. Juanjo Bonnín, contudo, estava disposto a pôr-me em xeque em direto no programa.

– Quer dizer que este senhor, que não tinha tido o prazer de conhecer, defende que o maior génio da ciência moderna passou a segunda metade da sua vida a perder tempo com tolices. Publicou um cálculo que não era seu e procurou formular uma teoria sem êxito. É isso?

– Não, a minha hipótese é que durante todo esse tempo Einstein realizou outras descobertas de grande importância – concluí, sabendo que não havia maneira de consertar aquela

discórdia –, e que por qualquer razão não os tornou públicos.

– E qual foi o motivo para os ocultar? – perguntou cinicamente. – Einstein adorava ser o centro das atenções, não nos esqueçamos disso.

– É verdade, mas também sabia que a sua fórmula $E = mc^2$ deu lugar à bomba atômica. Isso pode ter sido razão suficiente para silenciar outras descobertas para as quais a humanidade não estava preparada. Talvez por isso tenha levado com ele para o túmulo uma última resposta.

Do outro lado do vidro, Yvette fez-me o sinal da tesoura – desta vez dirigido a mim – momentos antes de entrar o sinal horário. Por seu lado, o autor de *Einstein Relativamente Simples* levantou-se da mesa bruscamente. Estava indignado com o que acabara de acontecer: um jornalista de meia tigela tinha-lhe roubado no final do programa um protagonismo que lhe correspondia por direito próprio.

Hernán foi atrás do professor, que abandonava os estúdios decidido, não sem antes me lançar um ameaçador:

– Falaremos.

*

Aquela experiência tinha tido o pior final possível. Só me servia de consolo saber que a ideia de ir ao programa não fora minha. De qualquer maneira, era muito claro que o tiro tinha saído pela culatra e que eu ia pagar por isso.

Abri o cadeado da moto debaixo das rajadas de um vento demasiado frio para o mês de maio. Preparava-me para montar na *Vespa*, quando a porta da rádio se abriu e o vigilante me chamou. Trazia uma coisa nas mãos.

Temendo que os problemas ainda não tivessem terminado, aproximei-me à espera de uma descompostura também da parte dele. Contudo, limitou-se a dar-me um envelope e a seguinte explicação:

– Durante a emissão, um ouvinte trouxe isto para si.

Assombrado, peguei no sobrescrito e confirmei que efetivamente tinha o meu nome escrito.

– Disse alguma coisa? – perguntei.

– A verdade é que não o vi. Encontrei o envelope no balcão da receção ao sair da casa de banho.

Dito isto, voltou a entrar no edifício para atender o telefone.

«Outro ouvinte», disse para mim próprio enquanto ligava a moto para iluminar o sobrescrito. Aproximei-o do farol para voltar a olhar para o meu nome, que estava escrito numa caligrafia de traços antiquados. Ao voltá-lo para o abrir, descobri no verso uma inscrição que me fez corar:

$$E = ac^2$$

Pelos vistos, alguém com um conhecimento deficiente de física – tinha confundido o «m» de massa por um «a» – desejava dar-me um recado. Uma vez que eu só intervira no último quarto de hora, era surpreendente que tivesse tido tempo de me fazer chegar à rádio aquele

disparate.

Cheio de curiosidade, abri o envelope diante do farol da *Vespa*, que devia incomodar os vizinhos por ter o motor ligado.

Era um postal antigo. Aproximei-me para o observar com atenção. A imagem a cores mostrava uma vista de Cadaqués, o que era ainda mais estranho dadas as circunstâncias. Voltei-o. Escrita com a mesma caligrafia impecável, na parte de trás do postal havia uma morada acompanhada de uma data e uma hora. Um pouco mais abaixo encontrei, sem qualquer assinatura, uma única frase:

EFETIVAMENTE, HÁ UMA ÚLTIMA RESPOSTA.

O VERÃO DO GÉNIO

Dizem que o tempo muda as coisas, mas na verdade só tu as podes mudar.

ANDY WARHOL

Não saí da cama até ao meio-dia de sábado. Passara a noite a ver os primeiros filmes de Jim Jarmusch para esquecer o que tinha acontecido em *La Red*. As fortes rajadas de vento pareciam ter varrido o manto de contaminação sobre a cidade, uma vez que o céu estava limpo pela primeira vez em muitas semanas.

Já com o café na mão, ao afastar os livros e os papéis da mesa da sala, o envelope que alguém me tinha feito chegar à rádio regressou às minhas mãos. Depois de olhar condescendentemente para o $E = ac^2$ tirei do seu interior o postal de Cadaqués. Reli a morada e a data escritas antes daquela frase enigmática. Era naquele domingo às 10h30. Será que algum ouvinte do programa me pretendia convidar para almoçar na sua casa de férias?

Enquanto me interrogava sobre isso, guardei o postal e preparava-me para deitar fora o envelope quando saiu um papelinho a voar, no qual não tinha reparado. Apanhei do chão o que descobri ser um bilhete de autocarro para o dia seguinte:

SARFA/Hora de saída (Barcelona): 10h30

– Hora de chegada (Cadaqués): 13h15

SARFA/Hora de saída (Cadaqués): 17h00

– Hora de chegada (Barcelona): 19h45

Que a pessoa que me tinha feito um convite tão sucinto me tivesse comprado o bilhete – o preço era de 42,30 euros ida e volta – era um ato de confiança insólito. O que a fazia pensar que ia perder um domingo inteiro para ir a casa de um desconhecido?

Pelas horas que restavam entre a chegada e o regresso do autocarro, dava a ideia de se tratar de um almoço com sobremesa a rigor, mas com quem?

Coloquei o bilhete de autocarro numa gaveta juntamente com o postal. A seguir pus uma cápsula azul de Vivalto na *Nespresso* para fazer um café cheio e reguei as minhas torradas com azeite e uma pitada de sal.

Levei o frugal pequeno-almoço para a mesa já desimpedida, à exceção do portátil onde consultava na Internet os jornais todas as manhãs. Contudo, naquele sábado de manhã estava mais interessado no misterioso envelope, e por isso decidi ir ao Google e escrever por curiosidade as palavras «Einstein» e «Cadaqués». Cliquei na terceira opção que me apareceu para ler um artigo intitulado: O VELHO *GLAMOUR* DE CADAQUÉS:

Por esta pequena aldeia de pescadores da Costa Brava passaram, na década de 1920,

os principais artistas e intelectuais da época. As pessoas mais velhas que aqui vivem ainda se lembram das visitas de Picasso, García Lorca, Luis Buñuel ou Walt Disney, entre muitos outros, numa época em que Cadaqués era sinónimo de *glamour* e de uma certa aventura. Naquela época era preciso percorrer um trajeto de três horas desde a «próxima» cidade de Figueras, por uma estrada outrora infestada de bandidos. Entre os muitos ilustres que por aqui passaram conta-se Albert Einstein, que veio de férias para tocar o seu violino. Diz-se até que deu um concerto público numa praça.

Sorri ao imaginar a cena, que não me parecia improvável vinda da parte do pai da teoria da relatividade: Einstein com o seu cabelo despenteado sentado no meio da praça, arranhando os seus instrumentos no meio de uma multidão de curiosos, muitos deles com boina.

Ao imaginar este episódio na minha cabeça, quase desejei apanhar o autocarro para Cadaqués, um lugar que não visitava desde criança. Contudo, a lista de guiões no meu escritório para a semana seguinte fez-me recuperar a razão. De certeza que não iria àquele encontro.

Subi para o autocarro cor de laranja dois segundos antes de fecharem as portas. E até ao momento em que o aparatoso veículo começou a subir as rampas da Estação do Norte não me questionei sobre o que estava ali a fazer. Em apenas 24 horas tinha mudado de opinião radicalmente. O convite continuava a parecer-me absurdo, mas a curiosidade falava mais alto e empurrava-me para, entre ida e volta, quase seis horas de viagem.

Claro que tinha um incentivo suplementar para embarcar naquela expedição. Servira-me de desculpa para a minha irmã, que ameaçava presentear-me naquele domingo com a sua visita e a dos seus três filhos. Preferia enfrentar a identidade invisível que tinha feito chegar o envelope do que as tropelias de três selvagens no meu apartamento.

Desde o meu divórcio, essa visita tinha-se tornado na minha única alternativa à solidão.

Ignorava que ao subir para aquele autocarro tinha aceitado uma passagem para um mundo onde correr era a única maneira de manter os pés sobre a terra.

Depois de uma travessia interminável com incontáveis paragens em terriolas vazias, o autocarro entrou num território quase lunar cheio de curvas. Já me tinha arrependido de ter entrado naquele jogo, que não justificava uma viagem tão longa e tortuosa.

Feliz ou infelizmente, chegámos com meia hora de atraso, o que me impedia de comparecer no encontro à hora marcada. Sentindo-me dono do meu tempo, decidi passar a meia hora seguinte a percorrer as ruelas com pequenas galerias de arte. O ar salgado do mar deu-me fome, mas continuei a passear por um cenário que não se parecia em nada com aquele que eu recordava da minha infância.

Reconheci apenas o torreão com uma ameaçadora estátua da liberdade desenhada por Dalí, que brandia no alto uma tocha em cada mão. Ao pé deste monumento perguntei a um velhote pela rua do postal, que afinal não ficava longe.

Enquanto procurava o número da casa, o 29, senti-me subitamente ridículo. Que diabo fazia eu num domingo à tarde atrás de um ouvinte louco?

Lembrei-me da frase do postal, «Efetivamente, há uma última resposta», no momento em

que encontrei a porta indicada. Pertencia a um edifício de estilo racionalista – um grande cubo branco – coberto de trepadeiras. À direita havia um botão de alumínio com o apelido do inquilino debaixo: Yoshimura.

Olhei para o meu relógio: eram quase três da tarde, mais de uma hora depois da indicada para o encontro. Ignorando tudo o que era razoável, toquei à campainha. Estúpido tinha sido viajar até ali. Uma vez em Cadaqués, não me podia ir embora sem saber que diabo queria de mim a pessoa que vivia naquela casa de trepadeiras.

A FILHA SECRETA

O que sabe o peixe sobre a água onde nada toda a sua vida?

ALBERT EINSTEIN

Um velhote japonês com cara de poucos amigos abriu-me a porta. Envergava um simples roupão, e pelo olhar inquisitivo que me lançou, era óbvio que não estava à minha espera.

Começava a temer ter sido vítima de uma brincadeira de mau gosto, quando o tal Yoshimura se apresentou e disse:

– O senhor é o quarto desconhecido que chega hoje a minha casa. Virão mais? Digo isto para pôr mais água a ferver. Os seus companheiros já estão a tomar chá.

Acrescentou esta última frase com um leve sorriso, como se no fundo a situação o divertisse.

– Companheiros? Mas do que está a falar? – perguntei, desconcertado, enquanto lhe mostrava o postal. – Eu apenas recebi...

– Sim, eu sei – interrompeu-me –, todos os que estão ali dentro me mostraram um postal igual ao seu. Trata-se de alguma aposta... ou há um programa de televisão por trás disto?

Aquilo tudo era ainda mais estranho do que eu imaginara, por isso decidi desculpar-me perante o senhor e ir-me embora dali, mas o anfitrião já me indicava com a palma da mão que entrasse:

– Insisto que aceite uma chávena de chá. Não tenho nada a ver com esta convocatória, mas se o senhor e os outros estão aqui, por alguma razão há de ser.

Dirigiu-se de seguida ao interior da casa, convencido de que o seguiria. A porta fechou-se lentamente atrás de mim enquanto o acompanhava até uma luminosa biblioteca. Uma parede de vidro dava para um jardim interior de estilo zen: era presidido por uma grande rocha rodeada por um mar de ondas de gravilha.

A arquitetura daquela vivenda pareceu-me tão extraordinária – não encaixava nos modelos habituais de uma povoação costeira –, que demorei a reparar nas pessoas que falavam em voz baixa à volta de uma ampla mesa de teca.

– Gosto de arquitetura – disse Yoshimura ao perceber o meu interesse pela casa –, se bem que pelos vistos alguém descobriu a minha paixão por Einstein. Não se quer juntar à tertúlia?

Imerso na confusão, dirigi-me para a mesa como um autómato. Estavam lá dois homens com um ar antipático e uma mulher na casa dos trinta de porte distinto. Ao ocupar a cadeira vaga, perguntei-me se algum deles teria maquinado aquele estranho encontro.

Depois de me apresentar, o anfitrião pediu licença aos convidados com a desculpa de pôr mais água ao lume. Incómodo com a situação, apresentei-me brevemente antes de equacionar como cairia o chá amargo no meu estômago vazio.

O primeiro a estender-me a mão foi um doutorado em física da Universidade de Cracóvia. Aparentava uns cinquenta anos e as grossas lentes dos óculos aumentavam de forma monstruosa uns olhos já de si esbugalhados. Afagou a barba arruivada antes de dizer num castelhano correto:

– O meu apelido é impronunciável para vocês, de modo que me podem tratar por Pawel, que é o meu primeiro nome.

O próximo a apresentar-se foi Jensen, um dinamarquês pequeno e esquelético cuja idade era difícil de determinar. Os seus traços infantis contrastavam com um rosto sulcado pelas rugas e uma calvície incipiente.

– Apesar de viver em Alicante, sou o editor da *Mysterie* – explicou com um forte sotaque nórdico –, uma revista de divulgação científica com mais de trinta mil subscritores no meu país. Dedicámos o último tema de capa aos sete enigmas de Einstein.

O olhar de desprezo de Pawel, que o devia considerar um charlatão, congelou a pergunta que eu estava prestes a fazer-lhe: quais são os sete enigmas?

Enquanto Yoshimura regressava à sala com o chá quente e biscoitos, foi a vez da mulher de trinta e poucos anos. Por baixo da camisola preta de gola alta adivinhava-se uma silhueta esbelta. Chamou-me a atenção a palidez do seu rosto, emoldurado por um cabelo escuro que lhe dava pelos ombros. Nele, os seus olhos azuis brilhavam como estrelas diurnas.

– O meu nome é Sarah Brunet. Sou francesa mas há já quatro anos que estou na Complutense, a terminar a minha tese sobre Mileva Marić, a primeira mulher de Einstein.

– Pobre Mileva – interrompeu Jensen –, tantos anos a fazer o trabalho sujo de Einstein para acabar descartada como um trapo velho. Sem os cálculos dela, o Albert nem lhe teriam dado uma bolsa de doutoramento.

– Isso que está a dizer não tem nenhum fundamento – respondeu Pawel com autoridade. – Não está provado que Mileva tenha participado de forma decisiva nos seus cálculos. Na verdade, nem sequer se chegou a licenciar no Instituto Politécnico de Zurique, onde conheceu Einstein.

A francesa olhou para ambos com frieza, antes de acrescentar numa voz suave mas firme:

– Não obtive o certificado porque o bom do Albert a tinha deixado grávida. Naquela época, era um escândalo darem à luz sem estarem casados. Por isso deixou o instituto, mas continuou a estudar por sua conta.

– E o que aconteceu ao menino? – perguntei.

– A menina – corrigiu-me ela – nasceu em 1902, um ano antes de se casarem. Deram-lhe o nome de Lieserl, que é o diminutivo de Elisa, e nasceu na cidade sérvia da mãe enquanto Einstein trabalhava no escritório de patentes de Berna. Acredita-se que morreu de escarlatina um ano depois.

– Talvez seja útil para a sua tese saber que existe uma versão diferente dos factos – acrescentou Jensen com uma expressão triunfante. – Segundo fontes mais atuais, Lieserl não morreu um ano depois, foi sim dada para adoção a uma amiga íntima de Mileva chamada Helene Savić.

– Conheço essa hipótese – retorquiu a francesa sem perder a calma –, a menina passou então a chamar-se Zorka Savić e acredita-se que viveu até 1990.

Ao chegar a este ponto, o doutorado em física pareceu perder a paciência:

– Mas a quem é que interessa esse tipo de coscuvilhices? Estamos a falar do pai da relatividade e, mesmo sem querer, também da física quântica.

– A história de Lieserl tem interesse para este assunto – contra-atacou Jensen – porque está envolta em enigmas. Por acaso sabia que a sua existência era totalmente desconhecida pelos biógrafos de Einstein até 1986?

– Isso é verdade – acrescentou Sarah. – Einstein manteve sempre em segredo o nascimento dessa filha, que não veio a público até a sua neta legítima encontrar um arquivo com correspondência entre Albert e Mileva.

Ver a sua hipótese ser corroborada pareceu insuflar forças ao diretor da *Mysterie* que, ignorando os olhares de reprovação de Pawel, elevou o tom de voz para declarar:

– Eu atrever-me-ia a ir mais longe e a colocar uma pergunta na mesa: e se a primeira filha de Einstein não morreu na década de 1990? E se ainda está viva e é depositária de um segredo nunca revelado pelo seu pai? Não nos podemos esquecer de que ele entregou a totalidade do prémio Nobel a Mileva, de quem já se tinha divorciado. É possível que a sua filha Lieserl tenha obtido nos últimos dias de vida de Albert outro tipo de compensação. Por exemplo, uma última resposta.

Quase senti vergonha de ver as minha palavras repetidas – sem dúvida que tinha ouvido o programa de rádio – na boca daquele especulador, que além disso não conseguia tirar os olhos da francesa.

– Mesmo que essa Lieserl que tanto vos interessa estivesse viva – acrescentou Pawel com cinismo – e fosse depositária de algum segredo científico do seu pai, coisa que me parece pura fantasia, não sei se aos cento e oito anos estaria em condições de o revelar. Há que ter a mente clara para falar de física, cavalheiros.

Aquela alfinetada dirigia-se não só ao diretor da revista, mas também a Sarah Brunet e a mim próprio, apesar de eu ainda não me ter atrevido a abrir a boca.

Enquanto enchia novamente as chávenas, Yoshimura disse num tom conciliador:

– Sabiam que na cerimónia japonesa do chá os assuntos polémicos estão proibidos? Só se pode conversar sobre temas que tragam harmonia aos participantes, como por exemplo as obras de arte ou a beleza do mundo em cada estação.

Sarah sorriu abertamente perante este comentário. Pelos vistos, também ela se sentia aliviada por deixar aquele assunto polémico. Enquanto a observava pelo canto do olho, constatei para mim mesmo que ela era o que melhor representava a beleza do mundo naquela sala.

Depois de colocar o bule de ferro em cima da mesa, o japonês disse:

– Agora que se acalmaram, vou contar-lhes uma bonita história.

A ESPIRAL ÁUREA

Deus não escreveu a sua mensagem unicamente na Bíblia. Também o fez nas árvores, nas flores, nas nuvens e nas estrelas.

MARTINHO LUTERO

Yoshimura conduziu-nos para o jardim zen, ao qual se acedia pela porta de um quarto contíguo à sala. A grande rocha polida parecia a carapaça de uma estranha espécie de tartaruga que tivesse a cabeça oculta por baixo de um mar de gravilha. Esta desenhava uma espiral que aumentava de tamanho a cada volta.

O anfitrião levantou os olhos para o azul do céu antes de apontar para a espiral de gravilha:

– Obedece às proporções áureas. Quer dizer, cada volta da espiral é 1,618 vezes maior do que a anterior. Este valor é conhecido como o número de ouro.

– E para que serve? – perguntou Sarah interessada, enquanto se agachava para pôr uma pequena pedra no sítio.

O olhar do físico deteve-se fugazmente no traseiro empinado da francesa, antes de responder:

– É um número que se utiliza em álgebra há milhares de anos. Os egípcios chegaram a ele medindo a geometria da natureza, que frequentemente cresce segundo esta proporção. As nervuras das folhas de algumas árvores ou as espirais das conchas aumentam de medida seguindo a proporção áurea. Ou seja, uma espiral que mede 10 milímetros, na volta seguinte mede 16,18 e assim sucessivamente. Os gregos levaram muito a sério esta proporção na hora de desenhar os seus edifícios e estátuas.

– Bravo – felicitou-o o japonês. – Eu não teria explicado melhor.

– É bastante mais simples do que a física quântica – retorquiu Pawel, feliz com o seu protagonismo. – De qualquer maneira, de certeza que lhe deu bastante trabalho fazer esta espiral de gravilha.

– Tenho de admitir que não me deu trabalho nenhum – disse o velho, juntando as mãos com modéstia. – Este jardim já existia quando comprei a casa. Tive apenas de limpar as folhas que tinham caído ao longo dos anos: cobriam por completo a espiral à volta da rocha. Imaginem a minha surpresa quando encontrei tudo isto.

– Deixa-me verdadeiramente espantado que alguém de Cadaqués tenha construído um jardim zen como este – intervim. – Para além das excentricidades de Dalí na sua casa de Port Lligat, a arquitetura desta aldeia é muito tradicional.

– Já lá chegaremos – retorquiu o japonês. – Tirou-me as palavras da boca sobre uma história bonita que lhes queria contar. Sabem quem é que mandou construir esta casa em 1927? Vou dar-lhes uma pista: foi a mesma pessoa que criou este jardim com as suas próprias mãos. As mesmas mãos que...

– ...supostamente tocaram o violino numa praça aqui perto – acrescentei.

– Albert Einstein! – exclamou Jensen. – Senhor Yoshimura, preciso de lhe pedir autorização para que os meus colaboradores aqui venham fazer uma reportagem sobre esta casa e este jardim. Se foi Einstein quem o fez com as suas próprias mãos, de certeza que tem algum mistério escondido.

– 1,618 – disse Pawel irritado. – Esse é todo o mistério que vai encontrar aqui. Um código que as crianças da Antiga Grécia sabiam de cor e salteado.

– Um momento – interrompeu Sarah com um brilho azul no olhar –, o que é verdadeiramente extraordinário é que nos encontremos numa casa de Einstein que não foi catalogada pelos seus biógrafos...

– ...até agora – concluiu o japonês. – Estou a terminar uma biografia que reúne também essa parte da vida dele. Não sabemos muito sobre as suas idas e vindas a Cadaqués. Pelos vistos, mandou construir esta casa para se escapar de vez em quando para este recanto no Mediterrâneo. O construtor era amigo dele e cuidava-lhe da propriedade, que estava legalmente em seu nome para manter segredo. Com a morte de Einstein, o seu filho herdou a casa e pô-la à venda quinze anos depois, com o *boom* turístico da Costa Brava. Felizmente consegui comprá-la antes que um especulador a destruísse para construir prédios.

– Como teve conhecimento desta casa? – perguntou Sarah. – Se nem sequer estava em nome de Einstein, não seria fácil dar com este achado.

Yoshimura esboçou um tímido sorriso antes de responder:

– Nós, os japoneses, somos muito meticolosos quando decidimos investigar alguma coisa. Desde que me licenciiei em história da ciência que preparo a minha biografia sobre Albert Einstein, a definitiva. Tive a sorte de nascer numa família abastada, que sempre me apoiou nesta investigação na qual investi metade da minha vida. Quando um agente imobiliário de Tóquio me informou sobre a «casa singular» que tinha sido posta à venda em Cadaqués, não hesitei em comprá-la. A seguir mudei-me para aqui para continuar o meu trabalho, que espero terminar no final deste ano.

– O senhor é o meu herói – afirmou Jensen efusivamente. – Para além da reportagem fotográfica sobre a casa e o jardim áureo, gostaria de publicar na *Mysterie*, com a sua autorização, uma extensa entrevista sobre o seu trabalho acerca do génio.

– Não sei se o meu editor o permitirá – respondeu o japonês, enquanto nos indicava que voltássemos à sala. – Recebo, de há dois anos para cá, um salário mensal sob a condição de que as revelações do meu estudo não venham a público.

– Revelações! – exclamou Jensen entusiasmado.

– Mas posso contar-lhe outros pormenores da vida de Einstein que não são secretos, apesar de não serem conhecidos do público em geral. Por exemplo, o violino que guardo no andar de cima e que lhes mostrarei com muito gosto. Acompanham-me?

Enquanto subíamos as escadas, o dinamarquês insistiu em trazer «os seus rapazes» no dia seguinte para avançar com a reportagem fotográfica, ao que o japonês lhe respondeu:

– Temo que terá de esperar ainda algumas semanas. Amanhã viajo para Princeton. O senhor já sabe que foi ali que Einstein trabalhou nas últimas décadas da sua vida.

– Entre 1935 e 1955 – acrescentou Sarah.

– Exatamente – continuou o japonês – e, pelos vistos, no escritório que ele ocupou acabaram de descobrir um documento que ele tinha ocultado.

– Outra revelação... – disse Jensen, mal contendo o entusiasmo que aquelas notícias lhe provocavam.

– Pode não ser nada de importante, apesar de o diretor do centro me ter garantido que mo mostrará em primeira mão. De qualquer maneira, se tiver algum interesse, incluí-lo-ei na versão final do livro.

– Mas assim deixará de ser notícia!

– Entretanto fale da espiral áurea e do violino de Einstein. Penso que não lhe estão a prestar a devida atenção.

Com uma certa vergonha, nós, os convidados, dirigimos a nossa atenção para uma vitrine simples onde estava guardado um violino com a madeira danificada por causa da humidade, como se tivesse passado parte da sua reforma ao ar livre. Por trás do instrumento com o seu arco havia uma partitura amarelada: *A dança das bruxas* de Paganini.

– Segundo sei, para além de Mozart, gostava de tocar esta peça – acrescentou Yoshimura, contente com o silêncio que se tinha criado. – O violino e aquela partitura são tudo o que resta da passagem de Einstein por esta casa. Para além do jardim, claro.

A luz da tarde pareceu desaparecer de repente enquanto contemplávamos umas quantas fotografias antigas de Cadaqués que decoravam as paredes.

– Enquanto não se publicam as revelações – atrevi-me a dizer –, neste momento o principal mistério é saber quem nos mandou os postais para que viéssemos aqui.

Olhámo-nos todos em silêncio, incluindo o anfitrião. Era evidente que se a iniciativa tinha partido de algum deles, por alguma razão o autor preferia manter-se incógnito.

ASSASSINAR O AVÔ

Não podemos matar o tempo sem ferir a eternidade.

H. D. THOREAU

A segunda-feira a seguir àquela estranha reunião começou da pior maneira possível. Antes de mais, apercebi-me de que me tinha esquecido na casa de Yoshimura de uma pequena *Moleskine* cheia de notas dos últimos anos. Tinha-a tirado do meu casaco para olhar para o bilhete de regresso que estava guardado no compartimento secreto do caderno, e não a tinha voltado a guardar no bolso.

Lembrei-me, de repente, de que a deixara na mesa do chá quando saímos para o jardim zen. Ia levar pelo menos duas semanas a recuperá-la e não gostava nada da ideia de que um desconhecido, apesar de ser japonês, andasse a meter o nariz nas minhas anotações sobre a vida e os livros.

Mas o pior estava para chegar.

A meio da manhã recebi um *e-mail* da Yvette: informava-me que daí em diante teria de dividir o trabalho com um guionista da própria rádio. Isso significava que o meu salário seria reduzido para metade.

O aluguer do apartamento e os 600 euros de pensão para a minha ex-mulher, que tinha ido viver para Lanzarote, já somavam mais do que ia receber mensalmente. Como é que ia fazer? Se não encontrasse uma nova fonte de rendimento, estava bem tramado.

Enquanto me punha a trabalhar, angustiado, no guião para aquela segunda-feira, «Os universos paralelos», perguntei-me que relação podia haver entre a minha estreia como tertuliano em *La Red* e o castigo a que agora era sujeito. Talvez Juanjo Bonín se tivesse ido queixar à direção, que tinha decidido colocar-me na prateleira, apesar de ser só por metade.

Entre a preocupação e a fúria, comecei a ordenar a minha documentação sobre um tema que, até àquela manhã, ainda não tinha percebido porque agradava tanto às pessoas. Sempre que no programa se falava sobre mecânica quântica, recebíamos *e-mails* dos ouvintes a perguntar sobre os universos paralelos.

De repente percebi que quando o nosso universo está esgotado, apenas nos resta a esperança de que em qualquer outro estejamos a levar a vida com que sonhámos.

Será que era isso que me estava a acontecer? A decisão de viajar a Cadaqués seria por acaso a prova de que, em determinadas alturas, precisávamos de ir a um universo paralelo para endireitar a nossa vida desorientada?

Reli um artigo sobre os múltiplos universos de Everett, mas era demasiado complicado para divulgar ao público em geral. Nem eu próprio, um jornalista especializado em ciência, tinha a certeza de o ter compreendido.

Confundido, encontrei uma via de escape nas descrições dos universos paralelos que se fizeram nas obras de ficção científica. Na maioria diz-se que, para uma pessoa poder viajar ao passado e regressar ao presente, já não o pode fazer no seu universo original mas sim que, ao ter violado as leis do tempo, deve prosseguir com a sua vida num universo paralelo muito semelhante ao que conhecia, mas que não é exatamente igual.

Com esta solução evitava-se o chamado «paradoxo da viagem no tempo». Segundo o princípio de causa e efeito, se alguém se pudesse transportar para o passado e assassinar o seu avô, essa pessoa já não nasceria e por isso não poderia regressar à sua época. O problema é que – e aqui está o paradoxo – se essa pessoa não tinha nascido, então como é que ia viajar ao passado para assassinar o seu avô?

Um completo absurdo.

Os universos paralelos são uma boa solução para esse problema, pelo menos nos filmes: o viajante pode transportar-se para o passado e matar o avô; mas para continuar a existir, o criminoso do tempo entra num universo paralelo no qual o seu avô pode não existir, mas ele sim.

Esta hipótese serviu-me para escrever a introdução teórica do programa; depois de o fazer senti-me repentinamente cansado. Como se um aspirador quântico estivesse a sugar os meus últimos eletrões de energia, arrastei-me para a cama e não demorei a adormecer de puro cansaço.

Enquanto me precipitava para o vazio sem rede da inconsciência, várias cenas apareceram paralelamente na minha mente: o número áureo, o traseiro de Sarah Brunet... e por fim, a inscrição: «Efetivamente, há uma última resposta.»

Tudo negro.

Quando acordei já passava das oito da noite, e o meu apartamento estava na penumbra – uma sensação que detestava.

Enquanto os meus olhos se habituavam à pouca luz do entardecer, disse a mim próprio que alguma coisa importante tinha mudado. Não era que tivesse entrado num universo paralelo, ou alguma coisa do género, mas senti que, de alguma maneira, algo essencial se tinha modificado enquanto eu me escondia do mundo quotidiano.

Esta intuição fez com que ligasse a televisão no exato momento em que começava o telejornal da noite. As primeiras notícias eram de greves e manifestações em frente ao Ministério do Trabalho. Com a notícia de um simpósio europeu sobre os bancos tóxicos e o que fazer com eles, fui até à cozinha e pus azeite a aquecer numa frigideira para estrelar dois ovos.

Quando no ecrã apareceu a estátua da liberdade com duas tochas, a de Cadaqués, soube que estava prestes a saber algo terrível. Aumentei o volume da televisão no momento em que a jornalista dava a notícia:

– «O assassinato do professor Yoshimura, de setenta e dois anos, causou comoção entre os dois mil e seiscentos habitantes desta aldeia costeira, onde a vítima era muito querida. O crime teve lugar esta madrugada na sua residência, onde o cadáver foi encontrado esta manhã pelo pessoal de limpeza. A polícia ainda não fez nenhum comunicado oficial sobre o caso,

mas sabe-se que quatro forasteiros foram vistos a sair da casa de Yoshimura ontem à tarde. As autoridades estão a tentar identificar os suspeitos a partir das descrições de alguns vizinhos.»

Ao desligar a televisão, senti um suor frio que se formava na nuca e descia pelas costas.

Considerei a possibilidade de ir voluntariamente à polícia e explicar o que tinha acontecido, mas não estava com coragem para enfrentar um longo interrogatório. E a minha versão dos factos até a mim me parecia absurda. Mas o facto de a minha *Moleskine* ter ficado em cima da mesa de teca do japonês não ajudava muito. Deixar um caderno pessoal é próprio de alguém que foge precipitadamente depois de cometer um crime. Tentei lembrar-me se tinha escrito os meus dados nalguma folha do caderno ou os de alguém através de quem me pudessem localizar. Era impossível saber.

Horrorizado, comecei a dar voltas ao que tinha acabado de acontecer. Havia apenas duas possibilidades: ou o assassino era um daqueles três, incluindo a bela francesa, ou tratava-se de uma quarta pessoa que nos tinha levado até àquele local para fazer de nós suspeitos antes de cometer o crime.

Para mal dos meus pecados, eu era o único que regressara de autocarro, e com isso tinha-me exposto ao olhar de uma dezena de habitantes locais. Os outros tinham regressado discretamente nos seus carros.

O cheiro a azeite queimado distraiu-me momentaneamente daquilo que já era uma evidência: desse por onde desse, estava enterrado em merda até ao pescoço.

A PROPOSTA

O medo da morte é o mais injustificado dos medos, visto que quando se está morto não se pode sofrer nenhum acidente.

ALBERT EINSTEIN

Passei a noite em claro, à espera de que a qualquer momento soasse a campainha da porta e aparecesse a polícia para me interrogar. Dariam crédito a uma história tão inverosímil?

Tinha como testemunha o segurança da rádio que me entregara o envelope. Contudo, dizer que tinha ido a casa de Yoshimura por causa de um postal anónimo com uma hora e uma morada não faria mais do que confirmar o meu papel de suspeito. Não servia de todo.

Servi-me de um copo bem cheio de *Bushmills*, a destilaria mais antiga do mundo, para procurar uma saída para um problema tão recente quanto desolador.

As outras testemunhas da minha viagem tinham sido o motorista do autocarro e os próprios passageiros, se é que tinham reparado em mim. Também havia os habitantes de Cadaqués, sobretudo o idoso a quem perguntara pela rua onde vivia o japonês.

No mínimo, esse ter-me-ia denunciado. O mais provável é que, assim que soube da notícia, tivesse dado a minha descrição à polícia.

Um segundo gole de *Bushmills* deu-me a energia suficiente para voltar para a cama e esperar pelos acontecimentos. Deixei a garrafa ao meu alcance para continuar a etilizar a minha desgraça. Procurei distrair-me com *Blankets*, uma banda desenhada existencial de Craig Thompson sobre dois irmãos que dividem a cama, e a primeira paixão de um deles. As mais de quinhentas páginas ilustravam uma história tão dolorosa quanto deprimente.

Enquanto mergulhava com os dois protagonistas nos bosques gelados da América profunda, não deixava de olhar vigilante para o telefone e para a porta. Era uma da manhã quando li a última frase: «O céu é a esperança, e o éden uma recordação». Fechei os olhos de seguida, desejando desaparecer.

O som do telefone fixo atroou na minha cabeça como um alarme de incêndios. Ninguém me ligava para este número, com exceção da minha irmã e dos comerciais das empresas de telemóveis, por isso tive a certeza de que a polícia já me descobrira e ia começar o primeiro interrogatório por telefone.

Contudo, ao levantar o auricular ouvi apenas alguém desligar do outro lado. Respirei aliviado, apesar de não ter motivos para isso. Alguém acabava de comprovar que estava em casa, pelo que era provável que recebesse uma visita em breve. Olhei de esguelha para o despertador: eram sete e meia da manhã.

Em vez de voltar para a cama, preferi ir tomar um duche para estar bem desperto para o que viesse a cair-me em cima. À medida que o jato de água quente ia aclarando as minhas

ideias, comecei a ensaiar a minha defesa. Para começar, não tinha motivo para saber da notícia do assassinato de Yoshimura. Podia ser – e de facto numa época tinha sido – um daqueles radicais que apenas ligam a televisão para ver DVD de documentários ou filmes independentes.

Depois de me mostrar surpreendido ao saber do assassinato, reconheceria que tinha ido à reunião em casa do japonês, isso sim, e podia descrever pormenorizadamente todos os que tinham estado lá também. Talvez isso me excluísse do grupo de principais suspeitos.

Ao secar a pele da água quente, senti-me como Aladino a esfregar a lâmpada do génio, visto que uma ideia que me passara pela cabeça me chamou a atenção: uma vez que os três suspeitos se tinham apresentado com nomes e apelidos, a primeira coisa a fazer como jornalista era comprovar a sua existência na Internet. Sem dúvida, o assassino não teria revelado a sua verdadeira identidade.

Animado por esta ideia, liguei o computador com a intenção de procurar notícias sobre a revista *Mysterie* e o seu afamado diretor. Contudo, antes de poder fazê-lo, recebi um *e-mail* que me deixou sem fala:

De: Princeton Quantic Institute
Para: Javier Costa
Assunto: Oferta de colaboração

Estimado senhor,

Antes de mais quero dar-lhe os meus sentimentos pêsames pela dolorosa perda do seu mentor, o professor Yoshimura. Sabemos quão estreita era a relação que vos unia, tanto a nível profissional como pessoal. A prova disso é a mensagem enviada por ele para o nosso instituto em que delegava em si a edição final da obra, visto não poder fazê-lo pessoalmente, como lamentavelmente foi o caso.

A confiança depositada em si pelo professor fez-nos entrar em contacto consigo sem mais demoras, com a certeza de que a finalização da *Biografia definitiva de Einstein*, à qual consagrou a sua vida, é a melhor homenagem que podemos render ao nosso amigo comum.

Como coordenador do livro em questão, que é financiado por uma editora unipessoal, é minha obrigação pô-lo ao corrente das condições contratuais para que se sinta apoiado na investigação que terá de conduzir para a conclusão da obra. Como poderá comprovar no documento em anexo, há ainda algumas lacunas que devem ser completadas.

Para isso, o mecenas deste projeto está disposto a pagar uma quantia extra de 75 000 dólares, cujo pagamento será feito da seguinte maneira: 25 000 dólares na assinatura do contrato em anexo, 25 000 na entrega do original finalizado e outros 25 000 na data de publicação. O senhor não terá direito a *royalties* da venda do livro, uma vez que a sua edição não será comercializada em livrarias, mas o seu nome aparecerá devidamente na lista de colaboradores no final do mesmo.

Esperamos receber o quanto antes a sua resposta afirmativa para entrar na parte final deste projeto, que dará uma nova luz ao nosso conhecimento da figura de Einstein e do

seu legado.

Atentamente,

RAYMOND L. MÜLLER,
chefe de publicações do PQI

O APARVALHADO

Ver as coisas já na semente, essa é a tarefa do génio.

LAO-TSÉ

O insólito da proposta fez com que me esquecesse temporariamente dos meus temores policiais. Antes de me preocupar com as perguntas e infinidade de coisas sem sentido que derivavam daquele *e-mail*, abri o PDF em anexo com o contrato. Enquanto lia, pus a imprimir as trezentas e oitenta páginas da biografia que tinha significado a sepultura de Yoshimura.

Apesar do tal Raymond ter escrito a sua mensagem num castelhano perfeito, o contrato estava escrito num complexo inglês legal. Nas sete páginas de letra minúscula avisava-se de múltiplas maneiras que a pessoa que assinava, um colaborador, não tinha qualquer espécie de direitos sobre o texto. Ainda assim, enumerava incontáveis sanções no caso de revelar o seu conteúdo a terceiros antes da publicação da obra, incluindo a devolução dos adiantamentos recebidos.

Com a mente em modo de trabalho, disse para mim mesmo que, para alguém como eu, habituado a fazer uma miscelânea de textos, não devia ser difícil «completar as lacunas» que o autor da biografia tinha deixado. Os 25 000 dólares eram um bom incentivo para começar, embora tivesse de gastar uma parte em viagens para me documentar. Mas colocar alguma distância no meio talvez fosse o melhor, dada a minha situação. E eu precisava do dinheiro.

Antes de ter tempo de analisar aquilo que parecia ser um erro de todo o tamanho – achavam que eu era o discípulo fiel de alguém que não conhecia até há vinte e quatro horas –, acrescentei a minha assinatura eletrónica a todas as folhas do documento e acrescentei no final do mesmo o número da minha conta bancária.

Ao devolver o PDF preenchido por *e-mail* ao seu destinatário, senti-me como uma criança que participa num jogo. Se soubesse em que tabuleiro ia jogar, jamais teria ativado a opção «ENVIAR». Mas o mal já estava feito.

Passei a manhã a passear pelo centro, com a esperança de que a minha vida regressasse à aborrecida normalidade com que decorrera até há pouco tempo. Contudo, algo me dizia que isso já não era possível. Ao ter saído dos limites do razoável – primeiro aceitando o convite funesto e a seguir aceitando o contrato leonino – tinha a sensação de ter entrado num universo paralelo cujas regras não conhecia.

Passei durante muito tempo na Central del Raval, a livraria onde costumava ir espreitar as novidades de tempos a tempos. Comprei a grossa biografia de Einstein de Walter Isaacson e meti-a na minha mochila, onde já levava o manuscrito incompleto de Yoshimura.

Sentido a lei da gravidade no meu ombro, atravessei a secção dedicada à banda desenhada e ao *jazz* para entrar no pequeno café do estabelecimento. Àquelas horas, havia apenas uma

ou duas mesas ocupadas por estudantes da faculdade de história, que ficava perto.

O cheiro a café acabado de fazer era relaxante, por isso sentei-me para pôr alguma ordem nas minhas ideias. Enquanto esperava que me servissem um «chá de monge», apercebi-me de que o suposto editor do livro de Yoshimura não tinha mencionado a descoberta no escritório de Einstein. Dado que o Quantic Institute ficava em Princeton e eles se ocupavam da edição do livro, seria de pensar que estivessem ao corrente da descoberta.

Perguntei-me se seria prudente enviar um *e-mail* a fazer essa pergunta. Mas talvez o diretor do centro tivesse apenas dado a conhecer a Yoshimura aquela descoberta oculta naquele que tinha sido o escritório do génio, e coubesse a ele decidir se devia incluí-la ou não na biografia. Talvez o seu assassinato fosse uma consequência direta dessa revelação. Havia demasiados «talvez» em tudo aquilo, apesar de, sem dúvida alguma, os postais que tinham convocado a reunião em Cadaqués fazerem parte da trama.

Nem sequer tinha tido tempo de confirmar os nomes dos outros convidados para descartar suspeitos.

Contudo, o que me deixava mais confuso em todo aquele imbróglio era que o diretor se tivesse dirigido a mim como amigo e íntimo colaborador de Yoshimura. Como é que se tinha dado esse engano? Onde é que tinha arranjado o meu *e-mail*?

Enquanto o empregado me servia o chá, lembrei-me de que no final da reunião em Cadaqués todos tínhamos dado o nosso cartão ao anfitrião, que se tinha desculpado por não ter nenhum em casa. No entanto, entre os convidados não houve troca de cartões, como se todos desconfiássemos uns dos outros.

Depois do acontecido, podia fazer uma ideia aproximada dos factos. Por alguma razão, o japonês tinha-se sentido em perigo depois da reunião. Seguindo um impulso ditado pelo medo, escolhera um dos convidados para apresentar ao seu editor como seu sucessor caso lhe acontecesse alguma coisa naquela mesma noite. Talvez aquele *e-mail* tivesse seguido minutos antes da sua morte.

Era uma explicação absurda, mas não me lembrava de outra melhor.

Para me distrair das perguntas que se sucediam na minha cabeça, decidi ler umas quantas páginas do ensaio de Isaacson – o de Yoshimura estava em inglês –, escrito num tom amável e informativo.

A primeira parte da obra centrava-se na infância do génio em Ulm e Munique, onde Albert teve tantas dificuldades para aprender a falar que a criada da família lhe chamava «o aparvalhado».

Depois do fracasso com um negócio de colchões de penas, o seu pai abriu com o seu irmão uma empresa que fornecia eletricidade e gás na capital bávara. Em 1881, ao nascer a sua irmã Maja, os Einstein explicaram ao pequeno Albert que a menina era «um maravilhoso brinquedo de que poderás disfrutar a partir de agora». Ele olhou embasbacado para o bebé e perguntou de seguida: «Sim, mas onde é que estão as rodas?»

Pelos vistos, durante a sua primeira infância, Albert era tão retraído e solitário – queria sempre brincar sozinho – que a sua própria tutora o considerava aborrecido. Passava as horas a tentar resolver quebra-cabeças ou a edificar gigantescos castelos de cartas, que podiam chegar a ter catorze andares de altura.

Antes de fechar o livro, li uma parte sobre a sua paixão pelo violino. Foi a sua mãe que o obrigou a aprender a tocar o instrumento, de que Albert nunca mais se separaria. Adorava tocar peças de Mozart, e se ao passar pela rua com o seu violino ouvisse um piano a tocar em alguma casa, tirava-o da caixa para se juntar à serenata onde quer que estivesse.

A sua condição de músico impulsivo combinava bem com o que se dissera da sua visita a Cadaqués.

Quando, anos depois, o jovem Einstein estudou a teoria da relatividade especial em Berlim, recorria ao violino de cada vez que ficava bloqueado. Fosse a que horas fosse, ia para a cozinha improvisar melodias até que parava em seco e exclamava: «Já sei!»

A MAGIA INVISÍVEL DO ÍMAN

Lança os teus sonhos ao espaço como um cometa, nunca sabes o que te vão trazer: uma nova vida, um novo amigo, um novo amor, um novo país.

ANAÏS NIN

Os 25 000 dólares – convertidos em euros – já estavam na minha conta. Enquanto olhava com incredulidade para as minhas finanças no computador, calculei que tinham passado apenas três horas desde que aceitara cegamente o contrato e a transferência, que vinha de uma conta do mesmo banco que o meu com as iniciais PQI.

A única explicação razoável era pensar que o Instituto Quântico de Princeton tinha alguma pessoa de confiança em Barcelona que se tinha ocupado da transferência através de uma chamada telefónica. A rapidez daquela transação fez-me pensar no envelope que chegara à rádio, apenas um quarto de hora depois de ter iniciado a minha intervenção. Poderia tratar-se da mesma pessoa?

E por isso me perguntava se não estaria também alguém do PQI por trás da chamada que recebera às sete e meia da manhã. Sentia-me vigiado, e o contrato obrigava-me agora a iniciar uma investigação com consequências imprevisíveis. Sabendo como tinha acabado Yoshimura, todo o cuidado era pouco.

A verdade é que tinha assinado e o dinheiro estava na minha conta. Não havia volta a dar. Agora tinha apenas de ser responsável e entregar-me à tarefa.

Tinha a meu favor o facto de ainda não ter sido relacionado com o crime em Cadaqués. Um dia de cada vez. Iam encontrar-me mais cedo ou mais tarde, disso tinha a certeza, mas se deixasse o telemóvel em Barcelona e me dedicasse a seguir os passos de Einstein, demorariam a pedir-me explicações. Talvez nessa altura já tivessem encontrado o assassino.

Outra possibilidade era que o assassino me encontrasse a mim.

Em vez de investigar os outros convidados, dediquei o resto da segunda-feira a tarefas administrativas. Queria deixar tudo em ordem para a viagem que pensava empreender na manhã seguinte.

Numa primeira leitura na diagonal do manuscrito de Yoshimura tinha detetado vários espaços em branco – imaginei que estava à espera de recolher mais dados – sobre a atividade de Einstein no Instituto Politécnico de Zurique. No dia seguinte havia um comboio direto às 19h38 que chegava à cidade suíça na quarta-feira às 10h07.

Apesar da comodidade do comboio, a duração do trajeto era considerável, sobretudo tendo em conta que havia voos baratos desde Barcelona. Mas a intuição dizia-me que devia ir de comboio. Por um lado, sabia por experiência própria que o controlo de passaportes seria lasso até chegar à fronteira suíça, onde provavelmente ninguém estaria à minha procura. Por

outro lado, apetecia-me entrar lentamente numa nova etapa de «jornalismo ativo», depois de anos a fazer de escriturário para a fama de outros.

Tinha dinheiro para os próximos meses, um tema apaixonante sobre o qual investigar e podia mover-me à minha vontade desde que fosse completando o texto. O meu inglês não era fantástico, mas podia pagar a um revisor nativo antes do prazo de entrega, que segundo o contrato era dia 23 de agosto.

Olhei para o calendário: 23 de maio. Três meses seriam suficientes para terminar o ensaio. Se tudo corresse bem e recebesse os outros pagamentos, podia tirar um ano sabático.

Com o instinto de sobrevivência acalmado por estas perspetivas, enviei de imediato um *e-mail* à Yvette onde lhe comunicava que me despedia do cargo de guionista de *La Red*. Li duas vezes a minha explicação antes de enviar a mensagem:

Não quero que considerem a minha renúncia como um ataque por ter perdido metade do meu salário, apesar de que certamente tive de me «fazer à vida», como se diz coloquialmente.

A minha intenção era continuar no programa até ao final da temporada, mas uma oferta imprevista de trabalho no estrangeiro obrigou-me a tomar esta decisão de forma imediata. Saio amanhã. De qualquer modo, de certeza que o guionista da casa e os seus colaboradores poderão dar mais do que conta do recado.

Um forte abraço (outro para o Hernán) e obrigado por tudo,
Javier

Ao anoitecer não tinha recebido nenhuma chamada no telemóvel, nem sequer uma resposta ao meu *e-mail*, apesar de ter a certeza de que já o tinham lido. Era muito melhor assim – também não podia explicar nada –, mas não deixei de ficar sentido por a minha demissão ser recebida com um silêncio indiferente.

Visto que pensava dedicar uma boa parte da viagem de comboio à leitura do manuscrito, optei por ir para a cama com a biografia de Isaacson, que continuei a ler no ponto em que a tinha deixado naquela manhã: a imersão do jovem Einstein no mundo da ciência.

Albert adorava a bússola que o seu pai lhe tinha oferecido. Via o magnetismo como uma estranha magia da natureza que merecia ser descoberta. Já aos doze anos se entretinha a resolver problemas de aritmética que estavam muito além dos seus conhecimentos. O seu tio e sócio do seu pai explicava-lhe as equações do seguinte modo: «A álgebra é uma ciência divertida: quando não podemos prender o animal que queremos caçar, damos-lhe o nome temporário de *x* e continuamos à caça até que o metemos dentro do saco.»

Albert continuou a sua formação autodidata ajudado por um estudante de medicina que os Einstein convidavam para jantar uma vez por semana. Ele emprestava-lhe livros de divulgação científica que eram devorados pelo pequeno cientista, que aos dezasseis anos escreveu o seu primeiro ensaio de física, intitulado «A investigação do estado do éter num campo magnético». Naquela época acreditava-se que o Universo continha uma substância invisível e onnipresente, o éter, que transportava a luz e o magnetismo.

Mandou o artigo para um tio rico que vivia em Bruxelas, para ver se podia interceder por ele para conseguir entrar no Politécnico de Zurique, apesar de lhe faltarem dois anos para a

idade mínima, que eram os dezoito anos. Por fim, outro familiar conseguiu que o diretor do centro aceitasse que aquele «menino prodígio» fizesse o exame de ingresso.

Em outubro de 1895, Einstein apanhou o comboio para Zurique sem suspeitar que aquela viagem mudaria o rumo da ciência.

O toque estridente do telefone fixo fez-me abandonar a leitura. Ao atender – a chamada era anónima, como a daquela manhã – regressaram todos os meus temores, mas do outro lado encontrei uma voz estranhamente doce que disse:

– Cabaret Voltaire.

– Como?

E desligou de seguida.

COMBOIOS MELANCÓLICOS

Vivemos para o mundo quando amamos. Apenas viver para os outros dá sentido à nossa existência.

ALBERT EINSTEIN

Sempre achei que os comboios convidam à melancolia. E não só porque conheci a Diana, que durante dois anos foi minha esposa, num comboio. A tristeza infindável que associo aos carris começa já nas estações.

Apesar de a estação de Sants não ter nada de romântico, ao unir-me à multidão silenciosa que arrastava malas, senti-me um exilado da felicidade. Uma catástrofe somada a um golpe de sorte – se assim o podia chamar – empurravam-me agora para a Suíça, falso refúgio de todos os problemas que batiam à minha porta.

Enquanto estivesse a caminho, estaria a salvo. Ou pelo menos essa era a minha grande esperança.

Uma empregada do comboio indicou-me com um subtil movimento de mão que o meu compartimento ficava alguns vagões mais à frente. Acelerei o passo até estar quase a correr, apesar de ainda faltarem vinte minutos para o comboio partir. Talvez fosse o medo de ser identificado e detido que me impelia a fechar-me naquele comboio de alumínio.

O meu lugar ficava num cubículo desenhado para quatro passageiros. Enquanto me acomodava no banco que ao anoitecer se transformaria em cama, desejei que o comboio fosse meio vazio e não tivesse de dividir aquele espaço com mais ninguém.

À hora certa o comboio arrancou e o meu desejo foi concretizado. Pelo menos até ao momento. Com a cara colada à janela, olhei fascinado para os túneis cheios de carris que se bifurcavam em todas as direções. Eram como uma alegoria dos infinitos caminhos da existência. Aos quarenta e um anos começava a ter a certeza de uma coisa: não conduziam a lado nenhum.

Quando o comboio saiu das entranhas de Barcelona, vi que o sol se começava a esconder atrás dos bosques de cimento barato. Esgotadas as interpretações filosóficas, dediquei-me a relembrar a história de amor que terminara tão mal.

Podia olhar para essa parte do filme da minha vida com grande fidelidade.

Tudo começara quatro anos antes, no comboio noturno que ligava São Petersburgo a Moscovo. Já nessa altura tinha o hábito de viajar sozinho e, ao fim de três dias na capital do Norte, apetecia-me ver como era a metrópole russa.

Tinha achado São Petersburgo uma cidade imperial decadente, com poucos bares e ainda menos sorrisos. Passeara indolentemente pelo Ermitage, e tinha-me aborrecido de morte ao ver um *ballet* na plateia do teatro Mariinski. Naquela altura também não me encontrava na melhor época da minha vida, e nem sequer os saltos altos vertiginosos das russas me faziam

sair da minha melancolia.

Ocorrera-me viajar em pleno inverno, em vez de o fazer durante as noites brancas de verão, quando o sol nunca se põe.

Um pintor bêbedo tinha-me garantido que em Moscovo me divertiria mais, porque ali a festa não conhecia limites. Como já tinha visto o suficiente e ainda faltavam três dias para o voo de regresso, decidi apanhar o Flecha Vermelha, um comboio que sai à meia-noite de São Petersburgo e chega à capital logo de manhãzinha.

Talvez porque já tinha visto mais belezas russas do que aquelas que podia assimilar; chamou-me a atenção uma jovem baixa de cabelo preto que dormia no meu compartimento. Sentei-me à frente dela sem imaginar que aquela filóloga das Canárias, como se apresentaria mais tarde, ia acabar por se transformar na minha esposa fugaz.

O romance foi tão fulminante como condenado ao fracasso.

Ao fim de duas horas a observar como dormia sob o brilho da lua, eu próprio acabei por fechar os olhos. Foi então que ela disse:

– Por favor, não adormeças.

Ouvir o meu idioma num comboio no fim do mundo, quando eu estava convencido de que aquela morena era georgiana ou arménia, deixou-me desconcertado.

– Porque não queres que eu durma? – perguntei entre o surpreendido e o irritado. – E como sabes que falo espanhol?

Diana observou-me divertida antes de responder:

– Esse casaco denuncia-te. O meu irmão tem um igual, e não há aqui à venda, isso posso garantir-te. Não serve para o frio russo.

Gostava do suave sotaque canário daquela rapariga, que de seguida me contou que trabalhava há um ano no Instituto Cervantes de Moscovo. Passara o fim de semana em São Petersburgo para visitar uma colega de trabalho que se tinha mudado.

De repente apercebi-me de que não tinha respondido à minha primeira pergunta, por isso repeti-a:

– Porque é que não posso dormir?

– Porque se tu o fizeres eu não poderei pregar olho, e estou morta de sono. Um de nós tem de ficar acordado, sabias? Este comboio é famoso pelos roubos noturnos. Na hora em que te distraís desaparece-te tudo.

– Duvido muito que isso aconteça. De qualquer maneira, seria um pouco injusto para mim ter de passar a noite em claro para que possas dormir, não achas?

– A vida é injusta – disse, olhando para a vasta extensão gelada a partir do comboio em movimento. – E ainda bem que assim é. Caso contrário, não nos poderíamos queixar.

Observei estupefacto aquela ressabiada. Calculei que tivesse pouco menos de trinta anos. Pelos vistos, dominava a arte de se meter com desconhecidos. Ou, pelo menos, com os inofensivos como eu. Decidi passar ao contra-ataque:

– O que é que me dás em troca se me mantiver acordado até Moscovo?

– Dou-te o privilégio de me veres dormir. O meu pai sempre dizia que sou um anjo quando fecho os olhos.

– É possível, mas este compartimento está tão escuro que mal consigo ver a tua cara. Não

vou ver o anjo.

– Então aproxima-te mais – disse, baixando a voz.

E a seguir fechou novamente os olhos.

A única maneira de me aproximar era sentar-me ao lado dela, e foi o que fiz, disposto a continuar o jogo. Como se estivesse à espera disso há muito tempo, Diana deixou-se cair no meu colo e abraçou-se aos meus joelhos.

Surpreendido por tamanho à-vontade, apercebi-me de que naquela posição horizontal a lua parecia iluminar o seu rosto. Como um anjo.

Estive a observá-la durante muito tempo enquanto me perguntava se lhe poderia acariciar o cabelo, que se espalhava ondulado sobre as minhas pernas. Respirava profundamente, por isso pensei que de qualquer maneira não acordaria. Quando os meus dedos começaram a tocar nos seus caracóis, ela disse:

– Já não era sem tempo.

A CONSTÂNCIA DA LUZ

Equipado com os seus cinco sentidos, o homem explora o universo à sua volta e a essa aventura chama ciência.

EDWIN P. HUBBLE

Ao acordar no vagão banhado pela luz do dia, apercebi-me de que adormecera com a lembrança da Diana deitada ao meu colo. Isso fez-me começar o dia um pouco nostálgico.

Mas uma figura horizontal à minha frente ajudou-me a tirar a minha «ex» da cabeça. Enquanto eu dormia incómodo no assento, um novo passageiro tinha desdobrado a sua cama e roncava alegremente. Era um cinquentão de constituição forte. Pelo penteado convencional e a camisa de algodão branca, deduzi que era um daqueles comerciais que viajam por todo o centro da Europa a tratar de encomendas.

Solidão absoluta. Era isso que me transmitia este homem que dormia no catre.

O comboio deteve-se num cruzamento ferroviário entre França e a Suíça para que as diferentes polícias pudessem subir. Durante alguns minutos, voltei a pensar com apreensão em Yoshimura e no meu caderno abandonado no cenário do crime.

Quando a guarda da fronteira helvética gritou «*Passkontrolle*» e nos pediu o passaporte, tive a certeza de que o meu caminho terminava ali. Contudo, depois de examinar os papéis com uma lanterna de bolso, devolveu-mos com um protocolar: «*Gute Reise.*»

Assim que a porta do camarote se fechou, o suposto comercial regressou para a sua cama e tratou de conciliar novamente o sono por entre irritantes estalidos de língua. Disse para mim próprio, aliviado, que dentro de duas horas estaria em Zurique, onde ninguém me conhecia, nem para o bem nem para o mal.

Pelo menos era isso que eu pensava.

Antes de mergulhar na leitura do manuscrito que tinha de terminar, o suave balançar do comboio fez-me pensar no exemplo clássico do comboio em marcha para explicar a difícil teoria da relatividade. Einstein tinha-o utilizado frequentemente nas suas conferências para o público em geral.

Segundo as leis do movimento apresentadas por Newton em finais do século XVII, as velocidades de dois ou mais corpos podem somar-se de acordo com as regras da aritmética. Se um comboio viaja a 25 quilómetros por hora e uma criança atira uma bola da janela do vagão, na direcção da marcha, também a 25 quilómetros por hora, a bola voará a 50 quilómetros por hora. Ou seja, as velocidades somam-se.

Contudo, essa aritmética elementar não serve para a luz, cuja velocidade – quase 300 000 quilómetros por segundo – é sempre a mesma. Por isso, um feixe de luz disparado do interior de um foguetão que voasse a 1000 quilómetros por segundo não viajaria a 301 000 quilómetros por segundo, mas sim à mesma velocidade que o faria em terra firme.

A constância da velocidade da luz levou Einstein a descobrir uma série de estranhos fenómenos relacionados. Por exemplo, um objeto vai perdendo comprimento à medida que ganha velocidade, ao mesmo tempo que aumenta a sua massa, que à velocidade da luz seria infinita.

Tinha escrito um guião sobre isso para *La Red*, apesar de não ter percebido nada. O que significa ter massa infinita? Perguntava-me se a luz não seria o resultado de corpos que viajam demasiado depressa e se acabam por desfazer. Seria algo assim. Na verdade, o facto de a massa equivaler a uma certa quantidade de energia e vice-versa, a célebre $E = mc^2$, tinha dado origem à bomba atómica.

O mais difícil era conceber que o tempo se desenrola mais lentamente à medida que a nossa velocidade aumenta. Dito de outra maneira: o tempo é relativo, como demonstraria Einstein na sua teoria publicada em 1905.

Regressando a $E = mc^2$, lembrei-me de como começara o carrossel de acontecimentos que me tinham expulsado da minha rotina. Tudo começara com uma mera especulação, quando disse na rádio que Einstein tinha dedicado a segunda metade da sua vida a elaborar uma teoria secreta que não se atrevera a divulgar. Uma descoberta tão relevante que podia fazer tremer os alicerces de tudo o que somos e daquilo em que acreditamos.

Ri-me da minha própria invenção enquanto o comboio entrava na periferia de Zurique, com os seus pequenos arranha-céus entre o rio Limmat e colinas verdes.

Ao fazer essa afirmação tinha carregado num botão com consequências imprevisíveis, disse para mim mesmo. A seguir a insólita reunião em Cadaqués. A morte de Yoshimura. O contrato de 25 000 dólares. O que mais podia acontecer?

Montei o meu quartel-general no Hotel Adler, um casarão da Rosengasse famoso pela cozinha tradicional do seu restaurante.

Depois de desfazer a mala e ligar o meu pequeno portátil, fui tomar um duche para planear a minha atividade. Apesar de 25 000 dólares ser muito dinheiro, não tinha intenção de delapidá-lo em hotéis suíços e *fondues*. Tinha de programar a viagem de forma austera para completar a biografia de Yoshimura sem gastar muito dinheiro.

Se sobrasse para cobrir as minhas necessidades até ao final do ano, então nesse tempo podia reinventar-me.

Depois de tomar banho, vesti uma roupa limpa e sentei-me diante do computador cheio de otimismo. O primeiro buraco importante no manuscrito correspondia à estadia de Einstein no Instituto Politécnico de Zurique, de modo que o mais provável era ter de consultar os arquivos dessa escola, se ainda existisse.

Antes de mergulhar nessa aborrecida tarefa – o mundo da documentação sempre me entediara –, decidi fazer a pequena investigação que tinha pendente desde a noite do crime. Não gostava de esmiuçar aquele episódio que começava a ficar longínquo, mas era bom saber quem tinha mentido.

Comecei por escrever no Google o nome do próprio Yoshimura somado ao termo «Einstein», para o caso de aparecer algum dado curioso. A busca deu 17 100 resultados com múltiplos candidatos. Pelos vistos, aquele era um apelido tão comum no Japão como García

ou López em Espanha, e por isso havia inúmeros Yoshimura relacionados com algum artigo, curso ou investigação.

Não ia descobrir nada por aquela via.

A busca seguinte, o doutorado em física de Cracóvia, foi abortada antes mesmo de começar. Lembrei-me de que apenas nos tinha dado o seu diminutivo, Pawel. Com isso também não chegaria longe.

Era mais fácil investigar Jensen, o dinamarquês que estava à frente da *Mysterie*. Tive apenas de encontrar o *site* da revista e olhar para a ficha técnica de jornalistas. Efetivamente, constava um tal de «Klaus Jensen, dir.». Mas será que bastava isso para apagá-lo da lista dos suspeitos?

Dei uma vista de olhos às reportagens que estavam no *site*. Apesar de não perceber dinamarquês, as imagens utilizadas e as tipografias grotescas faziam-me suspeitar que se tratava de um verdadeiro lixo.

Faltava verificar uma pessoa, a francesa do traseiro empinado, mas a luz que entrava pela janela disse-me que estava na hora de sair para a rua. À noite teria tempo de fazer de detetive de meia tigela.

Suspirando face ao trabalho que tinha pela frente, procurei na Internet o famoso Instituto Politécnico onde o génio tinha conseguido entrar à segunda oportunidade.

Se tivesse verificado a tempo o nome de Sarah Brunet, o que estava prestes a acontecer teria seguido um curso completamente diferente.

O INSTITUTO POLITÉCNICO

A universidade é um lugar onde os seixos são polidos e se tira o brilho aos diamantes.

ROBERT G. INGERSOLL

Escola Técnica Superior Universitária era o nome que recebia agora o centro onde Einstein se matriculou com 17 anos. Situado em Rämistrasse, tinha crescido consideravelmente desde então.

De 841 alunos e uns quantos professores na época de Einstein, passara a ter 20 000 almas entre estudantes, investigadores e funcionários. Os seus 370 docentes, divididos por 16 departamentos, tinham o orgulho de trabalhar numa instituição que no último século e meio tinha produzido 21 prémios Nobel.

Tudo isto estava largamente referido no manuscrito de Yoshimura, antes de entrar na parte biográfica do pai da relatividade.

Pelos vistos, o que em 1911 se conhecia como o Politécnico de Zurique, fora transferido recentemente para um edifício de maior envergadura graças ao magnata da eletrónica Werner von Siemens, que paradoxalmente tinha contribuído para a ruína do pai e do tio de Albert – tinham uma empresa de material elétrico.

A passagem de Einstein por esta instituição, onde esteve quatro anos, foi certamente brilhante, apesar do professor de matemática ter chegado a chamar-lhe «cão preguiçoso». Já o famoso professor de física, Heinrich Weber, valorizava os dotes para o estudo do jovem Albert, apesar de recriminar a sua rebeldia. «Você é um jovem extremamente inteligente – chegara a dizer-lhe um dia –, mas tem um grande defeito: não ouve ninguém.»

Traduzi mentalmente a secção dedicada aos amores do despistado estudante, que nas suas viagens se esquecia até da mala, o que fazia com que as criadas murmurassem: «Este rapaz não vai chegar a lado nenhum.» Apesar disso, Albert era bastante bonito, ou no mínimo tinha alguns atrativos para as mulheres. Yoshimura dedicava pouco espaço àquele que para mim era o episódio mais interessante até ao momento:

A filha do seu caseiro, que era como uma espécie de pai para Albert, não resistiu aos seus encantos e viveu com ele um romance que depressa se extinguiu. À medida que o jovem génio se afastava dela, Marie Winteler – era esse o seu nome – escrevia-lhe apaixonadas cartas em que lhe dizia coisas como: «Não há palavras para descrever o quão feliz me sinto desde que a tua adorada alma se veio entrelaçar com a minha.» Habitado ao rigor áspero das ciências, depressa se cansou de um amor tão meloso e partiu o coração da rapariga, que sofreu uma depressão nervosa. Demorou a recuperar do desgosto amoroso, mas anos mais tarde casou-se com um suíço que dirigia uma fábrica de relógios.

Einstein precisou de pouco tempo para refazer a sua vida amorosa, uma vez que depois de Marie se cruzou no seu caminho uma estudante sérvia – a única mulher no departamento do politécnico onde Albert estudava – pouco atraente para os gostos estéticos da época, mas incrivelmente inteligente: Mileva Marić.

Após várias horas a passar a pente fino os arquivos do antigo Politécnico de Zurique, já tinha a cabeça às voltas. Tive de passar por um complexo processo de inscrição para poder aceder às fichas dos colegas de turma de Einstein ao longo dos seus quatro anos no centro.

No primeiro buraco que Yoshimura não tinha conseguido tapar – provavelmente porque não tinha visitado aquele arquivo – estava uma nota que especificava o que se esperava agora de mim.

(Quem estudou com A. E.? O que lhes aconteceu profissionalmente depois de saírem do Politécnico? Algum deles chegou a brilhar no campo da física teórica?)

As perguntas eram simples, mas para conseguir responder-lhes e tapar o bendito buraco ia perder o dia todo. Comecei por tomar nota no meu portátil de todos os nomes que acompanhavam Albert nas listas das diferentes disciplinas. Para além daquela que acabaria por ser a sua primeira mulher, Mileva, tive de forçar a vista para interpretar os nomes escritos com uma pena nas cartolinas pautadas.

De seguida, apliquei o método pouco original de ir colando os nomes que tinha copiado no Google. Os resultados foram decepcionantes, mas consegui averiguar que três colegas tinham acabado por se tornar docentes do Politécnico.

Guardei informação em alemão sobre uma dezena de nomes que apareciam relacionados com outras escolas na Suíça.

Para apurar se algum deles se destacara na física teórica, ia precisar de um dicionário de alemão, já que antes precisava de decifrar o que estava escrito sobre aqueles dezassete nomes. O mais importante fora anotar quem eram os colegas de Albert. No hotel podia dedicar-me a essa investigação; até a podia deixar para o final da minha viagem.

Se existira algum outro génio que tinha ajudado Einstein a elaborar as suas teorias, estaria morto há mais de cinquenta anos, pelo que era improvável que viesse a descobrir até um descendente direto que pudesse contribuir com revelações importantes.

Na verdade, completar o livro de Yoshimura ia ser uma chatice. O único perigo que via até agora era morrer de tédio.

Bocejei perante as longas horas de trabalho que se avizinhavam nos dias seguintes. Apesar de estar sentado numa cadeira incómoda em frente a uma secretária do arquivo, fechei os olhos por um instante. Foi então que a voltei a ouvir.

Como se ao fechar as pálpebras se tivesse ativado um lugar secreto na minha memória auditiva, no meu interior ressoou a voz extremamente doce e delicada que falou comigo ao telefone no meu apartamento. Antes de desligar tinha dito: «Cabaret Voltaire.»

Ao escrever esse nome no motor de busca, um calafrio de excitação percorreu-me as costas: tratava-se de um lugar que existia – ou tinha existido – em Zurique.

Um dos resultados da pesquisa dizia o seguinte:

Fundado em 1916 por Hugo Ball, o Cabaret Voltaire foi um clube de Zurique onde se reuniam artistas de espírito provocador. Instalado no andar de cima de um teatro com um programa «sério», acredita-se que neste lugar nasceu o movimento dadaísta, apesar de também ter sido frequentado por artistas de uma corrente derivada: o surrealismo.

Após um período de decadência que se prolongou durante quase todo o século XX, em 2002 o local foi «okupado» pelos neodadaístas comandados por Mark Divo. Com o objetivo de reavivar o movimento dadaísta, o Cabaret Voltaire reviveu durante três meses uma nova idade de ouro, com *performances* diárias, projeções e noites de poesia, uma experiência na qual participaram milhares de zuriquenses. A polícia expulsou os «okupas» em março desse mesmo ano, quando o edifício passou a ser um museu dedicado ao dadaísmo.

Ao fechar a página com esta informação, tive a sensação de que aquela pista me ia levar mais longe do que as aborrecidas listas de alunos.

CABARET VOLTAIRE

Se não chocarmos com a razão nunca chegaremos a lado nenhum.

ALBERT EINSTEIN

Farto de investigar a vida de estudantes de há um século, muitos dos quais se deviam ter tornado engenheiros, decidi sair da gigantesca Escola Técnica em direção ao Cabaret Voltaire, ou ao que restava dele.

Se a mulher ao telefone se tinha dado ao trabalho de me indicar aquele lugar, seria por uma boa razão. Talvez estivesse ali à minha espera, ou, pelo menos, havia alguma coisa no museu do dadaísmo que eu devia ver.

Enquanto procurava a rua onde ficava o *cabaret*, a Spiegelgasse – «ruela dos espelhos» – número 1, intuí que se tratava da mesma pessoa que mandara os postais de Cadaqués. Talvez fosse porque relacionava aquela voz estranhamente melodiosa com a caligrafia do envelope.

Quem seria essa pessoa e o que esperava de mim; talvez a resposta estivesse à minha espera no velho clube.

Não foi difícil encontrar uma fachada cor-de-rosa com o nome em minúsculas: «cabaret voltaire». A porta estava aberta.

Espreitei para o interior com uma certa precaução, apesar do local ficar situado numa das ruas mais movimentadas de Zurique. O andar de baixo estava forrado com uma tela que cobria o chão praticamente todo. Um estranho artefacto metálico andava pelo chão com movimentos bruscos e caprichosos.

Cheio de curiosidade, decidi entrar para ver o que era tudo aquilo. A porta fechou-se atrás de mim com um suave estalido.

Antes de avançar, olhei em volta. Não havia ninguém, à exceção de uma adolescente com o cabelo azul que mascava pastilha elástica atrás de um pequeno balcão onde se vendiam *T-shirts* e pósteres.

Aproximei-me do pequeno artefacto, que afinal era uma espécie de robô que rodava – o dispositivo não se levantava mais do que dez centímetros do solo – com uma fina pistola de pintura. Enquanto se movia de maneira aleatória pela tela, ia disparando jatos de cor negra com os quais formava uma composição abstrata. Fazia lembrar as de Jackson Pollock que tinha visto no MoMA em Nova Iorque.

Aquela curiosa *performance* artística quase me fizera esquecer o motivo que me levava ao Cabaret Voltaire, de modo que me dirigi ao único ser animado do local, além do robô pintor.

A vendedora de *souvenirs* não pareceu ficar muito contente com a minha chegada. Devia ter menos de dezoito anos e tinha as orelhas tapadas com uns volumosos *headphones* da marca *Oboe*. A música *hip hop* estava tão alta que se conseguia ouvir através dos auscultadores.

Fiquei durante algum tempo parado à frente dela, até que finalmente tirou os *headphones* e olhou para mim com ar insolente.

– O que queres? – perguntou-me diretamente em inglês.

– Não estou à procura de nenhum *souvenir*. Quero apenas fazer-te uma pergunta ou duas.

– Espero que seja só uma – resmungou. – Estás-me a fazer perder esta música.

A seguir alisou os totós enquanto aguardava a minha pergunta.

– Há uns dias – comecei a explicar – recebi uma chamada de uma senhora. Pelo tom de voz parecia ser uma mulher mais velha. Falou deste local, de modo que imaginei que se trata de alguém que trabalha aqui... ou pelo menos que é uma visitante habitual do Cabaret Voltaire.

A adolescente fez um balão azul com a pastilha, da mesma cor que o cabelo dela, que rebentou em cima dos lábios antes de me perguntar:

– Onde raio está a pergunta?

Aquela amostra de gente parecia ter sido escolhida para provocar a clientela, mas decidi continuar com o guião que tinha escrito mentalmente.

– A minha pergunta é se, neste museu, galeria ou seja lá o que for, há alguma mulher como aquela que te estou a descrever.

– Não.

Dito isto, voltou a pôr os *headphones* e aumentou ainda mais o volume do *hip hop*.

Tive de respirar fundo para conter a vontade de lhe dar uma bofetada, e voltei a olhar para o robô pintor, que tinha intensificado o seu trabalho sobre a tela. Como se a sua programação tivesse entrado numa fase decisiva, de repente acelerava em frente e voltava para trás, soltava um jato de tinta preta e virava-se de imediato.

Desconcertado, preparava-me para sair do Cabaret Voltaire quando reparei numa escada que subia para o segundo andar. Tratava-se de um minúsculo bar que se resumia a duas poltronas, uma máquina de café e uma máquina com latas de cerveja.

Atacado por uma sede repentina, decidi tirar uma daquelas cervejas e bebê-la de uma só vez antes de me ir embora dali.

Por cinco francos suíços consegui uma *Heineken* gelada. Sentei-me a bebê-la numa poltrona a partir da qual se contemplava o panorama deprimente: o robô pintor a apressar-se pela tela, e a não menos robótica adolescente dos totós azuis.

– Estou-me nas tintas – disse para mim próprio enquanto dava um grande gole.

Entre as duas máquinas de bebidas havia um póster enorme com o manifesto dadaísta de Tristan Tzara:

A magia de uma palavra

– DADÁ – que pôs os jornalistas

à porta de um mundo

imprevisto, não tem para nós

nenhuma importância.

Para lançar um manifesto é necessário: A, B, C. Irritarmo-nos e aguçar as asas para conquistar e propagar muitos pequenos e grandes a, b, c, e afirmar, gritar, blasfemar, acomodar a prosa numa maneira absolutamente óbvia, irrefutável, provar o próprio *non*

plus ultra e suster que a novidade se assemelha à vida como a última aparição de uma *cocotte* prova a essência de Deus.

O texto – pura banalidade – continuava numa centena de linhas cheias de coisas absurdas, mas eu já tinha abandonado a leitura. De repente tinha-se feito um absoluto silêncio, porque o motor do robô parara. Ou tinham acabado as pilhas ou já tinha terminado a sua obra.

Esvaziei a lata de um trago e olhei para a tela. O que vi atingiu os meus olhos como uma bomba visual:

SEXTA-FEIRA

MEIO-DIA

BERNA

ROSENGARTEN

Dado que três das quatro palavras desenhadas pelo robô estavam em castelhano, era óbvio que a mensagem se dirigia a mim.

Desci as escadas praticamente a voar e pus-me diante das quatro palavras que se destacavam nitidamente por entre o mar de borrões negros. A seguir dirigi-me com passo enérgico para a rapariga de cabelo azul, que continuava indolentemente atrás do balcão.

– Quem é que o programou? – perguntei, levantando a voz.

A adolescente tirou os auscultadores e limitou-se a franzir o sobrolho.

– O robô pintor – insisti. – Quem é que o programou?

Olhou-me com um ar irónico antes de responder:

– Deus misericordioso.

O JARDIM DAS ROSAS

Há uma única felicidade na vida: amar e ser amado.

GEORGE SAND

Passei uma noite de cão a tentar decifrar o sentido de tudo aquilo. A cama do Hotel Adler era confortável, mas a mensagem no Cabaret Voltaire tinha-me deixado com a cabeça às voltas.

Quando o sol começou a raiar na cidade helvética ainda não tinha pregado olho. Ainda assim, saltei da cama com a ideia de me dirigir à estação de comboios sem mais demoras. Não sabia exatamente o que era o Rosengarten – «jardim das rosas» – de Berna, mas era óbvio que alguém estaria ali à minha espera ao meio-dia.

Enquanto descia as escadas do hotel, desejei que aquela fosse a última mensagem. Já era altura de que quem tinha lançado o isco desse a cara de uma vez por todas.

Nos minutos antes da saída do comboio consegui comprar um pequeno guia de Berna para tentar localizar o tal jardim.

Uma vez na carruagem, comecei a folheá-lo sem muita pressa. Apesar de a viagem ser curta, era o suficiente para me dar uma ideia da pequena capital, cujo nome vinha de Bären, que em alemão significa «ursos». Pelos vistos, durante vários séculos tinham vivido ursos naquela cidade, razão pela qual havia sempre três exemplares dentro de um fosso em pleno centro.

Saltei a parte da história para ir para as atrações da cidade, para além da Torre do Relógio com o seu carrossel de quatro minutos que se ativava a cada hora em ponto.

Entre os museus, destacava-se o de Belas Artes e o de Einstein. Aqui detive-me, no exato momento em que o comboio partia rumo ao meu próximo destino:

Inaugurado em 2007, o Museu Einstein está situado em Helvetiaplatz n.º 5 e compreende uma área de 1200 metros quadrados onde se podem ver objetos pessoais do cientista que viveu em Berna no início do século XX, onde tinha arranjado um emprego num escritório de patentes. A exposição inclui ainda documentos, experiências e uma fascinante visita virtual pelo cosmos em que se explicam as teorias revolucionárias de Einstein. Como complemento do museu, pode-se também visitar a casa onde Einstein viveu na cidade de Berna, situada na Kramgasse 49.

Aquela era sem dúvida uma paragem obrigatória para mim, já que alguns dos objetos podiam trazer uma nova luz aos pontos cegos da biografia de Einstein, que eu tinha parado de ler no momento em que ele conhecera Mileva.

Antes de regressar à espessa biografia de Yoshimura, encontrei no guia uma caixa de texto

que falava do Jardim das Rosas. Pelos vistos, era um parque no alto de uma pequena colina onde crescem mais de duzentas e vinte espécies diferentes de rosas. No estilo foleiro próprio dos guias, acrescentava que «com um pouco de sorte, na subida pode encontrar pica-paus».

À medida que o comboio passava por um vale com aldeias de postal, imaginei que era apenas um turista num *tour* de lazer. Podia ser um desses homens inconformistas que viajam sozinhos para viver experiências estéticas absolutas, mas que acabam a noite numa casa de prostitutas qualquer.

Abri o manuscrito no capítulo dedicado a Mileva Marić.

A primeira esposa de Einstein tinha nascido em 1875 em Titel, na província sérvia de Voivodina, que contava com uma importante minoria húngara.

Desde criança que era um verdadeiro génio a matemática, e aos quinze anos foi aceite no Colégio Real de Zagreb para assistir às aulas de física, algo reservado apenas aos homens. Após frequentar um semestre de medicina na Universidade de Zurique, foi a primeira mulher a estudar matemática no Instituto Politécnico; ali conheceu Einstein.

Tinha acabado de fazer vinte e um anos, mais três e meio do que Albert, e tinha uma deslocação congénita na anca que a fazia coxear.

Conheceram-se em 1896, quando ambos estavam no primeiro ano, mas o amor deles ainda demoraria um ano a florescer. Na verdade, Mileva assustou-se tanto ao aperceber-se dos seus sentimentos pelo jovem alemão, que deixou o Politécnico durante um ano para frequentar como leitora a Universidade de Heidelberg. Mas a correspondência trocada entre ambos não fez mais do que aumentar a sua paixão.

Em 1898, Einstein terminou os seus exames. Foi o primeiro da turma, seguido de perto pelo seu amigo Marcel Grossman, que uns anos mais tarde o ajudou a encontrar trabalho no escritório de patentes de Berna. Após terminar a sua tese, em 1900 licenciou-se e tornou oficial a sua relação com Mileva, apesar da oposição radical da família Einstein.

Um ano mais tarde, ela ficou grávida. Como ainda não estavam casados, mantiveram em segredo o nascimento de Lieserl, que foi dada para adoção. Devido a este «acidente», Mileva teve de abandonar o Politécnico sem terminar os estudos.

O casamento entre Albert e Mileva teve lugar em 1903. Nessa altura já Einstein trabalhava no escritório de patentes como especialista técnico de terceira classe. O trabalho não era muito exigente, de modo que pôde dedicar horas para esboçar os artigos que o tornariam mundialmente famoso.

*

Eram apenas onze horas quando cheguei a Berna, que naquela sexta-feira exibia uma plácida animação. Após perguntar onde ficava o Rosengarten, embrenhei-me naquilo que parecia ser a rua principal da zona antiga.

Não me detive em nenhuma das antigas cervejarias, porque a minha prioridade era chegar ao lugar do encontro para agarrar pelos colarinhos quem quer que fosse que estava a brincar comigo.

Por isso mesmo, também não prestei atenção ao fosso dos ursos, percorrido naquele momento por um animal taciturno.

Era ali mesmo que começava a subida para o Jardim das Rosas, onde duvidava que me esperasse alguém. Quando muito, um novo sinal para me dirigir a qualquer outro lugar, disse para mim mesmo. E assim até me faltar.

Estava tão resignado, que até chegar à entrada do jardim não me apercebi de que tinha alguém à minha espera. Uma mulher esbelta observava-me com os braços cruzados sobre um vaporoso vestido vermelho.

Cego pelo sol que se refletia nas rosas, só me apercebi quem era a dama de vermelho quando já estava a poucos metros dela. Não era outra senão Sarah Brunet.

O REENCONTRO

A informação é poder.

MÁXIMA JORNALÍSTICA

— **Q**ue diabo faz aqui? — perguntou indignada. — Anda a seguir-me?
Por um momento, quis ripostar que era eu quem se sentia perseguido e arrastado para toda a parte, mas ela estava demasiado furiosa para ouvir as minhas explicações. Limitei-me a dizer com fingido desapego:

— Uma senhora idosa convidou-me a visitar o Cabaret Voltaire de Zurique. E aí foi-me dada a ordem de vir a este jardim de rosas. Agora percebo que valeu a pena madrugar. E você? Quem ou o quê a guiou até aqui?

— Não é da sua conta. Mas podemos reparar esta infeliz coincidência de forma pacífica. Peço-lhe que siga o seu caminho como se não me tivesse visto. Tenho um encontro.

Ofendido, estava prestes a dar meia-volta deixando Sarah Brunet rodeada de espinhos, quando um homenzinho de fato e gravata veio na minha direção. Apesar de ter o cabelo completamente branco, parecia atlético dentro da sua pequenez. Talvez para provar o seu vigor, apertou-me fortemente a mão enquanto se apresentava:

— Sou Jakob Suter — disse num castelhano perfeito. — Onde estão os outros dois?

Perguntou isto depois de cumprimentar a francesa levantando levemente a mão.

— De que está a falar? — respondeu ela bastante irritada. — No posto de turismo prometeram-me um guia só para mim. Não paguei cento e quarenta francos suíços para fazer parte de uma excursão.

O tal Jakob tirou um pequeno cachimbo do bolso do casaco e acendeu-o pacientemente antes de responder com um sorriso:

— A mim disseram-me que eram quatro. Sabiam que eu sou a autoridade máxima de Berna no que diz respeito a Einstein? Estão com sorte. Não há uma esquina por onde esse louco despenteado tenha passado que eu não conheça.

Visto que Sarah parecia continuar aborrecida, decidi que era hora de tomar a palavra:

— Sabe se as outras duas pessoas também falam castelhano?

— Claro que sim. Caso contrário não os teriam posto no mesmo grupo. E já agora, onde estão? A minha folha de serviço diz que devo apanhar aqui três cavalheiros e uma senhora.

Sarah e eu trocámos o primeiro olhar cúmplice desde aquele inesperado reencontro. Ambos sabíamos perfeitamente quem eram os outros «dois cavalheiros» que faltavam: Pawel e Jensen. A mesma mão oculta que nos tinha reunido em Cadaqués arrastava-nos agora numa excursão privada pela Berna de Einstein.

De qualquer maneira, se o guia era um verdadeiro especialista, podia ser uma grande ajuda

para completar as lacunas que tinha o manuscrito de Yoshimura naquele capítulo. Que a bonita francesa também ali estivesse era um pouco insólito, mas de modo algum desagradável.

Pelos vistos, ela não pensava da mesma maneira, visto que quando o guia começou a andar e indicou que o seguíssemos, disse-me ao ouvido:

– Recuso-me a continuar a participar nesta farsa. Isto é ridículo! Não me importo de devolver o adiantamento. Ao fim e ao cabo não estou nisto por dinheiro.

Não podia acreditar no que estava a ouvir. Parecia que, a cada passo, aquela missão se tornava mais absurda e incompreensível. Fui direito à questão.

– Vou tomar a liberdade de te tratar por tu. Desculpa que te faça esta pergunta, Sarah, mas é preciso começar a descortinar este quebra-cabeças. Alguém te encarregou de completar uma biografia de Einstein? É o seu autor um tal Yoshimura, que descanse em paz?

Como resposta, a francesa apertou os lábios com cara de poucos amigos. Era óbvio que não me ia facilitar as coisas.

Ao chegarmos ao fosso dos ursos, Jakob Suter levantou a palma da mão para que nos detivéssemos. Temi uma aborrecida explicação sobre o emblema de Berna, mas não era essa a sua intenção:

– Esperem aqui por mim cinco minutos. Vou ao posto de turismo ver se os extraviados foram lá e estão à nossa espera. Pagaram e não os posso deixar sem fazerem a visita. Dois são dois e quatro são quatro.

Dito isto, levantou mais uma vez a palma da mão para pedir que esperássemos ali por ele. De seguida dirigiu-se em passos rápidos para a rua principal.

A francesa olhou para mim com ar aborrecido. Quando Jensen e Pawel aparecessem o clima ia tornar-se irrespirável. Para aliviar a tensão, indiquei-lhe um pequeno café a poucos metros dali.

– Estou a morrer de sono. Acompanhas-me para tomar um café enquanto esperamos pelo guia?

Sarah ficou hirta ao ouvir o que eu disse, como se a minha proposta não fosse de todo aceitável. Por fim encolheu os ombros com resignação e aceitou.

Pedi um café expresso, que enchi de açúcar para que o sangue me regressasse à cabeça. De repente sentia-me exausto. Ela não pediu nada. Limitava-se a perscrutar-me com os seus olhos azuis como se eu fosse um energúmeno.

Decidi fazer uma última tentativa para quebrar o gelo. Ia utilizar uma história que tinha usado com êxito num guião de *La Red*.

– Vou contar-te uma história que faz todo o sentido, dada a situação – disse. – Queres ouvi-la?

– Vais contá-la de qualquer maneira, por isso continua.

– Um jovem casal estava a tomar banho quando de repente bateram à porta de casa deles. Depois de discutirem quem ia abrir a porta, a mulher acabou por sair do duche muito contrariada. Tapou-se com uma toalha e, a pingar, foi abrir a porta. Ao fazê-lo descobriu que quem estava a tocar era o vizinho do sexto andar, que lhe disse: «Dou-te mil euros se deixares cair a toalha ao chão e me mostrares o teu corpo nu.»

Sarah abandonou o seu olhar impenetrável e olhou-me com curiosidade, como se não soubesse definir que espécie de idiota tinha diante dela.

– A mulher ficou em estado de choque perante uma oferta tão estranha mas ao mesmo tempo tentadora – continuei. – «Vá lá, são mil euros e tens apenas de deixar cair a toalha ao chão», insistiu o vizinho enquanto lhe mostrava duas notas de quinhentos euros novinhas. Ela começou a hesitar, e perguntou-lhe: «Apenas a toalha? Só isso?» E o vizinho respondeu: «Apenas isso. Deixas cair a toalha e dou-te mil euros.» Finalmente a mulher concordou, convencida de que aquela era uma maneira muito fácil de ganhar mil euros. Lentamente, soltou a toalha e deixou-a cair no chão mostrando o seu corpo nu, enquanto o vizinho a olhava de cima a baixo. A seguir, tal como lhe tinha prometido, deu-lhe mil euros e foi-se embora. A mulher, ainda embasbacada com o que acabara de acontecer, voltou a pegar na toalha e regressou para o duche, para junto do seu namorado, que lhe perguntou quem era. «Era... o vizinho do sexto andar», respondeu ela procurando disfarçar o que tinha acontecido. «Ótimo!», exclamou ele. «Devolveu-te os mil euros que lhe emprestei?»

A francesa esboçou um sorriso condescendente. Antes de acrescentar a conclusão, admirei de esguelha a sua silhueta por baixo do vestido vermelho. Desejei ardentemente ser o vizinho do sexto andar e ela a mulher do duche.

– Esta história ilustra os perigos de não se partilhar toda a informação com os companheiros. Por isso acho que devíamos...

Um barulho vindo da rua deixou-me sem fôlego. A este juntaram-se duas vozes histéricas que gritavam alguma coisa como «*Hilfe! Hilfe!*»

Saí a correr do café para ver o que se passava, sem verificar se a minha bela companheira me seguia. Uma dezena de pessoas tinha-se juntado à volta do fosso dos ursos, que emitiam grunhidos nervosos.

Antes de perceber o que tinha acontecido, aproximei-me eu também e foi então que o vi: o corpo ensanguentado de Jakob Suter estava no fundo, com a cabeça separada do corpo por um golpe certo.

ESCAPAR DO URSO

A vida é muito perigosa. Não por causa das pessoas que fazem mal, mas sim por causa das que se sentam a ver o que se passa.

ALBERT EINSTEIN

Apolícia tinha isolado todo o perímetro à volta do fosso, enquanto os primeiros carros das televisões procuravam obter imagens do «infeliz acidente».

Era essa a versão dos factos que estava a ser transmitida nas rádios, segundo nos explicou prontamente o taxista de origem indiana. Dirigíamo-nos ao Hotel Marthahaus, onde Sarah estava hospedada. Eu tinha apenas a minha mala e muitas perguntas sem resposta. De qualquer maneira, ambos concordámos que o melhor que tínhamos a fazer era sair de circulação por algumas horas.

– Achas mesmo que caiu enquanto tentava alimentar um urso? – perguntei à francesa, que vigiava de esguelha o condutor.

– Mais depressa acredito que o empurraram num momento em que não passava nenhum turista – disse muito séria, enquanto alisava o vestido vermelho sobre os joelhos muito bem torneados. – Apesar de o muro não ser assim tão baixo para alguém cair com um simples empurrão. Era preciso...

– Um par de «cavalheiros» para mandar o Jakob Suter para o meio dos ursos. Agora já sabemos porque não apareceram no Jardim das Rosas. Tinham algo mais importante para fazer.

– Estás a pensar no Jensen e no Pawel?

Dado que a nossa situação se complicava cada vez mais, era um alívio que a Sarah tivesse decidido começar a falar, apesar de ainda não me ter revelado qual era o seu papel naquele jogo mortal.

– São dois possíveis candidatos, dado que estavam em casa de Yoshimura no dia do crime. Apesar de tu também te encontrares lá – acrescentei –, e isso torna-te tão suspeita quanto Jensen e Pawel.

– Não da morte do guia, visto que estava no café contigo.

– Isso não prova nada. A maioria dos assassinatos são encomendados a terceiros – disse para continuar o jogo. – Não seria próprio de uma senhora como tu sujar as mãos lançando um pobre homem aos ursos.

– Também não seria muito inteligente da minha parte – sorriu irónica –, visto que já lhe tinha pago cento e quarenta francos suíços para que me mostrasse a Berna de Einstein. Agora terei de me desenrascar sozinha.

– Não estás sozinha, podemos...

Ao chegar a este ponto, Sarah recuperou a frieza com que me tinha recebido no

Rosengarten.

– ...podemos esperar que o temporal acalme em quartos separados. Depois, cada um segue o seu caminho.

– Pelo menos podias contar-me quem te mandou vir ao Jardim das Rosas.

A francesa respondeu com um eloquente silêncio.

O táxi tinha parado à porta do Marthahaus, que parecia mais uma pensão do que um hotel. Enquanto deixava a Sarah pagar a viagem, lembrei-me do que tinha dito em casa de Yoshimura: estava a terminar uma tese de doutoramento sobre Milena Marić.

Isso justificava uma viagem à Suíça, onde a primeira esposa de Einstein vivera como estudante, mas a sua presença em casa do japonês e o nosso encontro no Rosengarten ao meio-dia revelavam que alguém estava a mover as peças de fora do tabuleiro. O jogo já começara, apesar de não sabermos quais eram as regras.

Uma vez no *hall* do hotel, ela pegou na sua chave e começou a subir as escadas em direção ao quarto. A cada passo, as suas ancas esticavam a seda vermelha que as aprisionava.

Sarah deve ter reparado que a observava embasbacado ao pé das escadas, visto que se virou para mim e me disse lá de cima:

– Talvez mais tarde possamos «partilhar informação», para que não me aconteça aquilo do duche e da toalha.

A seguir, despediu-se com um sorriso e desapareceu da minha vista.

Paguei um preço escandaloso por um quarto no último andar do Marthahaus. Enquanto a tarde caía sobre Berna, entretive-me a ver televisão na cama. Estava demasiado cansado para pensar com clareza sobre o que estava a acontecer.

Detive-me num programa em inglês sobre sobrevivência, onde explicavam o que fazer se uma pessoa se encontrasse cara a cara com um urso no meio do campo. Não diziam nada sobre ser atirado para um fosso com ursos.

O especialista de serviço aconselhava a não mostrar ao animal nem demasiada confiança, nem pânico, visto que o urso interpretava ambas as atitudes como uma ameaça para a sua integridade. Por isso, não se deve correr, porque o animal iria caçar-nos a uma velocidade duas vezes superior à humana, e muito menos gritar. O melhor é mostrar uma atitude ausente – como se isso fosse fácil perante uma besta de meia tonelada – e não olhá-lo diretamente nos olhos.

Isso e rezar a todos os santinhos.

Se o urso se puser de pé à nossa frente, não há porque tomar isso como um sinal de agressividade, dizia. Trata-se simplesmente de uma postura comum nestes animais para ver, ouvir e cheirar o que se passa ao seu redor.

Sentado sobre uma rocha, o especialista assinalou com um pau uma grande pegada na terra e explicou que as reações dos ursos são imprevisíveis. Podem interpretar qualquer gesto humano, mesmo que seja amistoso, como uma ameaça.

Por último, lembrou que se trata de um animal muito forte, capaz de partir a espinha a uma vaca ou arrancar a cabeça a um homem de um só golpe.

Foi nessa altura que apaguei a televisão, enquanto me lembrava do que tinha visto duas

horas antes no fosso. A visão do corpo despedaçado de Suter tinha-me impressionado, mas a seguir não sentira nenhuma emoção especial. E de repente a cena regressou à minha cabeça e revirou-me o estômago. Tive de me levantar da cama para ir vomitar.

Meti-me entre os lençóis empapado em suor frio. Ao fechar os olhos, veio-me à cabeça a imagem do guia de fato e casaco com o seu cachimbo na mão e um sorriso nos lábios. O urso tinha-o arrancado de um só golpe.

Yoshimura. Jakob Suter. O próximo podia ser eu.

SELOS USADOS

Cada carta é uma expectativa fechada num envelope.

SHANA ALEXANDER

Acordei com dois golpes suaves na porta. Precisei de algum tempo para me lembrar de onde estava. Tinha adormecido com a luz do dia e, ao abrir os olhos na penumbra, não sabia se estava em Zurique, em Berna ou no fosso dos ursos.

– Estás aí?

Reconheci a voz suave e educada de Sarah. Por causa do vomitado, um cheiro ácido impregnava o quarto. Como tinha vergonha de que ela se apercebesse, disse:

– Estou despido. Saio já.

– Espero por ti lá em baixo. Quero mostrar-te uma coisa.

Tomei um duche refrescante em meio minuto antes de vestir a minha última muda de roupa limpa. Se conseguisse ficar mais do que um dia na mesma cidade, mandaria a minha roupa para a lavandaria.

Cinco minutos mais tarde já estava no *hall* do hotel, onde Sarah me esperava com um vestido branco curto e um fino envelope castanho na mão. Quando mo passou para as mãos sem mais explicações, vi que era idêntico ao que continha o funesto postal que dera início a toda aquela loucura.

– Acabaram de mo entregar no quarto. Disseram que tinha sido trazido por um mensageiro. E o mais curioso é que vem em nome dos dois.

Aproximei o envelope de um candeeiro de pé para estudar a caligrafia antiquada que já conhecia. Com efeito, o misterioso remetente tinha escrito na linha superior o meu nome completo, com «Sarah Brunet» mesmo em baixo.

Senti uma estranha satisfação ao ver os dois nomes juntos, apesar de ter mais do que motivos para me inquietar. Quem ditava as regras daquele jogo sabia a toda a hora onde me encontrava e com quem. Se se tratava da mesma pessoa que matara Yoshimura e o guia, tinha apenas de escolher o melhor momento para me dar um passaporte para o outro mundo.

– Não queres ver o que está dentro? – perguntou Sarah.

Olhei-a de esguelha, surpreendido com aquela ânsia repentina para «partilhar informação».

O que encontrei dentro do envelope pareceu-me francamente dececionante: vinte selos usados de 50 liras italianas. Eram todos iguais: mostravam uma pintura renascentista de Eva no paraíso e tinham carimbos de Florença.

Se era para seguir alguma pista, a cidade dos Medici era a única que saltava à vista.

– Einstein também esteve em Florença? – perguntei.

– Penso que sim. Em 1895 a sua família instalou-se em Milão para fazer negócios. Albert

fez naquela época longas viagens a pé por todo o Norte de Itália.

Devolvi-lhe o envelope com os selos enquanto lhe perguntava:

– Isso significa que agora devemos ir para Florença?

– Devemos...? – repetiu a francesa.

– Cada um por sua conta, claro – acrescentei com ironia.

– Não me consta que haja ali alguma casa onde Einstein tenha vivido, nem nenhum lugar com especial interesse para a sua biografia.

– Deduzo então que também estejas a trabalhar no manuscrito de Yoshimura. Será que esse editor é assim tão desconfiado que pagou duas vezes pelo mesmo trabalho? Deve ter medo de que um de nós não cumpra... Se é que não encomendou a mesmo missão a nós os quatro que estivemos em Cadaqués.

Pela intensidade com que os olhos azuis da francesa me observaram, soube que a minha hipótese estava certa. Para minha surpresa, disse de seguida:

– Ou talvez tenha medo que alguém vá eliminando os redatores e queira que pelo menos um chegue vivo até ao final.

Pelos vistos, também ela estava na corrida, pensei. Aquilo de chegar até ao fim fez-me lembrar a minha fatídica intervenção no programa de rádio e a curta mensagem no postal: «Efetivamente, há uma última resposta».

– Enquanto estivermos vivos – concluí –, teremos de comer alguma coisa. Posso convidar-te para jantar?

A Albertus Pfanne – «panela de Alberto» – fumegava prometendo sabores difíceis de digerir. Dois ovos estrelados enfiados numa montanha de carnes e batatas esperavam a estocada do meu garfo.

A minha acompanhante tinha pedido uma grande salada da qual separava os tomates. Uma garrafa de *Merlot* de Ticino completava o inesperado festim. A tragédia no fosso dos ursos parecia, naquele restaurante à luz das velas, tão longínqua como uma estrela que se desintegra no espaço e no tempo.

Com o segundo copo de vinho, decidi indagar um pouco mais sobre a vida da minha atraente amiga, apesar de naquele momento a encomenda sobre Einstein ser a última coisa que me interessava.

– O que te levou a interessares-te pela Mileva? Era sem dúvida uma personalidade fascinante, mas parece-me um pouco excessivo dedicar-lhe uma tese de doutoramento. Dá para tanto?

– Dá para isso e muito mais – respondeu com firmeza. – O seu mundo não começou e acabou com Albert. Esteve em contacto com muitas outras personalidades-chave da sua época. Chegou a travar amizade com o próprio Nikola Tesla.

Enquanto Sarah se servia de um terceiro copo de vinho – não esperava que ela bebesse que nem uma esponja –, procurei localizar o tal de Tesla nos meus arquivos mentais. Achava ter escrito alguma coisa sobre ele nos meus primeiros tempos na rádio. Era um inventor contemporâneo de Edison, ou algo assim.

Apesar de só ter partido há três dias, Barcelona parecia estar a anos-luz. Pela primeira vez

em muito tempo, sentia-me livre para ir e vir de onde quisesse. É verdade que o jogo onde me tinha metido parecia ir devorando os seus participantes, mas naquele momento só me interessava Sarah Brunet.

Quando pediu ao empregado uma segunda garrafa de vinho, percebi que naquela noite podia acontecer alguma coisa entre nós.

À medida que os copos iam ficando vazios, ela ia ficando mais faladora, como se estivesse a revelar a sua verdadeira essência por baixo da capa da formalidade, mas isso não me importava. Pelo contrário, os seus olhos azuis a brilhar ébrios na brancura da sua pele tornavam-na ainda mais irresistível.

Comecei a pensar que tinha sido excessivo pedir a segunda garrafa de *Merlot* quando vi a Sarah regressar da casa-de-banho aos esses. Ofereceu-me o braço e disse:

– Voltamos para o hotel?

O HOMEM QUE INVENTOU O SÉCULO XX

O futuro porque tanto trabalhei é o meu.

NIKOLA TESLA

A curta caminhada até ao hotel foi um festival de gargalhadas e tropeções. Quando Sarah não tropeçava nas pedras, tinha de segurá-la para que não fosse contra algum transeunte noturno. Parecia que aquela era a primeira vez na vida que apanhava uma bebedeira.

Quando chegámos ao Marthahaus também eu já tinha a cabeça a andar às voltas, como se o ar alpino tivesse acabado por turvá-la. Tanto oxigénio puro não podia ser bom para um rato da cidade como eu.

O elevador estava a ser arranjado naquele momento, mas apercebi-me logo de que a francesa não conseguia subir as escadas sem cair. Adotando o papel de sedutor à antiga, peguei-a ao colo sem lhe pedir licença. Pelo riso que deixou escapar, não se pareceu importar.

No meu estado, a subida ao segundo andar apresentava alguns problemas técnicos, mas finalmente consegui chegar até à sua porta sem que acabássemos estatelados no chão.

Como se ao ver-se perto do ninho tivesse acordado de novo para a vida, saltou dos meus braços com relativo equilíbrio. De seguida deu-me a chave para que eu próprio abrisse a porta. Ao acender a luz, fiquei surpreendido por ver meia dúzia de peças de roupa no chão. Pus-me em alerta a pensar que alguém tinha entrado no quarto durante a nossa ausência.

– O que foi? – perguntou ela ao ver-me tenso.

– Há roupas espalhadas pelo chão.

– Que comentário mais parvo! O que é que isso tem de extraordinário? Fui eu que as deixei.

A seguir, sentou-se na cama de casal e descalçou-se atirando os sapatos com um movimento hábil.

Eu hesitava entre aproximar-me suavemente dela e beijá-la, ou sentar-me ao lado dela e esperar que a francesa tomasse a iniciativa. Por fim escolhi a última hipótese. Sarah abriu então a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou duas páginas de revista agrafadas.

– Toma, quero que leias este artigo – disse. – É sobre Tesla.

– Às três da manhã e com um litro de vinho no corpo, acho que podes compreender que me esteja a borrifar para Tesla.

Como se eu fosse uma criança malcomportada que é preciso educar, olhou-me com uma expressão severa. De seguida dobrou o artigo em quatro e meteu-mo à força no bolso das calças.

– Nada de Tesla! – protestei, continuando com a brincadeira.

Sarah soltou uma gargalhada. A seguir pôs a mão no meu ombro e sussurrou:

– Queres dormir comigo?

Deixou-me sem palavras. Mas antes de conseguir dizer alguma coisa, ela própria respondeu:

– Pois terá de ficar para outra vez, porque estou morta de sono. Agora vai-te embora.

Depois de ser humilhado por Sarah, deitei-me na cama do meu quarto com a autoestima de rastos.

Passada a fase do enjoo e da excitação, o álcool tinha-me levado para um limbo parecido à vigília. Convencido de que não conseguiria dormir por mais voltas que desse, fiz *zapping* pela televisão, mas só havia programas deprimentes de tele vendas ou filmes já a meio, e eu não me sentia com forças para tentar percebê-los.

Acabei por apanhar do chão o artigo em inglês que a Sarah me tinha dado e que eu estivera a ponto de rasgar em pedaços.

Era um resumo vulgar da vida e milagres de Nikola Tesla, um sérvio nascido na Croácia numa noite de tempestade elétrica, uma verdadeira premonição do que seria a paixão da sua vida.

Num mundo iluminado pelas velas, este incansável engenheiro não tardou a conceber um transformador de eletricidade igual ao que se utiliza hoje em dia. Ao longo da sua vida patenteou muitos outros inventos, entre eles a tecnologia *wireless*: um sistema de transmissão de eletricidade sem fios que se antecipava um século à tecnologia atual.

Além de inventar o transmissor de rádio que daria fama a Marconi, manteve com Edison a chamada «guerra das correntes». Tesla esforçou-se por demonstrar a superioridade da corrente alternada face à corrente contínua que Edison propunha. Os seus estudos sobre o magnetismo fizeram com que denominassem de «tesla» a unidade de medida do campo magnético do Sistema Internacional de Unidades, em sua honra.

Depois de desenhar a primeira central hidroelétrica, na mesma época em que Einstein se graduou no Politécnico de Zurique, Tesla começou a embarcar em projetos cada vez mais ambiciosos. Foi para Colorado Springs para aí fazer experiências com ondas terrestres e ambientais. Aí começou a afirmar que recebia no seu rádio sinais de vida em Marte, cujos habitantes tinham vivido na Terra anteriormente. Nessa mesma linha de trabalho, propôs-se a iluminar o deserto do Saara para que os habitantes de outros planetas pudessem contemplar a Terra.

Dedicou os seus últimos dias a projetar uma arma denominada «Raio Mortal», um feixe eletromagnético capaz de – segundo o seu inventor – derrubar uma frota de dez mil aviões a quatrocentos quilómetros de distância. Parecia-se com o «raio de partículas» que em teoria se desenvolveu durante a Guerra Fria. Os seus arquivos foram confiscados pelo governo norte-americano, pelo que se acredita que mais do que um projeto de Tesla não viu a luz do dia.

Ao terminar a leitura, percebi por que razão o autor do artigo se alongava tanto na dimensão mais fantasiosa e especulativa de Nikola Tesla. Para compreender bastava olhar para o nome do autor do artigo: Klaus Jensen.

Apesar de ter sido tirado de uma versão da Internet de uma publicação norte-americana, o facto de Sarah ter dado com aquela reportagem e a ter imprimido para mim deixava-me inquieto. Fazia-me suspeitar que a casa de Cadaqués não tinha sido o primeiro lugar onde a francesa e o diretor da *Mysterie* se tinham encontrado.

Qual o papel de Jensen naquela trama era algo que ainda estava longe de compreender.

O HIERÓGLIFO

Nenhum problema pode ser resolvido pelo mesmo grau de consciência que o gerou.

ALBERT EINSTEIN

Era quase meio-dia quando desci para ir tomar o pequeno-almoço com a cabeça a latejar. A caprichosa química do álcool tinha-me deixado acordado até às seis da manhã. Depois de ler o discutível artigo de Jensen, publicado numa revista inglesa de segunda categoria, demorei um bom bocado a adormecer, mas a ressaca não dava tréguas.

O restaurante do Marthahaus estava bastante animado naquele sábado ao meio-dia. Junto a uma das janelas vi Sarah Brunet fresca que nem uma rosa, a ler o *L'Express*, uma revista suíça em francês.

Cumprimentou-me brevemente sem abandonar a leitura, o que de início interpretei como um sinal de vergonha por causa do descontrolo na noite anterior. Contudo, quando ao terminar o artigo deixou cair a revista na mesa, não me pareceu ver nenhum rasto de rubor na sua expressão.

Aquela mulher deixava-me desconcertado. A sua fria elegância sedutora não encaixava com aquelas roupas espalhadas pelo quarto, nem com os excessos cometidos na noite anterior. Existia uma Sarah conservadora de dia e outra completamente diferente à noite?

Desejei que assim fosse e que a nossa aventura ainda durasse umas quantas noites. Entre outras vantagens, isso significava que continuávamos vivos.

– Leste o artigo sobre Tesla?

– Sim – disse enquanto levava a chávena de café aos lábios. – Mas tenho as minhas reservas sobre a sanidade de quem o escreveu.

– Tudo aquilo que diz é verdade – respondeu muito séria. – Apesar de Jensen ter deixado deliberadamente alguns dados reveladores no tinteiro.

– Como assim?

– Há uma hipótese polémica que se costuma citar quando se fala de Tesla e que Jensen omitiu. Suspeito que não quer que mais ninguém investigue nessa direção. Por isso estava tão interessada em que lesse o artigo: o mais significativo é aquilo que não diz.

– Importas-te de ser mais clara? Estou com uma ressaca enorme e não me vejo com forças para adivinhar o que é que o dinamarquês louco não disse no seu artigo.

Sarah bateu suavemente com o envelope fantasma na toalha branca, o que fez com que caíssem os selos estampados em Florença antes do euro. Enquanto ela me explicava tudo, entretive-me a pôr os vinte selos de 50 liras em fila indiana. Uma bonita procissão de Evas.

– Jensen não menciona a fórmula $E = mc^2$ nem a sua relação com a primeira mulher de Einstein.

– Agora é que não percebo mesmo nada. Porque é que teria um artigo sobre Tesla de falar da fórmula da energia?

– Porque se acredita que a fórmula mais famosa de todos os tempos foi desenvolvida por Mileva Marić, que a cedeu ao seu marido para o ajudar a alcançar a fama.

– Que disparate! – respondi, adotando a postura intransigente de Pawel. – Como é que uma mulher que não acabou os estudos ia descobrir a fórmula da bomba atómica?

– Com a ajuda do seu amigo Nikola Tesla, claro. Ninguém no seu tempo sabia mais do que ele sobre a energia e o seu comportamento. Por isso, não é de estranhar que tivesse partilhado os seus conhecimentos para que Mileva, que era matemática, chegasse à conclusão de que a energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado. Na verdade, Tesla já tinha feito experiências com o eletromagnetismo antes de Einstein ter escrito sobre o assunto. Por isso há quem afirme que a teoria da relatividade surgiu da colaboração entre Nikola e Mileva.

Não tinha forças para discutir, dado que parte do meu cérebro ainda estava adormecido. Por outro lado, não queria contrariar Sarah agora que nos estávamos a aproximar.

– É possível que Einstein tivesse tomado emprestadas muitas ideias de outros cientistas – disse eu. – É verdade que a sua capacidade de síntese fazia dele um divulgador excecional. Há teorias que se costumam associar a ele, como a de que o espaço e o tempo se contraem, quando Lorentz, prémio Nobel holandês, já o tinha afirmado antes.

Depois de me ter saído airoso com esta – lembrava-me deste dado de um guião bastante recente –, ficámos novamente em silêncio. O suave perfume de Sarah embriagava-me. Desejei passar-lhe os dedos pelo cabelo e beijar-lhe o pescoço, mas sabia que seria rejeitado à luz do dia.

Para me distrair daquela mulher que me atraía com uma força avassaladora, voltei a observar os vinte selos de Eva. Entre todos somavam 1000 liras, o que em determinada altura tinha significado 60 cêntimos de euro. O que se podia ter enviado com cada um daqueles selos?

De repente, fez-se luz na minha cabeça e compreendi a mensagem, que era mais como um hieróglifo. Estive quase a gritar «*Eureka!*» ou um anacronismo parecido, mas acabei por baixar a voz para que apenas Sarah ficasse a par da minha descoberta.

– Acho que sei o nome de quem nos enviou este envelope. É a mesma pessoa que convocou a reunião em Cadaqués. Através deste hieróglifo continua a atrair-nos para o seu segredo.

A francesa abandonou novamente a leitura para me interrogar em silêncio com o azul dos seus olhos.

– Tu mesma vais decifrá-lo – anunciei. – Antes de mais, soma o valor dos selos.

Precisou apenas de alguns segundos para responder:

– Mil.

– E que personagem bíblica está neles?

– Eva.

– Agora só tens de unir as duas palavras.

Sarah conteve um grito de emoção ao dizer:

– Mileva...

– Aqui tens o remetente das cartas – disse triunfante.

– Um momento... É uma conclusão brilhante, mas não faz sentido. Como é que o remetente pode ser alguém que morreu em 1948?

Respirei fundo para não me precipitar com o entusiasmo. Agora vinha a parte mais atrevida da minha teoria:

– Sabemos que Mileva teve uma filha. Mais ainda, uma filha secreta.

– Sim, Lieserl, que se hoje estivesse viva teria cento e oito anos. Foi Pawel quem o disse.

– Agora imaginemos que a filha não reconhecida do génio, de quem herdou um formidável segredo, passou esta herança para a sua própria filha. Naquela época era muito comum dar aos filhos o nome da avó ou do avô. Por isso, o nome da filha de Lieserl seria...

Emocionada com a revelação, Sarah levou a mão ao peito antes de responder:

– Mileva.

SEGUNDA PARTE

AR

O Ar é o elemento que simboliza a mente, a inspiração
e a imaginação.

É a energia do pensamento, da reflexão, da linguagem,
da comunicação e da inteligência.

Trata-se do segundo elemento menos denso depois do Fogo.

A sua pouca materialidade faz com que seja o reitor
do mundo das ideias.

É o elemento dos filósofos, dos investigadores e dos génios
que vivem imersos nas abstrações.

O Ar dá-nos vida, e através dele transmite-se a palavra
que alberga os conceitos.

Ocupa um vazio aparente que está cheio de ideias,
palavras e ânsias.

Contém a recordação da vida no passado
e o desejo da vida no futuro.

COMBOIO PARA BUDAPESTE

Nada é mais misterioso do que aquilo que vemos com clareza.

ROBERT FROST

Tínhamos decidido apanhar um comboio para a Sérvia naquela mesma noite. Se a minha teoria – partilhada por Sarah – fosse verdadeira, o mais provável era que a filha de Lieserl, e depositária do segredo de Einstein, continuasse a viver na pátria da sua mãe.

Uma vez no país balcânico, tínhamos apenas duas cidades para prosseguir a nossa busca: a capital, Belgrado, e Novi Sad, cidade natal de Mileva Marić, a avó da pessoa que procurávamos e que pelos vistos nos procurava também.

Antes da viagem, passei o meu último dia em Berna a visitar algumas casas relacionadas com Einstein para completar o manuscrito. Pelos vistos, o edifício do escritório de patentes onde tinha começado a trabalhar ficava na Genfergasse, mas em 1907 tinha passado a ser um edifício dos correios já demolido.

Daquele mundo onde Albert traçara as suas primeiras teorias importantes restava apenas o Café Bollwerk, bem como o apartamento na Kramgasse n.º 49, que partilhou com Mileva.

Passei a tarde no seu interior, a tirar algumas fotografias e a anotar alguns pormenores que não eram mencionados na biografia de Yoshimura. A seguir fui ter com Sarah Brunet, que andara a fazer as suas próprias averiguações.

Enquanto atravessávamos a estação para apanhar o comboio para Budapeste, cidade de onde partiríamos rumo à Sérvia, sussurrou-me enigmaticamente ao ouvido:

- Já sei onde nos esperam em Belgrado.
- A sério? – perguntei, cético.
- Bem, não foi difícil averiguar. Penso que a caça terminou.

De seguida tirou da mala um *iPhone* e seleccionou a última mensagem que tinha recebido. Parei a lê-la com as vozes dos altifalantes e o burburinho dos comboios que chegavam e partiam como banda sonora.

Era um SMS tão sucinto como o postal, a chamada telefónica ou a mensagem desenhada pelo robô no Cabaret Voltaire. Tinha sido enviada às 12h24 de um número confidencial:

(Belgrado. Hotel Royal. Café. Segunda-feira. 21h30)

- O que achas? – perguntou, observando-me com os seus olhos azuis.
- Parece-me que a senhora nos está a convidar para jantar. Temos de procurar esse hotel com um nome tão foleiro.

Sarah pegou-me no braço para que nos encaminhássemos para a linha dois, de onde o comboio sairia daí a dez minutos. Enquanto fintávamos a multidão de passageiros com malas

e jornais, explicou-me:

– Encontrei-o facilmente. Fica no número 56 da rua Kralja Petra, no centro de Belgrado. Podemos dormir ali mesmo, para o caso de o encontro se arrastar. Tratei pessoalmente da reserva.

– Estou a ver que não perdes tempo – comentei enquanto me perguntava se teria reservado um quarto ou dois.

*

Uma vez no comboio, o revisor disse-nos que devíamos mudar duas vezes para apanhar o Wiener Walzer, o expresso que fazia a rota noturna entre Viena e a capital húngara.

Três quartos de hora depois da nossa partida saímos na pequena estação de Olten, onde corremos para apanhar o Intercity para Zurique, no qual estivemos apenas meia hora. Tivemos de correr novamente para apanhar o expresso que nos deixaria em Budapeste às 11h34 da manhã. A partir daí teríamos de apanhar um comboio sérvio até ao nosso destino final.

Na porta do moderno comboio com as siglas OBB, a companhia ferroviária austríaca, um empregado eficiente acompanhou-nos através das carruagem azuis até um moderno e diminuto compartimento só para nós. Tinha duas camas, uma mesa dobrável e uma casa de banho privada.

Enquanto me perguntava o que iria acontecer no Hotel Royal, pareceu-me um ótimo sinal passar a noite com Sarah naquela espécie de cápsula espacial. Contudo, a francesa encarregou-se de destruir as minhas expectativas. Após fechar a porta do compartimento com o trinco, perguntou:

– Importas-te de esperar na casa de banho enquanto eu mudo de roupa?

– Claro que não – respondi contrafeito.

Ao sentar-me na tampa da sanita, vi a minha cara ao espelho e assustei-me. Estava com um ar abatido. Aquilo ia contra a lei da relatividade. Não dizia Einstein que para os viajantes o tempo passava mais devagar? Eu parecia ter envelhecido vários anos de repente.

O comboio começou a andar com uma leve sacudidela.

Para dissimular a minha decepção perante o que não parecia vir a ser uma noite romântica, perguntei-me no silêncio hermético da casa de banho como passaríamos a noite. Talvez pudéssemos organizar uma «festa de pijama» com uma garrafa de champanhe conseguida no restaurante.

Afastei essa fantasia da minha cabeça à medida que me apercebia pelo aumento da vibração que o comboio ia ganhando velocidade. A pequenez do WC começava a asfixiar-me.

Olhei para o relógio: já estava há mais de dez minutos naquela cápsula com cheiro a desinfetante. Ligeiramente irritado, levantei-me e aproximei-me da porta:

– Ainda demoras muito?

Silêncio.

Das duas uma: ou aquela casa de banho estava insonorizada como se fosse um estúdio de gravação ou...

Senti como o Wiener Walzer acelerava debaixo dos meus pés. Uma suspeita repentina fez-me abrir a porta para confirmar o que já suspeitava: Sarah Brunet tinha desaparecido.

LORELEI

Pode prever-se o movimento dos corpos celestes, mas não a loucura das pessoas.

ISAAC NEWTON

A minha reação por ter sido enganado foi dar um pontapé na porta da casa de banho que fez estremecer toda a cabine. Por algum motivo obscuro, a bela francesa tinha decidido abandonar-me no expresso para Budapeste e tinha descido segundos antes do comboio partir.

Uma jogada de mestre.

Devia ter previsto uma coisa daquelas quando me pediu para entrar na casa de banho, disse para mim mesmo, já que normalmente é ao contrário: quem muda de roupa é que entra no quarto de banho, por mais pequeno que seja. Tinha caído que nem um patinho.

Dei uma vista de olhos rápida ao camarote à procura da sua mala vermelha, mas encontrei apenas a minha *Samsonite* toda riscada. Estive tentado a dar-lhe também um pontapé para descarregar a raiva, mas acabei por sair do compartimento em direção ao bar. Precisava de um *whisky* – ou dois – para analisar o que acabara de acontecer e decidir o que faria a seguir.

*

O vagão do restaurante encontrava-se no final do comboio. Apesar de serem onze da noite, todas as mesas estavam ocupadas por casais mais velhos que jantavam enquanto conversavam entre sussurros, para além de algumas figuras solitárias diante da sua dose de álcool.

Fui afogar a minha frustração diretamente no balcão, onde um empregado pálido que nem um vampiro me respondeu com um monótono «*Bitte schön...*».

Pedi um *whisky* duplo e obtive um copo para onde o adormecido *barman* esvaziou duas garrafinhas de *Chivas*. A seguir deu-me a entender que não podia ficar ao balcão porque impedia a passagem de pratos para o jantar.

Deprimido perante a perspectiva de tomar uma bebida naquela casca de noz vazia, paguei a quantia certa e atravessei a carruagem-restaurante com o copo na mão. Quando estava a carregar no botão para abrir a porta, um assobio agudo deteve-me.

Não podia acreditar que me estivessem a chamar como se fosse um cão. Virei-me furioso, com vontade de despejar o copo de *whisky* em cima da pessoa que tinha assobiado. Mas era uma adolescente com um ar louco.

E o pior de tudo é que a conhecia.

– O que diabo fazes aqui? – perguntou-me num inglês perfeito.

Olhei com estupefação para a miúda dos totós azuis. Vestia uma *T-shirt* dos Joy Division e sorria para mim insolente.

Em circunstâncias normais não me teria dignado a responder, mas sentia-me tão perdido

naquele comboio noturno que qualquer opção era preferível à solidão.

– Está livre? – perguntei apontando para o banco do outro lado da mesa onde estava sentada.

Rebentou um balão de pastilha elástica azul antes de me responder com arrogância:

– É óbvio que não. Está preso à mesa por isso não conhece a liberdade.

– Muito esperta.

– Mas se te queres sentar à minha mesa estou aberta a negociações. O que estás a beber?

– Um *whisky* duplo.

– Pois quero um igual.

Antes de lhe responder, estudei-a atentamente. Podia tratar-se de uma menor de idade meio chanfrada, ou talvez fosse uma universitária esquelética que gostava de se vestir como uma miúda chanfrada. Decidi perguntar-lhe diretamente:

– Quantos anos tens?

– Os suficientes para fazer o que bem me apetecer.

Ao levantar-me para deixá-la sozinha com as suas insolências, a rapariga do cabelo azul decidiu deitar um pouco de água na fervura.

– Vá lá, meu, não sejas tão suscetível. Vou-te pedir com jeitinho: pagas-me uma bebida igual à tua?

Inspirei profundamente antes de lhe dar o meu copo e dirigi-me de novo ao balcão. Enquanto repetia o pedido ao empregado com cara de morto-vivo, o comboio deteve-se. Segundos depois, dois polícias da fronteira entraram na carruagem e começaram a pedir os documentos.

«Por favor, quero um buraco para desaparecer», pensei ao ver a miúda com o copo de *whisky* na mão. Um dos polícias dirigiu-se diretamente a ela e pediu-lhe o passaporte. «Ainda me expulsam do comboio por corrupção de menores», pensei.

O polícia estudou com atenção o passaporte, olhando repetidas vezes para a sua proprietária, que bebia pequenos goles do copo. Supus que era maior de idade, visto que lhe devolveram a documentação sem mais perguntas.

Depois de me identificar – para meu alívio, ainda não devia constar das listas da Interpol –, sentei-me com aquela insólita companheira de mesa. De repente parecia estar de bom humor.

– O meu nome é Lorelei. Lore para os amigos. E tu?

– Javier.

– Tchim, tchim – disse em tom burlão enquanto chocava com o copo no meu.

– O que é que vais fazer a Budapeste? – perguntei um pouco mais relaxado ao segundo gole. – Não trabalhas no museu às segundas-feiras de manhã?

Abanou a cabeça enquanto dava outro gole no *whisky*. Pensei que me ia perguntar a mesma coisa, o objetivo da minha viagem, mas limitou-se a olhar para mim enquanto mastigava a pastilha elástica. Insisti na minha pergunta:

– Então, o que vais fazer a Budapeste?

– Negócios.

– Que tipo de negócios?

– O que é que tens a ver com isso?

Ví de esguelha como um casal mais velho nos observava com reprovação. Percebi que aquele era o momento para parar com aquela conversa absurda e ir-me embora, de modo que me despedi rapidamente e fui para o meu camarote.

Tinha chegado à minha porta quando ouvi uns passos rápidos e suaves nas minhas costas. Ao voltar-me, deparei com a rapariga dos totós azuis, que me olhava fixamente.

Senti um pânico inexplicável. Havia algo naquela Lorelei que me deixava bastante inquieto.

– Ouve lá, meu, não me podes descartar assim. És o único amigo que tenho neste comboio. Tomamos outro *whisky*?

– Nem pensar. Vai dormir de uma vez por todas.

– Não tenho sono.

– Isso não é problema meu – respondi com os nervos em franja.

– É sim, porque se me deixares para aí abandonada começo a gritar agora mesmo e acordo a carruagem inteira. Direi que me tentaste apalpar e que me ofereceste dinheiro para que fosse para a cama contigo.

– Não faço tenções de voltar ao bar – respondi.

– Então mostra-me o teu compartimento. Abre essa maldita porta ou começo a gritar agora mesmo.

Lorelei deve ter visto o alarme no meu rosto, pois baixou a voz para acrescentar num tom falsamente doce:

– Fico apenas um bocado e depois vou-me embora, prometo. Quero propor-te uma coisa, meu. Não és obrigado a aceitar, mas pelo menos deixa-me explicar-te. Tu decides. E a seguir vou-me embora, está bem?

Achava que ela era perfeitamente capaz de cumprir a sua ameaça, por isso apressei-me a abrir a porta do meu compartimento. Uma vez lá dentro, ela fechou o trinco, acendeu a luz e lançou-me um olhar que era tudo menos tranquilizador.

– Agora ouve-me bem... – começou. – Estou metida num grande sarilho e vais ter de me ajudar.

Uma voz vinda da cama de baixo gelou-me o sangue:

– Javier... Mas... enlouqueceste?

Inexplicavelmente, Sarah estava na cama e observava-me perplexa enquanto se tapava com um lençol. A seguir olhou espantada para a rapariga de cabelo azul, que lhe devolveu um olhar de ódio antes de me dizer:

– Vais pagar caro.

A seguir saiu do camarote batendo com a porta com toda a força.

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA

Há duas coisas infinitas: o Universo e a estupidez humana. E quanto ao Universo não tenho a certeza.

ALBERT EINSTEIN

Precisei de algum tempo para explicar à Sarah a cadeia de pequenos acontecimentos que tinha terminado com a chanfrada do Cabaret Voltaire no camarote.

– Achava que me tinhas abandonado no comboio – disse. – Porque é que saíste do compartimento e me deixaste na casa de banho?

– No momento em que entraste na casa de banho ligaram-me para o telemóvel, mas não tinha cobertura. Por isso fui falar entre duas carruagens.

– Não ouvi nada – respondi desconfiado.

– Isso é porque o tinha no silêncio e vibrou no meu bolso, por isso não te apercebeste.

– Mas também não te ouvi atender...

Pelo olhar nervoso que me lançou enquanto se cobria com o lençol, soube que a tinha apanhado. Não me estava a dizer a verdade, ou pelo menos não toda a verdade. Contudo, soube desviar a conversa com este pedido:

– Podes apagar a luz? Incomoda-me que me estejas a observar estando eu despida debaixo do lençol.

Desejei perguntar-lhe porque estava despida, se me tinha pedido para entrar na casa de banho precisamente para «trocar de roupa», mas optei por fazer o que me pedia. Apaguei a luz e subi para a minha cama de um salto. Vestido sobre a cama, voltei ao interrogatório:

– Não te ouvi atender o telefone. Como sabias que não havia cobertura?

À minha pergunta seguiu-se um silêncio tenso. Conseguia ouvir Sarah a respirar agitadamente na escuridão antes de responder:

– Tens razão, não foi esse o motivo. Quando o telefone vibrou, saí sem fazer barulho para que não ouvisses a conversa. Pensava que seria apenas um minuto, mas a conversa alongou-se e quando regressei já cá não estavas.

Quis perguntar-lhe com quem falara, mas isso far-me-ia parecer um interrogador, de modo que tentei apanhá-la de outra maneira:

– Quando saí da casa de banho não vi nada no compartimento. Nem sequer a tua mala.

– Isso foi porque a tinha empurrado para debaixo da cama. O comboio ainda estava parado na estação e são muito habituais os roubos antes de arrancar. Na Suíça também.

Isso fazia sentido. Contudo, soube que por mais perguntas que fizesse não ia conseguir descobrir o que tinha andado a fazer durante o tempo em que estivera desaparecida. Não me podia fiar nela. Aquela que era a minha acompanhante há um dia e meio estava a ficar cada vez mais incompreensível. Incompreensível mas fascinante.

– Estive à tua espera – disse ela, de repente, distraíndo-me das minhas cismas.

Aquela afirmação era suficientemente agradável para me fazer esquecer o seu desaparecimento e a chamada no telemóvel. Respondi, arrebatado pelo *whisky*:

– Visto que já aqui estou, podes decidir se me convidas para a tua cama ou se queres subir tu para a minha. A vida é demasiado curta para dormirmos em camas separadas.

– Já não é o momento – ripostou –, pelo menos para mim, que me aborreci de estar à tua espera. A culpa é tua por perderes tempo com aquela miúda. Fica para a próxima. Boa-noite.

Aquelas palavras feriram-me, e soterraram-me na mais completa vergonha. De repente vi-me como era realmente: um satélite à deriva que se deixava apanhar pelo campo de gravitação de qualquer planeta ou asteróide que aparecessem no caminho. Tinha sido assim em Barcelona e a minha submissão continuava desde que tinha tropeçado novamente em Sarah.

Enquanto o comboio avançava para Budapeste, prometi para mim mesmo doravante concentrar-me apenas no trabalho que me tinham encomendado. Assim que soubesse quem era a pessoa que andava a brincar connosco e as suas razões, tomaria nota daquilo que tivesse interesse para o livro e terminaria a viagem de documentação o mais depressa possível.

Acabar a biografia de Einstein e voltar para o meu triste canto. Era esse o itinerário. O meu plano, contudo, chocava com o pressentimento que tinha desde que entrara para aquele comboio. Uma sensação de fatalidade que aumentava à medida que o Wiener Walzer ganhava quilómetros.

Sentia que o champanhe e as gargalhadas tinham terminado e que na Sérvia me esperava algo menos agradável. Até ao momento tinha vivido uma extravagante aventura com uma mulher lindíssima ao lado. Nem sequer a morte de dois homens conseguira ensombrar o excitante jogo que era juntar as peças da vida de Einstein.

Mas algo completamente diferente estava prestes a começar.

Enquanto pensava em tudo isso, uns passos suaves e reconhecíveis aproximaram-se da porta e detiveram-se ali.

Lore.

O pânico irracional – ao fim e ao cabo não passava de uma miúda – que sentira ao encontrá-la no comboio duplicou. Mais do que o seu aspeto extravagante, havia qualquer coisa de terrível naquela pessoa, apesar de não conseguir dizer o que era.

Esperei na escuridão que desse um novo pontapé na porta e fizesse uma nova ameaça, mas limitou-se a ficar ali.

Durante muito tempo.

De seguida tamborilou com os seus finos dedos na porta e foi-se embora.

Fiquei acordado numa espera tensa até ter a certeza de que a rapariga não ia voltar. A seguir respirei fundo. O balançar do comboio e o *whisky* duplo tinham-me provocado um enjoo que ameaçava revolucionar o meu estômago.

Saltei da cama quando senti que não conseguia controlar o vômito. Sarah parecia dormir profundamente.

Tranquei-me na casa de banho e passei a cara por bastante água fria. Ao ver-me novamente ao espelho, o mundo pareceu agitar-se bruscamente no meio de um barulho ensurdecedor.

Até ao momento em que bati com a cabeça no espelho, que se partiu em pedaços, não percebi que o comboio tinha parado de repente. Alguém ativara o freio de emergência. Talvez houvesse um incêndio numa das carruagens e eu não ia ter forças para escapar.

Foi o meu último pensamento antes de, sentado no chão da casa de banho e com a cabeça a sangrar, perder a consciência.

Quando recuperei os sentidos, a primeira luz do dia penetrava na cabine. Estava estendido na cama. Pelos vistos, o comboio tinha voltado a andar.

Se não fossem as pontadas que sentia na cabeça e um perfume que compensava a dor e a confusão que me assolava, podia ter achado que a noite anterior não passara de um pesadelo.

Sarah estava muito perto de mim. O seu rosto resplandecente inclinou-se sobre o meu enquanto sentia algo a queimar-me a nuca.

– É apenas um desinfetante – sussurrou-me ao ouvido enquanto pressionava suavemente a ferida. – Podias ter-te magoado a sério, mas tens apenas alguns cortes superficiais.

Fechei os olhos enquanto me sentia o Indiana Jones a ser assistido pela beleza de plantão. O curativo terminou com um suave beijo na testa da minha enfermeira.

Enquanto regressava pouco a pouco ao abismo do sono, ainda tive tempo de murmurar:

– Houve algum incêndio?

A voz de Sarah ouviu-se na cama de baixo. Pelos vistos, tinha voltado para a cama.

– Não, foi apenas um louco que puxou o freio de emergência. De certeza que saiu do comboio antes do revisor entrar nos camarotes. Estivemos parados uma hora.

Suspirei enquanto via perfeitamente quem estava por trás daquela maldade. Algo me dizia que não ia ser a última. Aquilo parecia um preâmbulo, uma demonstração de forças antes do verdadeiro ataque.

SÉRVIA

Se somos capazes de imaginar a felicidade infinita, deveríamos ser capazes de compreender a infinidade do espaço, que é algo muito mais simples.

MILEVA MARIĆ

Chegámos a Budapeste debaixo de uma chuva fina que dava à cidade um aspeto lúgubre e pouco prometedor.

Quando abri os olhos pela segunda vez, Sarah já estava sentada junto à janela do camarote com um café na mão. Vestia uma fina camisola roxa, uma minissaia preta e sapatos de salto alto. Afastei o olhar das suas pernas ao lembrar-me do que prometera a mim próprio na noite anterior, momentos antes do ato de sabotagem.

Lembrei-me de repente do espelho partido. Segundo a superstição, para além das feridas na cabeça, esperavam-me sete anos de azar. Essa era a alternativa – por enquanto – ao fim que o japonês e o guia de Berna tinham tido.

Alheia aos meus pensamentos lúgubres, a francesa penteou com a mão a sua sedosa cabeleira preta antes de dizer:

– Hoje é o dia.

*

Na estação de Budapeste-Keleti soubemos que não era possível chegar de comboio a Belgrado naquele dia. Um obscuro funcionário informou-nos, por trás da sua janelinha, que teríamos de esperar pelo Pannonia Express, que saía às seis horas da madrugada seguinte.

– Impossível – disse Sarah. – Temos de chegar esta noite.

O homem encolheu os ombros e, após olhar demoradamente para o busto da francesa, disse:

– Só de autocarro.

Uma hora mais tarde estávamos enlatados numa pequena carrinha com outros dez passageiros cheios de sacos com comida, garrafas e vários outros volumes.

Encaixados à força, partilhávamos o banco de trás com um velhote corpulento que dormia com a boca muito aberta. Eu estava no banco do meio e Sarah na janela esquerda. Com as malas aos nossos pés, tínhamos de levantar os joelhos para caber naquele espaço ínfimo. Esperavam-nos quase oito horas de viagem.

O *glamour* tinha terminado.

Enquanto o autocarro lutava para sair da periferia de Budapeste, apinhada de camiões àquela hora, entretive-me a ler a parte da biografia de Yoshimura dedicada a Lieserl – rebatizada como Zorka, segundo outra fonte –, a filha não reconhecida de Einstein e Mileva

Marić. A informação que continha era vaga e francamente insuficiente, como admitia o autor numa lista de perguntas que agora me cabia a mim responder:

(Por que razão Einstein não quis conhecer a sua própria filha?

Qual foi o destino de Lieserl? Alguma vez soube quem era o seu verdadeiro pai?

Será que nunca houve qualquer contacto entre eles?)

Se no Hotel Royal estivesse a filha de Lieserl à nossa espera, segundo a nossa hipótese, talvez estas questões fossem finalmente respondidas. Isso dava-me um novo alento, que compensava o incómodo da viagem, e a tortura de ter ao meu lado uma mulher de quem gostava mais do que estava disposto a admitir.

Para alguém que também participava, com vantagem, naquela maratona, Sarah não parecia minimamente interessada no texto que eu sublinhava a lápis. O seu olhar cristalino pousava nos primeiros campos que se estendiam à saída da capital húngara.

Li:

Graças à mediação do seu amigo Marcel Grossman, Einstein soube que estava prestes a conseguir o ansiado posto no escritório de patentes de Berna. Enquanto isso, tivera de se empregar como professor particular de uma criança que pertencia a uma abastada família britânica, o que o obrigava a viver numa aldeia, longe do seu mundo e dos braços de Mileva.

A gravidez da estudante sérvia começava a ser notória, e por isso foi preciso tomar decisões drásticas para que a prometida felicidade do casal não se esfumasse. Se se soubesse que esperava um filho ilegítimo, Einstein perderia qualquer hipótese de obter o emprego a que aspirava, sem contar com o escândalo que seria para a sua própria família.

Visto que Mileva não podia continuar os estudos pela mesma razão, decidiram que ela se refugiaria na sua Novi Sad de origem, que na época se encontrava na parte húngara do império, até que Albert conseguisse o emprego e se pudessem casar, para assim normalizarem a situação familiar. Contudo, o tempo passou e Lieserl acabou por nascer; o seu pai não se dignou a viajar para a conhecer.

A continuação desta história era ainda mais inexplicável. Albert nunca mostrou interesse em ver a sua própria filha, e Mileva não teve problemas em dá-la para adoção a uma amiga, Helene Kaufler Savić, com quem não parecia ter mantido muito contacto posteriormente.

Quando finalmente se casou com Albert, um ano mais tarde, a questão da criança já era passado. Tiveram dois filhos legítimos, Hans e Eduard, este último com esquizofrenia. Mas ninguém parecia interessado na esquecida Lieserl.

Depois de passarmos a fronteira, a carrinha começou a avançar por estradas em mau estado que atravessavam os imensos campos da Sérvia. Ainda me sentia fraco e estava maldisposto, por isso tive de deixar a leitura. Sarah dirigiu-me então um olhar de súbita simpatia, algo que ainda não tinha visto nela.

Enquanto contemplava o brilho dos seus olhos profundamente azuis na brancura da sua

pele, disse para mim mesmo que não sabia nada sobre ela. Desde o nosso encontro no Rosengarten que passávamos os dias juntos. Mas, tal como Lieserl, para mim Sarah continuava a ser um mistério.

Decidi perguntar-lhe diretamente:

– Porque decidiste fazer a tua tese de doutoramento sobre Mileva Marić?

A francesa mordeu o lábio inferior, cheio e bem desenhado, antes de responder:

– Porque gosto das perdedoras, imagino.

– Tu não pareces ser uma perdedora. Tens ar de ser uma menina de boas famílias que obtém sempre as melhores notas, ou estou enganado?

Ela sorriu como resposta.

– O que não percebo, então, é que percas tempo e energia nesta pesquisa, apesar de poder ser útil para a tua tese. Para mim esta encomenda foi um balão de oxigénio, mas no teu caso...

– Não tenho nada melhor para fazer – interrompeu-me.

Aquela resposta deixou-me sem palavras. Não compreendia como é que viajar numa carrinha que andava aos solavancos por entre campos de batatas do Leste pudesse ser o melhor que uma intelectual de classe alta tinha para fazer.

Acrescentei:

– Sinto que não sei nada sobre ti.

– É melhor assim.

Deu-me a mão enquanto voltava a olhar para os campos sem fim. Agarrei-me suavemente a ela como um náufrago à sua tábua de salvação.

HOTEL ROYAL

Quando enfrentares um novo desafio, espera sempre o inesperado.

HELEN THOMAS

Belgrado acabou por se revelar uma cidade muito mais bonita do que tinha imaginado. Apesar de o entardecer já se fazer notar no céu de finais de maio, impressionaram-me as grandes avenidas e os parques que atravessámos até à paragem final do autocarro, em que éramos os últimos passageiros.

Pelas dimensões dos edifícios e dos passeios, notava-se que tinha sido desenhada como a capital de um país muito poderoso, a Jugoslávia, que chegou a ter o quinto maior exército do mundo.

Depois de nos despedirmos do motorista, seguimos por uma rua pedonal que, segundo o mapa, devia atravessar a Kralja Petra. Fiquei surpreendido com o grande número de livrarias, bem como com a animação que havia nos bares e nos restaurantes naquela segunda-feira ao fim do dia. Era um ambiente cosmopolita e maioritariamente jovem, como se a cidade se estivesse a reinventar a si mesma depois de duas décadas de conflitos políticos e bélicos.

Enquanto arrastávamos as nossas malas pelo meio da multidão, um relógio próximo marcou as nove da noite. Chegaríamos dez minutos atrasados ao encontro, como ditavam as normas de cortesia.

– Tenho de reconhecer que estou nervosa – disse Sarah, enquanto me apontava a placa em acrílico da rua do hotel. – Estamos prestes a conhecer alguém que sempre foi inalcançável para todos os estudiosos de Einstein.

– Espero que essa pessoa nos explique porque nos fez chegar até aqui a jogar ao gato e ao rato – protestei. – Gostaria de fechar o enigma Lieserl para poder voltar aos Estados Unidos. Talvez no escritório de Princeton encontremos tudo o que precisamos para encaixar o *puzzle*.

Estava a usar a primeira pessoa do plural de propósito com a esperança de que ela me acompanhasse. Contudo, Sarah limitou-se a sorrir enquanto descíamos a rua do hotel, que tinha uma arquitetura dos anos setenta. Ao lado da entrada, chamou-me a atenção um *snack bar* cheio de homens a fumar.

O *lobby* do hotel fazia lembrar os filmes de há quatro décadas. Era todo de alumínio, com poltronas de veludo e escadas que se enrolavam como serpentinas.

Enquanto Sarah mostrava ao rececionista o número da reserva, dei uma vista de olhos às pessoas que estavam no bar, onde supostamente tínhamos o encontro. Uma família com um ar rústico ocupava várias mesas, e as outras estavam ocupadas por homens de bigode que conversavam de cervejas na mão, imagino que depois de terem saído do trabalho.

Não havia ali ninguém que encaixasse no perfil da neta de Einstein, nem pela idade nem pela aparência.

– Ainda não chegou – disse à minha acompanhante, que regressava de fazer o *check-in*. – Tens a chave do meu quarto? Estou todo partido.

– Tenho apenas uma chave para os dois, mas antes devíamos ter a certeza de que a pessoa com quem nos vamos encontrar não está aqui. Segundo o SMS, estamos no sítio certo à hora certa.

– Vê por ti mesma – incentivei-a.

Ao mesmo tempo que Sarah passeava pelas mesas, um formigueiro de excitação subiu-me pelas costas só de pensar que íamos partilhar o quarto. Segui-a até ao balcão, ao mesmo tempo que me recriminava por ser tão pouco coerente com o que me tinha proposto na noite anterior.

– Ainda não deve ter chegado – disse ela. – Vamos beber um *cocktail*?

– Duvido que venha alguém – afirmei pessimista, antes de pedir um *vodka* tónico ao empregado.

Sarah acompanhou-me e brindámos num balcão de estilo psicadélico.

Dei uma última vista de olhos à clientela para ver se havia novidades.

Nesse momento fixei-me numa escada que descia do bar para um espaço mais pequeno. O acesso estava interdito por uma corrente, mas o brilho de um cigarro na penumbra iluminou por segundos uma silhueta solitária.

– Está ali – disse, apontando à francesa a sala interdita.

Sem pedir autorização a ninguém, dirigimo-nos com a bebida para o andar de baixo. Depois de voltarmos a fechar a corrente, descemos a escada com solenidade e alguma precaução.

A figura na sombra continuava a fumar.

Ao aproximarmo-nos, acendeu o isqueiro deliberadamente para que a pudéssemos ver melhor. Sarah conteve um grito de surpresa.

Era Jensen.

O diretor da *Mysterie* abria os seus curtos braços teatralmente ao mesmo tempo que deixava escapar uma gargalhada. Tive vontade de lhe torcer o pescoço. Indignado, decidi esclarecer tudo o quanto antes:

– És tu o autor do SMS?

– Quem mais podia ser? – retorquiu alegremente. – Tive de suar as estopinhas para que a Complutense me desse o número de telefone da sua estudante de doutoramento.

A visada estava tão furiosa que o lábio inferior lhe tremia. Decidi continuar eu mesmo o interrogatório:

– E quanto ao postal, à chamada telefónica e à mensagem no Cabaret Voltaire? Também és tu quem está por detrás disso?

– Quanto a isso sei tanto como vocês. Ou talvez um pouco mais, visto que já cheguei até aqui. Como sabia que andavam na pista certa, mas como não me vão roubar o exclusivo, decidi partilhar a grande notícia com os meus amigos.

– Pode-se saber do que é que estás a falar? – perguntou-lhe Sarah contendo a fúria.

O dinamarquês comeu-a com os olhos antes de responder.

– Da última resposta de Einstein, naturalmente. Os meus rapazes trabalharam muito e bem. Graças a isso, e a dinheiro bem investido, esta noite conheceremos o que Albert tramou e ocultou durante a segunda metade da sua vida. Vou torná-lo público às dez e meia da noite no meu quarto. Estão convidados para a festa.

– Isto cheira mal – argumentou ela. – Se é verdade que fizeste mesmo esta descoberta, porque haverias de partilhá-la?

O dinamarquês retorceu o seu pequeno corpo com satisfação antes de responder:

– Porque vou precisar de embaixadores a partir de agora. Mas é bom que fique claro que o exclusivo é meu e apenas aparecerá o meu nome quando se divulgar a notícia.

Apagou o cigarro no seu copo e estalou os dedos para dar por finalizado aquele primeiro encontro. Pela tensão na sua cara de menino velho, soube que naquele momento se sentia o homem mais poderoso à face da Terra.

Dentro de uma hora saberíamos se tinha motivos para isso.

O MOTORISTA DE EINSTEIN

Uma pessoa não compreende realmente uma coisa até que seja capaz de explicá-la à sua avó.

ALBERT EINSTEIN

A reaparição de Jensen tinha-me deixado tão desconcertado que até me esquecera de que ia partilhar o quarto com Sarah Brunet, que abriu a porta com toda a naturalidade.

Com uma decoração a combinar com o *lobby* do hotel, tinha uma pequena casa de banho com duche e da janela via-se o trânsito da Kralja Petra, bastante congestionado àquela hora da noite.

Havia apenas uma cama de casal.

Pelos vistos, a francesa achava graça ao meu constrangimento, porque disse muito naturalmente:

– Não havia mais nenhum quarto livre, mas podemos pedir uma cama extra de criança se te sentires mais confortável.

De seguida piscou-me o olho e foi tomar banho.

Sem saber o que pensar, olhei fascinado para a sua mala aberta sobre a cama. Um curto vestido azul esperava no topo pelo momento de vestir a pele da sua proprietária.

Para esquecer o meu nervosismo, sentei-me na cama a ler, adotando o papel de marido aborrecido para quem a sua mulher adquiriu o dom da invisibilidade. Enquanto a água quente corria do outro lado da parede, decidi saltar para um capítulo a meio do manuscrito, porque a juventude do génio começava a cansar-me.

No parágrafo introdutório da sua etapa americana, Yoshimura recolhera algumas histórias engraçadas. Conta a lenda que, por exemplo, ao chegar a Princeton, por causa do seu cabelo todo despenteado, acharam que era o electricista e lhe pediram que consertasse um candeeiro. Brincalhão por natureza, Albert não revelou a sua identidade até ter feito a reparação, envergonhando todo o pessoal do centro.

O japonês citava um jornalista de apelido Wallias que relatava a curiosa relação entre o génio e o seu motorista nos Estados Unidos:

Quando Einstein ainda não era muito conhecido, e as suas teorias começaram a correr mundo, começou a receber convites para dar conferências. Contudo, a sua imagem ainda não era do domínio público e poucas pessoas sabiam que aspeto tinha.

Durante uma dessas viagens, o seu motorista nos Estados Unidos disse-lhe que já tinha assistido a tantas conferências suas durante aquele ano que já sabia de cor todas as suas teorias. Isto serviu para que o pai da relatividade fizesse uma brincadeira: numa localidade mais pequena para onde se dirigiam, decidiu trocar de papéis com o seu motorista para que este, fazendo-se passar por Einstein, desse a conferência, visto

que a sabia de trás para a frente.

Assim o fizeram, e tudo correu às mil maravilhas. Ninguém se apercebeu da troca e a audiência acreditou que tinha diante de si um génio absoluto. O verdadeiro Einstein assistiu a tudo extremamente divertido.

Até ao momento em que alguém do público formulou uma pergunta a que o orador não soube responder. Sem se desmanchar, o falso conferencista respondeu então: «Essa pergunta é tão fácil que até o meu motorista era capaz de responder... e é isso que vai fazer.»

Era uma boa anedota, ainda que talvez estivesse um pouco alterada pelo tempo. Na verdade, eram tantas as histórias que se contavam sobre Albert Einstein que, se não tivesse descoberto a teoria da relatividade, provavelmente tornar-se-ia famoso por outra coisa qualquer.

Naquele momento, a porta da casa de banho abriu-se e voltei a minha atenção para Sarah, que saiu apenas com uma toalha enrolada à volta do corpo. Parecia não se importar que eu estivesse ali. Contudo, quando ia tirar a toalha, olhou para mim divertida e perguntou:

– Não vais tomar banho? Seria uma falta de cortesia ir à festa do Jensen todo suado da viagem.

– Estava à espera que saíesses – defendi-me.

Pelo sorriso que me dirigiu enquanto eu saltava da cama e me dirigia para a casa de banho, soube que ela adorava aquele jogo. Na verdade, procurava ir aumentando o desejo até que ultrapassasse os seus limites.

Disposto a não cair na esparrela, enquanto ensaboava com cuidado as feridas na cabeça, disse para mim próprio que se ainda continuávamos vivos no meio daquela confusão era porque convinha a quem controlava os nossos movimentos. Quem era e em que momento se daria a conhecer era algo que me parecia cada vez mais incerto.

Deixei de pensar nisso quando, através da cortina transparente, vi que Sarah entrava na casa de banho sem bater. Agia como se eu fosse invisível, o que não ajudava propriamente a reforçar a minha autoestima. Enfiada no seu deslumbrante vestido, que lhe assentava como uma luva, penteou-se em frente ao espelho enquanto eu me escaldava – não havia maneira de regular a temperatura – tal como tinha vindo ao mundo.

Só me dirigiu o primeiro olhar de esguelha através da cortina quando acabou de se pentear. Esboçou um ligeiro sorriso, antes de pegar no rímel para pôr.

Irritado, estiquei o braço para apanhar uma toalha para me secar e ir buscar uma muda de roupa à minha mala.

Tinha os cinco sentidos postos naquilo que nos esperava no terraço do hotel. Em quinze minutos assistiríamos a um acontecimento difícil de esquecer para uns e impossível de recordar para outros, porque em breve perderiam algo mais do que a memória.

O ANO MILAGROSO

As tuas aspirações são as tuas possibilidades.

SAMUEL JOHNSON

A suíte de Jensen ocupava o último andar do Hotel Royal e estava ligada com o terraço por uma escada que partia da ampla sala. Um empregado de uniforme à antiga servia bebidas e entradas a uma dezena de convidados que conversavam em pequenos grupos. Pela velocidade a que devoravam a comida, pareciam ser jornalistas chamados à última da hora para assistirem ao evento.

A minha dúvida era se aquilo valeria a pena.

– Isto é mais a sério do que eu pensava – sussurrei ao ouvido de Sarah. – E olha para o Jensen...

Naquele momento o anfitrião atravessou a sala distribuindo cumprimentos e dirigiu-se para nós com um sorriso triunfante. Usava um imaculado *smoking* branco com um laço grená que o fazia parecer de outra época.

Após apertar a minha mão e beijar a da minha companheira, disse:

– Fico contente que se tenham juntado à festa. Esta noite de segunda-feira vai ser um momento crucial para a história da ciência.

Olhei para Jensen com incredulidade antes de lhe perguntar de rompante:

– A Mileva vem?

– Podia vir perfeitamente uma Mileva – disse, observando com satisfação os convidados –, porque é um nome bastante comum em Belgrado. E há jornalistas que ainda não chegaram.

– Convocaste uma conferência de imprensa?

– Bom, convidei alguns jornalistas locais e os principais correspondentes em Belgrado. Serão os nossos embaixadores nesta noite histórica. E também vocês, meus queridos amigos, poderão divulgar a notícia a partir de amanhã.

Estava a falar como um messias, mas não tinha respondido à minha pergunta. Faltava saber se a neta de Einstein tinha sido localizada e se teríamos algum tipo de acesso a ela.

Como se lhe tivesse chegado o rumor dos meus pensamentos, Jensen rodeou a minha cintura e a de Sarah com uma cerimónia estudada antes de proclamar enigmaticamente:

– À meia-noite abrir-se-á a caixa de Pandora. Nada voltará a ser igual.

– O Pawel também vem? – lembrei-me de perguntar.

O anfitrião olhou-me aborrecido, como se a lembrança do físico polaco pudesse ensombrar a festa.

– Não foi convidado. Uma mente mecânica como a dele não compreenderia o alcance do que estamos prestes a conhecer. Mais, seria capaz de fazer campanha para nos desacreditar.

Sarah dirigiu-me um olhar malicioso. Percebi que ela achava patético que, ao falar no plural, o diretor da *Mysterie* nos incluísse no seu grupo de iniciados.

– Enquanto o momento não chega, exibiremos o documentário *A Esposa de Einstein*, que a nossa erudita senhora – disse piscando o olho à francesa – já deve conhecer. Sentem-se, por favor.

De seguida, dirigiu-nos com passo firme até uma ponta da sala onde tinha sido instalado um projetor e uma tela. Duas filas de cadeiras dobráveis completavam o cenário.

Sentei-me numa ponta da segunda fila com uma indolência antecipada, enquanto Sarah ficava de pé atrás de mim. Meia dúzia de espectadores vieram assistir contrariados, de copo na mão, quando o documentário começou.

Era em inglês e começou com uma curta-metragem sobre a «Academia Olímpia», um círculo de amigos que Einstein impulsioneou em Berna para discutirem filosofia e física. Embora tivesse lido sobre esta tertúlia no manuscrito de Yoshimura, surpreendeu-me saber qual fora a sua origem.

Pelos vistos, em 1901 Albert pusera um anúncio para dar aulas de matemática e física, enquanto esperava ser aceite no escritório de patentes. Um estudante de filosofia chamado Maurice Solivine pôs-se em contacto com ele para que fosse seu tutor, mas não lhe chegou a dar aulas, provavelmente porque o aspirante a filósofo não tinha dinheiro.

Contudo, tornaram-se amigos, e a eles juntou-se o matemático Conrad Habicht; os três fundaram uma espécie de tertúlia na qual discutiam leituras de Karl Pearson, ensaios filosóficos de David Hume e até *Dom Quixote*. A «Academia Olímpia» dissolveu-se quando Habicht e Solivine abandonaram Berna, em 1904 e 1905, respetivamente.

De seguida, o documentário centrava-se no que aconteceu em 1905, o chamado «ano milagroso de Einstein», visto que publicou três artigos na revista *Annalen der Physik* que mudaram a história da ciência. Cada um deles abriu um novo ramo à física: a teoria do movimento browniano, a teoria da luz a partir do fotão e a teoria da relatividade.

O que não fora descoberto em séculos de estudo foi, aparentemente, uma brincadeira de crianças para um desconhecido funcionário de um escritório de patentes.

O documentário, que pretendia ser polémico, defendia que Mileva tinha tido uma participação ativa na redação destes três artigos, visto que estavam assinados como «Einstein–Mariti», a forma húngara de Marić. A maioria dos estudiosos não davam importância a este facto, uma vez que na Suíça ainda hoje em dia é hábito acrescentar o apelido da esposa a seguir ao seu.

Aquela reportagem, somada aos três copos de vinho que o empregado me tinha servido, arrancou-me um bocejo monumental. Foi aí que me apercebi de que era o único espectador que continuava sentado em frente à tela. Um murmúrio de vozes devolveu-me à festa.

Durante a projeção de *A Esposa de Einstein*, a suíte do dinamarquês tinha-se enchido de convidados que perseguiram o empregado para que lhes enchesse o copo. Enquanto procurava Sarah com o olhar, vi que ao grupo de jornalistas de Belgrado se juntara um grupo de homens e mulheres mais velhos, provavelmente professores, assim como dois jovens mal-humorados, com aspeto nórdico, que deambulavam pela sala com uma câmara e um tripé.

Supus que eram os «rapazes» de Jensen, obrigados a abandonar a nave-mãe para cobrir o

momento de glória do chefe deles. Foram eles mesmos que, nas escadas, avisaram o anfitrião com alguns gritos numa língua incompreensível.

O homem de *smoking* branco juntou as mãos e elevou o tom de voz para que os mais de vinte convidados pudessem ouvir o aviso:

– Já é quase meia-noite. Vão sendo horas de subirmos ao terraço para conhecermos a resposta.

O álcool e alguns *flirts* incipientes tinham dado ao encontro um espírito lúdico que não casava com as intenções do anfitrião, mas perante a chamada as pessoas começaram a desfilar pacificamente pelas escadas acima.

Segui o cortejo à espera de encontrar Sarah já no terraço, mas também não estava lá. A única explicação era que se tivesse cansado daquilo tudo e tivesse regressado ao quarto sem avisar.

Aborrecido com aquele segundo desaparecimento, ocupei uma das cadeiras dispostas em círculo à volta de um estrado. A tela e o projetor tinham sido transferidos rapidamente para ali pelos esforçados nórdicos.

Enquanto me enchia de paciência, ergui o olhar para o céu de Belgrado. As estrelas seriam os focos de um drama com um desenlace inesperado.

A NOVA FÓRMULA

O bem e o mal são duas possibilidades da ciência. O destino da humanidade dependerá de os foguetes do futuro transportarem um telescópio astronómico ou uma bomba de hidrogénio.

SIR BERNARD LOVELL

À parte a fuga de Sarah, alguma coisa não estava a correr bem na parte final daquele encontro. Tive essa certeza quando Jensen subiu ao estrado com uma expressão amarga, o que me fez suspeitar de que a neta de Einstein não faria a sua aparição sob a noite estrelada.

O dinamarquês olhou aborrecido para as cerca de vinte pessoas sentadas à volta do estrado, atrás do qual se projetava na tela uma única fórmula:

$$E = mc^2$$

– Ao afirmar que a energia equivale à massa pelo quadrado da velocidade da luz – disse elevando a voz –, Einstein gerou a fórmula mais famosa de todos os tempos. Foi uma descoberta absolutamente genial: a matéria e a energia são formas distintas da mesma coisa. Simplificando muito, significa que a matéria se pode transformar em energia e a energia em matéria.

Uma tosse repentina ao fundo fez com que Jensen perdesse por momentos o fio à meada. Olhou furioso na direção de um dos seus rapazes, que se tinha sentado longe do círculo central, e continuou com o seu discurso:

– Num quilo de água há cento e onze gramas de átomos de hidrogénio. Parece pouco, mas se os pudéssemos transformar em energia provocaríamos uma catástrofe, justamente porque multiplicamos essa massa pelos trezentos milhões de metros que a luz percorre por segundo, elevada por sua vez ao quadrado.

Jensen pegou num comando à distância para projetar uma nova imagem na tela. Por cima de uma garrafa de litro de água na horizontal, projetava-se o seguinte cálculo:

$$E = mc^2 = 0,111 \infty 300\ 000\ 000 \infty 300\ 000\ 000 = \\ 10\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ \text{jules}$$

– Com apenas um litro de água obteríamos uma explosão de dez mil biliões de jules. O suficiente para arrasar com toda esta província. Felizmente para nós, não é assim tão fácil transformar a matéria em energia. Para que isso aconteça, deve ser completamente destruída por uma quantidade equivalente de antimatéria. Encontramo-la nos minerais radioativos, mas isso é outro assunto.

Ao chegar a este ponto, atrevi-me a interromper:

– Qual é então a resposta?

Alguns dos jornalistas olharam para mim com simpatia. Provavelmente não estavam muito contentes por terem abandonado os comes e bebes na suíte para assistirem a uma aula de física elementar. Se não havia nenhuma notícia, então o melhor era voltar para a festa.

– A sombra, é essa a resposta.

Disse isto num tom lúgubre. A sua cara, iluminada pela lua, parecia agora mais pálida. Fez-se um silêncio expectante.

– Falou-se muito dos seus artigos de 1905 e do Nobel que ganhou em 1921. Esse é o lado iluminado de Albert Einstein. Mas sabem que há sempre o reverso da medalha, e é aí que quero chegar. Uma vez que estive ativo até 1955, a que se dedicou nos restantes trinta e quatro anos? Aí está a sombra. Todos nós sabemos que não só deu a chave para a energia nuclear, como também escreveu uma carta a Roosevelt a incentivá-lo a desenvolver a bomba atômica antes da Alemanha e do Japão. Essa carta, que mais tarde veio a considerar «a decisão mais equivocada da sua vida», fez com que levasse a cabo em completo segredo a sua investigação definitiva. Einstein fez, no final da sua vida, outra descoberta fundamental, mas preferiu ocultá-la até que a humanidade estivesse preparada para lhe dar bom uso.

Neste ponto, um dos jornalistas que falavam melhor inglês levantou a mão para intervir.

– Senhor Jensen, se Einstein levou a cabo uma investigação secreta que não veio a público, isso é algo que nunca poderemos saber. Qual é o motivo desta reunião?

O eco de alguém a vomitar na suíte do dinamarquês estragou o clímax da conversa, mas o anfitrião estava completamente concentrado no que ia dizer:

– O motivo é que o momento chegou, justamente quando a humanidade mais precisa. Posso revelar, aqui em primeira mão, que Einstein legou a sua «última resposta» a uma mulher sérvia, a sua própria filha, poucos dias antes de morrer. Essa mulher era Lieserl Einstein, vamos devolver-lhe o seu apelido, e quando morreu entregou o segredo à sua própria filha, chamada Mileva em homenagem à sua mãe biológica.

Esta declaração, que me fez corar – não gostava de partilhar conclusões com aquele tipo –, provocou um sonoro burburinho entre os jornalistas sérvios. Entre eles, uma mulher enérgica com óculos de armação antiga perguntou com uma voz estridente:

– Nesse caso... pode dizer-nos onde vive a tal Mileva, neta de Einstein, e quando vai divulgar o seu legado?

Atribuí à emoção do momento que Jensen começasse a tremer de maneira estranha, como se estivesse desorientado, antes de responder:

– Tudo o que posso dizer, por agora, é que ela mesma nos entregou uma parte da última resposta do seu avô. Na verdade, trata-se da sua conclusão. A fórmula que vão ver de seguida foi escrita pelo próprio Albert Einstein, confirmada por três grafólogos diferentes.

De seguida apareceu na tela:

$$E = ac^2$$

– Agora vocês, tal como eu, perguntar-se-ão o que significa este «a» que substitui o «m» de massa. – Jensen teve de aclarar a voz duas vezes, parecia maldisposto. – O que vos posso dizer é que dentro de dois dias saberemos tudo sobre esta última fórmula, incluindo um

original com os comentários do próprio Einstein. Mais, muito provavelmente, quando der a conhecer «a última resposta», a senhora Mileva estará ao meu lado para me apoiar. Até que esse momento chegue, posso avançar-lhes que esse «a» encerra uma força mais poderosa que a bomba de hidrogénio. É algo que poderia destruir...

Não chegou a terminar a frase. As pernas de Jensen fraquejaram de repente e caiu como se tivesse sido atingido por um raio.

Um minuto depois estava morto.

A ENCICLOPÉDIA DOS MORTOS

Não sei com que armas se lutará na Terceira Guerra Mundial, mas sei que a Quarta Guerra Mundial será com paus e pedras.

ALBERT EINSTEIN

No meio do caos que se seguiu à morte de Jensen, pude apenas deduzir que tinha sido envenenado durante o *cocktail* que antecederia a revelação. E não foi apenas ele: também os seus colaboradores na *Mysterie* jaziam inconscientes na suíte.

Ao longe ouviam-se as sirenes das ambulâncias e dos carros da polícia. Enquanto isso, descí as escadas a correr para o quarto para avisar Sarah do que acabara de acontecer. À primeira vista, alguém se tinha infiltrado na festa para envenenar as bebidas dos três dinamarqueses. Apenas eles tinham tido acesso à documentação secreta, apesar do grosso ainda estar por vir, e ao possível paradeiro de Mileva.

Havia alguém empenhado em que a última resposta de Einstein não visse a luz do dia, e estava disposto a tudo para o impedir.

Os passos dos polícias já ressoavam nas escadas quando entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim. De novo, as circunstâncias colocavam-me na cena do crime. Antes daquela festa com um final trágico, eu e a francesa tínhamos sido vistos a falar com Jensen numa zona afastada do bar. De certeza que o comissário a cargo daquela investigação teria algumas perguntas para nos fazer sobre aquele encontro.

Sarah não estava no quarto, por isso bati com os nós dos dedos na porta da casa de banho. Nada.

Ao regressar à cama de casal ainda por desfazer, apercebi-me que a mala dela também não estava ali. Tinha desaparecido outra vez, deixando desta vez uma nota em cima da mesa de cabeceira:

Querido Javier:

Sinto muito ter-me ido embora desta maneira, mas não tinha outra alternativa. Enquanto vias o documentário, entrou uma pessoa que não tinha sido convidada para aquele encontro. Não sei o que aconteceu depois, mas soube que Mileva está em perigo e devo avisá-la agora mesmo. Nós também devemos sair da primeira linha de fogo.

Depois de leres este bilhete, destrói-o imediatamente e põe-te a caminho da cidade onde viveu Lieserl. Tu já sabes qual é.

Não te preocupes, encontrar-te-ei.

Sempre contigo,

Sarah

Debaixo do bilhete encontrei o meu passaporte, sinal de que Sarah já pagara a conta do hotel.

Com poucas esperanças de não ser intercetado pelo caminho, fechei a minha mala e saí o mais depressa possível do quarto. No andar de cima ouvia-se uma grande agitação de vozes, de modo que desci pela escada antes de a polícia começar a fazer a vistoria ao hotel à procura de suspeitos.

No *lobby*, um dos dinamarqueses estava a ser evacuado numa maca, de modo que aproveitei para sair ao lado dele, enquanto agarrava na mão do homem, que parecia mais morto que vivo.

O maqueiro afastou-me aos gritos. Aproveitei o aglomerado de curiosos à porta do Hotel Royal para seguir pela rua abaixo a arrastar a mala. Apesar de temer que a qualquer momento me mandassem parar, também sabia que era demasiado cedo para que a polícia tivesse averiguado a identidade de todos os que assistiram à conferência de imprensa.

Outra razão para sair de Belgrado o mais depressa possível era que o assassino não devia andar longe. E eu podia ser a próxima vítima.

Deambulei à noite por uma Belgrado menos aprazível que a da minha chegada. Arrastei a mala por uma avenida com edifícios ministeriais destruídos, testemunho dos bombardeamentos de 1999, quando a NATO castigou a cidade para parar a guerra do Kosovo. O impacto dos obuses ainda perfurava o betão, cicatrizes visíveis de um conflito quase tão antigo como a humanidade.

Enquanto me perguntava se os destroços ainda ali continuavam como denúncia ou por simples falta de verba, sentei-me a descansar num banco em frente ao rio Sava, que estava cheio de barcos com bares e restaurantes ao ar livre. Às duas da manhã, as luzes de algumas embarcações revelavam que ainda havia alguns clientes a desfrutar do verão antecipado.

Tentava não pensar na mão assassina que tinha aniquilado os dinamarqueses. Antes tinha de decidir como iria para Novi Sad, a cidade de Lieserl onde a francesa tinha prometido encontrar-se comigo.

O comboio pareceu a hipótese mais simples, mas obrigava-me a esperar até que amanhecesse. Também podia averiguar se algum daqueles miniautocarros fazia a rota, mas naquele momento o que menos me convinha era dar a conhecer a minha presença estrangeira na cidade.

Uma fileira de luzes débeis ao pé do cais fez-me pensar que um táxi podia ser a melhor maneira de sair da cidade, furtivo e na obscuridade.

Contei o dinheiro que tinha na carteira: dispunha de poucos dinares sérvios, mas talvez uma nota de 100 euros bastasse para convencer o taxista a viajar em plena noite até à capital de Voivodina.

Pus-me de novo a caminho e enquanto atravessava a melancólica ponte sobre o rio, entretive-me a pensar nos romances que tinha lido na minha época de estudante. Com o *boom* de Milan Kundera, lembrei-me de que me tinha dado para investigar a literatura dos países de Leste.

Da então Jugoslávia tinha lido *A Ponte Sobre o Drina*, um romance clássico que conta a

história dos Balcãs, e a inquietante *Enciclopédia dos Mortos*, uma coleção de contos de um tal Danilo Kis. A história que dá nome ao livro impressionou-me especialmente: uma mulher visita na Suécia a biblioteca de uma misteriosa organização que se dedica a compilar a vida de todos os seres humanos que existiram no mundo, à exceção das celebridades. Nesta titânica enciclopédia, acaba por dar com a entrada do seu pai recém-falecido. Ali encontra a referência às ruas onde viveu, a identidade das suas amantes, os bares onde se embebedou, as viagens que fez...

Não sabia por que razão este relato me tinha marcado tanto. Talvez fosse a consciência de que, vista em perspectiva, cada vida parecia uma série de circunstâncias ao acaso que não faziam muito sentido.

Entretido com estes pensamentos, cheguei até ao primeiro táxi da fila, onde uma sombra volumosa fumava na solidão do habitáculo. Bati suavemente no vidro com uma moeda e dois olhos brilharam ao ver-me. Pertenciam a um barbudo que devia ter mais de cinquenta anos, e que me disse:

– *Gde idemo?*

Percebi que me tinha tomado por um local, o que não estava mal, e que me perguntava para onde queria ir.

– Novi Sad – respondi, sem revelar ainda que era estrangeiro.

O taxista reagiu com um prolongado assobio de surpresa. De seguida abriu-me a porta e disse:

– *Hajde!*

RAPARIGA DE PROVÍNCIA

Deus está mais perto daqueles que têm o coração partido.

PROVÉRPIO JUDEU

O taxista chamava-se Dimitri e falava um inglês razoavelmente bom. O suficiente para aceitar 100 euros para cobrir os 80 quilómetros de trajeto, com a condição de que lhe pagasse outros 100 euros na viagem de volta.

Contente por ter conseguido um serviço tão bom numa noite de segunda-feira, ao deixar para trás os últimos subúrbios de Belgrado começou a meter conversa.

– O que o traz cá, meu amigo?

– Uma mulher – disse sem faltar à verdade. – Tínhamos combinado encontrar-nos em Belgrado, mas fartou-se de esperar e agora está em Novi Sad, a terra da mãe dela.

Dimitri estalou a língua enquanto abanava a cabeça.

– Ai, as sogras...

A seguir disse alguma coisa para si mesmo em sérvio e riu da sua própria piada, enquanto atravessava com o velho táxi os primeiros campos debaixo da noite estrelada. A única coisa que percebi do seu monólogo foi «Voivodina», a província autónoma para onde nos dirigíamos.

– Todas as raparigas de província são iguais – disse. – Querem voltar sempre para o pé da mãe. E as de Voivodina ainda mais.

– O senhor conhece Novi Sad?

– *Igen*, isso quer dizer «sim» em húngaro. Fala-se bastante por lá, bem como o eslovaco, o romeno, o russo... eu sei lá! Há pessoas muito diferentes em Novi Sad. Às vezes também se fala sérvio, ou pelo menos canta-se. Gosta de Djordje Balasevic?

Tinha-me apanhado. Se o taxista presumira que tinha uma namorada do país, talvez esperasse que conhecesse as estrelas locais.

Ao ver que não respondia, acendeu um cigarro enquanto com a outra mão procurava um CD no porta-luvas do carro. Depois de olhar de esguelha para várias capas, escolheu uma com um tipo de ar afável e barba aparada. Estava vestido com um colete, como os violinistas tradicionais húngaros.

Meteu o disco no leitor de CD antes de dizer:

– Este é Balasevic, um cantautor de Voivodina. Foi o mais famoso da Jugoslávia no seu tempo. E ainda é.

De seguida, uns acordes de guitarra começaram a encher o carro de uma enorme nostalgia. O cantor entoava com uma voz grossa e doce uma bela melodia, da qual não entendia nem uma única palavra.

*Rekli su mi da je dosla iz provincije
Strpavsi u kofer snove i ambicije?*

– *Provincijalka* – disse Dimitri, despertando-me da minha sonolência – significa isso mesmo: rapariga de província. Quer saber o que ele está a dizer?

Consenti com o meu silêncio. O taxista deu uma última passa no cigarro, que apagou no cinzeiro a transbordar – todo o carro tresandava a tabaco – antes de começar a tradução:

– «Disseram-me que ela vinha da província, com a mala carregada de sonhos e ambições...»

Aqui interrompeu-se, como se aquela letra tivesse tocado numa memória não desejada. Apagou o leitor de CD e continuou a conduzir em silêncio.

Enquanto os campos sem fim se estendiam sob a luz da lua, também eu fui apanhado pelo braço da melancolia. De repente veio-me a lembrança da chegada de Diana a Barcelona, que naquele momento me parecia um lugar no outro extremo da galáxia.

Depois do nosso romance em Moscovo, tinha passado um mês na sua terra em Lanzarote – também ela era uma rapariga de província – antes de vir ter comigo.

O reencontro fora muito emotivo. Depois de um abraço interminável no aeroporto, no táxi que atravessava Barcelona olhámos um para o outro sem acreditar que aquilo estava mesmo a acontecer. Ao pegar na mão dela senti que o Universo era um lugar muito menos frio e desolado.

Permanecemos assim, em silêncio, enquanto os nossos olhos pareciam unidos por uma misteriosa corrente de éter amoroso.

Ao chegar ao apartamento, ela deixou a mala no corredor e eu levei-a ao colo até à cama de casal, onde acabara de pôr lençóis lavados depois de mais de um mês sem o fazer. O quarto estava iluminado com velas – Diana adorava-as – e como música de fundo soava o disco de Nick Drake *Five Leaves Left*. Há semanas que andava a ouvir aquele pioneiro do *folk* alternativo; na verdade, a sua música «Way to blue» tinha-se transformado numa espécie de hino pessoal da solidão.

Por isso quando me pediu, enquanto nos despíamos: «Podes tirar esta seca de música?», senti que era um mau presságio.

«Não gostas de Nick Drake?», perguntei enquanto procurava contrariado o comando da aparelhagem.

Deitada na cama apenas com o *soutien*, Diana fixou o olhar no teto e respondeu: «Deixa-me deprimida. Esse tipo de música faz vir ao de cima o pior que há em mim.»

A seguir fizemos amor, mas no meu interior soube que o subtil fio que nos unia acabara de se quebrar. Talvez não partilhássemos tantas coisas como tínhamos imaginado, disse para mim mesmo enquanto a estreitava entre os meus braços no clímax do prazer.

Quando me acordou na manhã seguinte com uma estação de rádio onde passavam salsa, os meus piores receios confirmaram-se. Sempre detestei a música que se baseia no ritmo e na repetição de palavras. O que eu gosto mesmo são das melodias tristes, de tipos obscuros que falam do seu namoro com o suicídio, ou mulheres lânguidas que procuram respostas no céu abrindo muito os olhos.

Para mim a vida nunca foi um lugar para dançar.

Naquela altura, se tivesse contado a alguém estes meus pensamentos, ter-me-ia tomado por louco ou maníaco, mas eu sabia lá no fundo que estávamos a pôr a banda sonora ao primeiro capítulo da nossa separação.

Uma manobra imprevista de Dimitri arrancou-me destes pensamentos. Com um hábil movimento com o volante, saiu da estrada e travou a fundo num descampado. O cheiro a pneus queimados misturou-se estranhamente com o da erva fresca trazida pela brisa.

O meu primeiro receio foi que eu tivesse caído numa armadilha. Esperei que o taxista me ameaçasse com uma pistola e me exigisse todo o dinheiro e cartões de crédito. Mas talvez fosse pior que isso.

– Alguém nos segue – disse muito sério. – Há um bom bocado.

Olhei para trás e vi como dois faróis retrocediam lentamente até desaparecerem do nosso campo de visão.

O ENIGMA DA LUZ E DO ESPELHO

Uma nova verdade científica não triunfa porque convence os seus opositores e os faz ver a luz; o que acontece é que os opositores acabam por morrer e uma nova geração cresce familiarizada com ela.

MAX PLANCK

—Onde quer que o deixe? O táxi já tinha entrado no centro de Novi Sad, bonito e ordenado como uma cidade austríaca. Pouco passava das quatro da manhã, mas já se viam alguns trabalhadores à espera do autocarro que os levaria à sua fábrica de horas perdidas.

Sentia-me alerta desde que soubera que nos seguiam. Por isso pensei na questão uns segundos antes de responder:

– Leve-me para um hotel barato. Não quero acordar a minha namorada a estas horas da madrugada.

O motorista assentiu com a cabeça e disse:

– Hotel Duga. Falaram-me desse sítio.

Não especificou se lhe falaram bem ou mal, mas aceitei a proposta. Qualquer lugar seria bom para me estender durante umas horas antes de passear pela cidade à espera que Sarah me encontrasse. Isso se não tivesse já saído do país.

Enquanto descíamos lentamente a rua Cirilo e Metodij, onde se encontrava o hotel, de repente assaltou-me uma suspeita: e se tivesse sido a própria Sarah quem envenenara os dinamarqueses da *Mysterie*? Tinha-se ido embora no momento certo, enquanto os convidados bebiam os *cocktails*, e desaparecera sem deixar rasto. Só um bilhete que me despachava rumo a Novi Sad.

Depois de pagar ao Dimitri e de tirar a mala, pensei que aquela era uma explicação plausível, mas que não encaixava com a morte do guia em Berna, visto que estávamos juntos quando aquilo aconteceu. Por outro lado, havia o assassinato de Yoshimura, em que Sarah podia ter participado.

Diante da porta do hotel convenci-me de que havia demasiadas pontas soltas para tentar formar uma hipótese coerente, muito menos às quatro e meia da manhã. De qualquer maneira, se a francesa tivesse limpado o sebo ao Jensen e à sua equipa, era melhor que desaparecesse para sempre.

Foi nesse estado de confusão que cheguei à receção, encaixada num cubículo de azulejos brancos parecido com uma casa de banho.

Um rececionista sonolento e com uma barbela enorme informou-me que podia ter um quarto pelo equivalente a 45 euros. Aceitei e, após me registar, fechei-me às cinco da manhã no que parecia ser um quarto de estudantes: duas camas minúsculas separadas por uma mesinha com um *puf* de cada lado. Sem dúvida alguma, ali tinham-se jogado inúmeras partidas de cartas.

Fechei a porta à chave e deitei-me, demasiado agitado com tantas dúvidas para conseguir

dormir. Para piorar o meu estado de irritação a luz começou a faltar justamente quando revia o resumo do japonês – havia uma lacuna teórica que eu devia preencher – sobre o primeiro artigo de Einstein.

A grande novidade do artigo foi a hipótese avançada de que a luz se transmitia por partículas. A estas partículas Einstein chamou *quanta*, apesar de posteriormente terem sido rebatizadas com o nome de fótons. Graças ao avanço que a sua teoria pressupunha desenvolveram-se inventos como a televisão ou a célula fotoelétrica, que não deixa de ser um dispositivo que transmite a energia luminosa (fótons) em energia elétrica (elétrões), princípio que está por trás dos painéis solares.

Ao chegar a este ponto, a lâmpada do candeeiro da mesa de cabeceira fundiu-se definitivamente, deixando-me na escuridão. Na minha insónia, lembrei-me de uma nota ao pé desse capítulo onde me pediam para clarificar «o enigma da luz e do espelho».

Era um clássico nos livros de divulgação sobre Einstein, que questionava o que aconteceria se, viajando à velocidade da luz, nos olhássemos ao espelho. Dado que não se pode superar a velocidade da luz, será que o espelho nos devolveria a nossa imagem?

Pelas respostas que recolhera, a pergunta em si tinha uma rasteira, porque nada que tenha massa pode ir à velocidade da luz. Por isso, era preciso partir de uma situação em que o astronauta vai a uma velocidade um pouco inferior à da luz, e assim os fótons teriam tempo de alcançar o espelho a 300 000 quilómetros por segundo para lhe devolver a sua imagem.

Não me lembrava em que momento tinha adormecido. Pela claridade que reverberava nas paredes do quarto, o sol devia estar perto do meio-dia.

Enquanto os meus olhos se voltavam a fechar para regressar às catacumbas do sono, onde uma pessoa não é responsável pelos seus problemas, senti uma leve pressão na barriga. Ao voltar-me, ataquei aquele mal-estar com a palma da mão, que chocou com um objeto pequeno e anguloso.

Antes que caísse ao chão, apanhei-o entre os dedos ao mesmo tempo que me levantava da cama.

Não podia acreditar no que estava a ver.

Olhei para o meu pequeno caderno *Moleskine* durante muito tempo antes de me atrever a abri-lo. Era o mesmo que tinha esquecido em Cadaqués. Como chegara até ali era algo que escapava por completo à minha compreensão.

Explorei o quarto com o olhar. Estava tudo tal como o tinha deixado na noite anterior. Tudo à exceção daquele caderno que se materializara em cima da minha barriga.

Libertei a capa preta do elástico para me assegurar do que já sabia: era a minha própria letra que enchia as páginas.

CINCO PERGUNTAS

A teoria, mais cedo ou mais tarde, é assassinada pela experiência.

ALBERT EINSTEIN

A resposta ao mistério do caderno estava do outro lado da porta. E tinha nome e apelido: Sarah Brunet.

Depois de ficar um quarto de hora perplexo na cama, finalmente levantei-me e fiz a mala para fugir do Hotel Duga o mais depressa possível. Não me interessava ficar num sítio onde se materializavam pedaços do meu passado e ainda menos quando eram testemunhas de um crime.

Ao abrir a porta, deparei-me com um fantasma de carne e osso: a desaparecida em Belgrado acabava de me encontrar – tinha sido essa a sua promessa – com uma rapidez quântica.

Estava vestida com um elegante saia-casaco em tons crus e parecia muito relaxada.

– Onde vais com essa mala? – perguntou-me com um sorriso brincalhão.

– Para longe daqui.

– Não gostas do hotel?

– Não gosto nada do que está a acontecer. – Pus a mala no chão antes de começar o interrogatório. – Porque é que te foste embora da suíte do Jensen sem me avisar? Quem foi o intruso que viste na festa? Como é que não fizeste nada para impedir que...?

– Isso são demasiadas perguntas de repente – interrompeu-me. – Posso convidar-te para almoçar? Conheço um bom restaurante para que reponhas as forças perdidas. Se fosse a ti deixaria a mala no quarto por agora; talvez tenhamos de ficar mais uma noite em Novi Sad.

Ofereceu-me o braço para que a acompanhasse até ao elevador. Aceitei, apesar de estar furioso por mais coisas do que estava disposto a reconhecer.

– Onde é que estás hospedada? – perguntei-lhe enquanto descíamos no elevador.

– Aqui mesmo. Escolhi o quarto mesmo ao lado do teu, para o caso de termos de fugir outra vez.

Queria perguntar-lhe onde dormira naquela noite, e até mesmo se tinha sido ela a seguir o meu táxi desde Belgrado, mas estava a guardar o batalhão de perguntas para a sobremesa. Numa coisa tinha razão: estava morto de fome.

O Gusan era uma cervejaria situada num dos locais mais antigos de Novi Sad. Construído originalmente para ser uma masmorra, tinha albergado estúdios de artistas e fotógrafos, assim como o primeiro cinema que existiu na cidade: o Korzo. Hoje em dia era uma taberna muito concorrida onde se servia carne assada e a cerveja corria a rodos.

Depois de deixar o meu prato limpo, com a terceira caneca de cerveja dispus-me a

interrogar a minha elegante companheira, que parecia estar vestida para uma recepção. No entanto, antes de começar, ela avisou-me com um sorriso:

– Hoje só te concedo cinco perguntas. Por isso pensa bem nelas. Temos trabalho para fazer. Inspirei profundamente antes de começar:

– Isto não é uma pergunta, mas sim uma suposição, e espero que me digas se estou certo ou não. Do que aconteceu esta manhã, deduzo que apanhaste o meu caderno esquecido na casa do japonês e que o tiveste contigo todo este tempo. Depois de bisbilhotares as minhas anotações pessoais, hoje decidiste devolver-mo enquanto estava a dormir para me pregar um grande susto. Estou enganado?

– Não estás enganado – disse, acariciando a sua franja preta com os seus dedos compridos.

– A segunda pergunta...

– Porque ficaste com o meu *Moleskine* durante tanto tempo?

– Gosto de saber com quem trabalho. Esse caderno é um espelho fiel de quem és. Agora sei que posso confiar em ti, Javier. Juntos vamos chegar até ao final disto tudo.

Um empregado pôs naquele momento dois copos de *rakija*, a aguardente local, na mesa. Estava deliciosamente fria. Esquecendo-me por um momento do que acontecera no encontro de Jensen, bebi um pouco de licor antes de dizer:

– O problema é que eu não sei se me posso fiar em ti. Não sei quem és, para quem trabalhas e o que esperas de mim.

– São três perguntas – lembrou ela aproximando o copo dos lábios carnudos –, exatamente as que te restam.

– Pois vou utilizar uma delas. Para quem trabalhas?

– Para mim própria. Neste caso não sou uma assalariada como tu. Apesar de ter recebido uma oferta do Princeton Quantic Institute, nunca cheguei a assinar contrato. Não me interessa a biografia de Yoshimura, nem a de nenhum outro. Tenho os meus próprios motivos para querer chegar até ao final disto.

Estive tentado a perguntar-lhe que motivos eram esses, mas havia outras perguntas de carácter prático que me preocupavam mais.

– Como soubeste que eu estava alojado no Hotel Duga? Seguiste-me até aqui? Eras tu que estavas no carro que retrocedeu de noite na estrada?

Sarah bebeu a *rakija* até meio do copo antes de responder:

– Vou contar todas essas perguntas como se fosse apenas uma, porque esta é a quarta. Não te segui em nenhum momento, mas foi muito fácil dar contigo porque em Novi Sad não há assim tantos hotéis. Precisei apenas de passar uma hora ao telefone para te localizar. Apresentei-me como tua mulher, foi assim que me deram a chave do teu quarto.

– E o rececionista não te perguntou por que razão uma esposa pede o quarto ao lado do seu marido?

– Essa seria a tua quinta pergunta.

– Estou-me nas tintas. Já não espero grande coisa deste interrogatório.

– Vá lá, não sejas parvo e pergunta alguma coisa que valha a pena.

Depois de dizer isto, tocou com o copo no meu e bebeu a aguardente de um trago. Parecia estar no mesmo estado de espírito que na já longínqua noite em Berna. Uma vez mais,

apercebi-me de que não sabia com quem me estava a associar, o que não era uma boa notícia.

– A quinta pergunta vai ser de trabalho – anunciei. – O que raio viemos fazer a Novi Sad? À parte de comer e beber no Gusan, quero dizer.

Sarah acariciou-me suavemente a mão enquanto os seus olhos brilhavam de entusiasmo. Disse:

– Temos um encontro com a meia-irmã de Lieserl. É uma centenária com uma saúde muito delicada, mas consegui que nos receba esta noite. O seu filho, que fala inglês, estará com ela, por isso não precisamos de tradutor.

– E a Mileva...?

– É disso que se trata. Espero que a sua tia nos conduza até ela.

A RELATIVIDADE DO ÊXITO

Um especialista é uma pessoa que cometeu todos os erros que se podem cometer num determinado campo.

NIELS BOHR

Faltavam quatro horas para o encontro com Tea Kaufler, a meia-irmã centenária de Lieserl. Depois do meu breve interrogatório, tudo o que consegui saber foi que Sarah prometera ao filho dela uma compensação económica pelo incómodo da nossa visita, que teria lugar às oito e meia em casa da idosa.

Ao sair do restaurante, a minha sócia naquela aventura disparatada voltou a mostrar-se fria e distante. Era como se estivesse a preparar mentalmente o assalto que teria lugar naquela noite.

Eu estava demasiado cansado – pela falta de sono e pelo licor – para lidar com humores alheios, de modo que decidi passar a tarde à minha maneira no centro de Novi Sad. Na secção inglesa de uma livraria tinha comprado um exemplar de bolso de *A Short History of Nearly Everything*, um conhecido ensaio de divulgação de um jornalista de viagens inglês.

Estava interessado em reler o capítulo «O Universo de Einstein», que continha algumas histórias que não vira noutros livros. A mais divertida, sem dúvida, era a que fazia referência a como Einstein se tornara mundialmente famoso. Referia-se a um equívoco que acontecera em 1919, dois anos antes de ter sido distinguido com o prémio Nobel.

Pelos vistos, tudo começou quando o *New York Times* decidiu fazer uma reportagem sobre ele e enviou o correspondente que tinham disponível, um tal Henry Crouch, responsável pela secção de golfe do jornal. O homem não sabia nada sobre ciência e percebeu tudo ao contrário. Entre os erros mais graves, escreveu no seu artigo que Einstein tinha encontrado um editor audaz o suficiente para publicar um livro que «apenas doze homens em todo o mundo podiam compreender». Apesar de tal livro não existir, nem editor, nem tal círculo de iluminados, os leitores adoraram a ideia. O difícil é sempre mais apetecível.

A própria imaginação popular reduziu aquelas doze mentes privilegiadas a três – incluindo Einstein; uma delas era o astrónomo britânico Arthur Eddington. Quando lhe perguntaram se era verdade, este hesitou antes de responder: «Estou a tentar pensar quem será a terceira pessoa.»

Um clarão azul distraiu-me da leitura. Como se uma câmara de segurança tivesse captado o sinal de alerta desde a periferia da minha pupila, aquela cor artificialmente intensa fez-me levantar o olhar.

Foi então que a vi.

Caminhava a passo rápido e já se tinha perdido no meio da multidão de pessoas, mas os

seus totós azuis não davam margem para dúvida. Lorelei estava ali, atenta a todos os meus movimentos. Não sabia quem a tinha mandado nem qual era o papel dela naquela trama toda, mas sem dúvida fora ela a conduzir o carro que me seguira na estrada à noite.

Deixei o dinheiro para pagar a conta na mesa e saí dali a correr atrás dela, desviando-me das pessoas que me apareciam pela frente.

Como se tivesse olhos nas costas, nesse mesmo instante a minha perseguidora apressou o passo. Vi como as suas pernas enfiadas em *collants* verdes e botas militares começavam a correr, enquanto afastava com as mãos qualquer pessoa que se lhe atravessasse no caminho.

Eu próprio quase derrubei um velhote, que me maldisse em sérvio, enquanto Lore chegava à rua e conseguia parar um táxi. Saltou lá para dentro e eu cheguei mesmo a tempo de ver o veículo arrancar com a sua passageira encostada à janela.

Antes de desaparecer no trânsito, fez com três dedos o sinal de uma pistola, que levantou duas vezes enquanto me olhava muito fixamente. Interpretei que aquilo significava: «Bang, bang, vou-te matar... E quando o momento chegar a pistola será de verdade.»

Este novo encontro com Lorelei colocava-a definitivamente do lado inimigo. Aquela que me parecera uma adolescente excêntrica que se tinha cruzado duas vezes no meu caminho era claramente a nossa perseguidora.

Apesar de ainda não saber quem a tinha enviado, nem o que queria, só o facto de a rapariga se ter atrevido a parar um comboio em movimento significava que estava disposta a tudo.

Como ainda faltavam duas horas para o encontro da noite, entrei num cibercafé para investigar aquele monstro de totós azuis. Era improvável que me tivesse dado o seu nome verdadeiro, mas ainda assim decidi testar essa hipótese escrevendo no motor de busca «Lorelei» + «Zurique» + «Cabaret Voltaire».

O resultado foi tão extravagante como ela própria. Por alguma estranha razão, o algoritmo do Google conduziu-me até um bar de Los Angeles denominado Part Time Punks. À esquerda da página apareciam as músicas que tinham sido tocadas naquela sala desde a sua abertura. Tive de descer até aos abismos daquela lista interminável até chegar ao dia 13 de janeiro do ano anterior. Naquela noite tinha atuado uma banda da Virgínia chamada Lorelei. O título da canção, «Inside the Crime Lab» – «dentro do laboratório do crime» –, não era propriamente tranquilizador.

De qualquer maneira, aquilo não explicava nada; só servia para revelar as intenções de quem tinha tomado aquele nome.

A NOITE DO CHÁ

Não me sinto aterrorizado por não conhecer coisas, por estar perdido no misterioso Universo sem ter propósito algum, pois é assim que a realidade se apresenta.

RICHARD FEYNMAN

A casa da meia-irmã de Lieserl ficava nos subúrbios de Novi Sad, no final de um bosque solitário com um lago seco.

Pelos vistos, Tea tinha sido a última filha biológica de Helene Kaufler Savić, que se ocupara da filha da sua amiga antes desta se casar com Einstein. O que acontecera depois era um mistério que esperava resolver naquela mesma noite.

Um homem de meia-idade, de cabelo grisalho e com uma expressão feroz abriu-nos a porta. Depois de se apresentar como Milos, cumprimentou-nos com a sua grossa mão de agricultor. De seguida disse num inglês bastante compreensível:

– A minha mãe espera-vos na sala. Não a incomodem muito, ela hoje não está num bom dia.

Antes de entrar, Sarah entregou-lhe um envelope. O homem dobrou-o em dois e simplesmente guardou-o no bolso do casaco.

A pequena mansão de Tea Kaufler era uma coleção desigual de recordações que acumulavam pó e ressentimento. No corredor forrado a papel de parede estava pendurado um retrato do marechal Tito, bem como várias fotografias de um agricultor com um grande bigode que devia ser parente da mulher.

Milos fez-nos passar para uma sala pobremente iluminada onde se via um póster com o lema: VISIT YUGOSLAVIA. Na imagem, duas raparigas com um ar alegre brindavam com a cidadela de Dubrovnik – na atual Croácia – como pano de fundo.

Toda a casa cheirava a mofo e a urina de gato.

Visivelmente emocionada, Sarah deu-me o braço quando chegámos à cadeira de baloiço onde uma velha de cabelo rapado parecia dormir com uma fina manta sobre as pernas.

O seu filho sussurrou-me ao ouvido:

– É cega, mas sabe perfeitamente que estão aqui.

Um minuto depois regressou trazendo uma bandeja com quatro copos de *rakija*. Um era para a idosa, que apanhou o seu licor com uma notável precisão. Aproximou-o dos lábios enquanto inspirava fortemente pelo nariz, como se valorizasse o aroma das ameixas que tinham servido para fazer a aguardente.

A seguir murmurou numa voz quebrada:

– *Kako...*

Não era a voz que dissera «Cabaret Voltaire», e era muito pouco provável que as cartas tivessem saído daquelas mãos. Contudo, naquele momento Tea Kaufler era tudo o que tínhamos para tentar encaixar as peças do quebra-cabeças.

Milos falou docemente ao ouvido da mãe, que assentiu algumas vezes por entre grunhidos. A seguir ele olhou-nos como que a dar-nos a entender que a entrevista podia começar.

Deixei que Sarah tomasse a iniciativa. Com as mãos unidas recatadamente no regaço, depois de cumprimentar a anciã e agradecer-lhe pela sua atenção, a francesa disse:

– A nossa visita deve-se ao facto de estarmos a terminar uma biografia sobre Einstein e querermos clarificar alguns laços familiares.

Milos traduziu a pergunta e a anciã pareceu ficar indignada ao ouvir o nome do físico, visto que começou a lançar o que parecia ser uma série de impropérios em sérvio.

– A minha mãe não tem Einstein em grande conta – disse ele. – Não lhe perdoa que jamais se tenha dignado a conhecer a sua filha.

– O senhor conheceu-a? – interrompi dirigindo-me a ele.

– Lembro-me dela muito vagamente. Era uma mulher muito bonita, segundo conta a minha mãe. Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, foi viver para os Estados Unidos e nunca mais regressou.

Sarah tomou a palavra:

– Imagino que as duas irmãs mantiveram o contacto por telegrama ou telefone. Pode perguntar à sua mãe se Lieserl chegou a conhecer o pai na América?

A anciã ouviu a pergunta enquanto bebia ruidosamente o seu licor. Ao perceber do que se tratava, começou a negar com a cabeça enquanto exclamava:

– *Nema, nema, nema...*

A seguir começou um longo discurso que o filho foi ouvindo com murmúrios de aprovação. Milos inspirou ruidosamente antes de começar:

– Lieserl não tinha nenhum interesse em conhecer o pai que a havia abandonado. Especialmente depois da maneira como tratou Mileva, com quem ela manteve algum contacto. O que a levou até Boston foi o amor por um soldado americano que conheceu num campo de refugiados de Trieste onde trabalhou como enfermeira.

Pude ler a decepção no rosto de Sarah. Aquela versão dos factos não encaixava com a hipótese que tão habilmente tínhamos elaborado. Ainda assim insistiu:

– Pode perguntar-lhe se Lieserl teve alguma filha nos Estados Unidos? Talvez uma menina chamada Mileva?

Milos transmitiu a pergunta à idosa, que respondeu com uma débil gargalhada. Então disse três ou quatro frases num tom irritado. Era óbvio que aquela entrevista começava a cansá-la.

O homem voltou-se para Sarah para lhe explicar:

– Tudo o que a minha mãe sabe é que teve um filho com o soldado. Chamava-se David. Depois Lieserl separou-se e perdeu o contacto com ela. A última coisa que soube foi que aceitou um cargo de enfermeira em Nova Iorque.

Apesar de a situação aconselhar a parar com as perguntas, Sarah pediu a Milos que fizesse uma última pergunta à sua mãe. Queria saber se, antes da sua morte, Einstein tentou compensar a sua filha de alguma maneira, tal como tinha feito com Mileva depois de ter ganhado o Nobel.

Depois de ouvir a pergunta aborrecida, Tea Kaufler concluiu:

– O último presente de Einstein a Lieserl, depois de a ter desprezado como se fosse um

inseto, foi ter abandonado Mileva à sua sorte depois de ter dormido com a sua própria prima.

Depois de traduzir isto, o homem da casa convidou-nos a sair. Um táxi chamado por ele esperava-nos à porta.

Ao ocupar o banco de trás, Sarah e eu olhámos um para o outro. Estávamos num beco sem saída. Enquanto o taxista nos levava de volta ao centro de Novi Sad, ela soltou um suspiro e disse:

– E agora?

MENSAGENS DA AMÉRICA

A meditar sobre a nossa vida e tarefas, apercebemo-nos de que fazemos e desejamos quase tudo em relação com outras pessoas.

ALBERT EINSTEIN

Parámos num restaurante tradicional sérvio com mesas rústicas e troncos como vigas, o Ognjiste. Do encontro com Tea podia fazer-se uma leitura positiva e outra negativa.

A parte boa era que Lieserl vivera na Costa este dos Estados Unidos, o que desmentia que fosse a Zorka Savić que tinha residido na Sérvia até finais dos anos noventa. O facto de ter ido para a América tornava mais fácil que Einstein tivesse entrado em contacto com ela para lhe entregar a última resposta. A possível existência de um filho a viver no país era outra valiosa fonte de informação.

A parte feia daquela história era que Lieserl não quisesse saber do seu pai para nada. Apesar de ser compreensível, isso fazia com que provavelmente não fosse ela a guardiã do segredo. Contudo, mesmo que nunca se tivessem conhecido, se Albert lhe tivesse deixado alguma coisa no seu testamento, de certeza que lhe teria chegado às mãos. Outra questão era o que teria feito com aquilo que recebera.

Depois de enfrentar com faca e garfo um enorme prato de carne – o famoso *čevapi* sérvio –, com a segunda garrafa de vinho húngaro *Tokaji* pus a questão sobre a mesa:

– Visto que na Sérvia não vive nenhum descendente direto de Lieserl, pelo menos que nós saibamos, não consigo compreender a revelação de Jensen sobre a fórmula e o atentado. Talvez os três dinamarqueses estejam mortos e enterrados por uma fórmula que ninguém sabe de onde apareceu.

– Mas Mileva manteve contacto com a sua terra natal – disse Sarah de copo na mão. – Não se pode pôr de parte a hipótese de um rascunho do seu marido ter ficado esquecido numa caixa familiar em Belgrado ou Novi Sad. Sobretudo se ela o ajudava no cálculo matemático. Ao esvaziar-se uma dessas caixas, pode ter acabado nas mãos de um colecionador que vendeu agora o documento.

– É uma boa explicação, mas Jensen anunciou no final da conferência que dentro de alguns dias a própria Mileva, a suposta neta de Einstein, o acompanharia para apresentar todos os dados sobre esta última fórmula.

– Esse pode ter sido o motivo do crime – observou a francesa. – Jensen e os seus colaboradores tinham contactado com uma pessoa, talvez a nossa Mileva, que alguém está muito interessado em que não saia a público. A grande pergunta é por que razão.

Servi-me de outro copo de vinho branco, como se aquela raridade seca da Hungria – os *Tokaji* costumam ser doces – pudesse dissolver algumas das dúvidas que se iam acumulando na nossa investigação. De seguida disse:

– Antes de morrer, Jensen assegurou que esta fórmula, $E = mc^2$, tinha um poder superior à bomba atómica. Só por isso pode haver alguém interessado em desenvolver a sua aplicação tecnológica sem a partilhar com o resto da humanidade.

– Estou de acordo contigo. De qualquer maneira, temos duas provas de que a Mileva de que estamos à procura não está na Sérvia. A primeira é o que acabámos de saber da boca de Tea Kaufler. A outra, o facto de que esta pessoa precisava de dois dias para chegar a Belgrado. Faz-me pensar numa viagem intercontinental.

– Sim, é o tempo que alguém que viesse dos Estados Unidos precisaria para, com os fusos horários contra, mudar de avião algumas vezes até chegar a Belgrado. Isso significa que se há alguém relevante em tudo isto, temos de atravessar o Atlântico para a encontrar.

A minha conclusão foi recebida como uma proposta por Sarah, que me pegou na mão e a levou aos lábios. Ao sentir aquele leve beijo o meu coração desatou a bater desalmadamente.

Procurei voltar à conversa para disfarçar o meu nervosismo:

– Quando é que achas que devíamos partir para a América?

Antes de responder, fixou o seu olhar azul no meu:

– Amanhã.

O quarto para adolescentes do Hotel Duga não parecia o lugar mais indicado para uma noite romântica, mas o vinho e a perspectiva de deixar a velha Europa tinha-nos levantado o ânimo.

Fizemos o caminho a pé de mãos dadas. O seu justo saia-casaco fazia com que Sarah parecesse uma executiva acabada de chegar ao Leste para terminar algum negócio obscuro. E não estava assim tão longe da realidade.

Passava da meia-noite e as ruas da capital de Voivodina já se tinham esvaziado. Apenas os nossos passos hesitantes quebravam o silêncio de uma cidade talvez demasiado perfeita.

Ao chegar ao hotel, o rececionista da barbeta não estava, de modo que tivemos nós próprios de ir buscar a chave atrás do balcão. A seguir entrámos no elevador para iniciar uma modesta subida de dois andares.

Apesar de não parecer tão ébria como em Berna, Sarah estava em plena transformação. A mulher fria e impenetrável tinha de novo dado lugar à rainha da frivolidade. Antes de chegar ao segundo andar, carregou no botão para parar. O elevador parou em seco e vibrou por uns segundos como se fosse cair.

– Tens medo? – perguntou ela enquanto me olhava com ar de desafio, com o nariz a roçar o meu.

– Não gostava de passar a noite no elevador – disse lembrando-me da minha claustrofobia.
– Apesar de estar acompanhado por uma mulher tão encantadora como tu.

A seguir, carreguei no botão do segundo andar. Sarah pareceu dececionada ao comprovar que o elevador arrancava. Com uma entoação infantil, sentenciou:

– És aborrecido.

Ao sair do elevador, fechou os olhos e disse:

– Leva-me para o teu quarto.

Não sabia se aquilo queria dizer o que eu imaginava, mas recusava-me a fazer figura de

parvo outra vez. Como um pastor que devolve a ovelha ao redil, abri a porta enquanto segurava em Sarah com a mão esquerda.

Contudo, ao acender a luz, esperava-me algo pior do que ficar preso no elevador: o conteúdo da minha mala estava espalhado por todo o lado. Até os colchões tinham sido arrancados das camas.

E o manuscrito e o computador tinham desaparecido.

O ASSALTO

Os grandes perigos têm a sua beleza, e promovem a fraternidade entre estranhos.

VICTOR HUGO

— Parece que tivemos uma visita – disse, enquanto avaliava as dimensões da catástrofe. O panorama devolveu a compostura a Sarah, que se apoiou na parede para observar o que tinha acontecido.

Quem entrara no quarto, para além de levar o computador e o manuscrito, tinha explorado todos os cantos e recantos à procura de alguma coisa que não encontrara.

Depois de devolver a minha roupa suja à mala saqueada, fechei-a e sentei-me em cima dela. A francesa, por seu lado, sentou-se numa das camas e olhou-me compassiva.

– Ficaste sem o teu trabalho, não foi?

– Seria a segunda vez em menos de duas semanas – respondi ao mesmo tempo que tirava do bolso uma *pen*. – Ainda bem que tenho tudo aqui. Até uma cópia do manuscrito.

– Mas não tens computador – observou.

– Posso comprar um amanhã, mas temo que o teclado esteja em cirílico.

Olhámos um para o outro com um sorriso que se transformou num ataque de riso parvo, desses que dão a uma pessoa quando parece que se perdeu o norte e nada corre bem.

– Compra em Nova Iorque – disse Sarah. – Vai ser o nosso próximo destino.

A meio daquela relaxada conversa, até demasiado para o que acabara de acontecer, apercebi-me de que não tínhamos comprovado uma coisa fundamental.

– E o teu quarto?

– Não aconteceu nada – respondeu ela. – O ladrão não entrou lá. Provavelmente, nem sequer imaginava que eu estaria alojada neste hotel.

– Mas como é que sabes? – perguntei desconfiado.

– Vem comigo e vais ver.

Enquanto a embriaguez dava lugar a uma terrível dor de cabeça, segui Sarah até à porta contígua. Antes de meter a chave, mostrou-me o ecrã do seu telemóvel.

– Repara bem no que acontece se não desligar o alarme.

A seguir girou a chave na fechadura. Quando a porta se abriu, o telemóvel começou a vibrar ao mesmo tempo que emitia um barulho penetrante. A francesa desligou o alarme carregando num botão, antes de acender a luz do quarto.

Tal como ela tinha dito, estava tudo no sítio certo. Havia roupa atirada para o chão, mas isso fazia parte dos hábitos da ocupante.

O dispositivo de segurança era um pequeno transmissor que se colava atrás da porta. Deduzi que ao captar o movimento ativava automaticamente o alarme no telemóvel de Sarah.

– És uma mulher prudente. E agora, o que fazemos?

– Interrogar o rececionista. Convém saber quem anda atrás de nós.

O homem da grande barbela estava de novo no seu lugar, ainda que pela ligadura que a cobria, parecia que meia cabeça já lá não estava. Olhou para nós furioso enquanto aproximava o auscultador do telefone e sussurrava:

– *Policija.*

Acrescentou duas frases, das quais compreendi apenas o nome do hotel, e de seguida desligou.

A coisa estava a ficar feia, de modo que agradei que tivéssemos trazido as nossas malas connosco.

– Entraram no meu quarto – disse na defensiva.

– E um taco de beisebol entrou na minha cabeça, se lhe serve de consolo – respondeu com os olhos injetados de sangue. – A sua amiguinha tem uma maneira especial de levar a sua avante.

– A minha amiguinha? De quem está a falar?

Sabia perfeitamente quem estava por detrás daquilo, mas não estava disposto a que me relacionassem com aquela louca.

– Ao saber que o senhor não estava, disse-me que ia esperá-lo no quarto. Avisei-a de que não era possível: só as pessoas que estão registadas é que podem entrar, sobretudo no quarto de um cliente. Antes de podermos continuar a discutir, tirou um taco de beisebol do saco e agrediu-me com ele. Quando recuperei os sentidos, tive de ir para o hospital para levar pontos.

Naquele momento, um carro da polícia estacionou em frente ao hotel. Dele saíram dois agentes com um uniforme azul. Nos dez segundos que demoraram a chegar à receção, Sarah teve tempo de realizar uma negociação fulminante.

– Quanto quer para não nos relacionar com este caso? – sussurrou-lhe.

– Como? – perguntou o rececionista assustado.

A francesa tirou da mala duas notas de 500 euros e pô-las com um rápido movimento no bolso do homem. Ao mesmo tempo que os agentes entravam e cumprimentavam, ela disse-lhe num tom hipnótico:

– Nós não tivemos nada a ver com isto, está bem? Diga-lhes que a agressora não chegou a subir aos quartos.

O rececionista olhou para Sarah e para os agentes, respetivamente. A seguir levou a mão ao bolso para ter a certeza de que as notas grandes estavam realmente lá. Com mais cor no rosto, começou a vociferar em sérvio enquanto apontava para a ferida na cabeça.

Um dos polícias olhou-nos demoradamente enquanto interrogava o ferido, que disse algo como:

– *Goste su.*

Deve ter cumprido o acordo, visto que o polícia nos cumprimentou levando a mão à testa e não nos prestou mais atenção.

Sáímos do hotel enquanto averiguavam o que ali se tinha passado. O rececionista daria com certeza uma pormenorizada descrição da tarada de cabelo azul, que naquele momento devia

estar a preparar o seu próximo movimento.

Como nós.

O melhor era abandonar o país antes que as coisas se complicassem ainda mais. Com o efeito do álcool a diminuir, Sarah tinha empalidecido. Era óbvio que lhe custava manter os olhos abertos.

– Procuramos outro hotel? – sugeri.

– É melhor não – suspirou. – Novi Sad já não é uma cidade segura para nós.

– Vamos para onde então?

– Para a América.

TERCEIRA PARTE

ÁGUA

A Água é o elemento da emoção e do subconsciente.
Simboliza o amor, os sentimentos positivos, a amizade,
o perdão, a compaixão, a generosidade, a entrega,
a abertura do coração, a alegria, até mesmo a fé.

Também a ela pertencem as paixões, a dor e o prazer
dos sentimentos, os temores e ânsias, esperanças e decepções,
o esotérico e aquilo que pertence ao mundo psíquico.

A Água é o elemento essencial nos rituais de depuração
e fertilidade.

Sem Água não haveria vida. A Água alberga-a e transporta-a.

É o elemento do coração.

O sangue é líquido, e as lágrimas são compostas de Água,
uma composição que varia em função da alegria
ou da tristeza que nelas se expressa.

A vida secreta do génio

Quando uma pessoa se apaixona, frequentemente começa a enganar-se a si mesma para acabar por enganar os outros. É a isso que o mundo chama romance.

OSCAR WILDE

As 6h45 havia um voo de Belgrado com destino a Nova Iorque, com apenas uma escala em Munique. Dada a situação, o melhor era apanhar um táxi até ao Nikola Tesla, o aeroporto da capital.

Já no interior de um velho *Mercedes*, pensei que a minha sina era atravessar a Sérvia de madrugada. Os extensos campos por onde tinha passado à ida pareciam-me agora menos desoladores, talvez porque Sarah dormia no meu colo.

Apesar de uma cena semelhante – no comboio Flecha Vermelha – ter tido um final trágico, o meu coração batia feliz enquanto a francesa respirava profundamente.

Uma pessoa por quem nos começamos a apaixonar, a dormir de madrugada no nosso regaço enquanto viajamos de sítio nenhum para sítio nenhum. Essa era para mim uma boa definição de felicidade.

*

Quando o *Boeing 735* atravessou as primeiras nuvens, Sarah pegou na minha mão e dirigiu-me um sorriso que não soube interpretar. Fora uma expressão de alegria ingénua, como a de uma criança que regressa a casa depois de uma longa e aborrecida viagem.

Contudo, eu não sentia estar a regressar a um porto seguro. Pelo contrário, à medida que avançávamos naquela aventura sentia-me cada vez mais perdido, tanto em relação à missão como ao próprio sentido da minha vida.

A voz aveludada de Sarah acordou-me daqueles pensamentos.

– Não gostei que Tea fosse tão dura com Albert.

– Porquê? – perguntei surpreso. – Achas que ele tratou a Mileva bem?

– Nem pensar, mas não me parece bem que o julguem por uma época da sua vida que deve ter sido muito difícil.

– Tenho vontade de reler no manuscrito de Yoshimura a parte da prima, mas terei de esperar até ter um portátil para descarregar de novo o documento.

– Eu própria posso contar-te essas fofocas – disse enquanto bebia uma chávena de chá. – Ao fim e ao cabo, há vários anos que ando a fazer uma tese sobre Mileva Marić, apesar de perceber que há muitas coisas que não foram incluídas em nenhum livro.

– O editor do manuscrito falaria de «buracos».

– Pois a mim ainda me falta um fosso por encher para perceber o papel de Mileva nas

teorias de Einstein. Sobre a sua vida pessoal sabemos muitas coisas, sobretudo desde que se leilou na Christie's quatrocentas e trinta cartas que trocaram nos bons e maus momentos. Algumas eram terríveis. Por exemplo, quando a relação já se tinha degradado, Einstein pôs à sua esposa três condições para continuarem a viver juntos: renunciar a qualquer relação pessoal com ele, abandonar o quarto sem protestar quando ele lhe dissesse e garantir que os seus lençóis estavam sempre em ordem.

Pedi um segundo café antes de contra-atacar a estudante de doutoramento.

– São essas coisas que sempre me incomodaram nas intelectuais como tu. Se fosse um homem normal comia-lo vivo por um comentário infeliz que pudesse ser interpretado como machista. Contudo, aos génios como Picasso e Einstein perdoam-lhes que tenham maltratado as suas mulheres até ao limite do suicídio.

– Bem, talvez esses homens tenham dado um contributo tão grande para a humanidade, incluindo às mulheres, que se pode perdoar as suas crueldades domésticas. Em contrapartida, homens como tu só podem pôr os vossos atos quotidianos na balança.

Sarah compensou o duro ataque dando-me um suave beijo na cara. Fiz-lhe notar que continuava chateado até receber um segundo beijo, desta vez mais perto dos lábios. Definitivamente, estava-me a portar como uma criança.

– O bom dessas cartas – continuou – é que reforçam a teoria de que Mileva esteve muito envolvida nos artigos do seu marido, com ou sem a ajuda de Tesla. Por exemplo, nalgumas delas Einstein dirige-se à sua esposa falando do «nosso trabalho», como se tivesse sido uma tarefa conjunta. Isso explicaria também ter-lhe entregue todo o dinheiro do Nobel de 1921, quando já estavam separados e havia uma manifesta inimizade entre ambos.

– Talvez lho tenha dado porque se portou como um cretino, como disse Tea, e tinha a consciência pesada.

– Einstein não tinha esse tipo de problemas – replicou taxativa. – Vejo-o mais como um acerto de contas por um trabalho dos dois em que ele ficou com toda a glória.

– Fosse como fosse, isso não importa. Como disseste e muito bem, eu sou um homem normal que só se interessa pelas coscuvilhices. O que se passou com a prima?

– É uma longa história.

– Tempo é algo que não falta neste avião. Se não terminares a história daqui até Munique, podemos continuar no voo para Nova Iorque.

Sarah deu-me uma cotovelada antes de me avisar:

– Conto-te se ficares caladinho, sem fazer comentários impertinentes.

Levantei a mão em sinal de juramento.

– As coisas começaram a piorar quando a família Einstein se mudou para Berlim em 1914 – começou. – Mileva não gostava nada daquela cidade. Além disso, começava a suspeitar da relação que havia entre Einstein e a prima dele, Elsa Löwenthal, que era sua amante ocasional desde há dois anos. Ele escrevia-lhe cartas dizendo coisas maravilhosas do género: «Trato a minha mulher como uma empregada que não posso despedir.»

– Uma grande consideração da parte dele.

– Quando se soube da sua relação com a prima, o seu casamento desmoronou-se. Albert escreveu a famosa carta com as três condições para ele e a mulher viverem juntos. Mileva

esteve a ponto de aceitar, mas mudou de ideias ao receber uma nova carta do seu marido onde lhe explicava que jamais haveria companheirismo entre ambos, que a relação deles devia ser como uma relação de negócios sem contactos pessoais. Terminava essa carta dizendo: «Garanto-te que a minha atitude para contigo será correta, tal como seria com uma estranha.»

Naquele momento o avião iniciou as manobras de aterragem no aeroporto Franz Josef Strauss de Munique.

– E como acabou? – insisti. – Vá lá, não me deixes em suspense.

O peito de Sarah inchou ao inspirar profundamente. A seguir disse:

– Na verdade, Mileva era uma mulher muito inteligente e não aceitou essa série de parvoíces. Decidiu separar-se e levou as crianças para Zurique. Cinco anos depois, Albert casou-se com a sua prima Elsa, com quem as coisas correram ainda pior do que com a sua primeira esposa. O que demonstra que também os génios se enganam, e que se pode ser um vinte a física mas um zero nas ciências do coração.

As rodas do avião estavam prestes a tocar no solo alemão quando perguntei à minha acompanhante:

– Quem preferias ter a teu lado, um génio cretino ou um burro com bom coração?

Em resposta, Sarah fechou os olhos e sorriu.

WILLIAMSBURG

O americano vive mais para os seus objetivos, para o futuro, do que o europeu. A vida para ele é sempre tornar-se, nunca ser.

ALBERT EINSTEIN

Manhattan tinha-se transformado numa ilha burguesa onde era impossível dormir por menos de 120 dólares por noite, de modo que do JFK fomos para Brooklyn à procura de prados mais verdes.

Desde a minha saída de Barcelona para seguir o rasto de Einstein, os 25 000 dólares iniciais tinham baixado para menos de vinte e aproximavam-se perigosamente dos 15 000 dólares. Se déssemos muitas voltas pelos Estados Unidos à procura do fantasma de Mileva, podia acabar por voltar com uma mão à frente e outra atrás.

A não ser que conseguisse completar o manuscrito do japonês e o editor cumprisse a sua parte; sem o trabalho na rádio esperava-me um futuro sombrio no meu regresso.

Esta reflexão económica levou-me a propor a Sarah que alugássemos um apartamento por alguns dias em Williamsburg, o bairro alternativo de Brooklyn. Era a solução mais barata e discreta, visto que assim evitávamos que nos pudessem localizar através do registo do hotel.

O táxi deixou-nos em Bedford Avenue, uma rua larga que liga o bairro ultraortodoxo com os bares e mercados *hippies*.

Em comparação com o caos de trânsito automóvel e humano de Manhattan, caminhar por Williamsburg era como estar noutra cidade, até mesmo noutro país. À arquitetura dos antigos armazéns de dois e três andares juntava-se um inesperado silêncio, como se os automóveis tivessem fugido dali há muito tempo.

O ambiente também não tinha nada a ver com o que uma pessoa esperava encontrar em Nova Iorque. Todas as pessoas estavam vestidas com roupa em segunda mão, raparigas com óculos enormes e chapéus, para além de diversas variantes da estética *punk*.

– Isto parece um santuário de tribos urbanas extintas – comentou Sarah enquanto observava a lua da Spoonbill & Sugartown, uma livraria de Bedford Avenue.

– Talvez aqui saibam onde podemos alugar um apartamento – disse ao entrar.

Nas mesas exibiam-se livros vanguardistas, subversivos ou simplesmente *freak*, como um volume caro dedicado a anões toureiros, ou um álbum infantil para pintar que recriava cenários de guerra, com cabeças a voar, membros queimados e edifícios em ruínas.

Ao lado da caixa, dois gatos descansavam em cadeiras de baloiço à escala.

Perguntei pelo alojamento a um tipo com óculos que era a cara chapada de Allan Ginsberg. Acariciou a barba negra durante uns segundos, como se esfregasse a lâmpada de Aladino, e a seguir respondeu:

– Acho que no Space há um espaço livre. Digam à Baby que vão da parte do Jiddu. Ela

sabe quem é.

O Space era um edifício de três andares dividido com tabiques móveis para uso de artistas e forasteiros como nós. A tal Baby, uma velha *hippie* cheia de amuletos, explicou-nos desta maneira o critério de preços:

– Nesta cooperativa paga-se apenas pelo espaço que uma pessoa ocupa. Em princípio são dois dólares por metro quadrado ao dia, se bem que se vão ficar uma temporada posso-vos fazer uma tarifa de residentes. O primeiro mês paga-se adiantado.

– Não vamos ficar tanto tempo – disse. – Na verdade, ainda não temos planos.

– Gosto disso – respondeu Baby –, mas de qualquer maneira têm de pagar a primeira semana adiantada. De quantos metros quadrados precisam, meus amores?

Sarah passeava-se com a sua mala vermelha por aquele *loft* onde entrava luz em abundância. No terceiro andar havia dois pequenos espaços fechados por tabiques móveis. A administradora da cooperativa disse-nos que um deles era o *atelier* de um tatuador e o outro um estúdio partilhado por três *designers*. Salvo raras exceções, à noite nunca havia ninguém naquele andar.

Sobrava imenso espaço livre, de modo que imaginei que a sofisticada Sarah ia pedir uma boa porção para montar o nosso quartel-general na América. Mas, para minha surpresa, disse:

– Com trinta metros quadrados temos mais do que suficiente.

– De acordo – disse Baby enquanto estudava a francesa através dos seus óculos de fundo de garrafa. – Na cave tenho sofás, camas, mesas, cadeiras... o que quiserem. Também há lençóis. Cada peça custa alguns centimos por dia de aluguer. Escolham o que precisarem e ajudamo-vos a trazer as coisas para cima. Num piscar de olhos vão ter a casa montada. A cozinha, a casa de banho e a máquina de lavar são comunitárias e encontram-se no primeiro andar.

Enquanto descíamos as escadas até à cave, perguntava-me se não teria feito asneira em levar a Sarah para aquela cooperativa espacial, como se definia num manifesto colado na parede. Contudo, ao ver como se entusiasmava a escolher um sofá, duas camas individuais e uma ampla mesa de trabalho, percebi que se sentiria confortável naquele reduto alternativo.

Uma vez montado o nosso estúdio, delimitado por duas divisórias que fechavam o espaço num quadrado, o aluguer dos trinta metros com os móveis ficou fixado em sessenta e quatro dólares diários.

Inscrevemo-nos com nomes falsos para nos assegurarmos de que permaneceríamos incógnitos na cidade. Baby não nos pediu os passaportes, porque afirmava que os negócios no Space se baseavam na confiança. Mas cobrou-nos a primeira semana adiantada.

Quando finalmente se foi embora chocalhando as suas joias, dei uma vista de olhos ao que seria o nosso lar enquanto estivéssemos na cidade que nunca dorme. O espaço estava delimitado por quatro móveis principais: uma mesa encostada a uma grande janela, um sofá mesmo atrás e lado a lado as camas individuais. Dois vasos com plantas serviram para encher o vazio e dar mais unidade ao espaço.

A casa já estava montada. Agora só faltava saber o que descobriríamos em Nova Iorque.

Sarah deixou-se cair em cima do sofá e ficou um bom bocado a admirar os terraços de Williamsburg através da janela. Pela primeira vez vi-a despenteada. E gostei ainda mais dela.

– Aproveitando que ninguém nos conhece – disse –, temos de nos vestir como a fauna local. Se levarmos a cabeça coberta e óculos de sol, será mais difícil que nos reconheçam. Assim poderemos trabalhar na busca do filho de Lieserl e da sua irmã correndo menos riscos. Não revelaremos a ninguém o nosso verdadeiro nome nem a nossa origem, está bem?

– Para quê tanta precaução? – perguntei aproximando-me da janela. – Ninguém nos vai encontrar numa cidade com nove milhões de habitantes. Além disso, quem viria até aqui...?

A imagem sinistra de Lorelei pareceu estampar-se nos olhos de Sarah, que disse:

– Não estejas tão certo. A psicopata de cabelo azul seguir-nos-ia até ao fim do mundo.

MENSAGEM NUMA GARRAFA

O que é uma cidade senão a sua gente?

WILLIAM SHAKESPEARE

Depois de desfazermos as malas e de pormos a nossa roupa a lavar, iniciámos a nossa busca.

Enquanto Sarah, ligada ao *wi-fi* do Space, procurava no computador e ao telefone se nos hospitais de Nova Iorque tinha trabalhado uma «Lieserl» ou «Kaufler» – era possível que tivesse mudado de nome de nascimento para o mais facilmente pronunciável, «Lisa» –, descí à rua para procurar um portátil barato.

Seguindo o conselho da francesa, antes parei numa loja de roupa em segunda mão e comprei umas calças de algodão, uma camisa aos quadrados, um boné e uns óculos *Ray-Ban* um pouco riscados. Pela módica quantia de 30 dólares saí à rua feito um autêntico energúmeno, mas com a certeza de que ninguém, nem mesmo a minha mãe, me reconheceria.

Depois percorri a Sexta Avenida de Brooklyn, onde se encontravam muitas das lojas de Williamsburg. Não muito longe da Ear Wax Records – discos «Cera de Orelha» – encontrei uma loja de informática com artigos em segunda mão. Por menos de 200 dólares, vi-me com um portátil algo deteriorado, mas que tinha o teclado em espanhol.

– Não te fies nas aparências – disse o vendedor com um penteado afro. – Este traste apanha qualquer *wi-fi* que exista no raio de um quilómetro. É uma maravilha.

Contente com aquela compra, parei num restaurante *kitsch*, o SEA, para um almoço tardio. Àquela hora começava a encher-se de jovens que chegavam ao bairro para dançar música tecno alternativa ou ler *The Onion*, uma revista satírica que se distribuía gratuitamente.

Apanhei um exemplar com a fotografia do pontífice durante uma visita aos Estados Unidos. Podia ler-se a seguinte notícia na capa: «O PAPA REGRESSA AO VATICANO COM UM PLANO COMPLETO PARA MANDAR PELOS ARES OS ESTADOS UNIDOS.» A Casa Branca, o Yankees Stadium e o *Ground Zero* estariam entre os primeiros alvos.

Depois de devorar uma salada de marisco e tofu com um batido de chá, decidi regressar ao estúdio. Já eram horas de trabalhar em qualquer coisa, mesmo que fosse apenas no manuscrito de Yoshimura.

Ao regressar ao nosso cubículo no Space, custou-me a reconhecer Sarah. Durante a minha ausência, tivera tempo de rapar o cabelo pela nuca. Do seu longo cabelo negro restava apenas uma franja que lhe caía como uma cortina até ao nariz.

Em lugar dos seus vestidos elegantes, vestia umas calças de ganga desgastadas e um velho casaco de fato de treino vermelho. Umas *Converse* brancas descansavam na almofada. Era óbvio que jamais a reconheceriam com aquele ar. Tinha-se transformado noutra pessoa.

Sentada no sofá com as pernas cruzadas, teclava furiosamente no seu pequeno *Sony Vaio*. Dirigiu-me um olhar de gozo e voltou à tarefa com redobrado brio.

– O que se passa? – protestou. – Não gostas das minhas compras?

– Da próxima vez, deixa-me ir contigo. Até para se andar desalinhado é preciso ter estilo.

Resmunguei enquanto abria o meu computador em cima da mesa de trabalho. Arrancou com relativa rapidez e já tinha o sistema operativo instalado, de modo que tive apenas de ligar a minha *pen* e arrastar todos os meus ficheiros, bem como o manuscrito do japonês. Felizmente, incluía todas as atualizações que tinha acrescentado em Zurique.

Depois da paragem por roubo em Novi Sad, decidi rever na diagonal tudo o que era preciso fazer e criar um índice dos buracos por preencher. Antes, contudo, perguntei a Sarah enquanto lhe virava as costas:

– Descobriste alguma coisa?

– Não muito, na verdade. Nos oito hospitais de Nova Iorque onde pude averiguar não constava nenhuma Lieserl que tivesse ali trabalhado. Encontrei um empregado de apelido Kaufler, mas o seu nome era Barry. Não serve. Estou a explorar outras vias.

– Podíamos procurar nas listas de telefone desde 1950 – sugeri –, que deve ter sido a época em que se instalou em Nova Iorque. Seria como procurar uma agulha no palheiro, mas se a filha de Einstein tinha telefone, deve haver uma Lieserl ou Lisa Kaufler na lista.

– Amanhã trato disso. É absurdo procurarmos o tal David enquanto não encontrarmos a pista da sua mãe, já que é muito possível que use o apelido do soldado americano. Como esta busca pode demorar, já lancei um isco na Internet. Se o filho ou filha de Lieserl tiverem acesso à Internet, pode ser que leiam esta mensagem ou que alguém nos dê uma pista sobre o paradeiro deles.

– Que isco é esse? – perguntei virando-me para ela.

Sarah carregou numa tecla para ler o que tinha colocado num *site* gratuito de perdidos e achados apoiado pela autarquia:

PRECISO DE ENCONTRAR O FILHO OU FILHA
DE LIESERL / LISA KAUFLEER.
RECOMPENSA QUÂNTICA.
(REF. 127)

– O que quer dizer «recompensa quântica»?

– Nada, é só para que percebam do que se trata. Se esta pessoa é depositária da última resposta, é muito provável que saiba alguma coisa sobre mecânica quântica.

Rodei a cadeira de escritório 180 graus até ficar de frente para ela.

– Achas que a fórmula definitiva de Einstein, $E = ac^2$, pode ter alguma coisa a ver com mecânica quântica?

– Seria o mais lógico. Apesar de a ter impulsionado sem querer, Albert renegava as conclusões da mecânica quântica. Por isso disse que «Deus não joga aos dados». Contudo, chega-se à teoria da unificação através da quântica. Já sabes: no final da sua vida tentou encontrar uma fórmula que sintetizasse as leis fundamentais da física.

– E achas que Einstein pode ter chegado a essa fórmula mas que não a revelou? – perguntei.

– É possível, se não tinha a certeza das consequências desse avanço teórico. Nunca conseguiu ultrapassar a culpa por Hiroshima e Nagasaki.

Enquanto anoitecia em Williamsburg, pensei na tarefa titânica de encontrar uma teoria unificadora – pelo que sabia, a gravidade e a força eletromagnética não tinham nada a ver –, e na não menos titânica tentativa de encontrar quem possuía essa fórmula através de uma mensagem na Internet.

Apesar de estar no *site* de perdidos e achados da autarquia, devia haver milhares de *posts* que se acumulavam todos os dias sem que ninguém reparasse neles. Era como lançar uma mensagem numa garrafa para o mar e esperar que a pessoa certa a encontrasse.

Mas por vezes a mensagem de um naufrago chega ao seu destino.

OS ANOS EM BERLIM

Quando tocas num cientista estás a tocar numa criança.

RAY BRADBURY

Sarah tinha adormecido no sofá enquanto eu analisava exaustivamente os anos berlinenses de Einstein. Há já algumas horas que ia completando o que podia à medida que avançava, ao mesmo tempo que o índice de tarefas pendentes não fazia mais do que crescer.

Afastei o computador do colo dela e levantei-a, com muito cuidado para não a acordar. Ao levá-la lentamente para a cama que ela tinha escolhido, senti algo muito diferente do que na noite em que a tinha levado pelas escadas do Marthahaus de Berna.

Deitei-a com suavidade na cama individual e cobri-a com um lençol até aos ombros. Sarah reagiu com um murmúrio de prazer, como uma criança que se sabe a salvo dos perigos da noite.

Permaneci um bom bocado observando-a a dormir, ao mesmo tempo que tentava perceber a mudança que se operara em mim. Já não sentia a necessidade imediata de despi-la e fazer amor com ela. Não era que agora me parecesse menos atraente, pelo contrário; era algo pior: pela primeira vez apercebia-me de que o desejo se estava a transformar numa energia mais subtil que não sabia definir.

Estava perdido.

Vóltei para a minha mesa tentando afastar aqueles pensamentos perturbadores da cabeça. Tinha desenhado um diagrama, com os «buracos» na margem, de tudo o que tinha acontecido a Einstein depois da publicação daqueles primeiros artigos.

Em 1908 tinha conseguido deixar o escritório de patentes ao ser contratado pela Universidade de Berna como professor convidado.

Depois do nascimento do seu primeiro filho «oficial», a família mudou-se para a atual República Checa, onde Albert conseguiu um posto académico de maior peso. Desempenhava as funções de catedrático de física teórica na Universidade Alemã de Praga.

Apesar de a sua fama ainda não ter atravessado o Atlântico, nos ambientes académicos europeus Einstein começava a ganhar relevância. Isto fez com que fosse eleito membro da Academia Prussiana de Ciência e fosse convidado pessoalmente pelo imperador para dirigir a secção de física do Instituto Kaiser Wilhelm. No total, passaria dezassete anos em Berlim, durante os quais teve tempo de se divorciar de Mileva e casar com a sua prima Elsa, que tinha cuidado dele durante uma crise nervosa.

A década de 1920 marcou o salto na popularidade de Einstein, muito especialmente depois de lhe ter sido concedido o prémio, apesar de as suas teorias não serem aceites por todos os meios. Alguns jornais de língua alemã atacavam o que, no caldo de cultura nazi, se entendia

como o desvario de uma mente judia doente.

Um ano antes de Adolf Hitler chegar ao poder, o ambiente de intolerância e antissemitismo fez com que saísse finalmente da Alemanha em 1932 com destino aos Estados Unidos.

O meu primeiro despertar em Brooklyn começou com uma canção doce e dolorosamente bela que se foi colando nas paredes do inconsciente. Ainda sem ter saído totalmente do estado de vigília, empreguei toda a minha atenção para captar desde o meu limbo o que dizia a música, parecida com um *gospel*.

*There's a lazy eye that looks at you
And sees you the same as before...*¹

O toque de uma mão suave no meu cabelo arrancou-me definitivamente do sono.

Como se a música estivesse a moldar a vigília, descobri que um olho incrivelmente azul me observava a poucos centímetros da minha cara. Demorei alguns segundos a compreender que, depois de pôr o CD a tocar no seu portátil, Sarah se tinha deitado no espaço livre do colchão para assistir ao meu despertar:

– Quem é que está a tocar? – perguntei sonolento.

Como sempre que lhe perguntava algo, entregou-me a capa de um disco chamado *Rabbit Songs*, de Hem, uma banda alternativa de Nova Iorque. Na capa via-se a ilustração de dois coelhos a fugirem do perigo, o que interpretei como um mau augúrio para a recém-inaugurada etapa americana.

– Encontrei este CD na ranhura do sofá. Não é giro?

E com isto levantou-se de repente e colocou-se em frente à janela a observar a atividade intensa naquela quinta-feira de manhã.

– Devíamos aprender com os coelhos – disse. – Têm as orelhas grandes para ouvir tudo e sabem que a sua toca é provisória.

Vesti-me sem afastar o olhar da mulher do casaco de fato de treino vermelho. Gostava daquela intimidade que se tinha criado entre nós. No meu interior, desejei que a busca em Nova Iorque se prolongasse eternamente, e pudesse acordar todas as manhãs com canções para coelhos.

– É verdade – disse Sarah de repente –, ainda não disseste qual é a tua hipótese para o «a».

– Do que estás a falar?

– Da fórmula que Jensen projetou em Belgrado. Não era $E = ac^2$?

Vesti-me preguiçosamente enquanto dava voltas àquele enigma que, quando recebera o primeiro envelope, julgara ser um engano. O meu estômago roncou de fome antes de responder:

– Talvez signifique «aceleração».

– Isso é absurdo. Não podemos multiplicar a aceleração pela velocidade da luz ao quadrado. Não faz sentido.

– Absorção?

– É ainda mais absurdo.

– Então... qual é a tua sugestão?

Sarah voltou-se para mim com uma expressão misteriosa.

– Quando estiver mais segura digo-te. Não quero condicionar por enquanto a tua busca.

[1](#) «Há um olho preguiçoso que te observa / E te vê tal como antes...»

O TATUADOR

A formulação de um problema é mais importante do que a sua solução.

ALBERT EINSTEIN

Passei a manhã toda concentrado no manuscrito, enquanto Sarah procurava na cidade listas telefônicas antigas, como eu sugerira na tarde anterior. Descobrir um descendente de Lieserl dessa maneira seria como encontrar uma agulha num palheiro, mas era preciso ir descartando opções antes de aceitar que a nossa missão na América tinha sido um falhanço.

As *designers* tinham chegado ao seu covil às nove em ponto. Desde então, um teclado triplo servia de banda sonora ao meu aborrecido trabalho. De vez em quando ouvia-se um telefone a tocar e a que atendia elevava a voz como se não confiasse na tecnologia sem fios antecipada por Tesla.

Deviam ter ambas menos de trinta anos, como Sarah, mas não me aqueciam nem me arrefeciam. Eram três WASP – *White Anglo-Saxon Protestant* – com ar de frequentarem bares de solteiros e as convenções do Partido Republicano. Ao subirem ao terceiro andar, cumprimentaram-me com um apático «*Hi*» antes de desaparecerem atrás do seu biombo.

Já a chegada ao meio-dia do tatuador teve um impacto completamente diferente. Vestia um casaco de motoqueiro, tinha o cabelo rapado e devia pesar pelo menos cento e vinte quilos.

Ao contrário das suas companheiras de *loft*, pediu para entrar nos nossos trinta metros quadrados com um escandaloso: «*Está aí alguém?*», pronunciado num espanhol da Costa Rica. A seguir deixou-se cair no sofá como se fosse um familiar que temos de aturar quer se queira quer não.

– Chamo-me Fernando Sebastián, mas em Williamsburg todos me conhecem como o Cuco.

Dito isto levantou-se de repente e enfiou praticamente a cabeça no monitor para ver o que é que eu estava a fazer.

Naquele momento tinha aberta uma das poucas páginas do manuscrito com fórmulas. Yoshimura procurava explicar a teoria de Einstein sobre a velocidade da interação dos corpos.

– És professor de matemática?

– Isso gostava eu. Sou apenas um jornalista *freelance* que tenta decifrar uma fórmula sem grande êxito.

Fiquei surpreendido comigo mesmo por revelar isto a um estranho. Talvez o seu aspeto primário me tivesse convencido de que era inofensivo, como se o meu trabalho não fizesse parte do seu universo mental. Contudo, depressa demonstrou que tinha uma opinião sobre o assunto.

– Há um truque que nunca falha, palavras do Cuco: tatua essa fórmula na pele e acabarás

por resolvê-la. Até quando dormes, o teu corpo estará ciente de que é preciso solucionar o problema e isso fará com que trabalhe no turno da noite. Uma manhã acordarás com a resposta sem saber como.

Não soube o que responder. Limitei-me a olhar para aquele tipo, que já se tinha voltado a instalar no sofá. Percebi que, se ele tinha falta de clientes, podia ser o meu pesadelo no Space.

Como que a confirmar os meus piores receios, disse:

– Não tenho nenhum cliente até depois de almoço. Queres que te tatue a fórmula? Vá lá, não sejas medricas.

A chegada de Sarah com um grande saco salvou-me no último momento.

Como se de repente se sentisse um invasor da nossa intimidade, Cuco levantou-se de repente e estendeu a mão para a francesa, que a apertou sem grande interesse. A seguir o tatuador refugiou-se na sua toca, onde começou a tocar aos altos berros um disco de Creedence Clearwater Revival.

Os gritos de uma das WASP fizeram com que o volume baixasse para metade.

Naquele momento, Sarah pôs-me as mãos nos ombros enquanto a sua cara resplandecia de entusiasmo.

– Temos uma pista – sussurrou. – Pode ser apenas uma coincidência, mas vale a pena segui-la.

– O que encontrei?

– Não tive sorte nenhuma em Manhattan e Brooklyn, mas em Staten Island há um David Kaufler. Digo «há» em vez de «havia» porque aparece numa lista telefónica deste ano, o que é ainda melhor notícia.

– Achas que se trata do filho de Lieserl e do soldado americano?

Sarah tirou um casaco de ganga do saco e atirou-mo antes de responder:

– Vamos descobrir. Veste isto: de certeza que no barco fará frio.

A viagem de metro até Battery Park foi como retroceder cinquenta anos – se não mais – no tempo. Os túneis e os vagões que transportavam milhares de passageiros pareciam estar ali desde a estreia de Frank Sinatra na cidade.

Também o terminal de onde o *ferry* gratuito saía com destino a Staten Island parecia tirado de um filme a preto e branco. Enquanto os passageiros esperavam para ir para o destino mais remoto de Nova Iorque, um cantor negro de olhos vidrados cantava um clássico de *blues* acompanhado de uma guitarra com apenas duas cordas. Soava melhor do que muitos discos que eu tinha no meu – já longínquo – apartamento.

Quando o enorme barco chegou, centenas de pessoas com um ar cinzento saíram a toda a pressa antes de nos deixarem entrar no *ferry*. Cinco minutos depois, arrancou pesadamente, colocando o mar entre nós e os arranha-céus de Manhattan.

Disfarçados como boémios de Williamsburg, enquanto o vento nos fustigava na coberta do barco, vi aparecer a Estátua da Liberdade na sua ilha. Veio-me à mente a reprodução de Dali em Cadaqués, com as duas tochas levantadas.

À medida que nos aproximávamos da original, não me pareceu menos ameaçadora. Com o

seu rosto impenetrável de bronze, mais do que um símbolo da liberdade parecia um titã disposto a pegar fogo a qualquer projeto humano.

STATEN ISLAND

O medo coletivo estimula o instinto da manada, e tende a despertar a ferocidade face àqueles que não fazem parte dela.

BERTRAND RUSSELL

Ao chegar ao cais, lembrei-me de que fizera aquele mesmo trajeto dez anos antes, sem ter descido do barco. No meu guia *Nova Iorque numa Semana* aconselhava-se a fazer a viagem para ver a Estátua da Liberdade sem ter de estar na fila, mas dizia para não desembarcar em Staten Island. O motivo não era que aquele destino metropolitano de Nova Iorque fosse perigoso, mas porque carecia dos atrativos da «Grande Maçã».

Ilha republicana numa cidade maioritariamente democrata, Staten Island tentara tornar-se independente de Nova Iorque em várias ocasiões desde 1980, porque a população sentia-se esquecida pela autarquia da cidade. Em 1993 tinham até organizado um referendo em que 65 por cento votou a favor da separação, mas a assembleia do Estado de Nova Iorque reprovou o resultado.

Tinha lido recentemente a respeito de uma nova tentativa do republicano Andrew Lanza, que demonstrou num documento de 2115 páginas que a ilha pagava mais impostos do que o resto da cidade, apesar de receber apenas metade dos serviços.

Fiquei por aqui na minha obsessão pelas curiosidades inúteis para ajudar Sarah, que tinha aberto o mapa e procurava encontrar a morada de David Kaufler: Richmond Hill Road 46. Depois de dar muitas voltas ao mapa, descobrimos que a rua em questão nascia numa zona verde com um nome pouco tranquilizador: Fresh Kills Park.

Ficava muito longe do terminal do *ferry*, por isso procurámos um táxi, mas uma chuva fina tinha esvaziado a paragem de carros. Enquanto esperávamos, vi passar um autocarro com um anúncio lateral – NO TRANS FAT – que me chocou.

– Viste aquilo? – perguntei a Sarah escandalizado. – Aquele autocarro recusa-se a transportar gordos. Será porque isso implica um gasto extra de combustível?

A francesa soltou uma gargalhada antes de dizer:

– Não podes estar a falar a sério...

– Claro que estou! – protestei. – Viste com os teus próprios olhos.

– Sim, mas não significa o que tu pensas. Estás um pouco enferrujado no inglês: «*No trans fat*» significa «Não às gorduras transgénicas». Deve ser uma campanha a favor dos alimentos biológicos.

Enquanto mantínhamos esta conversa trivial, chegou finalmente um táxi à paragem e pudemos pôr-nos a caminho da nossa primeira pista americana.

O taxista deteve-se diante de uma casa de dois andares com aspeto abandonado. Depois de

pagar 27 dólares pelo percurso, saímos debaixo de uma chuva ainda mais intensa.

– Se não houver ninguém em casa estamos perdidos – disse observando a rua. – Não acredito que passem táxis por aqui, muito menos com este tempo.

– Vá lá, não sejas pessimista – respondeu ela.

Tocou numa campainha gasta junto a uma grade, que dava para um pequeno jardim onde crescia desordenadamente uma selva de arbustos e lianas. Mais de metade da fachada tinha sido invadida por trepadeiras que chegavam a tapar uma das janelas.

– Aqui não vive ninguém – queixei-me, todo molhado, enquanto ela tocava novamente na campainha.

Esperámos mais um minuto sem resultado. Da franja de Sarah caía uma pequena cascata de água.

A única opção era caminhar até ao primeiro bar aberto, se é que havia algum na ilha, correndo o risco de apanhar uma pneumonia. Mas a minha companheira tinha outra ideia. Apontou-me uma casa com aspeto pré-fabricado na mesma Richmond Hill Road, uns cento e cinquenta metros mais acima. Havia luz numa janela, o que não era assim tão estranho em pleno dia, porque o céu tinha escurecido com a tempestade.

– Podíamos tocar – sugeriu ela. – Para além de nos resguardarmos da chuva, podemos fazer-lhe perguntas sobre o seu vizinho, David Kaufler.

– Isso se não nos receber com uma caçadeira. Por estes lados são muito zelosos de tudo o que tem a ver com a propriedade.

– Parecemos assim tão perigosos?

Não tinha um espelho para me ver, mas Sarah, completamente ensopada e com a franja a pingar, casaco de fato de treino e calças de ganga gastas tinha deixado de parecer uma intelectual aprincesada.

– Vamos saber já a seguir – disse.

Desatámos a correr debaixo de um autêntico dilúvio até alcançarmos o alpendre da casa, que estava revestida com materiais baratos. O aspeto exterior contrastava com a campainha, que era dourada e soltou uma magnífica melodia de carrilhão.

Um minuto mais tarde ouviram-se uns passos lentos e pesados que se detiveram do outro lado da porta, que não se abriu.

Sem dúvida, alguém espreitava pelo óculo.

Passou um bom bocado antes de acontecer alguma coisa. Então um homem com cerca de sessenta anos abriu a porta. Era incrivelmente alto e magro. Usava um colete de camurça adornado com um enorme crucifixo.

– Penso que se enganaram.

Sarah esboçou o seu melhor sorriso e disse com um carregado sotaque francês:

– Na verdade, estamos à procura de uma pessoa que vive no número 46 de Richmond Hill.

– Não é aqui. É a casa mais abaixo.

– Mas não está ninguém – insistiu ela. – O senhor sabe se...

O homem magro e idoso interrompeu-a dizendo:

– São ladrões? Nesse caso, escolheram um mau lugar para atuar. A única coisa que vão conseguir aqui é levar um tiro. Estão já avisados.

A porta estava prestes a fechar-se quando Sarah me surpreendeu exclamando:

– Pode dar-nos os números dos táxis em Staten Island? Estamos encharcados.

Após hesitar durante um momento, o gigante magro assomou a cabeça e cravou os olhos na francesa. Disse de seguida:

– Dá uma volta. Quero ver-te bem.

Sem perceber a razão daquele pedido, Sarah girou graciosamente sobre si mesma com os braços afastados, como se fosse uma modelo.

– Agora tu – ordenou-me.

Fiz o que me pediu.

Depois disse:

– Bom, entrem. Vejo que não têm armas.

A CASA MORTA

Os forasteiros são excitantes. O seu mistério parece não ter fim.

ANI DIFRANCO

O interior da casa pré-fabricada era parecido com um museu dos horrores. A entrada estava cheia de fotografias de crianças, cada uma mais monstruosa do que a outra: uma delas tinha a cabeça tão grande que, em comparação, o corpo parecia raquítico; outra ria retorcendo a cara ao mesmo tempo que mostrava vários dentes partidos.

– São meus sobrinhos – esclareceu. – Vivem longe. Depois de Detroit.

«Ainda bem», pensei ao mesmo tempo que olhava para uma parede onde se exibia uma coleção de facas. A entrada ficava completa com um documento emoldurado que devia ser a escritura da casa.

Ao ver-nos de perto deve ter percebido que éramos inofensivos, visto que mudou totalmente de tom:

– Vou preparar um café. Estão encharcados.

A seguir, desapareceu no interior da casa deixando-nos na entrada. Através da janela suja vi que a tempestade tinha acalmado de repente.

– Vamos embora – disse para Sarah. – Não gosto nada deste tipo.

– Estás a brincar? Eu não saio daqui sem lhe perguntar pelo vizinho do número 46.

Como se fôssemos dois dos seus sobrinhos a discutir por uma estupidez, o gigante deu-nos duas toalhas antes de nos dizer:

– Sequem a cabeça. Lá dentro tenho roupa seca e café na mesa.

Não gostava nada de tanta confiança. Contudo, Sarah não parecia pensar da mesma maneira, visto que não ligou nenhuma ao que eu disse e me sussurrou:

– Faz o favor de te comportares.

O anfitrião fez-nos passar para a cozinha, onde já fumegavam duas canecas de café.

– Sentem-se – ordenou.

Enquanto secávamos o cabelo com as toalhas, desapareceu no quarto ao lado. Um minuto mais tarde reapareceu com uma enorme camisola castanha, uns calções e um vestido às flores de mulher que devia ter pelo menos quarenta anos.

Após dar-nos a roupa, cruzou os braços, à espera que nos trocássemos. Ou era um perverso ou achava realmente que nós éramos uns miúdos que precisavam de ser vigiados. Eu estava furioso, mas, pelo esforço que Sarah fazia para conter o riso, apercebi-me de que estava encantada com a situação.

Resignado, despi o casaco, a camisa e as calças para vestir aquela combinação horrorosa.

Sarah, por seu lado, demorou poucos segundos a ficar em roupa interior – trazia um

conjunto de licra negra – antes de se enfiar naquele vestido. Ficava-lhe surpreendentemente bem.

Enquanto a imagem daquele corpo sinuoso ficava gravada a fogo na minha retina, o gigante tirou-nos as roupas molhadas e disse:

– Vou pô-las a secar no aquecedor. Mas primeiro é preciso acendê-lo.

Quando voltou a sair, dei uma vista de olhos à cozinha. Nas paredes estavam penduradas dezenas de canecas de diferentes estados americanos. No único pedaço livre havia uma grande placa de latão com as torres gémeas e o lema: «REMEMBER THE TOWERS».

– Em meia hora estará seca – anunciou o anfitrião ao regressar e sentar-se na mesa. – Para que depois não digam que as pessoas de Staten Island não são boas. Um pouco desconfiadas, sim, mas é natural nos tempos que correm. Mas encontram mais humanidade aqui do que em qualquer bairro de Manhattan.

– Vivemos em Brooklyn – disse Sarah.

– Bah – retorquiu. – Aí há gentilha.

Começava a achar que não íamos conseguir saber nada daquele tipo, de modo que decidi ir por um atalho:

– Uma agência imobiliária disse-nos que o número 46 está à venda por um ótimo preço. Eu e a minha esposa queremos sair do nosso antro em Brooklyn e pensámos que mudar-nos para aqui seria uma boa opção. Sabe onde podemos encontrar o dono?

O velho acariciou a longa barba mal feita antes de responder:

– Há anos que não vive aí, por isso parece-me estranho que vos tenham dito que a casa está à venda.

– Talvez seja por isso que a quer vender – interrompeu Sarah. – Uma casa onde não se vive é uma fonte de gastos e de preocupações. Sabe onde podemos localizar o dono? Conhece-o?

– Bastante bem. É um bom homem; muito conservador, por outro lado. Espanta-me muito que queira vender a sua propriedade. Pensava que tinha muito carinho por ela. Apesar de se ter tornado um lugar impossível para viver. Pelo menos foi isso que disse antes de se mudar para uma casa nova mais pequena.

– Impossível? – perguntou Sarah interessada, ao mesmo tempo que se esforçava por beber o mau café. – Mas porque é que era um lugar impossível para se viver?

– Não se sabe a causa. Parece que, a determinada altura, a casa morreu.

Troquei com Sarah um olhar de estupefação. Com a sua chávena na mão, o homem continuou a explicar:

– Como quando um animal morre, e começa a decompor-se e a cheirar mal, também este casarão um dia morreu. A partir de então foi apodrecendo aos poucos. Primeiro rebentaram as canalizações. Depois o telhado começou a ceder. Por causa da humidade e dos fungos, chegaram a desmoronar-se alguns tabiques.

– A queda da Casa de Usher – atrevi-me a dizer.

Não acreditava numa única palavra do que nos estava a contar, mas o anfitrião também não parecia confiar muito em nós, visto que começou a abrir e a fechar compulsivamente uma gaveta da mesa.

Um pouco inquieta, Sarah tentou reconduzir a conversa.

– Não queremos incomodá-lo mais. Na verdade, gostávamos apenas de saber onde podemos encontrar o dono da casa.

– Isso é fácil: têm-no mesmo à vossa frente.

A seguir, sacou uma pistola da gaveta e apontou-a para nós:

– E agora, seus porcos mentirosos, digam lá o que andam a tramar antes que eu chame a polícia.

AS PORTAS DO PASSADO

A única razão para a existência do tempo é que impede que todas as coisas aconteçam simultaneamente.

ALBERT EINSTEIN

A única saída era pôr as cartas na mesa. Antes que aquele louco premisse o gatilho ou chamasse o xerife do lugar, Sarah explicou em poucas palavras que estava a fazer uma tese de doutoramento sobre a primeira esposa de Einstein. Contudo, David Kaufler não parecia feliz por falar da sua mãe biológica.

– Não sei nada dela nem me interessa. Tenho o apelido dela porque o meu pai dizia que o dele, Smith, era demasiado vulgar para chegar a algum lado na vida. É evidente que se enganou. – Deixou cair a caneca vazia na mesa antes de concluir: – Além disso, não se chegaram a casar e naquela época não era como agora, por isso sou um Kaufler com grande pena minha.

– De qualquer maneira – interrompeu Sarah timidamente –, gostávamos de saber se Lieserl...

O velho gigante pôs-se de pé fazendo a cadeira chiar horivelmente. Pensei que com isso a reunião ficava terminada, mas, para nossa surpresa, Kaufler trepou até o cimo de um armário da cozinha e desceu com um álbum coberto de pó.

Enquanto estava de costas para nós, atrevi-me a guardar o revólver – tinha ficado perigosamente largado em cima da mesa – na sua gaveta, que fechei mesmo antes de ele dizer:

– Conservo uma única recordação dela.

O álbum aterrou com estrépito sobre a madeira. Sarah olhava fascinada para a grossa encadernação castanha. Por baixo da fina capa de pó, ainda se podia distinguir o título um pouco chocante: «doors of time».

Tivemos de esperar que as mãos do anfitrião se decidissem a abrir a primeira daquelas «portas», atrás das quais havia uma fotografia a preto e branco de um esbelto militar. Aparecia montado num burro com uma expressão matreira. Não era difícil de imaginar que aquele era o soldado que tinha roubado o coração de Lieserl.

Como se aquela imagem não merecesse nenhum tipo de comentário, Kaufler passou para a cartolina preta seguinte. Entre duas fotografias de grandes reuniões familiares, estava o retrato de uma mulher que segurava nos braços um enorme bebé. Era tão feio como os que decoravam a entrada da casa.

Se alguma dúvida restasse, o gigante pousou uma enorme unha negra sobre o bebé.

– Esse era eu.

O nosso olhar viajou até à parte superior da fotografia. A mulher que segurava naquele

bebé desproporcionado era jovem e frágil. Por baixo da sua cabeleira encaracolada, uns olhos vivamente astutos – como os do seu pai – pareciam desafiar o fotógrafo.

– Abandonou-me com pouco mais de dois anos – disse fechando o álbum de repente.

Uma nuvem de pó levantou-se sobre a mesa como um cogumelo nuclear em miniatura.

– Deve ter tido uma boa razão para o fazer – atreveu-se Sarah a dizer. – Quer dizer, uma mãe não abandona assim um filho pequeno, a não ser que...

Calou-se ao ver que a gaveta do revólver se voltava a abrir e fechar compulsivamente. Fiz um sinal à francesa para que nos levantássemos. A paciência do anfitrião parecia ter-se esgotado. Era uma incógnita como aquilo podia terminar se continuássemos a insistir.

– Talvez a nossa roupa já esteja seca – disse. – Agradecemos-lhe muito ter-nos salvado de apanhar uma pneumonia.

Levantámo-nos, convidando Kaufler a fazer o mesmo e trazer-nos as nossas roupas de modo a irmos embora dali o mais depressa possível. Contudo, a linguagem não verbal fracassou. O anfitrião continuava a abrir e fechar a gaveta cheia de pó enquanto cravava o olhar furioso em Sarah. Só parou o que estava a fazer para dizer:

– Cabra.

Os olhos azuis da minha companheira cintilaram de indignação. Deu um passo em direção a Kaufler e aí temi que se desse uma catástrofe, mas este encolheu de repente os ombros para acrescentar:

– Nada justifica que uma mãe desapareça da noite para o dia. Certamente o meu pai tinha mau caráter, porque a guerra o tinha endurecido, mas em Boston conseguiu dar-nos um lar. Não jogava, não bebia, nem frequentava prostitutas. Por isso, era um homem bom.

Kaufler parecia falar para si mesmo, com o olhar perdido num canto da cozinha. Sem mencionar a sua mãe, dispus-me a mudar ligeiramente o rumo da conversa para agradar a Sarah.

– Como é que veio parar a Staten Island?

O gigante virou a cabeça na minha direção com a lentidão de um réptil pré-histórico.

– Casei-me com a proprietária da casa morta. Fomos felizes por uns tempos, mas tudo o que é bom acaba.

Ao dizer isto ficou ensimesmado.

A gaveta estava meio aberta mas já não se movia. Sarah e eu olhávamos um para o outro incómodos. Como se de repente se tivesse dado conta disso, David Kaufler levantou-se pesadamente e atravessou a cozinha até desaparecer em direção à sala.

– Não avançamos nada – sussurrei a Sarah.

– Isso nunca se sabe.

As nossas roupas já secas caíram em cima da mesa. Desta vez o gigante saiu da cozinha para que nos trocássemos, como se se tivesse fartado de nós.

Com o olhar fixo no chão para não cair, enquanto me despia e me voltava a vestir, agradei poder sair daquele ambiente opressivo cheio de recordações amargas.

Kaufler já nos esperava na entrada com a porta aberta. Estava tudo dito.

Despedi-me em silêncio daquela exposição de monstros infantis antes de sair da casa. Com a segurança que lhe dava a liberdade recuperada – e a certeza de que a arma estava na

cozinha –, Sarah encontrou coragem para fazer mais uma pergunta.

– Sabe se a sua mãe teve uma filha depois de chegar a Nova Iorque?

A única resposta que obtivemos foi a porta a bater com um estrondo.

Antes que regressasse com a pistola, aproveitámos ter deixado de chover para desatar a andar encosta abaixo. Ao passarmos novamente ao pé da casa morta, um rosto na janela livre de trepadeiras deixou-me sem pinga de sangue.

Peguei no braço de Sarah, que ergueu instintivamente o olhar.

Parecia uma criança, mas ambos sabíamos que não o era.

Lorelei.

Um táxi salvador que se aproximava de nós foi o sinal para sairmos dali o mais depressa possível.

A REGRA DAS DEZ MIL HORAS

Quando uma porta se fecha, outra se abre.

MIGUEL CERVANTES

— **P**reciso de uma bebida – disse Sarah ao sair do metro no oásis de Williamsburg.
– Acho que eu também.

Metemo-nos pela rua Seis de Brooklyn, onde se concentrava uma boa parte dos restaurantes, bares e esplanadas do bairro. Uma delas evocava uma praia, com espreguiçadeiras sobre a areia, toalhas e *calipso*.

Enquanto os últimos raios de sol banhavam os armazéns reconvertidos pelos artistas, em muitos locais começavam atuações de níveis desiguais. Todas as quintas-feiras era a noite do «microfone aberto», o que significava que qualquer pessoa podia pedir a sua vez para subir ao palco e cantar, dançar ou largar obscenidades.

Depois de uma longa conversa sobre a psicopata do cabelo azul, Sarah tinha-se entregado a um dos silêncios a que já me estava a habituar.

Garantia não saber mais sobre Lorelei que eu. Tinha estado presente desde o início daquela aventura, mas nenhum de nós sabia qual era o seu papel na trama nem quem representava. Uma coisa tínhamos clara: ela estava sempre perto, de forma suspeita, de qualquer fonte de informação sobre Lieserl, o que nos fazia pensar que era enviada por alguém interessado em que o seu legado secreto, se é que isso existia, não fosse descoberto.

Já os movimentos e motivações daquela energúmena com totós eram um grande enigma.

Parámos no Galápagos, um teatro alternativo bastante popular entre a fauna local. Havia atuações – sem microfone aberto – a cada meia hora, ao mesmo tempo que uma clientela ligeiramente curiosa se entretinha a esvaziar copos de cerveja.

Pedi uma cerveja *Brooklyn* para me refrescar do calor que se tinha seguido ao aguaceiro. Sarah brindou com um copo de vinho branco californiano antes de dizer:

– À última resposta.

No momento em que os nossos copos se tocaram, olhei-a fixamente nos olhos, procurando adivinhar se estava a gozar comigo. A obstinação do seu olhar, contudo, confirmou-me que estava a falar a sério. Recorri ao meu lado mais racional para lhe fazer ver que era melhor não ter grandes expectativas.

– Voltámos ao ponto de partida – afirmei –, ou ainda pior. Agora sabemos que David Kaufler não nos pode conduzir ao paradeiro da sua mãe.

– Temos de abrir outras vias de investigação.

– Isso não nos dá nenhuma garantia de que cheguemos a algum lado. A única pista clara que nos deu foi uma fotografia velha, e uma tresloucada que a partir de agora vai apertar o cerco

à nossa volta. Quando terminar de farejar na casa morta, não tardará a descobrir que falámos com Kaufler. E somos tão pouco discretos que lhe revelámos que vivemos em Brooklyn.

– Mas Brooklyn é grande.

– Claro. Mas é mais pequeno que o conjunto de Nova Iorque. E com o nosso ar, vai ser ainda mais fácil para a Lorelei adivinhar onde estamos. Daqui a nada vamos tê-la aqui e aí veremos o que acontece.

Sarah mandou-me calar quando a banda do momento começou o seu concerto. Apresentaram-se como Lhasa, e a cantora era uma *hippie* cuja voz rouca lembrava a Nico dos anos setenta. A minha companheira ouviu com grande atenção as duas primeiras canções. Deviam ter-lhe dado alguma ideia peregrina, pois disse-me de repente:

– Devíamos fazer contas ao tempo que já gastámos nesta busca. Conheces a regra das dez mil horas?

Neguei com a cabeça antes de beber o que restava da *Brooklyn* no meu copo.

– Foi um tal de Gladwell que o descobriu. Num livro em que analisa porque é que algumas pessoas têm êxito e outras não, chegou à conclusão de que, além do talento, só chegam à meta aqueles que são capazes de investir dez mil horas na missão a que se propuseram.

– Dez mil horas é uma barbaridade – disse olhando com desagrado para o copo vazio. – Se dividirmos esse número pelas oito horas de jornada laboral, daria algo como quatro anos para chegarmos à meta. O meu dinheiro não dá, nem de perto nem de longe, para tanto.

Sarah olhou-me de esguelha antes de afirmar:

– Talvez, sem te aperceberes, já estejas há vários anos da tua vida a dedicar-te a isto e estejas agora a entrar na reta final.

– Talvez – repeti cético.

– Sabes como é que Gladwell descobriu a regra das dez mil horas? Fez os seus cálculos tendo por base a Academia de Música de Berlim, um dos conservatórios de maior prestígio do mundo. Estudou as horas que três grupos de alunos tinham dedicado a estudar o seu instrumento: os qualificados pelos professores como medíocres, os bons e as estrelas com veia de grandes solistas. Desde os cinco anos de idade até aos vinte, quando abandonavam a escola, os medíocres somavam uma média de quatro mil horas de prática, enquanto os «simplesmente bons» tinham dedicado o dobro das horas ao seu instrumento. Os alunos excepcionais tinham começado a brilhar a partir das dez mil horas, as mesmas que os Beatles precisaram para triunfar. E, pelos vistos, Bill Gates fracassou várias vezes até atingir esse mesmo número de horas.

– Não concordo com esta regra – contestei –, pois assim qualquer anormal que queime as pestanas pode transformar-se num fora de série. Garanto-te que conheci uns quantos e não é assim que as coisas funcionam. O talento é essencial, porque se alguém o tem, uma hora investida render-lhe-á mais do que cem horas para alguém que não nasceu para fazer aquilo.

Lhasa já tinha abandonado o palco e uma nova banda preparava-se para somar horas para o êxito, segundo o princípio de Gladwell. Depois de uma breve viagem ao balcão para nos abastecermos de vinho e cerveja, Sarah disse:

– Percebeste mal. A regra das dez mil horas não significa que qualquer um que dê uns toques no violino se vá transformar num Mozart, nem que enriqueça como o Bill Gates só

porque dedicou muitos anos a um negócio. Significa que precisas de fazer esse investimento de tempo para descobrir o que és realmente.

Dei um grande gole na minha segunda *Brooklyn* antes de acrescentar:

– Mais vale então apostar no caminho certo, senão podes dedicar os melhores anos da tua vida a algo que não leva a parte nenhuma.

– É aqui que entra a observação e o senso comum – disse Sarah. – Se não tens essa inteligência básica, podes investir um milhão de horas que andarás sempre em círculos.

OS FIOS DA CASUALIDADE

O azar é uma palavra vazia de sentido. Nada pode existir sem uma causa.

VOLTAIRE

Independentemente de estarmos a avançar em círculos ou de irmos nalguma direção, os últimos acontecimentos diziam-me que não devíamos permanecer quietos durante demasiado tempo.

A nossa perseguidora devia estar já a apertar o cerco, enquanto nós desconhecíamos por completo o seu paradeiro, a não ser que tivesse tomado a casa abandonada como sua residência, o que não me parecia muito provável. Eu tinha contra-atacado, ligando para o Cabaret Voltaire para saber a identidade da funcionária deles, mas uma voz masculina tinha-me comunicado bruscamente que não revelavam os dados pessoais dos seus colaboradores. Ao perguntar-me quem era, fingi que a ligação tinha ido abaixo.

Mexermo-nos, esse era um verbo auxiliar no nosso caso. O nosso único auxílio seria não estar no lugar esperado pelo criminoso, com os que já tinham perecido.

Ao mesmo tempo, odiava a ideia de abandonar aquele espaço equipado onde partilhava o quotidiano com Sarah. Gostava de tomar o pequeno-almoço com ela a meio da manhã na sala de jantar comum; observá-la com o cabelo recém-lavado, quando os seus olhos azuis contemplavam a vida de Williamsburg desde a janela; vê-la trabalhar com o computador ao colo, ao mesmo tempo que segurava entre os lábios um lápis que nunca utilizaria.

De dia costumava usar o casaco de fato de treino vermelho que a tornava mais nova. Na rua vestia roupa informal mas feminina, e a sua presença não passava despercebida aos jovens – e aos não tão jovens – «*hipsters*». De noite vestia um pijama que convidava a apertá-la nos braços.

Não tinha acontecido nada entre nós, e era cada vez mais difícil que se pudesse passar alguma coisa. Desde que o desejo se transformara num amor crescente, sentia um respeito reverente por aquela mulher que me continuava a desconcertar.

Sabia, bem lá no fundo, que me estava a esconder algo essencial. Mas interiormente também sabia que o meu coração era dela. Contra isso não havia razão que me valesse, apenas uma melancólica espera.

Para afastar aqueles sentimentos, assim como a sensação de que a calma recém-adquirida estava prestes a terminar, decidi mandar um *e-mail* a Raymond L. Müller. O editor-chefe das publicações do PQI podia facilitar-me o caminho para a nossa próxima área de investigação. Utilizei o mesmo estilo formal e cerimonioso com que o homem se me tinha dirigido.

De: Javier Costa

Para: Princeton Quantic Institute

Assunto: Um pedido

Estimado senhor Müller,

Sem esquecer o acordado no nosso contrato, onde me comprometia a não entrar em contacto com a editora até que a minha tarefa estivesse completa, dirijo-me a si para lhe fazer um pedido que ajudará o trabalho.

Antes do seu desaparecimento, o professor Yoshimura falou-me de uma descoberta feita no escritório de Einstein em Princeton. Visto que o diretor desta instituição estava disposto a partilhar com ele esta descoberta, pergunto-me se o senhor, na qualidade de editor-chefe das publicações do PQI, poderia interceder a meu favor para que tenha acesso a esta nova documentação.

Estou seguro de que a título individual não vou obter esse privilégio, e é com vista a melhorar a biografia que solicito a sua ajuda.

Agradeço-lhe desde já.

Com os melhores cumprimentos,

Javier Costa

No exato momento em que este *e-mail* iniciava a sua viagem pelo ciberespaço, o som de uma campanha indicou que uma nova mensagem tinha entrado no *Outlook* de Sarah, que teclava no sofá de costas para mim.

Voltei-me para ela:

– Por acaso és a editora-chefe do PQI?

– Não, mas aconteceu uma coisa divertida. Vem cá ver...

Fui sentar-me ao lado dela e vi que a sua mensagem vinha do *site* Lost & Found – perdidos e achados – onde dias antes tinha lançado a sua mensagem na garrafa.

Resposta a...

«PRECISO DE ENCONTRAR O FILHO OU FILHA DE LIESERL / LISA KAUFLEER.
RECOMPENSA QUÂNTICA. (REF. 127)»

De... (REF. INDETERMINADA)
«NÃO CONHEÇO O FILHO OU FILHA DE LIESERL,
MAS O SEU PAI ESPERA-A ESTE DOMINGO, 6 DE JUNHO,
À MEIA-NOITE NO MONKEY TOWN»

Sarah olhou-me surpreendida antes de me perguntar:

– Achas que é uma piada de mau gosto?

– Pode ser. O pai da nossa Lieserl é Albert Einstein. Não o imagino a voltar do reino dos mortos para ir a um lugar chamado Monkey Town.

– Vamos ver se existe – respondeu ela enquanto escrevia este nome no Google.

O motor de busca direcionou-a de imediato para um restaurante de Brooklyn cujo emblema era um macaco com uma gola renascentista.

- Olha a morada – disse Sarah entusiasmada. – Fica aqui mesmo em Williamsburg!
- Então não é por acaso.

ANOS DE FAMA

Se A é o êxito na vida, a fórmula do êxito seria $A = x + y + z$. O x é o trabalho; o y é o jogo; o z , manter a boca fechada.

ALBERT EINSTEIN

Depois de dedicarmos a sexta-feira e o sábado a procurar uma Kaufler que pudesse encaixar como filha de Lieserl, sem qualquer resultado, no domingo decidimos ir ao encontro noturno.

Podia tratar-se de uma brincadeira ou até de um erro. Talvez nos esperasse o filho de outra Lieserl a viver em Nova Iorque. No fim de contas, era um diminutivo suíço bastante comum e na cidade devia viver mais do que um suíço.

De qualquer maneira, o facto de o Monkey Town ser uma discoteca a quinze minutos do nosso *loft* não deixava de ser inquietante. Podia tratar-se de uma coincidência, ou de uma armadilha na qual estávamos prestes a cair sem tomar qualquer precaução.

– O que é que pode acontecer numa discoteca de Williamsburg? – argumentava Sarah com o portátil no colo.

– Qualquer coisa, se tivermos em conta que está numa rua periférica e que num domingo à meia-noite não haverá ninguém.

– E ainda bem. Se o encontro tiver alguma coisa a ver com a nossa busca, toda a discrição é pouca.

Depois desta breve conversa, dedicámos o resto do domingo a pesadas tarefas de fundo. No meu caso, ocupei-me de localizar lacunas na época da fama que levou Einstein até Princeton.

No ano do Nobel, 1921, deslocou-se aos Estados Unidos para angariar fundos a favor da criação da Universidade Hebraica de Jerusalém. Nesta primeira viagem deu uma conferência sobre a relatividade na própria Princeton com o auditório a transbordar.

Já naquela época era tal a febre de viajar de Einstein, que não pôde receber o Nobel pessoalmente porque estava de viagem no Japão. O seu desejo de atender a todos os pedidos de conferências fez com que sofresse um colapso nervoso em 1928, o que o obrigou a abrandar. Não reiniciaria as suas excursões internacionais até 1930.

Dois anos mais tarde, na sua terceira visita aos Estados Unidos, recebeu a oferta da Universidade de Princeton. No início, o plano era passar sete meses por ano em Berlim e outros cinco em Princeton, mas a chegada de Hitler ao poder em 1933 fez com que Einstein renunciasse às suas responsabilidades na capital alemã. Fez bem em não regressar, porque imediatamente depois o regime nazi proibiu as suas teorias, que foram qualificadas depreciativamente como «ciência judia». Para desprestigiá-lo, publicaram até um livro intitulado *100 Autores Contra Einstein*.

Antes de optar pela universidade na costa leste, tinha recusado muitas propostas na Europa, entre elas a do governo da II República espanhola. Ofereceu-lhe uma cátedra extraordinária na Universidade Central de Madrid, mas Einstein preferiu ir para as Américas.

Interrompi a leitura ao chegar a este ponto.

Enquanto observava como a lua descia sobre Williamsburg, lembrei-me de que não tinha visto o meu *e-mail* desde a manhã. Tinha o *Outlook* desativado desde que lera num artigo que as pessoas que trabalham em frente ao computador vão ver o seu *e-mail* até quarenta vezes por hora à espera de mensagens pessoais. Coisa mais deprimente não há.

Duas consultas diárias parecia-me razoável, de modo que entrei na minha conta. Entre o *spam* habitual encontrei a resposta ao meu pedido ao editor.

De: Princeton Quantic Institute

Para: Javier Costa

Assunto: Um pedido

Estimado senhor Costa,

É verdade que o nosso contrato estipula que o senhor não deve entrar em contacto com o instituto até ter terminado a tarefa em curso, mas o carácter extraordinário do seu pedido merece que se abra uma exceção da nossa parte.

Para ser-lhe franco, o PQI não tinha conhecimento de uma descoberta dessa magnitude por parte da universidade, mas o seu pedido já foi transmitido ao diretor do centro, que o receberá com muito prazer esta segunda-feira às 10h15 da manhã.

Lamentamos comunicar-lhe a reunião este fim de semana, e com tão pouco tempo de antecedência, mas até agora não tínhamos tido conhecimento desse encontro. Nas universidades americanas todos trabalham sete dias por semana, desde os estudantes até ao reitor.

O PQI deseja-lhe um encontro proveitoso que contribua para, tal como é seu desejo, melhorar a qualidade da biografia que aguardamos receber no prazo previsto. Ficamos assim combinados.

Os melhores cumprimentos,

Raymond L. Müller

Editor-chefe das publicações do PQI

P.S. – Uma advertência adicional: pela confidencialidade do assunto, pedimos-lhe que compareça sozinho à reunião.

Fechei o *e-mail*, aborrecido. Um encontro protocolar com o diretor do centro não era a maneira mais ligeira de começar a semana, ainda por cima quando naquela noite de domingo tínhamos de sair.

– Sabes como raio se chega a Princeton? – perguntei, procurando Sarah com o olhar.

Como faltava apenas meia hora para o encontro, Sarah já tinha vestido a sua melhor roupa. Contrapondo o estilo informal de Williamsburg, usava um curto e justo vestido grená com sapatos de salto alto.

– Estás vestida para matar... – comentei antes de insistir. – E em relação a Princeton?

– Não fica longe – disse enquanto pintava os lábios da mesma cor do vestido. – Fica em New Jersey, por isso se apanhares o comboio e o metro não demoras mais de duas horas.

Calculei mentalmente que precisava de me levantar às sete da manhã para me arranjar e chegar com tempo suficiente. Espantava-me, contudo, que Sarah não se tivesse oferecido para me acompanhar – era como se soubesse que eu tinha de ir sozinho – nem me tivesse perguntado o motivo da viagem.

MONKEY TOWN

Lá por não teres o macaco agarrado às costas não significa que o circo tenha deixado a cidade.

GEORGE CARLIN

A discoteca ficava numa zona escura e solitária de Williamsburg. Empurrámos o que parecia ser o portão da discoteca, apesar de não haver nenhuma segurança à porta para nos receber.

Depois de atravessarmos um corredor na penumbra, chegámos à sala principal do bar, que estava deserto de clientes e de empregados. Apenas um gigante candeeiro aceso fazia pensar que naquele domingo houvera ali algum tipo de atividade.

À esquerda do balcão encontrámos um passadiço iluminado por uma ténue luz branca. Daí reverberava um distante rumor difícil de definir. Podia ser um bicho ou uma máquina. Olhámos um para o outro inquietos, antes de Sarah decidir por ambos:

– Vamos ver o que se passa ali dentro.

Enquanto a seguia, esperava a todo o momento o aparecimento da psicopata de cabelo azul. Contudo, por enquanto apenas encontrámos um corredor branco com duas portas: uma lateral que era a casa de banho e outra ao fundo, de onde vinha o barulho. Mas não era o único som que havia ali.

– Ouviste esta voz? – sussurrou-me Sarah apontando para a porta da casa de banho. – Ouve...

Tal como ela, encostei o ouvido à madeira. Uma mulher parecia estar a falar longamente com alguém no interior. Não conseguia perceber o que dizia, mas o tom de voz era solene e também um pouco triste, como alguém que dá uma má notícia. Essa voz...

Reconheci que era a mesma que dissera ao telefone «Cabaret Voltaire», o que me deixou hirto. Antes que pudesse fazer alguma coisa, Sarah dirigiu-se à porta do fundo, de onde vinha o rumor.

Do outro lado esperava-nos uma extravagante surpresa: numa sala quadrada coberta por telas de cinema apinhavam-se cerca de trinta pessoas espalhadas por sofás brancos.

Todos pareciam absortos naquilo que se projetava nas quatro paredes ao mesmo tempo: uma vista aérea a preto e branco de uma cidade indeterminada. Pela vibração constante, parecia ter sido filmado de um pequeno avião. Sobre estas imagens, que eram monótonas e de baixa qualidade, ouvia-se a conversa confusa entre os dois pilotos. Percebi que falavam de coordenadas, de altitude e de um *Little Boy* que ia cair.

Não conseguia compreender por que razão aquela filmagem despertava tanto interesse naquela sala cheia de diferentes pessoas da nossa idade. Quando estava prestes a sair daquele cinema improvisado, Sarah segurou-me no braço e, ao mesmo tempo que me

assinalava um lugar vago num sofá, murmurou:

– Senta-te.

Havia apenas espaço para uma pessoa e não me parecia bem deixá-la de pé. Além disso, o documentário não me interessava. Mas um empurrão dela fez com que lhe obedecesse.

Sentei-me no espaço mínimo que estava livre ao lado de um barbudo com óculos de tartaruga, que resmungou incomodado. Para minha surpresa, segundos depois Sarah sentou-se ao meu colo. Abracei-a suavemente por trás e fechei os olhos. Procurava reter aquele momento perfeito para sempre. Mas nesse exato momento deu-se uma reviravolta no documentário, visto que o público começou a emitir suspiros de pânico.

Ao abrir os olhos, vi que um enorme cogumelo atômico emergia da cidade cinzenta. Compreendi então que aquela era a filmagem do ataque nuclear contra Hiroshima. Quando aquela energia monstruosa acabou por explodir, ouviu-se um dos pilotos a dizer: «Meu Deus, o que é que fizemos?»

Aquela cena pareceu comover Sarah, que se levantou de repente – com muita pena minha – e saiu da sala enquanto o público continuava hipnotizado com a expansão do cogumelo.

Corri atrás dela, que se tinha detido ao pé da porta da casa de banho, no corredor. Tinha lágrimas nos olhos.

Sem saber muito bem o que fazer, peguei na mão dela e aproximei-a dos lábios. Depois de um beijo leve, perguntei-lhe:

– Não queres entrar na casa de banho para te refrescares?

– Era o que faria se essa chata não continuasse aí dentro.

Lembrei-me da voz que ouvira antes de entrar na projeção e voltei a aproximar o ouvido da porta. Era ela, definitivamente. A mesma voz suave falava e falava sem parar. Estava surpreendido por, quem quer que fosse, manter uma reunião tão longa na casa de banho de uma discoteca. Bati na porta com o nó dos dedos.

Nada.

– Aqui passa-se alguma coisa estranha – disse enquanto empurrava a porta que se abriu sem opor resistência.

A casa de banho estava vazia. Assim estivera desde a nossa chegada. Como se a nossa intromissão tivesse sido detetada, a voz tinha-se calado.

Sarah entrou atrás de mim e fechámos a porta. Nessa altura a gravação voltou a arrancar. A voz feminina anunciou: «Carta de Albert Einstein a Theodore Roosevelt, 2 de agosto de 1939.»

A seguir, ouvimos a leitura de um texto já conhecido. Na missiva enviada ao presidente norte-americano, o pai da relatividade alertava-o para os avanços dos alemães na obtenção de uma bomba com um poder destrutivo nunca imaginado. E não se limitava a fazer esse aviso, encorajava também a administração norte-americana a concertar todos os meios para fabricar uma bomba atômica antes que os seus inimigos o fizessem, dando algumas indicações para iniciar o seu desenvolvimento.

Ao terminar a leitura da carta, a gravação voltou ao início, num *loop* onde aquele que – ironia do destino – mais à frente seria defensor do pacifismo, dava o pontapé de partida da corrida nuclear.

– Quem é que raio...?

Antes de poder terminar a frase, Sarah empurrou-me para o corredor, onde já desfilavam os espectadores do documentário.

– Vamos – sussurrou-me Sarah nervosa ao ouvido.

– Ainda não bebemos nada. Porque estás com tanta pressa?

A francesa mostrou-me o ecrã do seu telemóvel. Um remetente anónimo tinha-lhe deixado a mensagem:

SAIAM DO MT AGORA MESMO.
QUANDO SE ESVAZIAR,
ENTRARÁ QUEM NÃO DEVE.

CHEGADA A PRINCETON

Senhor Einstein, todas as pessoas o admiram porque não percebem nada do que diz.

CHARLES CHAPLIN

Lutava contra o sono no comboio para New Jersey enquanto a carta dirigida a Roosevelt ainda ecoava na minha cabeça. A carta, lida pela mulher da voz calma, tinha sido a segunda parte do espetáculo do Monkey Town; a primeira era a bomba lançada pelo *Enola Gay* em Hiroshima.

O documentário mostrava o resultado da proposta do prémio Nobel. A pergunta era quem montara aquela *performance* para a qual «o pai de Lieserl» nos tinha convidado, quer dizer, supostamente o próprio Einstein «enlatado».

Seria a mesma pessoa que nos tinha avisado para sairmos do local? Já sobre a pessoa que «não devia entrar», fazia uma ideia bastante aproximada de quem se tratava.

Teria lido a mensagem no Lost & Found? Ou simplesmente estava atenta a qualquer acontecimento na cidade que tivesse a ver com Einstein?

Antes de sairmos da discoteca, perguntáramos a um solitário empregado quem organizara aquele evento, mas só tínhamos conseguido obter respostas vagas:

- A programação é decidida pelos sócios do Monkey Town.
- E quem são? – perguntámos.
- Não faço ideia. São muitos. Pelo menos uma centena.

Ou seja, continuávamos sem a menor pista a respeito da mulher misteriosa. Era sem dúvida a mesma que me tinha ligado e dado voz à carta de Einstein. Fora isso, podia apenas supor que se tratava da sua neta, a filha de Lieserl.

O resto era apenas uma enorme nuvem de confusão.

Talvez «o espetáculo da bomba», como o tinha batizado Sarah, contivesse alguma pista para continuarmos a nossa demanda. O problema era identificá-la para poder segui-la. De momento, a única coisa que tinha conseguido era uma reunião em Princeton que talvez trouxesse alguma luz àquela confusão.

Deixara Sarah a dormir profundamente enquanto saía carregado com as páginas do manuscrito sobre a chegada do génio a Princeton. Pus-me a lê-las no metro apinhado de gente e depois no comboio igualmente cheio com destino ao *Garden State*.

Pelos vistos, Albert Einstein desembarcara discretamente em Nova Iorque em 1933, quando já contava cinquenta e quatro anos. As crónicas da época diziam que tinha conseguido enganar uma enorme comitiva de boas vindas. Fiel à sua fama de excêntrico, a primeira coisa que fez naquela terceira – e definitiva – viagem à América foi comprar um gelado de baunilha e chocolate. A empregada, que o tinha reconhecido, exclamou: «Vou escrever isto no meu

diário!»

Quando, à sua chegada a Princeton, lhe perguntaram de que material precisava para trabalhar comodamente, a sua resposta foi: «Lápis, papel, borracha e um enorme cesto do lixo para deitar fora os meus erros.»

Fiz uma pausa na leitura quando as primeiras urbanizações de New Jersey já se viam da janela do comboio, ao mesmo tempo que me perguntava como se sentira Einstein naquela civilização depois de dar tantos tombos numa Europa em convulsão.

De tudo o que lera, deduzi que aquele retiro dourado – tinha pedido um salário anual de 3000 dólares, mas à sua chegada percebeu que lhe tinham atribuído 15 000 – tivera um sabor agri-doce. Alguns vizinhos recordavam como o sábio tinha acompanhado com o seu violino um grupo de crianças que na véspera de Natal cantavam às portas das casas, recolhendo dinheiro para comprar prendas. Contudo, outras pessoas que o visitaram não tinham ficado com uma impressão tão idílica. Um amigo seu explicava, por exemplo, que «Alguma coisa tinha morrido nele. Sentava-se na sua cadeira, alisava os seus cabelos brancos entre os dedos e falava ensonado sobre qualquer coisa. Nunca mais voltou a sorrir.»

O *campus* de Princeton acabou por ser mais bucólico e plácido do que imaginara. Àquela hora da manhã, a relva estava cheia de grupos de estudantes, todos eles bem vestidos, que partilhavam o pequeno-almoço como se estivessem numa antiga universidade inglesa.

Num segundo *e-mail* tinha-me sido especificado que seria recebido no Instituto de Estudos Avançados, um encantador edifício de tijolos afastado da universidade.

Vi no campanário com uma cúpula verde que tinha chegado uns minutos antes das 10h15, mas uma cinquentona de uniforme já me esperava à porta. Apertou-me a mão com uma força inesperada e apresentou-se:

– Meret Wolkenweg, ao seu dispor. O diretor do centro não pôde vir pessoalmente, mas tenho instruções precisas para tornar a sua visita proveitosa. Parece-lhe bem que comecemos pelo auditório?

«Isto não começa bem», pensei. Se me tinham confundido com um simples turista do mundo académico, sairia dali com as mãos a abanar. Decidi agarrar o touro pelos cornos sem mais demoras.

– Vou-lhe ser sincero, para a minha investigação só me interessa o escritório de Einstein. Mais precisamente, procuro uma nova informação que o senhor diretor comunicou na Europa.

Meret abriu uma porta junto à entrada principal antes de dizer:

– Ah, claro. É engraçado como o descobrimos. Há objetos que parecem encontrar o seu próprio esconderijo até que decidem que chegou a hora de se deixarem ver. Ainda deve estar ali...

Ao ver o entusiasmo no meu rosto – eu pensava na possibilidade de «a carta» ter a última resposta –, a mulher franziu o sobrolho e acrescentou:

– Antes de mais, preciso de lhe contar uma coisa sobre este instituto que o vai surpreender.

A MISSIVA DO DESERTO

Triste época a nossa, em que é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.

ALBERT EINSTEIN

Tínhamos parado junto à porta de vidro opaco que dava para o escritório do génio. Fiquei espantado por não haver atividade, numa segunda-feira de manhã, naquela ala do edifício.

– O instituto foi fundado pelos irmãos Bamberger a seguir ao *crash* de 1929 – explicou a mulher. – No início queriam que fosse uma escola dentária, mas um amigo convenceu-os a dedicarem o centro às ciências teóricas. A sua missão era acolher emigrantes judeus, com Einstein, que eram recusados pela antissemita Universidade de Princeton.

Pela maneira energética como me contava tudo isto, percebi que Meret era judia e se sentia orgulhosa de trabalhar no instituto. Antes de abrir a porta, olhou-me fixamente e perguntou-me:

– Sabe quem dirigiu o instituto nos últimos anos de vida de Einstein?

Encolhi os ombros com uma certa vergonha. Apercebia-me de que a minha preparação para a etapa de Princeton era bastante precária.

– Julius Robert Oppenheimer. O pai da bomba atómica, nada mais nada menos. Pode imaginar as discussões que o senhor Einstein teria aí dentro com o diretor... Um deles era o autor teórico do invento. O outro, o seu executor.

Com uma pequena chave abriu a porta do escritório e acendeu as luzes. Senti-me como um iniciado que entra no lugar mais sagrado da sua religião. O silêncio daquela sala ampla com móveis gastos pelo uso estava cheio de interrogações. Percebi que se Einstein chegara a uma «última resposta» no final da sua vida, esta teria surgido entre aquelas paredes.

Por trás da secretária maciça e da sua cadeira, havia uma ampla biblioteca científica e um pequeno quadro em ardósia com o seu suporte de pé. A superfície parecia ter sido apagada recentemente, como se Albert ainda fosse vivo e tivesse eliminado os seus erros antes de sair para ir dar um passeio.

A observar o meu interesse pelo quadro, Meret disse:

– Como tudo na vida, o interessante não está na parte visível, mas sim atrás.

A seguir, girou o quadro para me mostrar a parte de trás. Um segundo antes de que este se oferecesse diante dos meus olhos, soube – como se fosse uma premonição – o que ia ver.

$$E = ac^2$$

Apesar do traço dos signos ser igual à fórmula projetada por Jensen, o que dava credibilidade à sua hipótese, assaltou-me a deceção de ter viajado até ali para ver o que já conhecia. Desde o início daquela aventura que a fórmula me perseguia.

– Sabe o que significa o «a»? – perguntei.

– Ninguém sabe – respondeu, cruzando os braços. – E eu ainda menos. Trabalho na administração do centro. Não sou cientista.

Para não ficar mal perante a funcionária, aponte de novo a fórmula no meu *Moleskine*, fingindo grande interesse.

– Agora preciso de ir – disse. – Acho que há um comboio...

– Pensava que queria ver o que se encontrou aqui.

– Não é a fórmula?

Meret soltou uma gargalhada breve e seca antes de explicar:

– Isso está aí desde a morte de Einstein. Referia-me a esse quadro. Observe bem. Não encontra nada estranho?

Apontou-me uma pequena pintura pendurada entre duas estantes. Mostrava um velho transatlântico – talvez o mesmo em que o físico viajara para aqui chegar – cercado por um mar enraivecido. Procurei na parte inferior direita a assinatura do artista, para o caso de ser Einstein, mas não tinha assinatura.

Disse isso a Meret, que me respondeu:

– Há muitos quadros sem assinatura, sobretudo quando a sua função é meramente decorativa. Mas este tem qualquer coisa que chama a atenção. Repare bem...

Intrigado, aproximei-me da pintura. Não havia nada de estranho no barco, nem no mar ou no céu. Ao afastar-me uns passos para vê-lo no seu todo, vi uma ligeira inclinação para a direita da linha de água, como se o artista tivesse girado ligeiramente a cabeça enquanto pintava a embarcação ao natural.

Sem pedir autorização à funcionária, levantei a parte esquerda do quadro uns quantos centímetros até a linha do mar ficar completamente na horizontal. Nesse momento alguma coisa caiu da parte de trás do quadro.

– Foi assim que descobrimos – disse ela orgulhosa, enquanto se agachava para apanhar um envelope de tamanho estranhamente pequeno. – O senhor Einstein criou uma ranhura por trás da moldura que apenas deixa cair o seu conteúdo quando se inclina tal como o senhor fez agora. Engenhoso, não acha?

A mulher depositou suavemente nas minhas mãos o sobrescrito, que me fez lembrar os que se utilizavam, anos antes, para os santinhos da primeira comunhão.

– Só eu e o diretor do centro conhecemos este segredo. O senhor será a terceira pessoa. Ganhou esse privilégio por vir de tão longe.

Abri com cuidado o envelope, que tinha selo e estava carimbado, apesar de não ter conseguido decifrar a sua proveniência. Tirei do seu interior uma folha de papel vegetal dobrada várias vezes. Ao desdobrá-la, reconheci a mesma letra do postal de Cadaqués, apesar de ter um traço mais inseguro e infantil.

Senti um calafrio na espinha e as minhas mãos começaram a tremer levemente enquanto lia a carta:

Trinity, 3 de janeiro de 1955

Querido avô,

É tão grande o deserto e tão pequena a minha esperança de te voltar a ver!

Penso muitas vezes no que me disseste: há uma força mais poderosa do que a gravidade, o magnetismo e a fissão nuclear. A nossa missão como seres humanos é descobri-la e domá-la para iluminar o mundo inteiro.

Se essa força existe, é preciso libertá-la aqui mesmo, no lugar mais triste da Terra. É por isso que vamos ficar.

Sempre tua.

Mileva

O SEGUNDO VISITANTE

Ciência é crer na ignorância dos cientistas.

RICHARD FEYNMAN

Apontei cuidadosamente no meu caderno o breve texto da carta, que desejava ardentemente partilhar com Sarah. A seguir a funcionária devolveu-a ao seu esconderijo particular atrás do quadro.

– Preferimos deixá-la no seu sítio. Se Albert decidiu escondê-la ali, quem somos nós para expor a sua vida privada. E também não sabemos...

O barulho de um grilo interrompeu-a. A mulher fez-me um sinal com a mão para que a desculpasse. A seguir tirou do bolso do casaco um telemóvel minúsculo que estava a tocar.

Meret corou antes de dizer:

– Desculpe-me, professor. Estava com a primeira visita do dia e não me tinha dado conta da hora que é. Desço já para o ir buscar.

Quando desligou, explicou-me nervosa:

– Esqueci-me completamente de que há uma segunda visita programada para esta manhã. Um catedrático de física amigo do diretor quer visitar o escritório. Acompanha-me até à saída?

Dito isto, fechou – por pouco tempo – a porta de vidro e apressou-se pelos imaculados corredores do instituto. Enquanto a seguia, perguntava-me a que estado pertenceria a cidade de Trinity, de onde meio século antes chegara a carta da filha de Lieserl.

As nossas suspeitas de que existira outra Mileva Einstein pareciam ser fundamentadas. Apesar de ser improvável que ela continuasse viva, tentar descobrir aquilo a que ela chamava «o lugar mais triste da Terra» podia ajudar-nos a juntar as peças. Perguntava-me também se a força misteriosa de que falava na carta teria alguma coisa a ver com a fórmula que já tinha aparecido três vezes.

Perdido nestes pensamentos cheguei à saída principal, onde a funcionária do instituto já estava a receber a nova visita. Ao despedir-me dela, apercebi-me de que conhecia o novo visitante, que me olhou estupefacto.

Era Pawel.

Dirigiu-se a mim diretamente em castelhano para que a mulher não nos pudesse compreender, apesar de haver milhões de norte-americanos que falam a língua.

– Não esperava encontrá-lo tão longe – disse sem esconder a sua irritação.

Meret afastou-se uns metros com a desculpa de ver o seu telemóvel, como se a nossa conversa pudesse acabar numa luta de punhos.

– Muito menos eu, para dizer a verdade. Mas não é assim tão estranho: ao fim ao cabo este

é um lugar obrigatório de peregrinação para os estudiosos de Einstein. É preciso cá vir a determinada altura.

Pawel estudava-me como se eu fosse uma espécie perigosa de inseto, através das suas grossas lentes. Por baixo dos seus olhos esbugalhados, parecia-me que as suas rugas se tinham multiplicado desde a última vez que nos víamos, há apenas três semanas. Talvez não estivesse a dormir muito ultimamente, pensei para mim mesmo, ou talvez para nós que estávamos – ou melhor dizendo, os que restávamos – metidos naquela aventura o tempo passasse mais depressa.

A funcionária aproximou-se do doutorado em física da Universidade de Cracóvia para iniciarem a visita. Enquanto me perguntava se ele seria a quarta pessoa a conhecer o «pequeno segredo», o seu olhar severo tornou-se forçadamente amistoso.

– Visto que ambos procuramos o mesmo, proponho-lhe que almocemos juntos e partilhemos as nossas descobertas.

– Sinto muito, tenho um encontro ao meio-dia – menti.

Não me apetecia «partilhar» as minhas suposições com aquele homem cinicamente racional. Mas não se deu por vencido.

– Então combinamos a meio da tarde. Vou levá-lo a um bar onde se serve a melhor cerveja de Princeton.

– Adorava, mas infelizmente vamos ter de deixar para outra ocasião. Como estou apenas um dia em Princeton, tenho reuniões até às oito da noite – menti novamente, desconfiado perante aquele súbito interesse. – A seguir devo regressar a Nova Iorque, onde outra pessoa me espera esta noite.

Com os braços tensamente cruzados, Meret olhou para Pawel, que contra-atacou com um golpe certo:

– Como veio até aqui?

– De comboio.

– Ótimo, então dou-lhe boleia de volta no meu carro alugado. Também vou esta noite para Nova Iorque. Amanhã devo apanhar um avião de regresso à Europa.

Era absurdo continuar a inventar desculpas. Se aquele físico ressabiado tinha alguma coisa para me contar, melhor para mim. Da minha parte, podia limitar-me a partilhar com ele apenas alguns detalhes vagos da minha investigação.

Depois de almoçar sozinho no McDonald's e deambular por algumas livrarias de estudantes, liguei algumas vezes para Sarah de uma cabine, mas foi diretamente para as mensagens.

Para matar o tempo, passei o resto da tarde no Small World Coffee, um pequeno café no *downtown* de Princeton. A minha série de mentiras não só não me livrara de Pawel, como ainda por cima tinha de passar o dia inteiro naquela cidade à espera dele.

Ao contrário de noventa e nove por cento dos cafés nos Estados Unidos, no Small World Coffee reinava um ambiente informal e os empregados não apareciam à nossa mesa a cada quinze minutos para nos obrigar a consumir. Por isso, pude passar a tarde apenas com três cervejas enquanto relia as folhas soltas do manuscrito.

Chamou-me a atenção uma história que Yoshimura contava sobre um jornalista que, ao interpelar Einstein à saída do instituto, lhe fez uma pergunta a que o físico já respondera milhares de vezes: «Pode explicar-me a relatividade?»

Einstein respondeu com outra pergunta: «Pode explicar-me como se frita um ovo?»

Quando o jornalista, boquiaberto, lhe respondeu que sim, Einstein respondeu: «Pois faça-o imaginando que eu não sei o que é um ovo, uma frigideira, o óleo ou o lume.»

A VIA DE PAWEL

A mente é mais ampla do que o próprio céu.

EMILY DICKINSON

O carro que Pawel alugou era um *Mercedes classe A* que parecia acabado de sair da fábrica. Tinha chegado ao encontro com vinte minutos de atraso, por isso já passava das nove da noite quando entrámos na autoestrada 95 com destino a Nova Iorque.

– Espero que a sua amiga não esteja à sua espera para jantar – disse com voz grossa –, apesar de não devermos demorar mais do que uma hora a chegar. Onde quer que o deixe?

Pensei durante uns segundos na minha resposta. Não me interessava que Pawel, nem ninguém, soubesse do nosso esconderijo em Brooklyn, mas preocupava-me que tivesse mencionado uma mulher, quando não lhe dissera com quem me ia encontrar.

– O que o faz pensar que me vou encontrar com uma amiga?

O polaco ultrapassou com bastante segurança um enorme camião antes de responder com um leve sorriso:

– Os encontros noturnos de um homem costumam ser com uma mulher em oitenta por cento dos casos. Que eu saiba, à noite não há conferências e são raras as reuniões de trabalho com apenas uma pessoa.

Era uma explicação razoável que me dava alguma tranquilidade, apesar de me incomodar a segurança arrogante com que Pawel opinava sobre qualquer assunto. Decidi deixar-me ir:

– E os outros vinte por cento?

– São os homens que marcam encontros de noite com outros homens pela mesma razão que os restantes oitenta por cento.

Foi diminuindo a velocidade até entrar numa curva numa direção que não era claramente a de Nova Iorque.

– Onde vamos? – perguntei alarmado.

– A um restaurante de *fast-food*. Preciso de comer qualquer coisa. Importa-se?

Quer me importasse ou não, era óbvio que Pawel estava habituado a fazer o que bem lhe apetecia, e esperava que os outros o seguissem. De qualquer maneira, eu também começava a ter fome.

– Acompanho-o num hambúrguer, mas preciso de chegar a Nova Iorque antes da meia-noite.

– Como a Cinderela – brincou. – Não há problema.

As luzes do Friendly's já brilhavam no final da estrada secundária. Tratava-se de um enorme restaurante envidraçado de forma circular. Havia um painel vermelho onde se acendia e apagava o néon com o nome do estabelecimento.

Àquela hora havia apenas um casal roliço que devorava em silêncio as suas gigantescas porções de comida.

O empregado dirigiu-se a mim diretamente em castelhano – com um sotaque mexicano – para nos levar à nossa mesa no extremo oposto da entrada.

– Como sabe que falo a língua dele? – perguntei a Pawel assim que se foi embora.

– Os empregados de mesa são grandes fisionomistas, especialmente nos restaurantes à beira da estrada. Pelo aspeto e pela maneira de andar do cliente conseguem até adivinhar de que cidade são originários. Eu também tenho essa capacidade.

Para o demonstrar, chamou o empregado que nos atendera com um descortês estalar de dedos. Quando chegou à nossa mesa, Pawel perguntou-lhe:

– Você é de Puebla, estou enganado?

– Não, está certo. Em que posso ajudá-los?

– Venha daqui a cinco minutos e já lhe diremos.

O empregado franziu o sobrolho e foi-se embora rapidamente. Estava, sem dúvida, a maldizer-nos. Percebi que Pawel era, muito provavelmente, um homem bastante odiado no seu departamento na universidade.

– Como é que sabia que ele era de Puebla? – perguntei-lhe, assombrado pela sua má educação e por ter acertado.

– De uma forma puramente empírica. Por causa do meu trabalho, venho aqui muito frequentemente e tenho o mau hábito de perguntar aos empregados imigrantes de onde são. Foi assim que descobri que os mexicanos de Nova Iorque e arredores que trabalham em restaurantes são quase sempre de Puebla.

Aquela conversa estúpida começava a cansar-me, por isso decidi deixar-me de brincadeiras para ir ao cerne da questão.

– O que achou do escritório de Einstein?

Pawel esfregou as mãos grossas e peludas antes de responder:

– Uma chatice, como todos os escritórios do mundo académico. Nem quero imaginar a quantidade de sestras que Einstein deve ter feito naquela cadeira.

– Pensava que era um grande defensor do pai da relatividade. Não encontrou nada de interessante em Princeton?

– Nada de novo. Só aquela maldita fórmula que está a dar dor de cabeça a muita gente.

Gostei que o polaco tivesse posto as cartas na mesa, porque assim terminaríamos o quanto antes.

– Quer dizer que também está a tentar decifrar a fórmula, como Jensen.

– Peço-lhe – protestou – que não me fale de pessoas vulgares. Em questões de ciência, dou apenas crédito a pessoas que tenham terminado uma licenciatura e um doutoramento, no mínimo. As outras fariam melhor em calar-se.

– Então é melhor deixarmos por aqui a nossa conversa – disse, aborrecido por ele ter falado mal do morto –, porque sou apenas um pobre jornalista especializado em tudo e nada ao mesmo tempo.

– Por favor, não me interprete mal – disse em tom conciliador. – Tomo-o por uma pessoa sensata que não faz alarido daquilo que não sabe. Tenho a certeza de que nesta altura já sabe

bastante mais do que eu.

– E, por isso, está disposto a sacar-me a informação. Sinto muito dececioná-lo, mas não faço a mais pequena ideia do que essa fórmula significa. Como já referiu, não tenho um doutoramento, nem sequer uma licenciatura em ciências.

– A fórmula não me interessa muito. As minhas investigações vão numa direção totalmente diferente. Em colaboração com o departamento de neurologia da minha universidade, o meu trabalho é sobre o cérebro de Einstein. Essa é a chave, e em breve vamos chegar a novas conclusões.

– Gostaria de saber em que consiste o seu trabalho – disse, com repentina curiosidade.

– É lógico, mas é melhor explicar-lhe depois do jantar, porque o assunto pode ser um pouco desagradável.

A seguir, voltou a chamar o empregado com um estalar de dedos. O de Puebla veio-nos atender com uma fúria mal contida. Foi nessa altura que tive o pressentimento de que aquela noite ia acabar mal.

AS VIAGENS PÓSTUMAS DE EINSTEIN

O segredo da criatividade é saber como ocultar as nossas fontes.

Albert Einstein

Só quando nos serviram o café é que Pawel decidiu pôr-me a par da sua investigação. Antes, contudo, avisou-me de que me pediria algo em troca.

– Duvido que lhe possa oferecer alguma coisa de interesse – respondi na defensiva. – O meu trabalho sobre Einstein limita-se a completar algumas lacunas na sua biografia. Até ao momento não creio ter descoberto alguma coisa que possa interessar a um homem da ciência.

– Isso cabe a mim decidir – respondeu, enquanto endireitava os óculos grossos no nariz. – Proponho-lhe um acordo: eu procuro-lhe a biografia de Einstein depois da sua morte e o senhor, em troca, faz-me um pequeno favor. Tem a ver com uma pessoa que ambos conhecemos.

Todas as luzes do restaurante se apagaram, com exceção da nossa mesa, o que era um claro convite para que fôssemos embora. Paguei a conta dando os quinze por cento de gorjeta obrigatórios, mas Pawel não parecia ter pressa em se levantar. Segurava na chávena de café sem que lhe chegasse aos lábios.

– Aceita? – insistiu.

– Está bem, apesar de não saber de que é que está a falar. Também não percebo o que é isso da biografia de Einstein depois da sua morte. Pensava que a biografia de alguém terminava no exato momento em que batia as botas.

Pawel riu-se para dentro enquanto afastava o cabelo frondoso do pescoço. A seguir aproximou a chávena da boca. O vapor do café que subia deve-lhe ter parecido demasiado quente, pois voltou a pousar a chávena na mesa.

– Isso é verdade com a maioria dos mortais, mas não com Einstein. Por estranho que pareça, o seu cérebro continuou a viajar uma vez morto. Não conhece a história?

Neguei com a cabeça enquanto o empregado levava a conta. O seu ajudante já estava a colocar as cadeiras em cima das mesas para começar a lavar o chão.

– Com a sua morte – continuou –, em abril de 1955, muitos cientistas interessaram-se pelos quinze mil milhões de neurónios que tinham cessado a sua atividade. Einstein tinha setenta e seis anos quando o seu corpo foi incinerado e as cinzas lançadas ao pé do rio Delaware. Contudo, o médico da Universidade de Princeton que estava a cargo da autópsia, Thomas Harvey, decidiu levar o cérebro antes que a família procedesse à cremação. E aqui começa uma história fascinante.

– A universidade guardou o cérebro dele para estudá-lo?

– Foi muito mais complicado do que isso. Depois de fotografarem o órgão, que tinha um

peso absolutamente normal, um quilo e meio, Harvey dissecou-o em duzentas e quarenta partes e estudou cada uma delas ao microscópio. Esperava encontrar algo excecional, mas o cérebro de Einstein era perfeitamente normal e comum. Contudo, o médico de Princeton, que era doutorado em patologia, não se deu por satisfeito.

A luz sobre a nossa mesa acendeu-se e apagou-se duas vezes. Era um sinal inequívoco que nos enviavam do balcão. Significava: «Vão-se embora da porra de uma vez por todas.» Mas Pawel parecia imune a qualquer tipo de aviso, visto que continuou:

– Depois de partilhar com alguns colegas da sua faculdade algumas amostras do cérebro de Einstein, decidiu guardá-lo em casa por sua conta e risco. Foi admoestado pela própria universidade, e teve até de enfrentar várias denúncias, mas como na jurisprudência dos Estados Unidos não havia nada parecido, não puderam condená-lo. No meio de toda esta confusão, Harvey prometia aos jornalistas e cientistas que no prazo de um ano publicaria o resultado das suas investigações.

– Conservava a esperança de encontrar algo de especial no cérebro mais brilhante do século XX – resumi, incomodado com a situação. – E como é que o assunto acabou?

– Uma vez expulso da universidade e dos círculos científicos, Harvey mudou-se para o Oeste, onde trabalhou como médico numa prisão federal e em vários ambulatorios. Ao reformar-se, estabeleceu-se numa pequena cidade do Kansas, onde continuou a guardar o cérebro que tinha roubado. Era essa a realidade. Tinha recebido suculentas ofertas financeiras de vários milionários e museus de anatomia, entre outras instituições, mas Harvey negava-se a desfazer-se dele. Numa segunda fase da sua investigação, enviou amostras do seu tesouro a cientistas dos cinco continentes para que o ajudassem no seu estudo. Estes envios não passaram despercebidos à imprensa, e um jornal sensacionalista começou a anunciar que se planeava clonar o cérebro de Einstein.

De repente, a luz da nossa mesa apagou-se e o restaurante ficou às escuras. Na parte de fora do local, o empregado de Puebla segurava na porta enquanto fumava um cigarro. Pela primeira vez, Pawel pareceu aperceber-se da situação.

– Parece que nos estão a convidar a sair – disse.

– Sim, creio que sim.

Levantámo-nos finalmente e atravessámos o restaurante às escuras até à saída. Ao passar junto ao empregado, este atirou o cigarro para o chão e esmagou-o com raiva.

O cartaz luminoso do Friendly's, junto ao qual tínhamos estacionado o carro, estava já apagado. Olhei para o relógio: era quase meia-noite.

Enquanto o físico desfiava mais histórias curiosas sobre o cérebro de Einstein, saímos do parque de estacionamento para apanhar a estrada solitária que ligava à autoestrada 95. Contudo, não tínhamos andado mais de dois quilómetros, quando apareceu no nosso caminho uma vala com um sinal intermitente que nos obrigava a virar à direita.

– Que chatice, a estrada está cortada – suspirou Pawel. – Parece que alguém está empenhado em que esta noite não veja a sua namorada. Ou namorado, claro.

– Não gosto nada disto. Há duas horas este sinal não estava aqui, e duvido que em New Jersey se iniciem obras para reparar o asfalto à meia-noite.

Pawel aproximou a sua cabeça da minha janela para ver o desvio a que o sinal obrigava.

Era uma estrada estreita sem nenhum tipo de iluminação. Contudo, o polaco não parecia inquieto. Disse:

– As máquinas devem estar quase a chegar. É mais lógico reparar o asfalto de noite do que de dia, quando há trânsito. Mas também pode ter havido um acidente e por isso cortaram agora a estrada.

– Então vamos dar meia volta – sugeri. – De certeza que encontraremos maneira de alcançar a autoestrada.

– Nem pensar! Seria um desvio desnecessário. Vamos seguir este sinal, de certeza que nos leva de volta à 95.

Arrancou novamente e metemo-nos na boca do lobo.

O CARRO FANTASMA

O que tememos que seja o nosso último dia é, de facto, o nascimento da eternidade.

SÉNECA

Circulávamos a baixa velocidade porque o caminho era estreito e tenebroso. Com as mãos bem agarradas ao volante para controlar o veículo – não paravam de saltar pedras debaixo dos pneus –, Pawel continuou a falar sobre a biografia *post mortem* de Einstein, que parecia não ter fim.

Pelos vistos, um jornalista reuniu-se várias vezes com Harvey para escrever uma reportagem e acabou por se tornar amigo do velho patologista, com quem acabou por viajar de carro até à Califórnia para visitar Evelyn Einstein, uma neta reconhecida do génio. A ideia era devolver-lhe o cérebro e terminar assim com quatro décadas de peregrinação. Quando onze dias depois chegaram a Berkeley, onde Evelyn vivia, esta viu o *tupperware* com o cérebro do seu avô e não o quis. Harvey teve de regressar a New Jersey com o conteúdo que dera origem à longa viagem.

– A biografia póstuma de Einstein gerou muitas outras aventuras chocantes – concluiu o polaco enquanto a autoestrada 95 não aparecia em lado nenhum –, mas a questão de fundo, a questão séria deste assunto ainda não se aclarou. Ninguém foi capaz de explicar o que tinha o cérebro de Einstein de especial nem onde estava a sua particularidade.

– Talvez a resposta não esteja no cérebro.

– Como assim?

Não soube responder. Estava inquieto porque o terreno à nossa volta era cada vez mais desolado. Tínhamos passado as últimas casas quilómetros atrás e a cada metro que avançávamos parecia mais claro que para a autoestrada não era por ali.

– O que é que quer de mim? – perguntei, mudando completamente de assunto.

– Espere até chegarmos a Nova Iorque e aí dir-lhe-ei. Este lugar é demasiado...

Pawel interrompeu-se. Nesse momento vi pelo espelho retrovisor um par de faróis que se aproximavam.

– Vem aí alguém – acrescentei.

Apesar de tentar aparentar calma, Pawel pareceu assustado com a notícia. Parou o carro de repente e espreitou pela janela para trás.

As luzes continuavam a aproximar-se, mas agora faziam-no mais lentamente.

– Vamos pedir ajuda – disse, ao mesmo tempo que saía do carro. – Se for alguém daqui saberá dizer-nos como podemos regressar à autoestrada.

– Prefiro esperar no carro, se não se importa – respondeu Pawel antes de trancar a porta, pelo sim, pelo não.

Surpreendido com tanta precaução, saí para esticar as pernas em direção às luzes. Um exército de grilos cantava furiosamente sob a noite estrelada. O carro que estava atrás de nós uns minutos antes, de repente tinha desaparecido.

Não percebia nada.

Avancei um pouco mais até encontrar uma grande rocha à beira da estrada. Empoleirei-me nela à procura do carro fantasma, debaixo da luz ténue das estrelas.

De repente vi-o. Parecia um automóvel muito volumoso. Tinha parado numa clareira ao pé de um caminho de terra e tinha os faróis desligados. Talvez o condutor tivesse saído para mijar, pensei para mim mesmo. Ou talvez se tratasse de um casal de New Jersey, que tinha escolhido aquele local solitário para fazer amor dentro do veículo.

Sem fazer tenções de dar mais voltas ao assunto, fiz o caminho de regresso ao pequeno carro de Pawel. Por alguma razão tinha-se assustado, e temia que arrancasse sem mim, deixando-me no meio do nada.

Encontrei-o com a cabeça à espreita pela janela. Estava visivelmente nervoso.

– Já não nos seguem? – perguntou enquanto me sentava ao seu lado.

– Acho que não. Quanta gasolina temos?

– A suficiente para sair deste caminho de cabras – disse, voltando a arrancar. – Tinha razão. Era melhor se tivéssemos apanhado a estrada do Friendly's em sentido contrário.

– Isso agora não importa – tranquilizei-o. – É melhor avançarmos para ver onde vamos dar.

Ainda não tinha acabado de falar quando os faróis reapareceram atrás de nós. E aproximavam-se do nosso veículo a grande velocidade.

Nos dois ou três segundos que antecederam o impacto, vi aproximar-se pelo retrovisor um enorme *Hummer*, pesado como um tanque. Ao volante, pareceu-me vislumbrar por um breve momento uma cara jovem e pálida como a lua.

Foi a última coisa que vi antes de se ouvir o estrondo de vidros a partir no nosso carro. O carro deu uma cambalhota. E outra. De repente, o tempo parecia desenrolar-se em câmara lenta. Um ferro a arder rasgou-me a cara, mas estranhamente não sentia dor nenhuma.

Um véu negro cegou tudo.

A MORTE AZUL

Quem se aproxima do risco e do perigo, joga aos dados com a sua vida.

FRIEDRICH NIETZSCHE

Quando abri os olhos, fiquei surpreso por não estar morto. Também não estava no carro, mas sim debaixo das estrelas. Cheirava a erva fresca à minha volta. Com um esforço doloroso, consegui virar a cabeça até descobrir o que restava do nosso carro, agora uma massa disforme de ferro em chamas.

Deduzi que tinham passado poucos minutos – talvez apenas alguns segundos – desde a colisão, visto que o fogo ainda não se tinha consumido. Mas o mais extraordinário era que eu me encontrava relativamente a salvo, a uns vinte metros. Não tinha a certeza de poder voltar a caminhar, mas de momento continuava ali.

Um fedor a gasolina e a carne queimada indicava que Pawel não tivera a mesma sorte, apesar de eu não conseguir perceber como é que tinha voado para tão longe do carro e continuava vivo.

Tinha o braço direito totalmente inválido, mas com o esquerdo limpei a cara, empapada em sangue. Procurei mexer uma perna, mas precisei de fazer força com o corpo todo para elevar ligeiramente o joelho. Quando tentava repetir a operação com a outra perna, um pano gelado pressionou a minha maçã do rosto, fazendo-me gritar de dor.

A seguir, uma voz conhecida sussurrou atrás da minha cabeça:

– Dói?

Esperei que o pano se afastasse da minha cara ferida para responder:

– Lorelei, és o cúmulo do cinismo. Deixa-me morrer em paz.

– Mas eu não quero que morras – disse, inclinando a sua cara sobre a minha. – A minha irmã ficaria triste.

– Mas quem diabo é a tua irmã?

Uma agonizante pontada de dor paralisou-me o maxilar ao dizer isto. A rapariga de cabelo azul desviou então o olhar, como se procurasse ver as fraturas sob a minha pele.

Não respondera à minha pergunta, mas na verdade não era necessário. O seu meio sorriso era-me familiar. Reuni as minhas últimas forças para dizer:

– Sarah.

– Bem, na verdade crescemos em países diferentes, mas o sangue fala mais alto.

– Não me digas. É pena terem-me apanhado no meio.

– Acabei de te salvar a vida, tonto.

Depois de dizer isto, Lorelei voltou a aplicar o pano molhado na minha cara. Desta vez não consegui conter um grito de dor.

– Esperava-te uma morte certa. Se tivesses seguido mais alguns quilómetros, a esta hora estarias debaixo da terra.

– O que queres dizer?

Lorelei soprou suavemente nas feridas da minha cara antes de explicar:

– Já vos estava a seguir desde Princeton. Quando se desviaram para o restaurante, ouvi uma coisa estranha. Esperei que entrassem para estacionar o carro perto. Ao sair para ir dar uma vista de olhos dei de caras com ele: um tipo pouco recomendável que estava a fumar numa carrinha estacionada ao lado da estrada. De repente olhou para o telemóvel, imagino que terá recebido uma mensagem de Pawel. Nessa altura a carrinha arrancou a todo o gás pela estrada. Parou mais à frente e o homem tirou da traseira o sinal de desvio. Ligou-o e seguiu estrada fora antes de Pawel te enganar. Estiveste prestes a cair numa armadilha.

– Eu diria que foi por uma unha negra que não acabei esmagado entre os escombros – protestei num fio de voz. – Tens uma maneira curiosa de salvar pessoas, sabias?

Lorelei sentou-se ao meu lado com as pernas cruzadas, como se eu não estivesse a esvair-me em sangue e tivéssemos todo o tempo do mundo.

– Reconheço que a situação se descontrolou um pouco. Não imaginava que aquele traste ia ser tão inerte. Queria apenas fazer-vos sair da estrada com um ligeiro toque. Espero que o *Hummer* não tenha ficado muito amachucado. Apesar de o ter alugado com seguro contra todos os riscos, não é bonito devolver um carro com a frente como um acordeão.

Apesar de estar mais morto que vivo, não consegui evitar mexer-me com indignação. Se estava mais preocupada com as amolgadelas do carro do que com as vidas humanas, Lorelei era sem sombra de dúvidas uma psicopata.

– Foi a Sarah que te mandou para me protegeres? – perguntei, fechando os olhos para mitigar a dor.

A minha cabeça começou a dar voltas no escuro, o que indicava que ia desmaiar de novo.

– Nada disso. Se fosse por ela, eu continuaria em Lausanne, morta de tédio. Estou metida nisto por decisão própria, mas não quero que Sarah morra. É por isso que vos vigio.

Depois de duas tentativas falhadas, renunciei a levantar-me do chão. Reparei como as forças me abandonavam progressivamente. Tinha perdido muito sangue. Se Lorelei não chamasse uma ambulância, o que me parecia improvável, acabaria por morrer ali mesmo.

Essa certeza deu-me uma calma repentina, como se não tivesse importância se vivia ou morria num mundo que deixara de compreender. Por isso mesmo continuei a murmurar perguntas:

– Onde está Pawel?

– Algures entre esse monte de sucata. Um a menos: espero que tenha ido para o Inferno.

– E a tua irmã... aprova os teus métodos?

– Claro que não, é uma ingénua. Acha que as pessoas são boas desde que se lhes dê uma oportunidade para sê-lo. Eu vejo as coisas de outra maneira. Para mim, no mundo, há dois tipos de pessoas: as que estão a mais e as que não. Quando se compreende isso, fica tudo claro como água.

– Água... – repeti enquanto deslizava para uma inconsciência da qual não esperava regressar.

À medida que mergulhava em níveis de escuridão cada vez mais profundos, ouvi o eco da voz de Lorelei:

– Sou a mão executora do destino. A morte azul.

A IRMÃ REBELDE

Deus é complicado, mas não é mau.

ALBERT EINSTEIN

Azul era a cor dos olhos que me observavam quando acordei da minha queda ao abismo. Não podia imaginar melhor regresso à vida, por isso permaneci em silêncio, contemplando o rosto doce de Sarah, que disse:

– Bem-vindo ao mundo.

A seguir deu-me um suave beijo na testa.

Mexi a cabeça com cautela para ter uma ideia do lugar onde reiniciava a minha viagem para a vida. Não sabia como chegara até ali, mas estava de novo no *loft* de Williamsburg, deitado na mesma cama de onde me tinha levantado para ir para Princeton.

Pelo meio, tinha a impressão de ter atravessado o Inferno.

Tentei levantar-me, mas uma dor agonizante nas costas devolveu-me à horizontalidade.

– Não te precipites – disse Sarah da beira da cama. – Estás inteiro, mas ferido da cabeça aos pés. É um milagre que tenhas apenas partido um braço.

O meu olhar desviou-se para o gesso que cobria todo o meu braço direito. Estava cheio de coraçõezinhos azuis.

– Quem é que fez isto? – perguntei.

Sarah conteve o riso antes de responder:

– Eu mesma, enquanto esperava que acordasses. Estás a dormir há dois dias, sabias?

Saber que estivera inconsciente durante todo aquele tempo, fez com que a minha cabeça voltasse a andar à roda.

– Como cheguei até aqui?

– Telefonaram-me do Brooklyn Hospital Center. A pessoa que te levou até lá deu-lhes o meu número de telemóvel para que falassem comigo. Antes de te meterem na ambulância de volta, cobraram uma fatura de cinco zeros pelos tratamentos, mas não te preocupes com isso.

– Muito obrigado – disse, pensando nas minhas parcas poupanças. – Disseram-te quem me levou até lá?

– O médico de serviço contou-me que te levou uma rapariga no seu carro, depois de teres sofrido um acidente. Isso deixou-me surpreendida, porque pensava que tinhas ido a New Jersey de comboio. O que fazias num automóvel?

– Já te conto tudo, mas deixa-me fazer-te uma pergunta primeiro: fazes alguma ideia de quem me possa ter resgatado?

Sarah passou nervosa o dedo pelos lábios antes de responder:

– No hospital disseram-me apenas que era uma rapariga muito nova. Desapareceu antes que

a polícia aparecesse a pedir dados sobre o acidente. Esse foi um assunto que eu tive de resolver para te conseguir trazer do hospital.

– Resolver? – perguntei assombrado. – O que disseste à polícia?

– Que ias num táxi que embateu contra um poste e que o condutor te deixou na estrada e fugiu porque ia dar positivo no teste do álcool. Uma mulher que passava por lá levou-te no carro dela e encontrou o meu número de telefone no teu bolso. E é tudo.

Inspirei fundo enquanto Sarah me acariciava suavemente a costura na parte direita da cara.

– Foram precisos doze pontos para te coser a cara – disse mudando de assunto. – Vais contar-me agora o que aconteceu?

Levantei um pouco a cabeça na direção da janela. Começava a escurecer em Brooklyn. Retive a mão dela na minha cara antes de iniciar o meu relato. Reservei para o final o «pequeno segredo» do escritório de Einstein. O resto contei-lhe com todo o tipo de pormenores: a funcionária do instituto, a fórmula no quadro, o encontro com Pawel e tudo o que acontecera até ao acidente.

Antes do toque final, decidi dar-lhe a estocada:

– A tua irmã salvou-me da emboscada, mas o seu *modus operandi* foi tão expedito que só saí vivo por milagre. O nome dela é mesmo Lorelei? Ou é apenas o seu nome de guerra?

Sarah empalideceu ao responder:

– Não, esse é o nome dela. Imaginava que devia ter tido alguma coisa a ver com tudo isto, mas não queria saber.

– Porquê? Quantas outras coisas me estás a esconder enquanto me fazes andar como um cego por meio mundo?

– Há ainda uma ou duas coisas que tu não sabes. Não é bom saber tudo de uma vez, acredita em mim. Agora já sabes quem é Lorelei. Espero que não nos voltemos a cruzar, se bem que temo que ande à procura do mesmo que nós.

– E do que andamos nós à procura? – perguntei em tom cínico.

– Da última resposta.

– A Lore disse que te quer proteger, e que me salvou porque não gosta de te ver triste.

– Não lighes ao que ela diz – disse endurecendo subitamente o tom de voz. – A minha irmã é totalmente imprevisível exceto numa coisa: desde muito pequena, sempre tentou competir comigo. Como não tem vida própria, gosta de fazer o que eu faço, apesar de não perceber do que se trata. Juntou-se a esta aventura por sua conta e risco sem compreender o alcance de tudo isto.

– Eu também não entendo.

Sarah retirou a mão da minha cara e passou os dedos pelo seu fino cabelo negro:

– Ninguém percebe completamente... ainda.

– De qualquer maneira, não gostas que a Lore esteja metida nisto.

– Digamos que a prudência não é a sua melhor virtude. Na verdade, pode chegar a ser muito violenta: a sua visão do mundo limita-se à divisão entre bons e maus. Se a isso juntares que a segunda esposa do meu pai é uma milionária irresponsável que lhe dá tudo o que ela quer, já tens todos os elementos para compreender que a Lorelei é uma bomba prestes a explodir. Quanto mais longe estiver, mais seguros estaremos.

– É apenas uma criança – disse enquanto o sono me envolvia de novo.

– Eu diria que é uma psicopata de dezoito anos que de vez em quando faz uma boa ação, apesar de ser por engano. Como trazer-te para aqui...

Ao dizer isto, os lábios dela tocaram nos meus por um breve instante. Foi um beijo subtil, suave, mas senti que um fogo desconhecido me queimava docemente por dentro.

Abri os olhos para lhe dizer:

– Se me deres outro beijo desses, porei nas tuas mãos um segredo que Einstein escondia no seu escritório.

Sarah franziu o sobrolho antes de dizer:

– Só se me prometeres que não vais pedir um terceiro.

– Prometo.

– Vá, conta-me.

– É uma carta – disse entusiasmado. – Copiei-a na última página do meu caderno, que está no bolso do meu casaco.

A francesa foi buscá-lo e revistou os meus bolsos até encontrar o caderno. Tirou o elástico e abriu com cuidado a capa preta inferior. Ao ler a minha transcrição da carta de Mileva para o seu avô, deixou escapar um suspiro de emoção.

A seguir, devolveu o caderno ao meu bolso e disse:

– Agora dorme, precisas de recuperar as forças. Precisamos de voltar a viajar o mais depressa possível.

– Não te esqueças de me pagar o prometido.

Os lábios carnudos de Sarah viajaram lentamente para os meus, que foram levados para o sítio mais agradável do Universo conhecido. Ao afastar-se, senti a solidão do astronauta que, cortada a ligação à nave espacial, fica à deriva no frio cósmico.

A IRMANDADE

A verdade é uma fruta que não devíamos colher até estar madura.

VOLTAIRE

Durante a minha convalescença, alimentava-me com os pratos de sopa que Sarah me trazia de um restaurante judeu ali ao pé. Não houve mais beijos, mas sentia-a tão próxima de mim que a sua mera presença me enchia de felicidade por todos os poros.

Sentia-me estupidamente romântico.

Os personagens daquela trama começavam a deixar-se ver, apesar da matéria escura ainda superar os pequenos pontos de claridade que se iam abrindo no labirinto onde nos tínhamos metido.

– Então – interrompi-a mais uma vez, enquanto teclava nervosa no seu portátil –, achas que Pawel liquidou pessoalmente Yoshimura para evitar que se conhecesse o segredo oculto no escritório de Einstein?

– Provavelmente o motivo foi mais complexo. A minha hipótese é que regressou à casa de noite, e tentou obrigar o japonês a revelar-lhe os segredos que ainda não conhecia. De qualquer maneira, Pawel era apenas um peão de uma organização com agentes em todo o mundo, como a nossa.

– Qual é «a nossa»? Nunca me perguntaram se quero fazer parte de uma organização.

Sarah suspirou antes de dizer:

– Espiritualmente fazes parte dela, mesmo que não queiras. Ao escolheres estar comigo, tomaste partido. Yoshimura, o guia de Berna, Meret Wolkenweg, o suposto editor que pagou as tuas viagens... todos eles procuravam a fórmula secreta de Einstein para libertar uma energia mais poderosa do que qualquer outra.

– Um momento – interrompi-a. – Estás-me a dizer que Raymond L. Müller, o diretor das publicações do PQI não tem qualquer intenção de publicar o livro?

– Isso mesmo. Esse editor nem sequer existe; foi tudo um esquema com o objetivo de te dar fundos para que me pudesses acompanhar até aqui. Também não há nenhum instituto quântico em Princeton com esse nome. A nossa única proteção nesta aventura é mantermo-nos no anonimato.

Aquilo era mais do que podia assimilar de uma só vez. Tentei levantar-me sem sucesso para olhar Sarah nos olhos, ela que pela primeira vez estava a pôr as cartas em cima da mesa.

– Então... – comecei indignado – todo o trabalho que estou a fazer não serve para nada.

– Pelo contrário – tranquilizou-me enquanto me punha a mão no ombro –, está a ser essencial na nossa procura pela última resposta. Queremos que continues com o teu trabalho. Quando tudo isto terminar, receberás o resto do dinheiro.

Deixei-me cair novamente sobre o sofá.

– Ou seja, sou um mercenário a trabalhar para uma organização de que nem sequer conheço o nome.

– Os nossos inimigos chamam-nos Quintessência, por motivos que agora não importam. De qualquer maneira, não é uma organização de estrutura piramidal, com líderes e regras, sobretudo desde a morte de Yoshimura. Somos pessoas independentes que nos aproximamos livremente, cada um de nós seguindo o seu próprio caminho, em direção à última resposta. É isso que nos une e que faz com que nos ajudemos nesta missão contra-relógio.

Fiquei pensativo durante uns segundos, enquanto tentava encaixar as peças daquele estranho *puzzle*, que começava finalmente a tomar um vago sentido.

– Ou seja, Yoshimura era alguém importante na Quintessência.

A voz da francesa tremeu ao responder:

– Sim, pelo menos para mim. Orientava a minha tese e era quase como um pai. Fui ao encontro secreto em Cadaqués para tentar protegê-lo, porque sabíamos que entre os convidados havia inimigos da Quintessência. É óbvio que fracassei.

Uma lágrima caiu-lhe pela face e aí ficou até se romper em finos afluentes de tristeza.

Desejei conseguir levantar-me para abraçá-la, mas ainda me doía o corpo todo. Por outro lado, visto que tinha levantado o véu da verdade, queria ir até ao fim.

– Também era o protetor da Lorelei?

– Conheciam-se pouco. Ela viveu sempre na Suíça. O meu pai morreu quando ela tinha cinco anos e não somos filhas da mesma mãe. A nossa família é complicada. Para mim ainda é pior do que para ela: estou completamente sozinha no mundo.

Um silêncio melancólico tomou conta do nosso pequeno espaço no terceiro andar do Space, deserto àquela hora da tarde.

– E quem são os maus da fita? – perguntei, voltando ao meu papel de jornalista. – Aqueles que se dedicam a liquidar qualquer pessoa que se aproxime da fórmula secreta são também espíritos livres que praticam o crime como caminho espiritual?

– Eles sim fazem parte de uma estrutura – respondeu recuperando a compostura. – O mal está sempre organizado, enquanto a bondade não conhece limites. Mas para te ser sincera, não sei bem quais são os objetivos deles em tudo isto. Sabemos apenas que querem chegar à última resposta antes de nós. Pelos poucos documentos que conseguimos intercetar, sabemos que se autodenominam de Irmandade.

Aquele nome fez-me pensar na Irmandade da Bomba, um grupo secreto a que supostamente pertencera Oppenheimer durante a Guerra Fria. Dentro da paranoia da época, tinham-nos acusado de serem espões ao serviço da União Soviética. Isso fez-me pensar em voz alta:

– Talvez a Irmandade pretenda apropriar-se de uma nova forma de energia para controlá-la.

– É possível. Ou querem simplesmente impedir que venha a público para manterem as coisas tal como estão agora.

– E como estão agora? – perguntei ingenuamente.

– Horríveis; por isso precisamos de mudá-las.

O LUGAR MAIS TRISTE DO MUNDO

O mais triste da guerra é que usa o melhor do ser humano para o pior que pode fazer um ser humano.

HENRY FOSDICK

No domingo acordei ao meio-dia. Era algo insólito para mim desde que nos tínhamos instalado em Williamsburg, quartel-general da nossa viagem para lado nenhum. Contudo, o sono prolongado fez com que me sentisse novamente inteiro depois de vários dias com dores.

À parte do braço engessado e da cicatriz na cara, que ainda me incomodava, sentia apenas um ligeiro formigueiro no meu braço esquerdo. Curiosamente era o que tinha ficado ileso. Depois de esfregar os olhos para afastar o sono, estive prestes a gritar.

No meu braço tinha aparecido a fórmula que nos perseguia desde que tínhamos começado aquela aventura: $E = ac^2$. Passei o dedo pela pele para comprovar que não era uma brincadeira de Sarah, que já se tinha entretido a desenhar corações no gesso.

Percebi com horror que era uma tatuagem. Para sempre.

Aproveitei a minha recém-recuperada mobilidade para saltar da cama e aproximar-me da área do Cuco, o principal suspeito daquela maldade.

O grande e desgrehado tatuador trabalhava naquele momento nas costas magras de uma jovem, que respondia à punção elétrica com pequenos gemidos de dor. Antes de o confrontar, vi que o desenho entre as omoplatas era uma rosa silvestre com o lema: «Não há rosa sem espinhos.»

Sem me importar que estivesse a meio do trabalho com uma rapariga nua da cintura para cima, recriminei-o:

– Pode-se saber quando e por que razão é que me fizeste uma tatuagem sem a minha autorização?

– Dormias como um anjinho – respondeu com o seu sotaque porto-riquenho –, e foi a tua mulher que me disse que aquele era o momento para fazê-la. Vai-te dar sorte na viagem de hoje à tarde. Lembras-te do que te disse? Se tatuares uma pergunta, a pele fala-te em sonhos e o turno da noite trabalha para encontrar a resposta.

– Pois olha que eu continuo sem nenhuma resposta – disse furioso – e não sei de que viagem me estás a falar.

A rapariga da tatuagem protestou em inglês que não estava a prestar a atenção devida às suas costas.

– Fala com ela e esclarece a situação – concluiu antes de voltar ao trabalho. – Eu só cumpro ordens.

Efetivamente, ao regressar da rua – eu ainda não tinha saído desde que me tinham levado para o Space na ambulância – Sarah anunciou-me que nos dirigíamos para aquela que podia

ser a última etapa da nossa viagem.

Acrescentou até que saldara com Baby o que restara do aluguer do espaço e dos móveis porque era muito provável que já não regressássemos a Nova Iorque.

Olhei para o nosso pequeno ninho com uma nostalgia antecipada. Agora que o deixava, apercebia-me de que durante aquelas semanas partilhadas com Sarah tinha sido relativamente feliz, apesar da guerra obscura em que me vira metido e até do «acidente».

– Como podes ter tanta certeza de que não vamos regressar?

– De repente fez-se luz – disse com uma expressão radiante. – A carta oculta no escritório de Einstein é de 1955. Tendo em conta que Lieserl emigrou para Boston logo a seguir à guerra e que teve o primeiro filho antes de se mudar para Nova Iorque, calculo que Mileva tenha escrito ao seu avô com pouco mais de seis anos. Se fizermos contas, Lieserl teve os seus dois filhos com uma idade muito avançada. Por isso, Mileva deve ter perto de sessenta anos, e tenho um pressentimento de que continua a viver perto de Trinity.

– O que é que te faz pensar isso? E onde raio fica Trinity? Encontrei meia dúzia de povoações com esse nome.

– Não é uma povoação – respondeu Sarah com um sorriso enigmático –, mas primeiro vou responder à tua pergunta anterior. Lembras-te do que dizia a pequena Mileva no postal? «Se essa força existe, é preciso libertá-la aqui mesmo, no lugar mais triste da Terra. É por isso que vamos ficar.» Esperemos que tenha cumprido a promessa que fez ao seu avô e que continue a viver em Trinity.

– Continuas sem responder à minha pergunta. Onde fica a Trinity de Mileva?

– Pensa no que dizia o postal: «o lugar mais triste da Terra». Onde é que achas que fica?

– O lógico seria pensar em Hiroshima, mas já me disseram que hoje em dia é uma cidade solarenga e bastante alegre.

– Vais pelo caminho certo – disse Sarah com entusiasmo –, mas não penses em Hiroshima e Nagasaki, mas sim num passo imediatamente anterior.

Enquanto meditava sobre aquilo, caminhei à volta de um lar que em breve se tornaria num espaço vazio. Finalmente desafiei a francesa do casaco de fato de treino vermelho com esta resposta:

– O passo imediatamente anterior aos ataques nucleares foi os testes em lugares desabitados. É a isso que te referes?

– Bravo! Mais concretamente, o primeiro lugar na Terra que sofreu uma explosão nuclear. É esse «o lugar mais triste da Terra».

– Devia consultá-lo na Wikipedia – disse revirando os olhos. – Sou pouco versado na história dos ensaios nucleares.

– Não é necessário, porque eu mesma te vou dar o nome desse lugar infame: Trinity. Foi a partir daí que Mileva escreveu ao seu avô e lhe expressou a intenção de ficar, para libertar a energia secreta que pode compensar o primeiro ensaio atómico.

– E onde fica, então?

– O nome geográfico é mais adequado: fica perto da cidade de Socorro, num deserto do Novo México chamado Jornada del Muerto. No epicentro da explosão há um obelisco negro de lava rochosa, onde já em 1953 começaram a reunir-se os pacifistas, com missas ao ar

livre de mais de seiscentas pessoas. Não te parece ser um bom lugar para Mileva reparar o erro do seu avô, libertando o poder da última resposta?

– Sem dúvida. Se a neta de Einstein está viva e continua a ser uma ativista, é um bom lugar para a procurar.

– O problema é que no Jornada del Muerto faz um calor extremo no verão.

– Mas Mileva Einstein não deve viver acampada em frente ao obelisco – deduzi –, mas sim numa casa na povoação mais próxima.

– Sim, também acho o mesmo. Há uma aldeia que fica mais próxima de Trinity do que Socorro. Tem um nome estranho: Carrizozo. Deveríamos começar por aí.

Depois de dizer isto, abraçou-me com entusiasmo e sussurrou-me ao ouvido: «Fico muito contente que venhas comigo.»

QUARTA PARTE

FOGO

O Fogo é o elemento da vontade, da transformação e da paixão.

É o símbolo do desejo, da energia criadora e do impulso vital,
do poder, da motivação e da força de vontade,
mas também da sedução e da sensualidade.

O Fogo é fruto de uma energia poderosa, de uma vontade
instantânea, e é por isso que se vincula ao instinto e à intuição.

Não se detém face a obstáculos, considerações ou temores.
Atua e propaga-se a grande velocidade.

O Fogo pode ser destruidor ou regenerador.
A sua presença é símbolo de destruição para um renascimento.
Acender uma chama é também convocar o nascimento
de uma esperança.

Seja como for, alberga a força vital e a sua presença é essencial
para a vida, a luz e o calor.

O Fogo aquece ou abrasa, reconforta ou destrói,
dependendo de quão perto ou longe estamos dele
e de como lhe permitamos que se expresse.

Está no calor de um beijo, mas também é a alma
de uma arma destrutiva.

Levamos o Fogo na alma, e é por isso que estamos vivos.

O PROJETO MANHATTAN

Se eu soubesse, tinha sido relojoeiro.

ALBERT EINSTEIN

Viajar até ao deserto Jornada del Muerto num domingo de junho não era tarefa fácil. A localidade mais próxima era Carrizozo, uma povoação de mil almas no meio do nada. Para chegar lá de Nova Iorque era preciso apanhar um avião para Minneapolis, depois outro para Albuquerque e, por fim, alugar um carro até ao nosso destino final.

No total seriam mais de nove horas de viagem; assim, com sorte, chegaríamos de madrugada ao lugar mais triste do mundo.

A tese de Sarah era reforçada pelo «*show da bomba*» a que a mensagem anónima nos tinha conduzido. Entre a carta de Einstein para Roosevelt e a bomba lançada em Hiroshima estava o teste nuclear em Trinity. Tudo encaixava. Estávamos, sem dúvida, a seguir a pista certa.

Enquanto esperávamos pela partida do voo para Minneapolis, decidi ler o capítulo dedicado ao Projeto Manhattan no manuscrito de Yoshimura. Imprimira-o para perceber o que tinha levado ao primeiro teste nuclear da história.

Depois da célebre carta de Einstein e do ataque japonês a Pearl Harbor em 1941, o governo de Roosevelt percebeu que devia desenvolver a bomba atômica antes que os seus inimigos do eixo o conseguissem fazer. Após um início titubeante, em setembro de 1942, o coronel Leslie Groves assumiu o comando do projeto com um vasto grupo de cientistas, engenheiros e técnicos, a quem foram dados todos os meios para avançar com o projeto.

No seu primeiro dia no cargo, Groves encomendou 1250 toneladas de urânio do Congo Belga, que estavam à espera num armazém em Staten Island. O passo seguinte foi construir um local para levar a cabo a fissão nuclear. Em outubro desse mesmo ano, Julius Oppenheimer foi nomeado diretor da equipa de cientistas – a maioria eram imigrantes europeus – que trabalharia dia e noite no fabrico da bomba. Os laboratórios secretos ficavam no deserto de Los Álamos, no Novo México.

Dois anos depois, o Projeto Manhattan não tinha dado os resultados desejados. Em setembro de 1944 não dispunham de nenhum projeto que permitisse fazer explodir a bomba atômica. A situação melhorou no final desse ano, e no início de 1945 já duas bombas diferentes, a de plutónio e a de urânio, tinham data de entrega à vista.

A única coisa que preocupava Groves, que tinha sido promovido a general, era que a Segunda Guerra Mundial terminasse antes de poder lançar as bombas. De que servia uma arma nuclear sem um inimigo para destruir?

Apesar de a resistência do exército japonês já estar enfraquecida e de ter bastado bombardeamentos convencionais para conseguir a rendição, optou-se por lançar a bomba

como ação «diplomática» do presidente Truman. Antes, a 16 de julho, os cientistas do Projeto Manhattan tinham conseguido fazer explodir com êxito uma bomba de plutônio num deserto do Novo México.

Chamou-me especialmente a atenção um artigo que Yoshimura reuniu sobre as *gaffes* que rodearam o lançamento de *Little Boy* sobre Hiroshima. Como nunca se tinha experimentado uma bomba de urânio, temia-se que a explosão pudesse causar uma reação em cadeia na atmosfera de todo o planeta. Ainda assim, o *Enola Gay* deixou cair a bomba de urânio em vez da de plutônio, cujas consequências eram conhecidas.

Outro risco – neste caso, estratégico – foi que a bomba desceu num pequeno paraquedas para amortizar a sua queda, já que devia rebentar a 600 metros do solo. Um delicado dispositivo que media a pressão atmosférica devia explodi-la ao chegar à altitude adequada.

Tendo em conta que dez por cento das bombas daquela época não chegavam a explodir, somado à complexidade do dispositivo, havia bastantes possibilidades de que *Little Boy* chegasse ao solo intacta. Os japoneses, que tinham uma tecnologia muito avançada, teriam apenas de apanhar a bomba e fazê-la rebentar na cidade norte-americana da sua eleição.

Apesar de tudo isto, as bombas de Hiroshima e Nagasaki explodiram eficazmente, causando uma grande comoção em todo o mundo. Einstein, que tinha incentivado a sua construção, ao perceber o efeito devastador, transformou-se num ativista incansável contra as armas nucleares. Em 1950 dirigiu-se da seguinte forma aos telespectadores dos Estados Unidos sobre a corrida às armas entre os Estados Unidos e a União Soviética:

Podemos ter derrotado um inimigo externo, mas fomos incapazes de nos libertar da mentalidade criada pela guerra. É impossível conseguir a paz enquanto cada ação for decidida pensando num possível conflito futuro.

Depois de ler todo o capítulo sobre o Projeto Manhattan, quando o velho *Boeing* levantou voo do aeroporto de La Guardia disse para mim mesmo que o mundo não tinha piorado assim tanto como se dizia. O 11 de setembro e a guerra global contra o terrorismo pareciam uma brincadeira de crianças em comparação com a Guerra Fria, quando milhares de bombas nucleares ameaçavam apagar as grandes cidades do mapa, provavelmente todas ao mesmo tempo.

Uma vez ouvira um comentador político dizer que na humanidade deve haver mais boas pessoas do que aquelas que imaginamos, pois com tantas bombas nucleares que há no mundo só se atiraram duas.

O problema é que as bombas continuam a existir, e desde então os conflitos no mundo não se simplificaram propriamente.

Enquanto me angustiava a pensar em tudo isto, Sarah abriu os olhos depois de ter dormido por breves momentos e olhou-me com curiosidade. A cor do seu olhar fez-me pensar no cabelo de Lorelei. Apesar de a meia-irmã da mulher que amava me ter salvo de Pawel, não confiava nela. Achava-a perfeitamente capaz de apertar o botão da bomba nuclear, caso o tivesse ao seu alcance.

Quanto à nossa investigação, até então ela andara sempre colada a nós. Tinha-me assegurado de que não viajava no nosso avião, mas não descartava a possibilidade de que

acabasse por aparecer naquele deserto com dez vezes mais radiação do que a recomendada.

– Em que pensas? – perguntou-me Sarah.

– Estou a pensar na Lore. Há dois dias falaste-me de dois grupos: os que procuram a última resposta para resolver os problemas do mundo, a Quintessência, e a Irmandade, que está a tentar apropriar-se do segredo de Einstein. A qual deles pertence a tua irmã?

A francesa ficou pensativa durante alguns segundos antes de responder:

– A nenhum deles. Ela age por conta própria e só se fixa em objetivos egoístas.

– Então não percebo porque nos segue por meio mundo. É só porque te quer proteger?

– Duvido muito – respondeu Sarah.

– Qual é então o motivo?

– Tratando-se da Lorelei, pode ser qualquer coisa. Talvez até tenha gostado de ti e procure uma maneira de me tirar do caminho.

Olhei para a minha companheira com estupefação enquanto o *Boeing* iniciava as manobras para aterrar.

A HISTÓRIA DO DESERTO

Aprendi o silêncio através do falador; a tolerância através do intolerante; e a amabilidade através do grosseiro. Por estranho que pareça, não estou grato a estes mestres.

JALIL GIBRAN

O resto do trajeto até Carrizozo foi uma tortuosa odisséia. Em Minneapolis tivemos de esperar mais de três horas para que o voo para Albuquerque saísse, e quando o fez apanhámos turbulências aterradoras.

Quando finalmente aterrámos na cidade mais povoada do Novo México, já eram onze da noite. À meia-noite saímos do aeroporto num *Ford Focus* de aluguer no qual tínhamos de fazer os quase duzentos quilómetros que nos separavam da remota aldeia no deserto.

O braço engessado não me permitia conduzir, por isso o volante ficou nas mãos de Sarah, que pisou o acelerador para que nos afastássemos da cidade.

Não tardámos a chegar a uma planície erma que parecia não ter fim. A autoestrada perdia-se no horizonte de rochas azuis graças ao efeito do reflexo da lua, até ao ponto de parecer que viajávamos na própria lua.

Talvez devido ao avançado da hora naquele domingo – na verdade, já era segunda-feira –, não nos tínhamos cruzado com nenhum carro desde que saíramos da periferia da cidade. Era uma da manhã e ainda faltavam sessenta quilómetros até à próxima povoação, Socorro, de onde partia a estrada para Carrizozo, o que exigiria pelo menos outra maratona de cem quilómetros.

– Estou moída – disse Sarah enquanto eu observava hipnotizado a paisagem lunar – e, além disso, vejo bastante mal à noite.

– Não te preocupes, a probabilidade de chocares com outro carro nesta autoestrada é extremamente pequena, a não ser que a tua irmã venha contra nós.

– Duvido que se atreva a vir até aqui. De qualquer maneira, também não há razão para a temeres: uma pessoa que te salva a vida não vem logo a seguir tirar-ta.

– Nunca se sabe.

Continuámos a travessia noturna em silêncio. O território que se abria de ambos os lados da estrada era tão imenso e vazio, que dava a impressão de que mal nos movíamos.

Tinha passado muito tempo sem que víssemos nenhuma indicação, quando Sarah me pediu:

– Conta-me qualquer coisa! Tenho os olhos quase a fechar de sono.

– O que queres que te conte?

– Alguma coisa bonita. Uma história do deserto.

Assim de repente, aquilo era um desafio. Comecei a passar mentalmente em revista as lendas que tinha utilizado para os guiões de rádio, antes de trabalhar em *La Red* e encontrei uma que se podia adequar àquele cenário de solidão azulada.

– Acho que é de Jalil Gibran, o poeta libanês – comecei. – Fala de um homem que andou a vida toda pelo deserto. No final dos seus dias, olhou para trás para ver o caminho percorrido e observou que nalguns lugares havia quatro pegadas e noutros apenas duas. O homem meditou então sobre o seu passado. Tinha reconhecido os seus próprios passos, que às vezes estavam acompanhados pelos de Deus. Levantou então o olhar para o céu e perguntou: «Meu bom Deus, porque é que me abandonaste nos piores momentos?» Ao que Deus lhe respondeu: «Nunca te abandonei. Ali onde vês apenas duas pegadas, levava-te ao colo.»

Sarah pareceu ficar comovida com aquela história e acariciou a minha mão sã com a ponta dos dedos.

– Agora conta-me alguma coisa sobre ti – pedi-lhe. – Sei muito pouco a teu respeito.

– Sabes mais sobre mim do que qualquer outra pessoa – corrigiu-me. – Desde o nosso encontro em Berna que investigamos juntos, comemos juntos, dormimos, acordamos juntos, viajamos na mesma direção... É ao fazer tudo isto que se conhece realmente alguém.

– Sim, mas não sei nada do teu passado. Sei apenas que tens uma irmã chanfrada que te segue pelo mundo e faz justiça com as próprias mãos naqueles que, segundo ela, estão a mais.

– E de que te serviria conhecer o meu passado? Não te basta o que sou agora, neste carro, sob as estrelas?

Pensei durante alguns segundos enquanto a autoestrada continuava a traçar uma reta sem fim no deserto. Finalmente disse:

– Este momento basta-me. Mas por outro lado sei que a nossa viagem vai terminar, de uma maneira boa ou má, e não gosto da ideia de nos separarmos – disse com sinceridade. – Já me acostumei a ti, sabes?

Como sempre fazia, Sarah sorriu e manteve o olhar fixo num horizonte que parecia fugir de nós.

Ao chegar a Socorro, uma pequena e desalinhada cidade do Oeste americano, Sarah deteve-se junto a um modesto Holiday Inn e suspirou, antes de dizer:

– Não aguento mais. São duas da manhã e preciso de dormir. O que achas de deixarmos o último troço da viagem para amanhã?

O rececionista do hotel, um homem raquítico com óculos de armação antiga, examinou os nossos passaportes estrangeiros com grande interesse.

– Os senhores são caçadores de óvnis?

Aquela pergunta deixou-nos estupefactos. Acabei por responder:

– Nem pensar. Temos ar disso?

– Nem por isso, mas os poucos europeus que por aqui passam vêm estudar os avistamentos. O mais famoso foi em 1964. Deu a volta ao mundo. Nunca ouviram falar? Um polícia chamado Lonnie Zamora viu uma nave extraterrestre a espatifar-se num barranco perto daqui. O estrondo da queda ouviu-se em toda a cidade e muitas pessoas de Socorro viram as chamas e o fumo que saía do aparelho.

– Bem, na verdade vamos para Carrizozo – disse, para interromper aquela conversa.

– Ui, isso fica no fim do mundo. Aí sim não há nada, nem sequer discos voadores.

CARRIZOZO

O deserto é um lugar sem expectativas.

NADINE GORDIMER

Depois de dormir dez horas seguidas numa cama *king size* só para mim, tomámos um pequeno-almoço americano e voltámos a fazer-nos à estrada debaixo de um sol abrasador.

A paisagem que de noite tinha um encanto lunar, de dia era um vasto areal apto apenas para os lagartos que apareciam entre pedras e plantas. Além disso só se viam quilómetros e quilómetros de terreno deserto que ardia debaixo dos raios do astro rei.

Deixámos para trás as igrejas coloniais de Socorro e atravessámos o Rio Grande até San Antonio, onde apanhámos a estrada 380 em direção a Carrizozo. Uns cem quilómetros para este esperava-nos o lugar onde pretendíamos iniciar novamente a demanda.

Enquanto Sarah prestava atenção à estrada através de uns sofisticados óculos de sol, dediquei-me a contemplar as áridas montanhas que se viam à beira da estrada.

- Se Mileva vive nessa povoação com um nome tão estranho, não será difícil descobri-la.
- Como é que podes ter tanta certeza?
- Tem apenas mil habitantes e, segundo o mapa, encontra-se numa região muito pouco povoada. Não me espantava que tivessem feito explodir a bomba de plutónio ali perto.
- Não digas isso aos locais ou ainda te lincham.
- Isso se não se ocuparem outros de o fazer – acrescentei.

Uma tabuleta castanha pendurada entre dois postes anunciava que tínhamos acabado de entrar em Carrizozo, depois de uma longa hora de travessia no deserto. A povoação parecia ter uma única rua, com alguns estabelecimentos de ambos os lados da estrada.

Ao meio-dia daquela segunda-feira, não se via vivalma.

Demos umas quantas voltas por aquela desolada aglomeração de casas, mas não encontrámos nenhum hotel. Finalmente parámos numa bomba de gasolina, onde um rapaz de aspeto mexicano com um rabo de cavalo se aproximou de nós.

– É para atestar? – perguntou em mexicano exibindo a mangueira. – Dependendo do lugar para onde forem podem ter problemas para encontrar gasolina.

– Vamos ficar aqui – disse Sarah. – Estamos justamente à procura de um sítio para ficar durante alguns dias.

– Uns dias! – exclamou o rapaz. – Basta um par de horas. Se forem ao museu de história de Carrizozo já terão visto tudo.

– Não queremos ver nada, precisamos apenas de um quarto.

– De um quarto... – repetiu surpreso. – O meu pai tem ali um quarto, em cima do armazém.

Apontou-nos para um edifício de dois andares, do outro lado da estrada. Era de tijolo castanho e parecia estar abandonado há uma eternidade.

– Ele utiliza-o para levar as suas namoradas, mas vou-lhe ligar para saber se o quer alugar.

Segundos depois mantinha uma animada conversa ao telemóvel com o seu pai, a qual incluiu gritos, insultos e piadas privadas. Ao terminar, levantou o polegar em sinal de triunfo e anunciou:

– Disse que se atestarem aqui o depósito e fizerem as refeições no restaurante do meu tio, vos cede o quarto com todo o prazer. Sem pagar – enfatizou. – Querem vê-lo?

Assentimos com a cabeça e o rapaz desapareceu num minúsculo escritório, de onde regressou com um molho de chaves.

– Atravessem com muito cuidado – avisou-nos –, para não serem atropelados.

Olhei para ambos os lados, mas na estrada não se via nenhum carro. O rapaz desatou a rir à gargalhada. Estava a gozar connosco.

O «quarto» do pai afinal era um armazém de latas de gasolinas com uma cama desmontável encostada à parede. A janela tinha tanto pó que mal se conseguia ver a rua.

– Há ar condicionado e tudo – disse o rapaz ligando um aparelho que rugiu como uma locomotiva.

Não me pareceu que Sarah se fosse sentir confortável naquele quarto sórdido com apenas uma cama. Em cima de uma mesa havia até revistas pornográficas com vários anos de uso, por isso desculpei-me:

– A verdade é que não queremos incomodar o seu pai. Agradeça-lhe da nossa parte e diga-lhe...

– Diga-lhe que aceitamos com muito prazer a sua hospitalidade – acrescentou Sarah para meu assombro.

– Dir-lhe-ei – respondeu o rapaz com orgulho. – Não pensem mal dele. É um bom homem. A minha mãe morreu quando eu era pequeno e o papá consola-se com quem pode. É uma sorte ele não a ter visto, minha senhora, senão ainda lhe dava um ataque cardíaco. Foi a Madrid durante uns dias visitar um primo, por isso não precisa do quarto.

– A Madrid! – exclamei. – Só para lá chegar precisa de vários dias.

– Não é assim tanto. A viagem para Albuquerque é uma chatice, mas dali a Madrid são apenas vinte e cinco quilómetros. É uma povoação pequena.

Imaginei que se referia a uma Madrid que ficava no Novo México. Também percebi que em Carrizozo não devia haver muitas diversões, já que o rapaz não parecia ter pressa nenhuma em abandonar o prostíbulo do pai. Enquanto isso, a povoação estava sem abastecimento de gasolina.

– Para além do museu, quando o sol baixar também podem ir a Valle de los Fuegos, que fica a poucos quilómetros daqui. Verão lava que se solidificou há mil e quinhentos anos.

Sarah, que se tinha sentado na beira da cama, devia achar que o rapaz era uma pessoa de confiança, já que decidiu partilhar com ele os nossos planos.

– Na verdade, estamos à procura de uma pessoa. Talvez nos possas ajudar.

– Claro que posso! Conheço toda a gente.

Sentei-me ao seu lado na cama, enquanto Sarah se explicava:

– Procuramos uma mulher de cerca de sessenta anos que se chama Mileva, se é que não mudou de nome. No passado foi uma ativista contra as armas nucleares, como aqueles que se juntam em Trinity.

Esta informação pareceu deixar o rapaz escandalizado, como se o ativismo fosse sinónimo de terrorismo.

– Essa pessoa não vive aqui, pode ter a certeza. Em Carrizozo só há pessoas normais – de repente parecia estar com pressa. – Se precisarem de mais alguma coisa, chamo-me Moisés e estou ao vosso dispor. Agora preciso de me ir embora, mas se precisarem do que quer que seja, chamem-me da janela. Para além de encher os depósitos também faço recados. Já sabem, levar e trazer coisas.

Não percebi se esta última parte tinha um duplo significado ou se era simplesmente a maneira de Moisés falar. Quando fechou a porta do quarto, Sarah e eu olhámos um para o outro. Aquilo significava: o que raio estamos aqui a fazer?

CARTAS PARA SALVAR O MUNDO

A nossa situação como filhos da Terra é muito peculiar. Viveremos nela brevemente, e permaneceremos ignorantes da razão, apesar de acharmos que sabemos a resposta de vez em quando. Não é necessário dar demasiadas voltas à cabeça: estamos aqui pelo próximo.

ALBERT EINSTEIN

Enquanto Sarah fazia uma sesta vestida na cama – os lençóis estavam cheios de nódoas e de buracos de cigarros – saí para dar uma volta por Carrizozo, que naquela segunda-feira ao meio-dia me parecia o lugar mais hostil do mundo.

Depois de comprar duas garrafas de água e um pacote de bolachas na mesma bomba de gasolina, subi para o nosso novo quartel-general, nos antípodas daquele que tínhamos tido em Brooklyn.

A francesa ainda dormia. Disse para mim mesmo que apesar de termos um único leito, isso não seria um problema, visto que nenhum dos dois se ia meter dentro daqueles lençóis.

À falta de outra coisa para fazer, passei a cara por água numa minúscula casa de banho contígua ao quarto. A seguir instalei-me no lado livre da cama para trabalhar na parte do manuscrito que me faltava. Desde que tínhamos intensificado a busca de Mileva, o meu trabalho editorial passara para segundo plano e não tinha muitas esperanças de cumprir o prazo previsto.

Apesar de nem sequer haver editor, Sarah tinha-me explicado que a Quintessência me exigiria que terminasse a investigação biográfica para cumprir o contrato, apesar de não saberem ao certo o que procuravam.

O tempo passava, o dinheiro ia-se esgotando e a única coisa que tinha era uma mulher adorável a dormir num quarto imundo. Era uma estranha compensação por uma viagem tão longa.

Dei uma vista de olhos à correspondência que Einstein tinha mantido com Sigmund Freud, a quem colocara a pergunta: «É possível controlar a evolução mental do homem para mantê-lo a salvo dessas psicoses promotoras do ódio e da destruição?» Dispunha-me a ler a resposta do pai da psicanálise, quando dois fortes golpes na porta me puseram em guarda.

Sarah abriu os olhos confusa, enquanto eu perguntava:

– Moisés?

– Polícia – disse uma voz grossa.

Na breve viagem da cama à porta, os fantasmas que tinha deixado em Barcelona regressaram. Temia que finalmente me tivessem relacionado com algum dos crimes e que tivesse de dar todo o tipo de explicações.

Contudo, ao encontrar do outro lado um polícia gordo e suado, com um charuto na boca, percebi que não tinha a Interpol no meu encalço. Depois de mostrar a identificação, entrou no

quarto sem pedir licença e sentou-se contra o encosto de uma cadeira.

Olhou para Sarah com admiração, que entretanto se tinha sentado de novo na beira da cama, e depois para mim antes de começar:

– Como xerife deste lugar, é minha obrigação estar ao corrente de toda a gente que entra e que sai. Aqui tudo se sabe muito depressa e estamos acostumados a cortar o mal pela raiz.

Entreguei-lhe o meu passaporte e Sarah fez o mesmo. Contudo, o polícia nem sequer se dignou a abri-los. Devolveu-os com desdém e perguntou:

– O que me interessa é saber de quem andam à procura. Na povoação diz-se que andam atrás de uma agitadora estrangeira, o que provocou uma inquietação lógica. Aqui nunca se passa nada, e não gostamos que os forasteiros venham complicar as coisas. Percebem isso, não é verdade? Cada um gosta de ser o dono da sua própria casa e Carrizozo não é exceção.

– Não é nossa intenção criar problemas aqui na terra – disse no meu tom mais diplomático. – Queríamos apenas saber...

– Afinal andam à procura de quem? – interrompeu-me enquanto nos observava com uma expressão desconfiada.

Sarah repetiu o que dissera a Moisés sobre Mileva, sem mencionar que se tratava da neta de Einstein.

– Estão a perder o vosso tempo – disse o polícia enquanto se levantava pesadamente. – Não há aqui ninguém que corresponda à vossa descrição, digo-vos. Talvez em Capitan, em Lincoln ou em Roswell, as três povoações a seguir a esta, encontrem essa pessoa. Especialmente em Roswell. Já sabem o que aconteceu em 1947, quando capturaram um marciano e o autopsiaram. Há um documentário e tudo.

– Agradecemos-lhe o seu conselho – disse. – De qualquer maneira estamos interessados em visitar Trinity.

Ao ouvir esse nome, o agente ficou repentinamente tenso, como se aquilo fosse a confirmação de que vínhamos remexer em assuntos nebulosos. Depois de apagar o charuto no chão, não hesitou em ameaçar-nos abertamente:

– Aviso-os que se decidirem entrar numa área restringida sem autorização vão pagar caro. Só se pode visitar o obelisco de Trinity no primeiro sábado de abril e no primeiro sábado de outubro.

– Apenas dois dias por ano? – perguntou Sarah espantada.

– Isso mesmo – respondeu o polícia acariciando o coldre. – E para que é preciso mais? Nem que esse pedaço de pedra fosse a Estátua da Liberdade!

– Pode ficar descansado – disse. – Não iremos a Trinity fora da temporada.

– É melhor que não – concluiu ao abrir a porta.

Antes de sair do quarto, dirigiu um longo olhar a Sarah e outro mais breve e carregado de desprezo à minha pessoa, detendo-se por momentos no meu braço engessado. A seguir concluiu:

– Se fosse a vocês ia para o Norte, para Santa Fé. Ali há bares e discotecas. Lugares onde se podem divertir. Em Carrizozo há apenas uma casa de prostitutas e ruas desertas. Ouçam o que vos digo, não é um lugar para vocês.

Depois de o polícia fechar a porta, suspirei de alívio. E perguntei a Sarah:

– Bem, o que fazemos agora?

OS CAMPOS UNIFICADOS

Quem não se decepciona ao iniciar-se na mecânica quântica é porque não percebeu absolutamente nada.

NIELS BOHR

Depois de estudarmos o mapa do Novo México, decidimos seguir o conselho do polícia e continuar a viagem na manhã seguinte. Não porque estivéssemos interessados na dissecação alienígena em Roswell, mas sim porque, pelos vistos, as outras duas povoações anteriores ficavam mais perto do obelisco de Trinity.

Segundo o mapa, para nos aproximarmos do epicentro da explosão nuclear, a partir de onde estávamos podíamos apanhar uma estrada que levava às aldeias de Ruidoso e Mescalero.

Contudo, nada nos garantia que encontrássemos alguma pista de Mileva.

Tínhamos discutido tudo isto antes do jantar *tex-mex* no restaurante do tio de Moisés, onde fizemos um grande sucesso entre os outros clientes.

Eram dez da noite quando nos pusemos a ler na cama, com o ar condicionado a rugir como um leão. Parecíamos um casal antigo. Sarah lia *Construyendo Babel*, uma história romanceada de uma biblioteca pessoal, enquanto eu continuava a rabiscar em folhas soltas que entravam e saíam da minha mala.

A parte mais frustrante do trabalho de Einstein tinha sido a sua intenção de encontrar uma única teoria que explicasse todas as forças que operam no Universo, uma fórmula que respondesse à pergunta: o que unifica tudo?

Segundo as fontes académicas oficiais, Einstein morreu sem encontrar uma resposta – a última resposta – para aquele problema.

Antes de abandonar o estudo por aquele dia, li o resumo que Yoshimura tinha feito dos compassos finais do génio:

Dedicou os últimos anos da sua vida a responder a centenas de cartas que recebia diariamente com qualquer tipo de perguntas. Até mesmo no final da sua vida, ainda se surpreendia por se ter tornado numa personagem tão mediática.

Além da tarefa epistolar, Einstein dedicou as última décadas da sua existência a investigar uma questão que hoje em dia ainda não foi resolvida: a chamada unificação dos campos. Acreditava que as quatro forças fundamentais da natureza – a gravidade, a eletromagnética, a força nuclear forte e a força nuclear fraca – eram manifestações distintas de uma única força. As três últimas já se tinham compreendido numa mesma teoria, mas o problema residia na gravidade, que não havia maneira de unificar com as outras três.

Parei aqui a leitura ao ver que Sarah já dormia com a cabeça debaixo da almofada para evitar a luz do candeeiro.

Apaguei a luz e fiquei uns minutos sentado na cama, a pensar na minha existência absurda enquanto o reflexo da lua entrava pela janela suja. Naquele quarto cheio de latas de gasolina, revistas manuseadas e desespero senti-me, de repente, perdido. Estava longe de tudo. Longe de mim mesmo. E a única pessoa com quem queria estar em breve regressaria ao seu mundo, quando aceitasse que a nossa busca era tão infrutífera como a unificação dos campos.

Antes de tentar dormir, inspirei profundamente o aroma de jasmim da minha bela adormecida.

Estava prestes a fechar os olhos, quando um estalido na janela me sobressaltou. Se tivesse sido mais débil teria pensado que se tratava de uma mosca ou de uma libelinha que tinha ido contra o vidro. Mas o som era mais seco e contundente, como se alguém tivesse atirado um objeto sólido da rua.

Um segundo impacto fez-me saltar da cama e correr para a janela. O céu limpo e a claridade da lua permitiram-me ver quem estava ao pé do edifício de tijolo: Moisés.

Assomei à janela furioso e, esquecendo-me de que Sarah estava a dormir, gritei:

– O que diabo estás aqui a fazer?

– Já vos estou a chamar há um bom bocado, mas como têm o ar condicionado ligado no máximo não me ouviram. E esqueci-me das chaves do armazém em casa. É por isso que estou a atirar moedas.

Sarah apareceu ao meu lado e falou com o rapaz:

– Conta-nos o que se passa, Moisés.

– É apenas uma ideia – disse esboçando um sorriso –, mas acho que faz sentido. Fez-se luz quando estava a ir jantar. Há uns dois anos, quando fui acampar para Valle de los Fuegos, encontrei-a e ela convidou-me para comer uma tigela de sopa. Não há dúvida, tem de ser ela: a mulher de pedra.

– A mulher de pedra? – perguntei surpreendido. – Não percebo. A que é que te referes?

– À forasteira de quem andam à procura, essa tal...

– Mileva – completou Sarah emocionada.

– Essa mesmo. De repente percebi que era a mulher de pedra, porque me falou desse tipo de coisas. A bomba preocupava-a muito.

– Porque a tratas por mulher de pedra? – perguntei-lhe, contagiado pela emoção de Sarah.

– É como ela é aqui conhecida – disse Moisés –, apesar de poucos a terem visto. É uma mulher branca que passa muito tempo numa gruta em Valle de los Fuegos. Diz-se que pode passar dias inteiros sem se mexer da entrada da gruta. Quer chova, quer faça calor, permanece ali como uma pedra. Querem conhecê-la?

– Claro que sim – exclamou Sarah. – Quando é que nos poderias acompanhar até à gruta?

– Agora mesmo. Não é bom que as pessoas de cá saibam que vos levei até lá.

A MULHER DE PEDRA

Quando o aluno está preparado, aparece o professor.

PROVÉRPIO ZEN

Moisés preferiu encabeçar a expedição na sua motocicleta, enquanto nós o seguíamos no nosso carro alugado. Dirigíamo-nos a uma parte de Valle de los Fuegos conhecida entre os locais como Malpaís devido à sua extrema aridez.

Para lá chegarmos conduzimos durante cerca de seis quilómetros pela solitária NM 380 até nos desviarmos para uma estrada secundária que acabava numa zona de campismo. O nosso guia estacionou a sua moto e indicou-nos que podíamos deixar o nosso carro ali.

O céu estava tão limpo e as estrelas brilhavam com tanta intensidade que a terra inteira resplandecia com a luz azulada.

Moisés conduziu-nos até um promontório na zona de campismo de onde se via uma gigantesca formação de lava. Rios de pedra queimada formavam suaves colinas e barrancos numa paisagem incrível. Alguns arbustos lutavam para abrir caminho por entre as rochas esculpidas pelo vulcão há mil e quinhentos anos, numa demonstração da perseverança da natureza.

– Custa-me imaginar que alguém possa viver aqui – comentei fascinado com aquela paisagem.

– Apenas a mulher de pedra pode – respondeu o nosso guia. – É por isso que a chamamos assim.

Dei uma vista de olhos à zona de campismo, onde não havia uma única tenda montada. O lugar era demasiado solitário e tenebroso para alguém querer passar ali a noite.

– Vamos ver se a encontramos – disse Moisés, e indicou-nos um estreito caminho que atravessava o vasto mar de lava.

Apesar de eu e Sarah estarmos a usar calçado desportivo, as rochas pontiagudas que se cravavam nas solas dos sapatos dificultavam o nosso avanço.

Caminhámos durante mais de meia hora naquele lugar dantesco, iluminados por uma lua gigante que parecia estar a pouca distância das nossas cabeças.

Se Carrizozo me tinha parecido o fim do mundo, Malpaís era o lugar mais desolado à face da Terra. Enquanto subíamos por uma colina rochosa, agradeci termos feito aquele caminho de noite. Debaixo do sol, aqueles campos de lava deviam ferver como o Inferno.

– Já chegámos – anunciou Moisés, enquanto nos assinalava a entrada de uma gruta do outro lado da colina. – Esperem por mim aqui. Se formos muitos podemos assustar a mulher de pedra.

A seguir, desceu pela colina. Ao chegar à entrada da gruta, acendeu e apagou a lanterna

duas vezes. Parecia um sinal. Depois ficou à espera com as mãos na cintura, mas nada aconteceu. Finalmente entrou na gruta.

Poucos segundos depois saiu encolhendo ligeiramente os ombros, o que significava: «Não tive sorte.» Mas nem tudo eram más notícias.

– Continua a viver aqui – declarou. – Lá dentro vi os restos de uma fogueira e uma cesta com fruta fresca. Deve ter saído.

Abracei com o olhar aquele imenso mar de lava antes de perguntar:

– Saído? Para onde?

– A mulher de pedra conhece muito bem este lugar e procura ervas medicinais para curar as maleitas. É velha. Querem ver onde ela vive?

– Não, isso não me parece bem – interrompeu Sarah. – Esperamos aqui por ela.

– Pode não regressar durante toda a noite – avisou-nos Moisés. – A mulher de pedra gosta de passear à noite. Às vezes vai até Ruidoso, uma povoação que não fica muito longe daqui, ou até Alamogordo, apesar de ser proibido.

– Alamogordo? Onde é que isso fica? – perguntei.

– Perto do Jornada del Muerto – respondeu. – Mesmo onde explodiram essa bomba de que toda a gente fala.

Sarah olhou para mim e ambos pensámos o mesmo: Trinity.

– Mas de certeza que hoje não foi tão longe, porque senão teria levado a fruta. A mulher de pedra não come carne.

– E onde é que arranja a fruta? – perguntei intrigado. – Vai até Carrizozo fazer compras?

– Nunca! – exclamou o rapaz. – Não seria bem recebida. Na povoação corre a notícia de que é uma feiticeira, porque vêm pessoas de fora visitá-la para lhe pedir remédios. Trazem-lhe comida e ela ainda lhes ordena que façam outras coisas mais longe.

– Que tipo de coisas? – perguntei fascinado. – E longe como?

Moisés encolheu os ombros e bocejou. Tinha-nos contado tudo o que sabia.

– De certeza que querem passar aqui a noite? – insistiu antes de iniciar a viagem de regresso.

– Vamos esperar por ela durante um bocado – disse Sarah muito serena.

Depois de nos despedirmos, o rapaz desceu pela colina. A seguir começou a caminhar em direção à zona de campismo até que deixámos de o conseguir ver por entre as rochas celestes.

O silêncio era tão absoluto que quase provocava dores de ouvidos.

Sentámo-nos numa clareira da colina sem rochas. Sarah passou-me o braço pela cintura e apoiou a sua cabeça no meu ombro. Permanecemos assim durante muito tempo, como um casal que chegou ao fim do mundo e não espera que nada mais possa acontecer.

Apesar de não me lembrar de ter adormecido, quando abri os olhos tinha a cabeça no colo de Sarah, que me acariciava lentamente o cabelo. A noite do deserto começava a dar lugar a um ténue arroxeadado, que se levantava como um manto no horizonte longínquo.

O silêncio já não era absoluto. Um doce crepitar fez-me levantar para ver de onde vinha.

– Ali – disse Sarah emocionada enquanto me assinalava a entrada da gruta.

Uma luz suave ondulava no interior.

A HISTÓRIA DE MILEVA

Separemos o judaísmo dos profetas, e o cristianismo ensinado por Jesus de tudo o que foi acrescentado posteriormente – sobretudo pelos sacerdotes – e encontraremos uma doutrina apta para eliminar a doença da humanidade.

ALBERT EINSTEIN

A mulher de pedra tinha um longo cabelo branco e a pele gretada como a terra seca. Contudo, os seus olhos possuíam a mesma vivacidade que os de Lieserl na fotografia que tínhamos visto em Staten Island. Era o brilho da curiosidade que estava presente em todos os retratos de Einstein.

Sem dúvida, aquela anciã prematura era Mileva, filha de Lieserl e do seu segundo marido, neta de Albert e Mileva.

Tínhamos chegado ao nosso destino.

Convidou-nos a entrar na gruta com a mesma voz doce que tinha ouvido ao telefone. A mesma que lera a carta de Einstein a Roosevelt na gravação do Monkey Town. E provavelmente eram aquelas mesmas mãos enrugadas que tinham escrito os envelopes e os postais para um encontro a milhares de quilómetros dali.

Como o tinha feito era um mistério que depressa íamos resolver. Mas antes havia outras questões que fumegavam como o chá que a mulher de pedra mexia no caldeirão.

– Fizemos uma longa viagem para conhecer esta velha esquecida pelo mundo – disse em castelhano com um ligeiro sotaque mexicano. – Mas temo que vão ter uma decepção. Posso-vos dar muitas respostas, mas não a que procuram.

Tínhamo-nos sentado em cima de uma pele de ovelha, em frente a uma ampla e plana pedra que nos servia de mesa. Mileva acomodou-se do outro lado depois de servir com uma colher três chávenas de chá do deserto. O seu longo cabelo branco caía sobre um poncho típico das mulheres índias.

– Se aquilo que nos vais dizer não é importante – disse, tratando-a também por tu –, porque nos deixaste pistas em meio mundo para que viéssemos até aqui?

A anciã sorriu bondosamente e respondeu:

– Não disse que não era importante. Quero partilhar convosco algo que julgo ser essencial para o mundo, mas não vou ser eu a abrir a última porta. Não me compete a mim fazê-lo. E também não sei o que há por trás, para vos ser sincera.

Sarah olhava para a mulher do deserto com lágrimas nos olhos. Compreendi que para ela o simples facto de estar diante da filha de Mileva Marić era um prémio que compensava toda aquela odisseia. Mas eu não partilhava da mesma opinião.

– Há pessoas que se dedicam a assassinar aqueles que se aproximam da última resposta – disse, mencionando o objeto da nossa busca. – Alguma coisa importante deve haver do outro

lado da porta, para que semeiem a morte entre aqueles que tentam apropriar-se do que lá está.

– Pode matar-se por algo que não se conhece nem nunca se viu – disse a mulher de pedra –, como os europeus que procuravam o El Dorado, ou os suicidas que morrem por Deus. Mas não se preocupem, o deserto protege-nos.

Tive de pensar no nosso Moisés. Se aqueles que se queriam apropriar da última resposta dessem com ele, encontrariam o caminho até àquele esconderijo.

– O que esperam obter? – perguntou Sarah, que não conseguia conter a sua emoção.

– Coisas diferentes. Talvez uma nova fonte de energia para alimentar as máquinas neste mundo enlouquecido. Ou talvez queiram apenas apropriar-se da teoria da unificação para ganharem o Nobel da física. Todas as ambições podem matar, mas temo que o que nos espera por detrás da porta seja algo muito diferente.

Aquele discurso circular e metafórico começava a enervar-me, por isso decidi fazer o meu papel de jornalista pragmático.

– Apesar de ainda não podermos abrir essa «última porta» de que falas, talvez nos possas mostrar outras divisões da casa do teu avô. Conseguiu encontrar por fim uma fórmula para as quatro forças fundamentais?

– À sua maneira, sim, mas ainda não estão preparados para o compreender.

– Quando achas que estaremos?

– É impossível de dizer. Cada caminhante confere um ritmo diferente aos seus passos. Mas o importante é chegar.

Fez-se um silêncio que não era de todo incómodo. Com Sarah ao meu lado e aquela idosa de voz doce sentia-me em casa. Era um lar remoto no meio da paisagem mais desoladora, mas era um lar ao fim ao cabo.

As brasas crepitavam iluminando um espaço decorado com poucos tapetes, algumas caixas com víveres e uma prateleira encaixada na rocha com utensílios de cozinha.

– Como chegaste até aqui? – perguntou Sarah.

– Depois de se separar do seu primeiro marido, a minha mãe viveu uma breve temporada em Nova Iorque e depois instalou-se em Cloudcroft, uma aldeia na montanha perto de Trinity. Apesar de nunca ter querido conhecer o seu pai, sentia-se culpada porque ele tinha inventado a fórmula da bomba atómica. Por isso, dedicou todos os seus esforços na luta contra a energia nuclear. Em Cloudcroft, onde há pistas de esqui, conheceu um viúvo que geria um pequeno restaurante e apaixonou-se por ele. Apesar de a minha mãe ter mais de quarenta anos, teve com ele uma segunda filha e aqui estou eu.

– Continuaste então o trabalho da tua mãe – disse.

– De certa maneira, apesar de ela nunca me ter perdoado ter entrado em contacto com o pai dela. Para além de a ter abandonado, culpava-o de todos os males da humanidade. Por isso, quando fiz dezoito anos vim-me embora de Cloudcroft e viajei pela Europa com o dinheiro que o meu avô me tinha deixado depois da sua morte. Aí aconteceram-me muitas coisas, umas alegres, outras tristes. Vivi dois anos em Paris, mantive relações com pessoas que pudessem acolher a última resposta. A seguir regressei ao Novo México e vivi em Capitan, uma povoação extremamente tranquila. Tenho aí uma casinha, mas enquanto a saúde me permitir prefiro viver neste deserto. Uma pessoa sente-se mais próxima de Deus.

Lembrei-me da história de Jalil Gibran enquanto a mulher voltava a encher as chávenas com a infusão do caldeirão. A seguir olhou para a claridade que começava a entrar pela gruta e disse:

– Já é de dia. Deviam ir-se embora antes que o sol vos queime no caminho de volta.

– Quando te voltaremos a ver? – perguntou Sarah, apertando com força uma das mãos da anciã.

A mulher de pedra dirigiu-nos um olhar carinhoso antes de dizer:

– Amanhã à meia-noite.

A PRIMEIRA RESPOSTA

Quando te encontrares numa encruzilhada, pergunta-te a ti mesmo: Esse caminho tem coração? Se tiver, o caminho é bom; senão, é inútil.

CARLOS CASTANEDA

A tarde começava a refrescar Carrizozo quando acordei abraçado a Sarah. Tínhamos chegado ao nosso quarto em frente à bomba de gasolina pouco antes das oito da manhã. Ainda impressionados com o encontro com Mileva, ficámos a conversar durante algumas horas deitados na cama.

A certa altura tínhamos adormecido.

Desejei que aquele abraço sonolento nunca mais terminasse. Naquele momento, como se um sexto sentido a tivesse avisado de que a estavam a observar, Sarah abriu os olhos.

O contraste do azul na sua pele branca foi como um segundo amanhecer.

Afastou-se suavemente do meu abraço antes de perguntar:

– Que horas são?

– Já passa um pouco das seis.

Devido ao estado precário dos lençóis e da coberta, tínhamos dormido com as roupas cobertas de pó do deserto. Sarah foi a primeira a entrar no duche de água fria, enquanto eu abria a mala e procurava uma muda de roupa para o encontro noturno com a mulher de pedra.

Apesar de nos ter avisado de que ela não podia abrir-nos «a última porta», a que escondia a resposta final de Einstein, tinha chegado o momento de lhe fazer algumas perguntas.

Entusiasmado com aquela perspectiva, enquanto a água corria do outro lado da parede, estive a dar voltas à grande teoria da unificação que tantos problemas dera a Einstein. No seu livro *Breve História de Quase Tudo*, Bill Bryson escrevia que um dos motivos pelos quais a ciência não tinha conseguido encontrá-la era porque o século XX se dividira em dois: havia um corpo de leis físicas para o mundo subatômico e outro para o conjunto do Universo, onde se passavam coisas muito diferentes.

O divórcio entre ambos não facilitava a tarefa.

Posteriormente os cientistas tinham formulado complexas teorias das cordas com 10, 11 e até 26 dimensões para tentar explicar o inexplicável, mas talvez a resposta fosse mais simples. Como outros grandes achados da ciência, talvez estivessem tão próximos que eram incapazes de vê-la.

A pergunta continuava por responder: que força tinha a capacidade de conter todas as forças conhecidas?

Uma vez em Valle de los Fuegos, dar com a colina da mulher de pedra foi um verdadeiro exercício de orientação. A partir da zona de campismo deserta, encontrámos facilmente o

caminho que levava ao mar de lava, mas ao fim de vinte minutos a andar começámos a hesitar.

Aquela paisagem incrível resplandecia sob as estrelas, mas nada nos era familiar, como se cada noite se desenhasse ali um novo território.

Felizmente Mileva tinha acendido uma fogueira em frente à sua gruta, e conseguimos vê-la com clareza antes de nos metermos pelo caminho errado.

O chá já estava servido em três chávenas sobre a pedra que fazia de mesa quando entrámos na gruta. Ao ver os cabelos brancos e sedosos da neta de Einstein, perguntei-me onde encontraria ela água para se lavar. Moisés tinha dito que algumas pessoas a visitavam, e até que algumas faziam coisas por ela muito longe dali, mas parecia difícil que pudesse subsistir naquela paragem de Malpaís, a não ser que tivesse um poço ao seu alcance.

No início da conversa, a mulher de pedra interessou-se pela nossa viagem até ali chegarmos.

Ao pedir-lhe detalhes sobre aquela complexa trama, reconheceu ter organizado o encontro em casa de Yoshimura durante uma viagem a Barcelona para conhecer o refúgio do seu avô em Cadaqués. Tinha-se apresentado em casa do japonês sem revelar a sua identidade, com a desculpa de ter de lhe transmitir uma mensagem do diretor do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. A seguir falou com Jensen, a quem entregou em Budapeste um rascunho da fórmula secreta de Einstein. Depois de perder o contacto com ele, regressou ao Novo México.

Evitámos contar à idosa tudo o que tinha acontecido a Jensen, assim como o episódio com Pawel, para não a angustiarmos no seu retiro. Havia coisas mais urgentes para clarificar.

– O que significa esta fórmula? – perguntei indicando a tatuagem no meu braço. – Precisamos de uma resposta para avançar.

– Se voltarem amanhã à meia-noite dir-vos-ei. Antes há outro segredo que precisam de conhecer. Tem a ver com o que aconteceu com o meu avô depois da morte dele.

– Estás a referir-te ao roubo do cérebro por parte de Harvey?

– Exatamente – respondeu enquanto voltava a encher as chávenas com o chá de ervas. – Cheguei a conhecê-lo, porque era um homem muito persistente em tudo o que tinha a ver com o meu avô. Ofereceu-se até para me entregar parte da sua relíquia, como tinha tentado com Evelyn, mas eu recusei. Para mim o importante é o resultado de quarenta anos a estudar esses neurónios mortos.

Sarah inclinou-se um pouco mais sobre ela ao perguntar-lhe:

– O que encontraram?

– Nada, isso é que é engraçado. O cérebro de Albert Einstein era exatamente igual a outro cérebro qualquer. Por isso, se não era ali que radicava a sua singularidade, devia encontrar-se noutro lugar. E eu sei onde era.

Sarah e eu permanecemos em silêncio enquanto a mulher de pedra nos observava com os seus olhos esbugalhados. Finalmente disse:

– O segredo estava no coração. Era aí que deviam ter observado e analisado, porque é a energia do coração que alberga a última resposta.

A seguir, Mileva fez gala dos seus conhecimentos científicos ao explicar que na década de

1990 um grupo de neurocardiologistas descobriram um cérebro alternativo no coração, formado por quarenta mil células nervosas, além de uma complexa rede de neurorreceptores que capacitam o nosso órgão vital a aprender, recordar e reagir perante qualquer estímulo vital.

– Isso explica por que razão num feto normal humano o coração se desenvolve antes que o cérebro racional – explicou Mileva. – Outra prova do seu poder é o campo eletromagnético que gera: já se provou que é cinco vezes mais potente do que o campo emitido pelo cérebro. As trocas elétricas que se produzem num coração em função daquilo que sentimos podem medir-se a três metros de distância.

Como especialista em divulgação científica, custava-me aceitar o que a neta de Einstein estava a dizer, e não hesitei em transmitir-lhe as minhas dúvidas. A mulher de pedra olhou-me com simpatia antes de concluir:

– Vou-te dar a prova definitiva de que não é o cérebro que rege o nosso destino. De todos os órgãos vitais, sabes qual é o único que não pode sofrer de cancro?

– O coração – respondi impressionado.

– Exatamente. E deve haver uma boa razão para isso.

A SEGUNDA RESPOSTA

Somos moldados e guiados pelo que amamos.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Após outra noite de longas conversas – com a mulher de pedra e mais tarde com Sarah até cairmos de sono – dediquei o dia de quarta-feira a introduzir no meu computador tudo o que estávamos a descobrir.

A «primeira resposta» de Mileva tinha sido reveladora e talvez fosse o preâmbulo da última resposta. Em pequeno sempre me tinha questionado por que razão situamos os sentimentos num órgão que bombeia sangue e o leva a todo o organismo. Porque não situá-los no cérebro onde teoricamente se geram as ideias e as emoções?

Agora sabia que albergamos no nosso peito muito mais do que somos capazes de imaginar.

Sarah lembrava-se de ter visto um documentário sobre biologia que a tinha impressionado especialmente. Mostrava uma gema de ovo na qual flutuava um pontinho vermelho de sangue. Ao ampliá-lo ao microscópio, os investigadores descobriram que o minúsculo coágulo de sangue pulsava, antes mesmo de se ter formado o coração da ave.

Isso demonstrava que a ânsia de vida precede até mesmo o órgão que nos permite vivê-la.

A mulher de pedra já nos esperava à entrada da sua gruta. Depois do ritual do chá, desta vez foi Sarah quem decidiu pedir a segunda resposta que nos tinha prometido.

– Faz tempo que nos encontramos com a fórmula $E = mc^2$ – explicou emocionada. – Já demos muitas voltas à cabeça, mas não conseguimos chegar a acordo quanto ao significado do «a».

Mileva semicerrou os olhos com um sorriso, como se estivesse a lembrar-se do exato momento em que o seu avô lhe confiara a fórmula. A seguir respondeu:

– Se pensarem no coração de Albert não será difícil adivinharem a resposta.

– Amor... – atrevi-me a dizer. – Se na fórmula da energia substituirmos massa por amor, então a energia é igual ao amor multiplicado pela velocidade da luz ao quadrado. O que diabo significa isso?

Sarah olhou para mim com admiração – por uma vez, tinha acertado em cheio –, enquanto a anfitriã se dispunha a explicar a minha dedução.

– Antes de mais, é preciso especificar a que tipo de amor nos referimos. Para começar, uma fórmula só pode conter símbolos universais. Quer dizer, uma letra universalmente aceite para substituir um elemento; o «a» pode simbolizar «amor» nas línguas latinas, mas um falante de alemão como Einstein nunca o teria utilizado.

– Parece-me evidente – disse envergonhado pela pouca subtileza da minha dedução. – Então devemos descartar o amor como motor de uma nova energia.

– Pelo contrário, é uma dedução brilhante, mas primeiro devemos saber de que tipo de amor estamos a falar.

– A que te referes? – perguntou-lhe Sarah reverente enquanto levava a chávena aos lábios.

A mulher de pedra levantou-se e deu uns passos até à saída da gruta, onde contemplou durante alguns instantes as estrelas a brilhar no céu. A seguir regressou lentamente para junto de nós, como um velho mestre que quer que os seus ensinamentos fiquem para sempre:

– Os antigos gregos, que eram muito sábios, aperceberam-se de que o amor não é apenas um conceito, mas sim que abarca três grande dimensões. Uma é o Eros, a dimensão do desejo. É graças a ela que aqui estamos, porque o desejo faz com que os corpos se conectem e, movidos pela busca egoísta do prazer, damos lugar à vida. A segunda dimensão é Filia, a amizade baseada na cumplicidade. Quem ama não espera receber muito, deseja sim partilhar. Com a amizade damos e recebemos o melhor do mundo. Finalmente há a forma de amor mais elevada, Ágape, que é o amor puro. Este amor nasce do que dá tudo sem esperar nada em troca: o amor da entrega, da paciência e do perdão... É o amor da compaixão e da paz, é o amor que tudo une. Ao contrário de Eros, Ágape não é o amor da matéria, mas sim do espírito.

Depois deste revelação ficámos mudos, com a certeza de que nos íamos recordar daquelas palavras muito depois de abandonar a gruta pela última vez.

Decidi voltar à questão:

– Quer dizer que «Ágape», que é um termo grego universal, é o que significa o «a» na última fórmula de Einstein.

– Sim, podemos falar de Ágape ou de amor incondicional. Se regressarmos à fórmula, talvez agora compreendam o seu sentido. Quando na primeira fórmula da energia, depois da massa pôs « c^2 », ou seja, a velocidade da luz ao quadrado, o que o meu avô pretendia era mostrar um número tão grande que se aproximasse da nossa ideia de infinito. De forma muito simplificada, quis dizer que toda a massa tem a capacidade de se transformar numa energia quase ilimitada. É por isso que se diz que apenas com uma ameixa, se a massa se transformar totalmente em energia, se poderia incendiar uma cidade inteira.

Neste ponto foi Sarah quem tomou a palavra:

– Por isso, a última fórmula de Einstein diz-nos que o amor, quando é infinito, se transforma na energia mais poderosa do Universo. Ou simplificando muito: o amor tudo pode.

Ficámos os três em silêncio. Era um momento solene. Talvez não tivéssemos solucionado nenhum dos problemas do mundo, mas começava a vislumbrar-se um caminho entre as trevas.

A ideia era, contudo, demasiado vaga para ser científica, o que me fez adotar o meu papel mais racional.

– É esta a última resposta de Einstein?

– Não propriamente – respondeu Mileva. – Digamos que é uma interpretação da última fórmula que o meu avô nos legou. Falta-nos o desenvolvimento que ele elaborou em três folhas antes de morrer.

– Onde está esse documento? – perguntei.

A única luz que havia na gruta era o brilho ténue das brasas, mas os olhos da anciã irradiavam entusiasmo.

– Lamentavelmente, nunca foi encontrado.

Olhei para o meu relógio. Eram duas da manhã. Debaixo do olhar penetrante da mulher de pedra desenhavam-se duas profundas olheiras. Declarou:

– Podemos encontrar-nos mais uma noite. A seguir devem ir-se embora desta parte do mundo. Essa é a combinação.

Levantámo-nos um pouco consternados com aquela mudança de tom. A mulher de pedra apercebeu-se disso e acabou por dizer:

– A vossa companhia é-me muito agradável, mas a situação piorou. Os que pretendem roubar a última resposta, apesar de ninguém saber onde está, já vagueiam por Trinity. É uma questão de dias até que aqui cheguem. Tenham os olhos bem abertos.

A TERCEIRA RESPOSTA

Poucos se atrevem a ver com os seus próprios olhos e a sentir com o seu próprio coração.

ALBERT EINSTEIN

Ter acariciado a última resposta – apesar de só conhecermos a fórmula – sem a termos encontrado fez com que o regresso à povoação tivesse um sabor agri-doce.

Dentro de vinte e quatro horas deveríamos abandonar o Novo México sem termos chegado até ao final. Tínhamo-nos aproximado da resposta, tínhamo-la rodeado, começávamos até a compreendê-la, mas faltava saber como Einstein dera sentido e aplicação àquela fórmula.

Enquanto Sarah se lavava na casa de banho do deprimente refúgio, senti que com a última resposta acontecia o mesmo que com a relação que se tinha estabelecido entre nós os dois. Tínhamo-nos aproximado e compreendido, abraçávamo-nos, até tínhamos trocado alguns beijos, mas a nossa história não era bem sucedida.

A busca estava prestes a terminar e havia poucas hipóteses de que a situação mudasse. A última resposta não aparecia e o meu amor por Sarah tinha crescido de tal forma que se tornava insustentável. Quase desejava que no último encontro com Mileva se confirmasse o nosso fracasso e regressássemos a casa.

Quando chegou a minha vez de ir à casa de banho, ao ver no espelho a minha cara por barbear assustei-me. Tinha-me tornado num desses estrangeiros que vagueiam sem rumo pelo país, à procura dos pedaços partidos do sonho americano.

No duche pensei em quanto dinheiro me restava na conta. Dos 25 000 dólares que o PQI me tinha depositado, já só me restavam 11 000. Definitivamente, ou isto acabava depressa, ou seria melhor atirar a toalha ao chão em todos os sentidos.

O último encontro com a mulher de pedra esteve envolto numa nuvem de tristeza. Mileva parecia muito pior, como se as notícias que lhe tinham chegado sobre os seus perseguidores lhe tivessem tirado a calma.

A respeito disso, não pude evitar perguntar-lhe uma coisa que me intrigava há dias.

– Nesta gruta não há telefone, nem sequer eletricidade. Como é que lhe chegam as notícias do que acontece lá fora?

Ao ouvir isto, a neta de Einstein sorriu pela primeira vez naquela noite e foi até à prateleira onde estavam arrumados os utensílios de cozinha. Regressou com um telemóvel e algo parecido com um dínamo. Ligou o cabo do carregador ao aparelho e começou a girar a manivela; o ecrã do telemóvel acendeu-se indicando que estava a carregar.

– É uma maneira rudimentar de fabricar energia, mas funciona – disse a mulher. – Quando se esgotar o petróleo e os painéis solares não forem suficientes, é muito provável que este tipo de aparelhos conheçam uma nova idade de ouro.

O seu comentário sobre a energia fez-me pensar no documento de três folhas onde Einstein tinha desenvolvido a fórmula $E = ac^2$.

Estava uma noite especialmente quente, de modo que me sentei com Sarah ao pé de Mileva na entrada da gruta. Os cabelos brancos da mulher do deserto resplandeciam sob a lua.

Uma grande estrela atravessou a abóbada celeste. Quando o pó de estrelas se apagou, perguntei à anciã:

– Em que momento se perdeu a última resposta do teu avô?

Mileva dirigiu-me um olhar triste antes de responder:

– Não podemos dizer que essas três folhas se perderam. Por alguma estranha razão, o meu avô mandou entregá-las à minha mãe dentro de um pequeno tubo de alumínio. Pai e filha nunca se tinham conhecido; por isso mesmo ela recusou. Deu ordens ao carteiro de que devolvesse a encomenda ao remetente.

– E o que aconteceu a seguir?

– Não tenho a certeza. Imagino que o meu avô o escondeu, ou enviou-o a um dos seus amigos com instruções do que deveriam fazer. Era esse o seu estilo. Uns dias antes de morrer, telefonou-me e disse-me que a humanidade ainda não estava preparada para compreender a última resposta.

– Apenas isso? – perguntei-lhe.

– Bem, disse-me mais algumas coisas, mas não percebi bem. Têm de compreender que naquela altura era apenas uma criança.

Sarah e eu insistimos que nos contasse o que ele lhe tinha dito nessa última conversa. Por mais absurda que a mensagem pudesse ser, apesar de parecer uma brincadeira, podia ser uma pista. Uma última pista.

A mulher de pedra suspirou antes de explicar:

– Falou-me de um filósofo alemão. Anos depois compreendi que se referia a Wittgenstein, o autor de *Tractatus*. Estava a dizer que o uso de uma palavra não compromete o seu significado. Explicou-me isto de uma forma simples, claro.

– Espero bem que sim – interrompi –, porque nem eu percebo o que Wittgenstein quis dizer com isso.

– Talvez Alan Watts o tenha explicado melhor ao dizer que «a palavra água não molha». Ou seja, o ato de falar de alguma coisa não significa que essa coisa seja realidade. Uma coisa é a linguagem e outra são os factos, apesar de frequentemente confundirmos ambos.

– Insisto, não me espanta nada que não tivesses percebido a mensagem do teu avô.

– Na verdade, ele dizia que não concordava com isso. Depois de me dar um longo discurso sobre a linguagem e o mundo, que não percebi nada, ao despedir-se disse algo que me lembro muito bem: «Pensa, pequena Mileva, que no nome das coisas está às vezes o seu conteúdo. Esse vai ser o nosso segredo.»

Ficámos em silêncio enquanto outra estrela fugaz, esta mais afastada, arrastava a sua cauda até aos confins da galáxia.

– Toda a vida achei que nessa frase se encontra a chave para chegar à última resposta – confessou a idosa. – Foi por isso que vos fiz vir através de pistas e hieróglifos como os selos de Eva. Pensei que alguém capaz de chegar até aqui poderia resolver o enigma. Essas

palavras são a terceira resposta, tudo o que temos para chegar ao seu legado final.

O CONTEÚDO E A FORMA

Se Deus não é amor, não vale a pena que exista.

HENRY MILLER

Naquela mesma madrugada regressámos pela estrada 380 com um amargo sentimento de derrota. Deixámos um bilhete de agradecimento a Moisés com uma nota de cem dólares para os gastos de água e eletricidade, com a esperança de que mandasse os lençóis e a coberta para a lavandaria.

Quando regressámos em plena noite e vimos dois *Mercedes* novos estacionados junto à bomba de gasolina, soubemos que era hora de partir de Carrizozo para nunca mais voltar.

À medida que nos afastávamos da infame Trinity, o perigo diminuía exponencialmente, mas com ele dissolviam-se também as esperanças de chegar até ao final do mistério.

Enquanto atravessávamos a estrada deserta, disse:

– Não serve de muito dizer que o conteúdo, quer dizer, o esconderijo, está no nome, quando não sabemos a que nome se refere.

Eram quatro e meia da manhã e tínhamos de fazer um grande esforço para não adormecermos ambos e acabarmos ali mesmo a viagem da pior maneira.

Com os olhos inchados de sono, Sarah respondeu:

– Tem de ser um nome muito óbvio, para Einstein o dizer a uma criança. Tão óbvio que nos está a passar ao lado.

Depois de vários dias no desolador Carrizozo, as luzes de Socorro – a cidade tinha oito mil e quinhentos habitantes – fez-nos pensar que tínhamos chegado a Las Vegas. Eram cinco e meia da manhã e ainda faltavam duas horas para chegar a Albuquerque.

Ali decidiríamos o que fazer, apesar de termos basicamente duas opções: continuar o nosso périplo pelos Estados Unidos, talvez pelo Kansas de Harvey, ou seguir a pista de Einstein pelas cidade europeias onde tinha dado aulas: Praga e Berlim.

Antes disso, contudo, ao passarmos ao pé do Holiday Inn, desta vez fui eu quem sugeri descansarmos durante algumas horas para continuarmos na manhã seguinte. Sarah concordou e voltámos a passar pela receção, onde nos atendeu o mesmo homem com óculos de massa.

– Vêm de Roswell? – perguntou, voltando ao tema dos extraterrestres.

– Qualquer coisa do género – respondi, sem mais comentários, ao entregar os passaportes.

– Queremos dois quartos individuais, para apenas uma noite.

– Basta um quarto para os dois – corrigiu-me Sarah.

A seguir piscou-me o olho antes de dizer:

– Habituei-me a dormir contigo.

Completados os trâmites, o rececionista convidou-nos a levar nós mesmos as nossas malas

para o primeiro andar.

O quarto era tão impessoal como aquele onde tínhamos ficado três dias antes, com a mesma cama *king size* apta para clientes descomunais ou para casais de circunstância como nós.

Como era habitual, cedi a Sara a casa de banho e deitei-me na cama com o comando à distância na mão. Enquanto fazia *zapping* pela porcaria que dava na televisão, o barulho do duche indicou que Sarah ainda demoraria a sair.

Eu próprio tinha muito pó acumulado para passar por água quente antes de me deitar, mas não conseguia manter os olhos abertos. Improvisando uma solução pouco ortodoxa, despi-me e vesti roupa interior limpa antes de me meter debaixo dos lençóis, que em comparação com os do pai de Moisés cheiravam a rosas.

Estava prestes a apagar o candeeiro quando me apercebi de que estavam dois livros em cima da mesa de cabeceira. Deviam ter sido deixados pelo último cliente. A curiosidade foi mais forte e tive de dar uma vista de olhos.

Tratava-se de um guia alemão do Novo México e de um dicionário de espanhol-alemão-espanhol.

Enquanto procurava com avidez Carrizozo para saber o que dizia o guia, procurei imaginar que tipo de pessoa se tinha alojado naquele quarto. Visto que da primeira vez o rececionista tinha dito que ali se alojavam poucos estrangeiros, a presença de um visitante com um guia adquirido na Alemanha – a primeira pátria de Einstein – na rota para Trinity não augurava nada de bom.

Algo me dizia que naquela mesma cama se tinha deitado um peso pesado da Irmandade. Com a morte de Pawel, era provável que se tratasse do próprio líder, provavelmente acompanhado pelo cúmplice da furgoneta.

Aliviado com a ideia de sair do Novo México, depois de divagar um pouco devolvi o guia à mesinha de cabeceira e apaguei a luz. Para além do perigo, pensar em Einstein tinha-me provocado um estranho vazio no estômago. Desde que tinha saído de Barcelona, e até mesmo antes, pensava no pai da relatividade todos os dias, mas aquela sensação fora diferente. Alguma coisa importante tinha feito disparar a minha intuição e estava prestes a desvanecer-se.

Antes que isso acontecesse, voltei a acender o candeeiro.

Foi nessa altura que se fez luz.

Lembrei-me do que Sarah dissera sobre o nome que continha a pista para se chegar à última resposta: «É tão óbvio que nos está a passar ao lado.»

O mais óbvio dos nomes era Einstein, e pelo pouco alemão que tinha aprendido sabia que «ein» é o artigo indeterminado «um» ou «uma», visto que os géneros dos nomes alemães muitas vezes não concordam com os castelhanos. Faltava saber o que significava «Stein», se é que tinha algum significado.

Agarrei avidamente no pequeno dicionário e passei as finas folhas a toda a velocidade até chegar ao S. Uma descarga de adrenalina percorreu-me as costas ao comprovar que «Stein» existia e significava uma coisa com sentido: «Pedra». Por isso, a tradução do nome de Einstein era «Uma pedra».

E eu sabia que pedra continha o tubo de alumínio com as três folhas da última resposta.

Estava tão excitado que quando Sarah saiu do duche em roupão, expliquei-lhe aos gritos o que acabara de descobrir. Pela palidez que cobriu o seu rosto, percebi que tinha pensado o mesmo que eu: a última resposta de Einstein estava escondida em Cadaqués, dentro da rocha do jardim áureo.

Tínhamos de viajar para lá imediatamente, antes que os outros chegassem à mesma conclusão e o documento se perdesse para sempre.

Possuído pela necessidade de agir sem demora, levantei-me dos lençóis e anunciei:

– Temos de partir agora mesmo.

Sarah olhou para mim assombrada e a seguir deixou escapar uma gargalhada antes de dizer:

– Se a última resposta de Einstein está há meio século nesse jardim, pode esperar mais umas horas até ser descoberta.

A seguir, desapertou o roupão, que caiu no chão, e atirou-se para os meus braços.

DUAS OU TRÊS REVELAÇÕES

Aquele que vive mais do que uma vida, mais do que uma morte deve morrer.

OSCAR WILDE

Antes de iniciarmos a maratona pelos aeródromos nacionais que precedia a nossa ida para a Europa, tivemos de esperar quatro horas no pequeno aeroporto de Albuquerque.

Depois daquela imprevista noite de amor que me tinha abalado profundamente, Sarah dormia com o cabelo em desalinho num banco do terminal. Sentado a seu lado, tirei o meu portátil em segunda mão da mochila para me tentar acalmar. Com um cartão pré-pago de dez dólares, conectei-me ao «*hotspot*» local para consultar o meu *e-mail*.

Entre a confusão de comunicações do banco – tudo coisas para pagar – e o *spam*, para minha grande surpresa encontrei um *e-mail* da mãe da minha ex. Contava-me que Diana tinha sido internada num hospital psiquiátrico em Gran Canária depois de ter tomado uma dose massiva de ansiolíticos. Pelos vistos, já se encontrava fora de perigo, mas o médico aconselhara o seu internamento no centro até que estivesse estabilizada psicologicamente. O motivo do *e-mail* era dar-me a nova conta bancária – a da mãe – para onde devia transferir os 600 euros mensais.

Aquela notícia enterrou em amargura o milagre que acabara de viver no Holiday Inn. A felicidade tinha durado muito pouco.

Lembrei-me do episódio que precedera a nossa separação definitiva. Depois de seis meses de convivência tibia – nada era como tínhamos imaginado –, Diana começou a alternar estadias em Barcelona com escapadas cada vez mais longas para a sua ilha.

Como vivia de traduzir livros do russo, o seu escritório estava em qualquer sítio onde pudesse ligar o portátil. Mas, pelos vistos, o pesado *Toshiba* preferia o clima africano de Lanzarote ao nosso apartamento num beco abandonado à urina dos cães.

O tempo que passávamos juntos foi sendo cada vez mais curto, até que uma noite me ligou de madrugada da sua ilha e me disse:

– Acabou. Acabei de perceber que já não gosto de ti.

Aquela era uma notícia um pouco forte para se dizer assim de rajada num domingo às três da manhã.

– E acordaste-me para dizer isso, assim de chofre?

– Sim, porque não quero viver nem mais um minuto nesta mentira. Por isso decidi ligar-te ainda a quente.

– Visto que ainda estamos casados, talvez devêssemos falar cara a cara. Estou apertado de dinheiro, mas posso apanhar um avião amanhã...

– O dinheiro é endémico para ti – interrompeu-me –, mas não te preocupes. É inútil que

venhas. Não vai mudar nada.

– Como podes ter tanta certeza? – perguntei, assombrado com a sua frieza.

– Porque cheguei à conclusão de que só te quis naquele inverno na Rússia. Era um lugar especial para ambos, sobretudo para ti, e isso fez com que nos comportássemos como pessoas especiais. Mas essa magia apagou-se desde o momento em que pusemos um pé na tua maldita cidade. Aí já não pudemos continuar a fingir e as máscaras caíram. Não temos nada em comum, Javier, mas desejo-te tudo de bom.

Essa fora a última frase que tínhamos trocado. O divórcio foi executado discretamente e nem nos tivemos de cruzar no tribunal. Uma vez em Lanzarote, a editora para a qual Diana trabalhava foi à falência e ficou sem dinheiro. Comecei a mandar-lhe uma mensalidade.

Pelo que tinha acabado de ler, a sua aldeia natal fora uma mudança demasiado brusca em relação à *dolce vita* de Moscovo e aos desencontros em Barcelona.

Triste com aquela notícia, aproveitei os últimos minutos de bateria do meu portátil para confirmar uma coisa que adiara, desde o começo daquela aventura.

Escrevi no motor de busca do computador «Sarah Brunet» e «Complutense».

A busca não obteve qualquer resultado, o que era estranho, visto que os estudantes de doutoramento costumavam publicar artigos, assistir a conferências e tudo isso.

A seguir, limitei-me a escrever o seu nome e apelido na janela. Nenhum dos resultados que apareciam tinha a ver com ela.

Aquilo fez-me questionar qual seria o seu verdadeiro nome, ao mesmo tempo que levantava uma incógnita ainda maior: se na Complutense não constava nenhuma Sarah Brunet, como é que Jensen tinha conseguido o seu número de telefone?

Esperei até que estivéssemos sentados e com os cintos apertados no primeiro avião do nosso longo percurso para começar o interrogatório.

Fosse pelo sono acumulado, ou porque estava arrependida do que se passara entre nós, Sarah voltara a estar ausente e de mau humor. Mas eu não estava disposto a ficar calado.

Comecei a abordar o assunto pela sua periferia:

– Jensen pertencia à Quintessência ou à Irmandade?

– A nenhuma das duas – respondeu sem disfarçar o aborrecimento por eu insistir naquele tema.

– Então ele era estava por conta própria, como Lorelei.

– Digamos que era um iludido que queria ganhar o prestígio que nunca tinha tido através de uma grande descoberta. Depois de, durante anos, sofrer do desprezo dos círculos científicos, procurou a glória mediática e encontrou a morte. É tudo.

Fiquei estupefacto com a fria franqueza com que respondeu à minha pergunta, como se o morto se tivesse transformado numa sombra sem importância. Voltei ao ataque enquanto o *Boeing* já rodava na pista à espera da ordem para levantar voo.

– Conhecias o Jensen antes de Cadaqués – afirmei.

Desta vez nem sequer tentou disfarçar.

– Conhecia.

– Por que razão? O que tem a ver uma estudante de doutoramento com o diretor de uma

revista esotérica com sede em Alicante?

– Mais do que queres saber – limitou-se a dizer.

– Queres dizer que...?

– Sim, foi meu amante – interrompeu-me em seco. – Era um homem puro, a sua capacidade para se maravilhar não tinha limites. No início essa ingenuidade fascinava-me, depois já não tanto. Até que nos distanciámos.

– Conheço essa sensação.

O possível paralelismo entre o meu drama pessoal e o seu – se é que era um drama – não lhe devia interessar nada, visto que me respondeu com um eloquente silêncio.

– Uma última coisa – acrescentei magoado –, sei que me escondes o teu verdadeiro nome.

– Chamo-me Sarah – defendeu-se com o lábio a tremer ligeiramente.

– É possível, mas o teu apelido não é Brunet.

Enquanto o avião levantava voo, a minha acompanhante fechou os olhos como se se forçasse a dormir.

«Quem cala, consente», pensei enquanto pegava no guia do Novo México em alemão que trouxera do hotel.

Antes da minha primeira tentativa para dormir, entretive-me a ver as fotos do desolador Novo México. A seguir distraí-me durante uns minutos a ver as rotas sugeridas na parte central do livro. Mas na última página do guia estava o melhor de tudo: um recibo de cartão de crédito com o nome do proprietário: Juanjo Bonnín, o autor de *Einstein Relativamente Simples*.

Um círculo tinha-se fechado.

O ESCONDERIJO ÁUREO

Querida senhora, aconselho-a a desistir de ensinar física ao seu filho. Não é o mais importante. O mais importante é o amor.

Com os meus melhores cumprimentos, R. F.

RICHARD FEYNMAN

Segundo a teoria mais célebre de Einstein, a relatividade aplica-se de cada vez que nos mexemos. Calculou-se que ao atravessar os Estados Unidos de avião, o passageiro acaba por ser uma décima milionésima de segundo mais jovem que os americanos que ficam em terra.

Depois de apanhar quatro aviões, com as suas respectivas escalas, para voar até Girona, provavelmente tínhamos abrandado o nosso envelhecimento umas quantas décimas milionésimas.

Contudo, o verdadeiro elixir da juventude tinha sido a noite de amor com Sarah, apesar do mau humor que ela mostrara a seguir.

Já Leonard Cohen dizia: «Não há cura para o amor, mas o amor é a cura para todos os males».

Estava a pensar em tudo isto enquanto saíamos de táxi do pequeno aeroporto de Girona-Costa Brava em direção a Cadaqués. Ter aterrado ali desde Dublin, em vez de El Prat, tínhamos permitido ganhar pelo menos uma hora e meia.

Nos últimos dois dias mal tínhamos dormido. Ainda assim, a adrenalina antes da descoberta final mantinha os nossos sentidos despertos. Aproximava-se o momento da verdade.

Quando o táxi começou a fazer as acentuadas curvas que precediam Cadaqués, Sarah surpreendeu-me com uma pergunta:

– O que pensas fazer depois disto?

Apertei suavemente a sua mão antes de dizer:

– Completarei o manuscrito de Yoshimura com toda a informação que recolhi e com mais alguma investigação. Se a nossa suspeita sobre a rocha estiver certa, a biografia incluirá um furo inédito. A seguir enviarei o trabalho para esse instituto fantasma e esperarei que me paguem a segunda parte do que está estipulado no contrato.

– Não me refiro ao teu trabalho. O que pensas fazer com a tua vida depois de receberes? Onde está o teu futuro?

Desviei o olhar para duas aves marinhas que pareciam dançar no ar sobre os recifes de Cap de Creus.

– O meu futuro está onde tu estiveres – confessei.

– Não digas disparates. Mal nos conhecemos!

– Conheço-te suficientemente bem para saber que estou apaixonado por ti e que quero ficar

ao teu lado. Não preciso de saber mais nada.

Sarah fez uma careta de aborrecimento antes de responder:

– O teu amor é apenas Eros. Gostas de mim, eu gosto de ti, e fizemos amor. Passámos uma grande noite. Mas não nos conhecemos o suficiente para sermos amigos, Filia, e ainda falta muito para que o nosso amor seja Ágape, incondicional.

– Uma coisa de cada vez – disse aborrecido com a sua falta de romantismo. – Disfrutemos do sexo até nos tornarmos tão amigos que nos possamos amar incondicionalmente, se preferes ver as coisas dessa maneira.

– Não sei o que prefiro. Preciso de tempo. Aconteça o que acontecer em casa de Yoshimura, vou partir o quanto antes para Paris e o mais provável é que tarde em regressar.

*

Tínhamos chegado. A conversa no táxi fez com que me caísse o coração aos pés. Estava tão consternado com a ideia de perder Sarah, que me esquecera de uma questão tão prática como essencial: como entraríamos em casa de Yoshimura?

Se as investigações policiais ainda não estivessem concluídas, que era o mais provável, a casa estaria rodeada de toda a segurança. Para aceder ao seu interior, mesmo que fosse por motivos académicos, precisaríamos de nos identificar perante as autoridades locais. Nesse caso, tinha muitas razões para ser preso de imediato.

Pondo de lado a punhalada que acabava de receber no coração, expliquei a Sarah a minha inquietação ao chegar à porta.

– Não me parece que esteja selada – limitou-se a dizer.

– O que fazemos, então?

– Limitemo-nos a tocar à porta a ver o que acontece.

Vi com ceticismo como carregava no botão de alumínio. Para meu assombro, a porta coberta de trepadeiras não tardou a abrir-se. Mas a surpresa maior ainda estava para vir.

Lorelei.

– O que raio fazes aqui? – perguntou Sarah, meio assustada meio furiosa.

A irmãzinha rebelde exibia os seus característicos totós azuis, mas estava bronzada e usava um vestido de praia que a favorecia.

– Comprei a casa.

Sarah e eu olhámos um para o outro aturdidos.

– Bem, a verdade é que a aluguei ao dono. Não foi aqui que tudo começou? Já sabes que sou um pouco fetichista, mas estou a começar a achar que gosto desta choça e vou convencer a minha velha a comprá-la.

– Fizeste alguma coisa ao jardim? – perguntou-lhe a sua irmã muito inquieta.

– Sim, pus lá dois gatos. Querem vê-los?

De repente, a grosseira e violenta Lorelei comportava-se como uma menina rica que se podia permitir o luxo de umas férias no melhor lugar da Costa Brava.

A elegante casa de Yoshimura tinha-se transformado num monte de roupa interior atirada para todos os lados, juntamente com CD, livros policiais e frascos de vitaminas.

Pelo menos nisso as duas irmãs eram parecidas.

Quando chegámos ao jardim, vimos aliviados que a pedra continuava no seu sítio. Na pequena sombra que dava, dois gatinhos tigrados dormiam protegidos do sol.

Naquele momento, Lorelei pôs uma toalha ao ombro e anunciou:

– Vou a uma praia de nudistas. Querem vir?

– Precisamos de dormir um pouco – disse Sarah. – Há dois dias que andamos a viajar de avião.

– OK, mas nem se atrevam a ir para a minha cama.

– Não te preocupes.

Quando a porta de metal se fechou, Sarah e eu olhámos um para o outro com entusiasmo. Antes de sair para o jardim, a francesa estendeu-me a mão e disse:

– Desculpa ter sido tão dura contigo. Amigos?

Quase me doeu mais dar-lhe a mão do que o balde de água fria que me tinha atirado no táxi. Felizmente, a rocha reclamava agora toda a minha atenção.

Como era de prever, quando começámos a empurrá-la os gatos saíram disparados para a outra ponta do jardim. Mas não conseguimos movê-la nem um milímetro. Continuava orgulhosamente firme, rainha e senhora da espiral áurea.

– Vamos ter de parti-la – disse, com a cara a pingar de suor.

Depois de explorarmos a casa toda, a coisa mais contundente que encontrámos foi uma antiga bigorna que servia de decoração no primeiro andar. Era enorme e pesada, de modo que tivemos de transportá-la entre os dois até ao jardim, onde depois de um ligeiro balanceio a deixámos cair em cima da rocha.

O ruído aparatoso fez com que os gatos se assustassem de novo, e fugissem a correr do jardim pelas escadas acima.

Ao olhar de novo para a rocha, vimos que a parte superior se tinha desprendido, deixando à mostra um corte limpo com um orifício no centro.

– Eureka! – exclamei eufórico. – O bom do Albert usou ferramentas de precisão para fazer esse corte na pedra e o buraco. Vá, cedo-te a honra de tirares o tesouro.

– Não tens outra hipótese – sorriu –, porque as tuas mãos não cabem ali.

Dito isto, meteu três dos seus dedos finos no orifício. Este não tinha sido perfurado mais profundamente do que o necessário, já que Sarah tirou com facilidade um tubo de alumínio. Tinha gravada a inscrição em inglês: «the last answer»; a última resposta.

A ÚLTIMA RESPOSTA

O amor pela força de nada vale, a força sem amor é energia gasta em vão.

ALBERT EINSTEIN

Querida Lieserl,

Nunca estive próximo de ti, mas antes de partir definitivamente quero pôr nas tuas mãos a descoberta mais valiosa da minha vida.

A tua chegada ao mundo foi um acontecimento inesperado, uma responsabilidade que me fez ficar cego pelo medo, e quando fui capaz de raciocinar já era demasiado tarde. Só agora, quando estou prestes a morrer, é que me apercebi da importância que teve o teu nascimento, apesar de ironicamente só teres conhecido de mim a separação e o esquecimento.

Nunca me esqueci de ti, Lieserl, e todas as noites da minha vida abri os olhos na escuridão imaginando como seria o teu rosto. Mas os erros, quando envelhecem, tornam-se mortais e definitivos. A vergonha que sentia pela atitude que tive foi o que me impediu durante tantos anos de me pôr em contacto contigo. E depois foi demasiado tarde.

Sabes bem que tenho fama de ser um génio um pouco excêntrico. Alguns acusam-me de ter sido uma pessoa insensível, pouco terna e empática. Mas posso-te garantir que o passar do tempo me tornou sensível à dor dos outros, precisamente porque uma simples fórmula, $E = mc^2$, teve consequências catastróficas que não podia imaginar nem nos meus piores pesadelos.

Sem ter sido diretamente responsável, sinto-me cúmplice de uma caminhada atroz e absurda para a destruição da humanidade. É algo que eu jamais projetei ou desejei, mas a minha fórmula permitiu desencadear uma energia altamente destrutiva, e foi aqui que teve lugar o ponto de inflexão do meu pensamento.

Pelas muitas entrevistas que se publicaram, deves saber que durante muitos anos procurei uma última resposta, uma variável que permitisse explicar de forma unificada todas as forças que operam no Universo. Queria compreender qual é a força primeira que governa tudo aquilo que conhecemos: a física, a metafísica, a psicologia e a biologia, a gravidade e a luz... Durante muitos anos lutei para encontrar a teoria do campo unificado.

Agora posso dizer que cheguei a algumas conclusões. Sei que o que te vou confiar não soa nada científico. Também sei que esta última carta, o meu legado do qual te faço depositária, surpreenderá muitos e levará outros tantos a pensar que enlouqueci completamente. Temo que ponha em causa até mesmo as descobertas que me levaram

não só a obter o Nobel, mas também ao desmedido reconhecimento que obtive com a teoria geral da relatividade e a teoria especial. Porque o que te vou dizer é, nada mais, nada menos, do que a grande verdade pendente não só da física, mas também da ciência em geral.

Saberás pelo que têm dito a meu respeito que sou uma pessoa muito exigente e rigorosa ao desenvolver as minhas hipóteses. Por isso mesmo considero que ao longo da minha vida tive muito poucas boas ideias. Estas últimas procediam de clarões ou intuições que depois tentei passar para o papel. Exigiram-me um elevado exercício de rigor e disciplina, virtudes que devo em grande parte à tua mãe, Mileva, pois ela ajudou-me a encontrar uma linguagem para traduzir as minhas intuições em números e fórmulas.

Quando propus a teoria da relatividade, muito poucos me compreenderam, e o que te vou revelar agora para que transmitas à humanidade também vai chocar com a incompreensão e os preconceitos do mundo. Peço-te, ainda assim, que a defendas durante o tempo que for necessário; anos, décadas, até que a sociedade tenha avançado o suficiente para acolher o que te vou explicar a seguir.

Há uma força extremamente poderosa para a qual a ciência não encontrou uma explicação formal até agora. É uma força que inclui e governa todas as outras, e que está até por trás de qualquer fenómeno que opera no Universo e ainda não foi identificado por nós. Essa força universal é o amor.

Quando os cientistas procuravam uma teoria unificada do Universo, esqueceram a mais invisível e poderosa das forças.

O amor é luz, dado que ilumina quem o dá e o recebe. O amor é gravidade, porque faz com que umas pessoas se sintam atraídas pelas outras. O amor é potência, porque multiplica o melhor que temos, e permite que a humanidade não se extinga no seu egoísmo cego. O amor revela e desperta. Por amor se vive e morre. O amor é Deus, e Deus é amor.

Esta força explica tudo e dá sentido em maiúsculas à vida. Essa é a variável que esquecemos durante demasiado tempo, talvez porque o amor nos assuste, visto que é a única energia do Universo que o ser humano não aprendeu a manejar a seu bel-prazer.

Para dar visibilidade ao amor, fiz uma simples substituição na minha mais célebre equação. Se em vez de $E = mc^2$ aceitamos que a energia para curar o mundo se pode obter através do amor multiplicado pela velocidade da luz ao quadrado, chegaremos à conclusão de que o amor é a força mais poderosa que existe, porque não tem limites.

Depois do fracasso da humanidade no uso e controlo de outras forças do Universo, que se viraram contra nós, é urgente que nos alimentemos de outro tipo de energia. Se queremos que a nossa espécie sobreviva, se nos propomos a encontrar um sentido para a vida, se queremos salvar o mundo e cada ser vivo que nele habita, o amor é a única e a última resposta.

Talvez ainda não estejamos preparados para fabricar uma bomba de amor, um artefacto potente o suficiente para destruir o ódio, o egoísmo e a avareza que assolam o planeta. Contudo, cada indivíduo leva no seu interior um pequeno mas poderoso

gerador de amor cuja energia está à espera de ser libertada.

Quando aprendermos a dar e a receber esta energia universal, querida Lieserl, comprovaremos que o amor tudo vence, tudo transcende e tudo pode, porque o amor é a quintessência da vida.

Lamento profundamente não te ter sabido exprimir o que alberga o meu coração, que bateu silenciosamente por ti durante toda a minha vida. Talvez seja demasiado tarde para pedir perdão, mas como o tempo é relativo, preciso de te dizer que gosto muito de ti e que graças a ti cheguei à última resposta.

O teu pai,

Albert Einstein

TRÊS PERGUNTAS E UM SILÊNCIO

Fazer previsões é muito difícil, especialmente sobre o futuro.

NIELS BOHR

Os últimos raios da tarde projetavam a pesada sombra dos edifícios modernistas sobre a calçada do Passeig de Gràcia. Parei à frente da livraria Jaimes, onde um virtuoso tocava «Perfect Day» num piano unido a uma bicicleta.

Enquanto ouvia a melodia de Lou Reed, disse para mim mesmo que já tinham passado três meses desde que tudo terminara. O outono avançava e a aventura por meio mundo começava a transformar-se pouco a pouco numa nuvem de memórias desconexas.

Nunca cheguei a receber o segundo pagamento. Também nunca mais tive notícias de Müller ou de qualquer outra pessoa relacionada com a última resposta. Tinha apenas lido nos jornais a respeito da morte do ensaísta Juanjo Bonnín em circunstâncias pouco claras.

Apesar de a carta de Einstein não ter sido tornada pública, parecia que a guerra continuava a um nível clandestino.

Ao terminar a canção, deixei um euro no prato do pianista e dispus-me a seguir caminho para o metro. Não havia tempo a perder. Após umas súbitas alterações no quadro da rádio, tinha voltado a ser o único guionista de *La Red*, e naquela tarde tinha de preparar o programa dedicado à radiação de fundo no Universo. Sem dúvida, usaria um exemplo que funcionava sempre: a contaminação que um televisor capta entre dois canais é, na verdade, os restos do Big Bang. Pelo menos é o que dizem.

Estava prestes a começar a descer as escadas para o metro, quando um táxi parou ao meu lado. Do seu interior desceu uma mulher vestida com um vaporoso vestido azul, do mesmo tom que os seus olhos.

Parei petrificado enquanto no seu rosto se desenhava um largo sorriso. Parecia contente por me ver.

Dei um passo em direção a ela, inseguro do que lhe devia dizer. Como nos velhos tempos, Sarah tomou a iniciativa e fundimo-nos num abraço. A seguir convidei-a a tomar um café no Torino, que ficava perto.

– De acordo, mas tenho apenas meia hora. Vou para Paris ainda esta tarde.

Sentados frente a frente num café repleto de turistas, pu-la ao corrente da minha vida, das minhas penúrias económicas e de como me parecia estranho que ninguém se tivesse interessado por mim desde que tínhamos concluído a busca, nem sequer a polícia.

– É normal – respondeu. – O jogo decorre agora noutro nível.

Aquele comentário não abonava muito a meu favor, mas estava demasiado contente por vê-la para me aborrecer. Aproveitei para partilhar com ela algumas suposições que estivera a

formular sobre tudo o que aconteceu.

– Quando Jakob Suter, o nosso guia em Berna, falava de dois cavalheiros que se tinham inscrito na excursão, referia-se a Pawel e ao seu ajudante da furgoneta. Os mesmos que o atiraram ao fosso com os ursos e foram atrás de nós até ao Monkey Town, mas que iludimos graças ao aviso da tua irmã.

A francesa assentiu com um leve movimento de cabeça.

– Ao cair o principal agente da Irmandade, Pawel, o seu próprio chefe, Bonnín, viajou para o substituir na fase final da busca pela última resposta. O que aconteceu com Mileva?

– Nada – disse depois de acabar de beber o seu café. – Eu própria me encarreguei de que estivesse a salvo até que Bonnín e os seus capangas se dessem por vencidos. No regresso, tanto um como outro caíram que nem tordos.

– Pelos vistos, os vossos também não estão com meias medidas.

Ofereceu-me um olhar silencioso como resposta. Não podia contar-me mais nada. Sarah olhou para o relógio. Antes de se levantar para sair, talvez para sempre da minha vida, aproveitei para lhe pedir três últimas perguntas. Depois de aceitar, comecei:

– Há uma coisa que não percebo. Dado que a última resposta é uma provocação filosófica, por que razão a Irmandade chegou tão longe para impedir que fosse revelada?

– Por várias razões. A primeira é que eles sempre pensaram que se tratava de uma fórmula para desencadear uma nova energia de uso industrial ou de armamento. Mas mesmo que tivessem sabido que não se tratava de nada disso, tentariam destruir o documento.

– Mas por que motivo?

– A Irmandade é basicamente um movimento antissemita. Bonnín, Pawel e os seus comparsas não toleravam que a ciência do século XX tivesse chegado pelas mãos de um judeu, com o consequente controlo da bomba atómica por parte dos Estados Unidos e de Israel. Não estavam dispostos a que, com a última resposta, o século XX tivesse novamente a cor judia.

Suspirei ao perceber as dimensões daquilo tudo. Estive tentado a interrogá-la, na minha segunda pergunta, sobre o destino final da carta, mas preferi esclarecer uma dúvida pessoal.

– Porque me escolheste a mim para te acompanhar nesta missão?

Sarah olhou para mim carinhosamente antes de responder:

– Pareceste-me uma boa pessoa que, além disso, de vez em quando encontra um atalho. A tua intervenção na rádio convenceu-me de que eras a pessoa certa. Debaixo do teu coração de pedra palpitava a sensibilidade de uma criança, justamente o que precisávamos. Na nossa busca partimos duas rochas, uma mais dura do que a outra.

Sem dúvida a primeira referia-se ao meu coração, apesar de o dela não ser propriamente um jardim acolhedor.

Restava-me uma última pergunta antes que ela se perdesse novamente no espaço e no tempo. Antes de a formular, olhei de soslaio para a tatuagem no meu braço e lembrei-me da quintessência, ao mesmo tempo que sentia como se reavivava a chama do meu amor por Sarah.

Estava prestes a fechar o último círculo daquela história.

– Quem é a tua mãe?

Sarah suspirou profundamente antes de responder em voz baixa:

– Conheceste-a ao mesmo tempo que eu, apesar de nunca lhe ter dito que a tinha encontrado. Estamos condenados a amar à distância; nós, os Einstein somos assim.

– Espera. Um momento – interrompi-a quando já se estava a levantar para se ir embora. – Arrisquei a vida com tudo isto e a Quintessência ainda não saldou a sua dívida para comigo. Não de todo.

A expressão de Sarah Einstein, filha de Mileva, endureceu-se ao dizer:

– Tratarei pessoalmente de que o dinheiro entre na tua conta ainda esta semana.

– Não é dinheiro que quero – protestei.

– Então de que dívida falas?

Antes que pudesse reagir, aproximei os meus lábios dos dela e beijei-a enquanto fechava os olhos. Ao voltar a abri-los, ela observava-me com azul serenidade.

– Quando te voltarei a ver? – perguntei.

Pegou nas minhas mãos e apertou-as suavemente. Isso foi tudo. A seguir levantou-se e atravessou o café com a elegância de um cometa que arrasta na sua cauda um desejo imortal.

A QUINTESSÊNCIA

Os quatro elementos, Terra, Ar, Água e Fogo,
representam quatro formas nas quais a energia se manifesta,
quatro explosões do todo, desde a sua forma mais densa e pesada
à mais imaterial.

Mas falta o elemento mais puro e perfeito,
o que reúne todos os outros e lhes dá vida.

De que é feita a matéria obscura do Universo,
que ocupa quase tudo? O que há no espaço subatômico,
entre as partículas fundamentais da matéria?

É a Quintessência, o elemento invisível que completa o Universo,
que permite que a vida decorra em harmonia dentro
do espaço-tempo. É ele que alberga todos os outros
e contém ainda a Inteligência essencial da qual emerge
a Beleza e harmonia do Cosmos.

É a Consciência ou a Inteligência superior da qual emana
a vida e que faz dançar o resto dos elementos em todas
as suas combinações e possibilidades.

Se a palavra «essência» nos remete para a verdadeira natureza das
coisas, a Quintessência remete-nos para a essência dessa «essência».

Há cientistas que defendem que é o ingrediente
principal do Cosmos, dez vezes mais abundante
do que o resto dos átomos juntos.

Mas continua a ser intangível e indetetável
apesar de a sua presença ser absoluta e a sua força total
porque tudo emana dela e tudo regressa a ela.

A Quintessência é, definitivamente, o Amor.

O Amor que tudo pode e tudo vence,
o que combina o resto dos elementos dando lugar aos universos.
É a energia mais poderosa, a essência do Cosmos. É aquilo que tu
és, para além de tudo.
É a tua essência.

AGRADECIMENTOS

A Sonia Fernández, Jordi Pigem e Gabriel Rovira Bonfill, por nos oferecerem a luz e nos fazerem amar a ciência. Os seus comentários e sugestões sobre algumas questões científicas foram fundamentais para este livro.

A Franzi Rosés e Isabel del Río, pela sua ajuda inestimável na documentação histórica.

A Maru de Montserrat e Sandra Bruna, porque sem elas não estaríamos aqui.

A Albert Einstein por nos dar um novo mundo.

E a Mileva Marić por ter dado tanto a Albert.